



PeLOS  
CAMINHOS  
do  
BRASIL

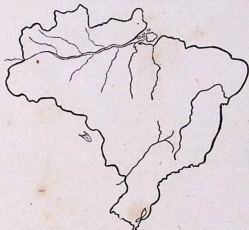
DE AZEVEDO ROLIM

DE AZEVEDO ROLIM

da

A. B. D. E. — Fluminense

PELOS CAMINHOS  
DO BRASIL



SÃO PAULO

## PÓRTICO

*Sem qualquer escola literária, não obedecendo a ortodoxismos epistolográficos quaisquer que sejam, escrevemos estas cartas.*

*Foi nossa intenção, ao escrevê-las, registrar a peregrinação de um viajante comercial pelos rincões da Pátria.*

*Se nelas há, portanto, uma forma digna de atenção; se um estilo se lhes pode vislumbrar; ou se erros imperdoáveis delas fizerem trabalho sem valia, somos o único responsável.*

*Enfeixando-as no presente livro, confiámo-las ao público leitor que dirá do seu mérito ou demérito, restando-nos aguardar, com serenidade e confiança, a sentença do povo cuja preferência é a mais sentida homenagem e o mais precioso incentivo aos seus intelectuais.*

DE AZEVEDO ROLIM

## ADVERTÊNCIA

Apesar de escrito há vários anos, só agora — vencidas as últimas das inúmeras barreiras publicitárias naturais, no Brasil, aos não iniciados na ordem dos privilegiados, aos quais se abrem tôdas as portas das nossas editôras —; só agora nos é possível entregar ao público êste livro.

Naturalmente nesse lapsø de tempo alterações se verificaram no cenário da vida nacional, visto que, a despeito de tudo, o Brasil é parte integrante do mundo no qual “tudo se encontra em movimento”.

Essas alterações, entretanto, não chegaram, sequer de leve, infelizmente, a modificar para melhor os aspectos maus focalizados nas páginas que se vão seguir. Quanto aos bons aspectos é possível que se tenham acentuado ampliando-se, embora em ritmo de câmara lenta...

Eis porque, malgrado o atraso com que é lançado, julgamos ainda oportuno o nosso “PELOS CAMINHOS DO BRASIL”.

I PARTE

## LAGÔA SANTA

Aurélio:

De muito longe, destes afastados e brasílicos planaltos das Gerais onde me encontro, receba meu epistolar abraço. Acompanha-o, com as minhas saudades, um pouco de palestra com que tento amenizar a monotonia do estilo. Escrevo-lhe de um dos péssimos trens que a Central do Brasil, oferece à região sertaneja.

Deixemos, porém, este prehistórico dinosauro mecânico e falemos um pouco da terra, do homem e do aspecto topográfico ambiente. Em verdade, de toda a vastíssima região mineira que tenho percorrido esta é para mim a mais interessante. Isto porque, se ela não possui a gleba roxo-avermelhada das montanhas cafeeiras da "Zona da Mata", ou as estranhas auríferas da região do ouro; se não possui as jazidas de ferro do Itabira, as águas-marinhas de Teófilo Otoni, ou as matas virgens do Rio Doce, tem o privilégio de uma topografia inigualável e de uma fertilidade extraordinária.

Em que pese a exceção das colinas de sua entrada sul e as elevações montanhosas que, esparsamente, o seio vasto lhe fazem ondular, o sertão mineiro é todo planalto, mantendo em sua imensidade uma altitude média de quatrocentos metros. Porisso mesmo sua topografia se distende, harmoniosamente, sem tocar a excessos montanhosos, nem descer a depressões exageradas — excetuando-se, é claro, as serras que o pontilham. Assim ora ela se eleva em

disfarçadas colinas, ora desce a varzeas ou vales esplanados numa alternativa que lembra o norte fluminense na orla médio-litorânea. O sólo é quase totalmente constituído de um calcáreo-arenoso de cor vermelho-clara superficial e aparentemente árido. Sua feracidade, entretanto, é rara, principalmente nos taboleiros marginais aos córregos e valões. Em virtude dessa fertilidade a região é grandemente produtora de cereais de que se destaca o milho, cuja abundância é notável quando as sécas o permitem. Muito próprio também à cultura das bulbosas, dá gosto ver-se nos vales umbrosos, as plantações de alho malhado de verde-malva as áreas em que é cultivado.

Infelizmente, porém, a agricultura, também nesta parte do território montanhês, vai cedendo lugar à pecuária que aumenta vertiginosamente. É a aflitiva contingência da lavoura nacional refletida em toda a parte. A terra exaure-se no suceder das colheitas. As chuvas se fazem raras à falta de florestas e cedem lugar às periódicas e violentas tempestades que lavam o solo arrebatando-lhe na voragem das erosões, a minguada e já pobre camada vegetal. O homem, sem conhecimentos técnicos e sem meios, tenta, em vão, modificar a natureza, moldando-a a seu desejo. Faltam-lhe, porém, o crédito e o ensino agrários. Faltam-lhe máquinas, faltam-lhe mercados fáceis-livres do intermediário açambarcador, e facilidade de transporte aos centros consumidores ou exportadores; falta-lhe, em resumo, a própria terra, que vai sendo absorvida pelo criador latifundiário, tanto mais empedernido e ganancioso, quanto maiores se lhe tornam, pela opressão ou pela fraude, as extensões territoriais.

Quando, por iniciativa própria e individual, num heróico esforço, há uma tentativa de trabalho mecâ-

nico, essa não vai muito além de um ensaio efêmero, pois o lavrador proprietário capacitou-se de que mais fácil e mais lucrativo é cuidar de pastagens cujo principal elemento de trato é o fogo — esse aliado inclemente e voraz da saúva, e inimigo tremendo das nossas matas e da nossa terra.

Feito o pasto, difícil se não torna o gado, que progride rapidamente, com pouco trabalho e grandes lucros. Conseqüentemente melhor é despir a terra de lavouras, enxotar da mesma os raros e pobres camponeses que, desiludidos, rumam, às capitais para não morrer de fome, e entregá-la à pecuária. Porisso mesmo esta região, como a Zona da Mata, caminha para a nulidade agrícola e a grandeza pastoril. Eis aqui, sob este ângulo da vida rural brasileira, como estou vendo a borda do planalto, ou seja a porta de acesso a esse mundo de terras áridas e torturadas a que chama sertão mineiro.

Mas essa questão de economia política, de sociologia e seus complexos problemas é para quem entende do assunto e sabe dissecá-lo. Não para mim que estou, abusiva e incompetentemente, pisando seara alheia. Ademais estamos numa jornada espiritual-recreativa e precisamos, portanto, apreciar, gozar o ambiente, as coisas bucólicas em tórno. Apartemo-nos, pois, se lhe agrada, um pouco para leste, deixando a linha férrea, em busca da Lagôa Santa, essa magnificência lacustre em cujo seio dorme o segrêdo paleontológico de nossa História. Seria, entretanto, uma falta grave de reconhecimento, senão crime de lesa-justiça histórica, se eu silenciasse, meu caro Aurélio, ao falar-lhe de Lagôa Santa, sôbre esse vulto inconfundível que se ligou ao passado do sertão mineiro ficando, para sempre, nos anais da história de Minas Gerais e que se chamou Guilherme Lund.

Pedro Guilherme Lund, eis seu nome por inteiro. Era êle dinamarquês. Em 1801, na fria Copenhague, vinha à nórdica luz da vida êsse que o nome do Brasil haveria de levar mais tarde ao seio da ciência universal. Vinte e seis anos depois daquela data, em 1827, vinha o sábio aventureiro residir numa colônia de pescadores em Itaipú, na costa leste fluminense. Estudando e investigando sempre os arcanos da natureza brasileira, transportou-se para Nova Friburgo. Em seguida explorou o Rio Paraíba, e em 1830 voltava ao velho mundo. Até 1831 percorreu vários países da Europa. Nessas excursões nunca esquecia o Brasil, mostrando coisas e apresentando fatos do nosso querido país.

Retorna às plagas brasileiras. Percorre os Estados do Rio, São Paulo e Goiás, através de Uberaba. Do grande Estado central desce ao São Francisco, servindo-se de seu belo afluente, o Paracatú. Penetra o sertão mineiro pelo norte. Traça-o rumo sul e, em 1834, vem fixar residência em Lagôa Santa, onde viveu explorando cavernas e lapas, fazendo descobertas arqueológicas nos municípios de Santa Luzia, Sete Lagôas e Curvelo. Nessas explorações descobriu fósseis antidiluvianos, peixes gigantes e demais remanescentes de longínquas épocas perdidas no passado. Enriqueceu, assim, o Museu de Ciências Naturais da Dinamarca e muito cooperou para fazer o Brasil conhecido nos altos meios científicos do velho mundo. Foi o primeiro a tentar, com êxito, em nossa Pátria, estudos de paleontologia.

Em 1891, com oitenta anos, portanto, fechava os olhos para o mundo, deixando à humanidade em geral, aos brasileiros em particular, um nome honrado e dignificante.

Eis o descobridor pròpriamente dito desta encantadora Lagõa Santa de que lhe falo segundo o que me foi possível conhecer. Indiscutivelmente é uma suntuosidade esta planície de águas. Sua beleza ultrapassa a tóda expectativa e lembra, na aquarela rústica de suas perspectivas, um pedaço de oceano perdido entre as montanhas de Minas. Apenas aqui as ondas são menos violentas, mais brandas, mais humanas... Há em certos recantos de suas praias originalidades encantadoras. As lapas, por exemplo, enormes cavidades encontradas nas rochas calcárias comuns no sertão que percorro, são verdadeiros monumentos megalíticos que a natureza erigiu nêstes recantos para que não nos sentíssemos invejosos da Escandinávia... Suntuosidades de arte natural onde as estalactites e as estalagmites, nas suas antagônicas posições, oferecem a mais estranha e bela coleção de raridades e testemunham o dualismo das cousas...

E as praias, longas, semicirculares e silenciosas, levemente batidas pelas vagas em miniatura, que lhes vêem beijar as curvas feminis de areia mais branca e fina que poeira de cristal? E a paisagem? Que soberbo estendal de águas encrespadas contidas pela própria terra que umedecem e em cujo seio se espalham espe-lhando os céus adormecidos!...

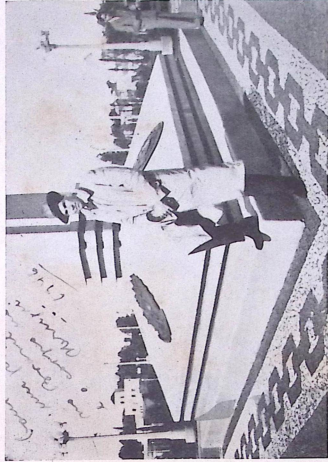
Mas apreciemos a natureza em outros e diferentes aspectos, que o tempo se esvai como as ilusões. Torneemos à via-férrea. Agôsto ensombra a tarde com o fumo de suas queimadas. Os campos, ressequidos, distendem-se por além quebradas. Ao fundo da várzea, mirrado pela estiagem, o Ribeirão da Mata lá se vai serpeando em busca do Rio das Velhas. De espão em espaço, pondo manchas grisalhas na paisagem, esbatem-se capões raquiticos de matas em

cujas frondes se agasalham as torcazes ariscas. O sol transformou-se num círculo de cobre incandescente. Perdeu a rutilância, tornando-se sem vida como olhos de ébrio enfurecido. Por fim sumiu-se lá pelo horizonte, antes que lhe soasse a hora do recolhimento... Na penumbra nostálgica da tarde a paisagem se me desdobra à vista num retratar de saudades indefinidas, tendo a bordar-lhe o manto indescrevível os ramalhetes gema do pau-darco desgalhado em flor.

A noite vai chegando silenciosamente. Já não posso escrever à falta de luz no vagão que me transporta. Terminarei esta carta ao fim da viagem. Enquanto descanso o cérebro, minhas retinas sonolentas irão fotografando os aspectos noturnos ao pirilampear de fagulhas com que a locomotiva borda a solidão.

..... Belo Horizonte! Vinte e uma horas. A incomparável metrópole regorgita e cintila ao calor inconveniente de um verão prematuro. Durante o trajeto que se seguiu ao interrompimento desta missiva e após ter a noite descido completamente sua cortina de trevas, vim me extasiando com a paisagem noturna. Ao pálido clarão de estrêlas em ciranda, os morros eram quais monstros imaginários a dormir. De quando em vez, ao encurvar-se a máquina, seu farol possante varria as sombras e a vegetação em tórno, ao refleti-lo, tomava bizarras formas de jardins misteriosos.

E avançávamos. E as horas passavam tanto mais rápidas quanto mais se aproximava a lua de minha objetiva visual. Já agora, lá para as bandas do oriente, o céu se ia incendiando. Vistos de encontro àquele ponto os indaiás, os coqueiros de espinho e árvores outras tornavam-se vultos heráldicos, simétricos, de vegetais impecáveis na formação marcial de seus es-



O autor deste livro, com o pé no Brasil, em Livramento, R. G. do Sul, e o corpo no Uruguai, em Rivera.

galgos portes. As estrêlas tremeluziam mais e mais, numa inquietação nervosa. Por entre elas a via-látea infiltrava-se a lembrar, no azul um Amazonas de ouro.

Perdemo-nos à sombra de um vale. O comboio apressou-se. Correu muito e após foi diminuindo a marcha. Galgamos a última rampa. Ao alto apareceu a lua. Já mutilada pelo alfange do minguante, era pálida como um rosto de mãe após as dores da maternidade. Minha alma sempre imersa na evocação e na saudade sentia-se tomada dessa dúvida indefinida que é o suplício dos que vivem longe do lar e da família.

## BELO HORIZONTE

Meu caro

Poeta:

Deixa que te envie, do extremo longínquo destas centenas de quilômetros que nos separam neste momento, um dedinho de prosa como sinal de que não me esqueço dos amigos distantes, mesmo estando em Belo Horizonte, esta cidade menina, cuja beleza ultrapassa a tudo que, no gênero, viram meus olhos sempre ávidos de encantamento.

Por muito que trabalhe minha imaginação, não conseguirei reunir adjetivos que me permitam, com as necessárias côres, expressar a grandiosidade e o encanto da jovem capital mineira. Todavia para que possas ter uma pálida noção do que quero descrever e não consigo, tentarei, valendo-me da tua própria e fértil imaginação, oferecer-te um descorado esboço.

Concede, portanto; em teu cérebro de artista um gigantesco mapa. Muito bem. Estende-o, agora, sobre vastíssimo altiplano circundando-o, ao sul, de serania lá muito afastada, a se confundir com o azul cerúleo. A leste, ao norte e ao oeste põe-lhe um planalto interminável, de maneira que êsse mapa se torne empolado por um sem-número de colinas poli-fórmicas, a pontilhá-lo de relevos tal como nessas propagandas de "cidades-jardim" em exposição pelas vitrinas. Assim, perfeitamente!

Com o máximo rigor de arte traça no citado mapa centenas de linhas absolutamente retas, em rigoroso esquadro e em largas paralelas à guisa de taboleiro de xadrês. Em seguida, nas quadras centrais, da mesma forma rigorosamente simétricos, põe-lhes jardins amplos e bem cuidados, parques aprazíveis, logradouros convidativos, tudo povoado dos mais belos representantes dos reinos animal e vegetal. Prosseguindo na tua criação arquiteto-urbanística, alinha nas paralelas edificação luxuosa, elegante e moderadíssima, onde não faltem, da vivenda burguesa ornamentada de flôres naturais, aos ousados arranha-céus apunhalando o infinito qual se mostrassem o arrojo do homem.

Das linhas mais extensas faz avenidas da máxima largura, asfaltadas, arborizadas, elevando-se sobre encostas disfarçadas e descendo em ligeiras depressões, mas sempre distendidas para a frente como se intermináveis, permitindo ver léguas de distância através de suas retas empolgantes.

Nesse imaginário taboleiro de xadrês reserva ainda algumas linhas nas quais deverão ser feitos sulcos profundos, pavimentados a cimento e pedra, por onde passarão, canalizadas, as águas que servem à cidade; águas que, reunidas, formem o ribeirão Ardua, o qual descera no sentido de leste em busca do Rio das Velhas a alguns quilômetros. Reserva uma pouca de quadras, une-as, veste-as de flôres e de árvores em filas marciais e ergue-lhes às margens ou ao fundo suntuosos palácios e catedrais. Numa das extremidades de um bairro elegante, na derradeira casa do que outrora foi o histórico e famoso Curral Del Rei, organiza um museu das raridades de Belo Horizonte, onde recolherás para êxtase dos que amam

as tradições, tudo o que de antigo possa ser encontrado e que diga respeito à nova capital de Minas, inclusive desenhos e pinturas magníficos. Ainda no centro da cidade erige em vasta e bela construção, uma Feira Permanente de Amostras em que sejam representados, na exuberância de sua riqueza, os reinos animal, vegetal e mineral nas suas formas primitivas e também manufaturadas através da indústria de Minas, para que o estrangeiro em geral e os brasileiros em particular saibam avaliar as possibilidades econômicas do grande Estado montanhês.

Em tôdas as direções da cidade, no perímetro urbano ou suburbano, ergue núcleos industriais e escolas profissionais, universidades, colégios de todos os tipos, campos experimentais, clubes esportivos etc.. Circula êsse conjunto raro, que estás concebendo, com uma via pública de quatro léguas de extensão e lhe dá o nome de Avenida Contórno. Através dessa avenida, na distância de alguns quilômetros além subúrbio, aproveita modesto riacho, represa-o e cerca-o de jardins, residências as mais encantadoras e luxuosas, organizações esportivo-aquáticas e tudo mais que possa deslumbrar como ambiente lacustre. Dá às águas dêsse lago, através da química, a cor azulecida do oceano a lembrar gota do Atlântico no coração de Minas. Para gôzo dos que no vício e na dissipação encontram o sentido da vida, ergue aí um dos mais luxuosos cassinos do País e dêle, a alguma distância, permite a construção de um templo raro no arrôjo de sua concepção revolucionária a que dois grandes artistas brasileiros irão dar a força de seu gênio, e a todo êsse conjunto de beleza arquitetourbanística dá o nome de Pampulha.

Para não faltares com a verdade em relação à situação econômico-social do povo brasileiro, reserva

as encostas íngremes, as regiões menos acessíveis e distantes onde todos os recursos sejam falhos e nulos o conforto e a higiene, destinando-as aos trabalhadores, ao proletariado, à pobreza em suma.

E agora nessa tua arrojada concepção urbanística põe todos os requisitos e requintes indispensáveis às grandes e modernas metrópoles do País onde não falem, na pujança moça de seu encanto, as mais graciosas silhuetas femininas, e terá, poeta, um modestíssimo esboço da capital de que me ocupo, em cujo seio me encontro, encantado por suas belezas e extasiado pela hospitalidade de seu povo!

Aqui cheguei vindo de Ouro Preto, a "Cidade Monumento", cujo valor histórico paira muito acima de uma síntese epistolar. Visitei São João Del Rei, Palmira, Barbacena, Queluz, Mariana, Itabirito, Congonhas — a cidade dos treze apóstolos de granito, Sabará e outras cidades, tôdas lendárias e legendárias, repositórios de um passado remoto, que apresentam ao forasteiro sequioso das nossas coisas pátrias, em cada esquina, praça ou via deserta, uma reminiscência do Brasil de outrora. E tôdas elas, num succeder de aspectos e de paisagens, de ambientes e feições, desfilavam-me aos olhos como cortêjo rememorativo do que nos contam os livros.

Infelizmente o Brasil é, de fato, um "Gigante adormecido". E concordarás comigo quando souberes que tôdas essas cidades bem como suas regiões rurais, com maior ou menor abundância, acham-se sobre jazidas minerais de valor inestimável. Só a agricultura por ali é inexistente. Na zona do ferro, de espaço em espaço, uma usina siderúrgica surge, transformando o minério original em ferro maleável para a manufatura. Todavia essa atividade nada

mais é que um pequeno escôrço da grande siderurgia que será uma realidade amanhã.

De Itabirito a Belo Horizonte, pelo ramal do sertão, o lendário Rio das Velhas, modesto curso de águas a insinuar-se entre alcantãs para se tornar caudal valioso além, desce numa luta insana com as encostas inacessíveis que o oprimem num vale profundo e tenebroso. É de ver-se, então, o pequeno lençol barrento e líquido a escachoar raivosos, detendo-se, enveredando-se por atalhos. Vêzes tranquilo, a retratar lâmina de céu muito alto, outras, pressuroso, encurvando-se e se precipitando em acrobacias vertiginosas até alcançar a várzea em cujo seio espalha-se vitorioso.

Seguindo-o em coléios de serpe inofensiva, o caminho de ferro que o homem arrojado cravou na rocha viva, entre píncaros desnudos e abismos tremendos, vai na mesma direção. De um lado montanhas de minério, erguidas para o infinito, guarnecem-no silenciosas. Montanhas de minério, idênticas, guardando-o do outro lado! E entre elas, apressado, como que temendo o precipício de que se abeira, um comboio enorme, apinhado de vidas indiferentes, resfolega e ruge, rilha, resvala e resvalando rola na ânsia incontida de engulir as distâncias.

Na solidão da noite que já nos envolve a todos, a luz furtiva dos vagões — "pelos vãos das janelas projetada, vai perfurando a treva, sem detença, qual passageira flecha iluminada"!

Lá nos célicos infinitos, de longe em longe, rompendo a barragem de nuvens que a encobrem, a lua, em pálido crescente, surge, macilenta, espia a terra dormitante e de novo, tímida, se esconde. A treva se adensava por vales e grotões às vêzes e es-

parsamente apunhalada por luzeszinhas de habitações plebéias perdidas na solidão dos êrmos. E o viajante, num mundo estranho dentro da própria pátria, silenciosamente só na sua jornada para o desconhecido, ruminava seus pensamentos que se lhe entrecruzavam no cérebro cansado. ... E a vida, como o combóio, caminhava!

## PLANALTO OESTE MINEIRO

Amigos meus:

Destas distâncias do planalto oeste mineiro através do qual ora transito, recebam estas notícias ao correr do trem. Voltado sempre, como sabem, para as concepções intelectivas não posso, porisso mesmo, perder as oportuniades que me oferecem as horas de viagem para colher e plasmar, em prosa ou verso, os aspectos focalizados pelas retinas destes meus olhos sempre deslumbrados ante as belezas de nossa terra. Emotivo e romântico tanto quanto o pode ser um poeta, não consigo furtar-me às incursões nestas páginas, da saudade e da tristeza.

Vinte e meia horas. Na gare de São João Del Rei aguardo a partida do noturno que me levará a Barbacena. O ar é abafado. Escassa a ventilação. Trens de carga, pachorrentamente, movimentam-se em manobras. Pequena afluência humana. Alguns passageiros fazem os últimos aprestos para a viagem, acomodando embrulhos, arrumando pastas, conferindo malas que vão sendo espremidas nos vãos das cadeiras. Outros despedem-se dos que os foram ver, ao som da campainha, no primeiro aviso da partida iminente. À plataforma algumas pessoas vindas ao botafora, perambulam displicentemente.

Tomo lugar. Na cadeira lateral está uma linda e simpática criatura. Para onde irá? O trem partiu. Colegas palradores trocam banalidades. Fagulhas da máquina insôfrega estrelam de microscópicos pirlampas a margem da via-férrea. As luzes cidadinas

esparsam-se e se vão diminuindo, sumindo no seio profundo das trevas do qual se esbate a primeira estação. Aí ficou a criaturinha simpática lançando-me seu primeiro e único olhar de mulher inteligente.

Agora, a solidão. De um e de outro lado o vazio do planalto imenso empolado de colinas por entre as quais resvala o combóio como centopéia fosforescente. Lá por cima o céu emborça-se sobre nós, respingado de grânulos de ouro. Parece até que as fagulhas da locomotiva subiram e lá se agarraram àquele campo negro e vasto em cujo centro a lua desliza, muito branca, como pedaço de moeda...

Ontem, tão diferente o cenário! Esta mesma jornada fazia-a eu em sentido inverso, e noutra viatura. Então com dificuldade e abertura localizara-me junto ao motorista, num desses pequenos veículos a que no interior chamam de "perua". Ao contrário da linha férrea, a rodovia se alongava pela chapada. Completamente escampa a topografia, as distâncias se lhe destendiam em tórno deixando vêr, a muitas léguas, os horizontes se unirem à orla azul-cinza da terra. E a campina se me alongava ao olhar como plácido e singular oceano cujas ondas, verdes e tranqüilas, ali ficassem imobilizadas. O sol caindo em ângulo reto sobre o veículo numa inistência irritante, vinha tocar-me em cheio os olhos, não me permitindo ver à frente.

Ora ascendendo, ora descendo encostas, a estrada estirava-se para a frente num desdobrar interminável. De onde em onde, quilômetros além, quando as curvas permitam lograr o sol, viam-se colunas irregulares e avermelhadas se levantar permanecendo no espaço, por segundos, como fragmentos de nuvens estranguladas. Era o pó alevantado por outros carros que, em disparada, se vinham cruzar com o nosso, nu-

ma velocidade sibilante, sumindo-se logo nas curvas barrentas da vermelha rodovia.

E avançávamos sempre. Mas a distância parecia multiplicar-se àquele sol impertinente, já se colando à borda horizontal do ocidente. Lá muito distante, alcandorando-se desnuda, a "Serra do Lenheiro" lembrava muralha azul delimitando os céus e a terra. Ao vê-la na sua forma de gigantescos mamuths debruçados um sobre o outro, meu pensamento fugiu daquele presente empoeirado e se precipitou, recuando no tempo, às trevas do passado, procurando reviver os sonhos da "Inconfidência". Foi à sombra daquela lendária serra de cujas entranhas, ainda hoje, o ouro escorre, que um grande sonhador, um brasileiro extraordinário — imenso como aquele que, êmulo seu, ora vive encarcerado porque o governo lhe teme o prestígio junto ao povo e porque luta por ideal idêntico — sonhara um Brasil livre, independente e forte. Sim, foi ali, bem junto à Serra do Lenheiro que Tiradentes idealizou o grande e malgrado movimento em prol da nossa liberdade. Alheado nessa meditação profunda, não me apercebia da corrida e assim, quando voltei à realidade, já o sol se havia pôsto. O céu, límpido, se recamara de brilhantes e a lua; recém-nata, espiava as cousas sonolentas... Na penumbra crepuscular um punhado branco de casas em ruínas apareceu. Entre êle, dentro em pouco, infiltrava-se o veículo buscando o término da viagem. Assim passava eu por Tiradentes, modesta vila sem qualquer expressão demográfica, abandonada e triste, em cujo seio, outróra, nasceu e sonhou o maior dos brasileiros mortos, Alferes Joaquim José da Silva Xavier!

Alguns quilômetros mais percorridos e São João Del Rei se me desnudava no vale semiplano do Lenheiro, deixando ver, ao luar, as tórres seculares

de suas igrejas nas quais bimbalhavam sinos às derredoras práticas religiosas daquele dia.

...Agora, o regresso. Neste carro desconfortável de noturno, já ninguém fala. Oito passageiros apenas. Leem jornais uns, outros, encolhidos, dormem. Eu escrevo estas páginas que a saudade borrafa com seu pranto...

Vinte e quatro horas. Barbacena, ao longe alondorada, surge como ninho de luz perdido na mata virgem da noite. O céu já agora é um vasto e silencioso campo de nuvens multiformes. Dir-se-ia, numa planura interminável, manadas de touros brancos a dormir. Com êles a lua se mistura, mais pálida, rolando para o ocidente. A calma é absoluta, ferida, apenas, pelo ranger da composição que nos conduz, encurvando-se, lerdá. As primeiras lâmpadas suburbanas, muito brilhantes, vão ficando para trás. Aos poucos a cidade é penetrada. O clássico apito fere a quietude, ecoando pelas ruas desertas. Sucedem-se as luzes, multiplicam-se, aumentam. Eis afinal a estação. Daqui há pouco o sono apagar-me-á da mente a impressão desta jornada. Outra amanhã, talvez mais longo, aguarda-me, inflexível.

## DAS PLANÍCIES DO AÇÚCAR AS MONTANHAS DO FERRO

Alvaro:

Se possível lhe fôra percorrer as distâncias que me ficaram para trás após nossa encantadora hora de arte na sua Academia, certo, entusiasta que o é das paisagens, das cousas e dos costumes dêste nosso Brasil caboclo, estaria mais feliz ainda, neste instante, por se lhe terem aberto os olhos à luz dêste incomparável e jamais igualado pedaço do grande continente americano.

Como tal não acontece; como prêsó aí você se encontra às suas atividades, se lhe é do agrado, faça um pequeno esforço mental, roube às suas docentes lides uns ligeiros instantes e me, dê o indizível prazer de acompanhar-me, em pensamento, através desta despreziosa missiva.

Ultrapassemos, preliminarmente, ao deixar a "Formosa e intrépida amazona", por alcantilados caminhos, a Cadeia Marítima, rumo ao âmago da pátria, esta exuberante Minas Gerais. Percorramos, a seguir, tôda a fertilíssima "Zona da Mata", que se distende das margens do Paraíba ao fecundo vale do Rio Doce, no qual se ergue, em sua região alta, a próspera e acolhedora cidade de Ponte Nova.

Dali, passando pela lendária cidade de Mariana com seu passado e as suas tradições católicas; por Ouro Preto — a monumental Vila Rica; por Itabirito — outrora Itabira do Campo; por Sabará, a tradicional cidade do Rio das Velhas; por General Carneiro — estação-chave de penetração ao planalto nor-

te sertanejo, tão velha quanto curiosa na sua conformação triangular, penetremos, finalmente, Belo Horizonte — mulher feita cidade e que, surgindo para a vida com todo o seu esplendor e mocidade, prende e encanta a quantos tenham a ventura de lhe pôr os olhos.

Passemos, a seguir, por Pedro Leopoldo, a cidadezinha branca da orla do sertão, cuja topografia tanto se assemelha ao norte de Campos. Antes, porém, de passarmos por ali, lancemos um ligeiro olhar a Santa Luzia do Rio das Velhas, localidade histórica a se alongar numa rua interminável colina arriba, onde outrora as fôrças de Caxias deram combate e venceram as hostes revolucionárias de Otoni. E agora visitemos Sete Lagôas, onde a natureza reuniu um dos seus mais belos conjuntos de tintas com o qual plasmou na tela imensurável do planalto um quadro maravilhoso em que as acidentações em perspectivas deslumbrantes oferecem maravilhoso cenário.

Entretanto, deixemos, também, a linda protegida da Serra Santa Helena e contemplemos Curvêlo, a animada e civilizada sertaneja com suas riquezas e seu grande comércio. Sigamos a Corinto, triade ferroviária construída em pleno seio do sertão para indicar ao viajante os ramais de Diamantina — a terra privilegiada e bôa das gemas cintilantes; de Montes Claros — espécie de Meca indígena, com seu cosmopolitismo aventureiro, onde se confundem grandes comerciantes, boiadeiros famosos, mineralogistas, políticos e forasteiros duvidosos; cidade onde, ao lado de uma riqueza fabulosa, depara-se uma mendicância simplesmente comovedora, mal grado as casas de caridade locais; onde o jôgo impera e a prostituição lembra Sodomas e Gomorras, com seu cortêjo de misé-

rias e depravações; de Pirapóra — cidade sertaneja tipicamente praieira, porta nordeste de penetração fluvial, com seu aspecto modorrento e seu povo estacionário, mirando-se, descuidosamente, no espelho vasto do São Francisco enorme.

Detenhamo-nos um instante aqui Contemplemos esta monumental artéria do organismo brasileiro. Vejamos ali, sob a bela ponte ferroviária, e abaixo e acima dela, as cachoeiras murmurantes entregando à navegação fluvial, metros abaixo, a vasta massa de águas que, de aí por diante, rasgam as latitudes territoriais do nordeste por centenas de léguas.

Todavia, não prossiga comigo. Se lhe deixasse, Alvaro, o pensamento acompanhar-me na excursão que farei, ao longo do rio, até Januária, cometeria a imprudência de repetir aquilo que antes já descrevera. Apenas, para lhe aguçar o gôsto venatório, devo dizer-lhe: — a fauna do vale São Francisco é simplesmente magnífica. Seduz-nos a cada instante e convida-nos, insistentemente, a jornadas sinegéticas.

..... E agora o regresso. Aqui estamos em Morro Grande — nas Astúrias brasileiras, bem poderíamos dizer, onde as usinas de ferro lembram as de açúcar de sua terra. A diferença não é muito grande, senão, vejamos: — naquelas, as bôcas mecânicas enchem-se do vegetal sacarino, trituram-no, deglutem-no para restituí-lo, horas após, na forma branca do açúcar cristalizado. Nestas, some-se, também, às toneladas, o minério bruto, para ser restituído em barras de ferro industrializável, horas após, depois de ter sido igualmente líquido — mas líquido incandescente. Milagres do trabalho!

É hora do almôço. Estou num restaurante operário. Enquanto aguardo a refeição que se manipula

e prepara lá para os fundos, rascunho esta carta. Trabalhadores encham o refeitório. Há um murmúrio de vozes misturadas com tilintar de talheres. Sintome — desconhecido que sou no meio, completamente deslocado. Mas não tenho outro recurso. Assim me impõe a necessidade. Outra casa não há. E está muito bom, convenhamos. Pelo menos estou em meio de gente pobre, mas honesta e trabalhadora. Gente rude, porém sincera. A grande usina, lá à distância, continua engulindo minérios, às toneladas, e restituindo ferro às toneladas, na ânsia inconstante de aplacar o apetite voraz da indústria faminta de triunfos para o fracasso da guerra que a alimenta...

Lá pelo alto anda um sol muito anêmico, ensaiando-se para o inverno em perspectiva e olhando o febricitar dos homens. Eu, pequeno e desconhecido representante dos que também lutam, enquanto continuo a esperar a refeição, prossigo rascunhando sempre.

Finalmente almocei e com bastante apetite. Retomando as ferramentas, caminhei. Meu cliente não se encontrava no seu estabelecimento e a viagem, conseqüentemente, estava perdida. A distância daqui a Santa Bárbara aonde me destino é de onze quilômetros. Mas não há condução. Irei, pois, a pé, e já. O cenário é outro agora, e outro também o ambiente. Fazendo-me de Ahasverus estilizado — sem bordão mas de guarda-chuva... , ponho ao braço o paletó e às costas, encambadas, pasta e máquina de escrever, forrando o ombro com o guarda-pó. Valhome, desta forma e mais uma vez, dos próprios recursos locomotores. Tenho confiança nas velhas pernas de caçador e espero chegar...

O sol, talvez porque o tenha chamado há pouco de anêmico, anda agora a fustigar-me de verdade.

Suo a bicas. Os que me vêem passar fitam-me tão desconfiados... É vêzo malévolos da humanidade: olhar sempre com maus olhos os desconhecidos humildes... Vergado ao peso que conduzo vejo-os de soslaio. Longe, muito longe, na capital do País, meus patrões nem sequer se lembram ou imaginam que eu possa estar passando por este sacrifício, que não é o primeiro nem será o último. Coisas da profissão, afinal. A culpa não é deles e sim do regime político-social sob o qual vivemos. O certo é, Alvaro, que se você me está seguindo com seu pensamento conforme lhe alvitrei, há de estar testemunhando tudo... Muito perto de mim, atirando-me lama, passa um caminhão repleto de meninas que se vão à aula. Vão alegres, em algazarra, cantando licenciosidades de sambas carnavalescas. Vão bem ou não essas escolares?... Seguem, paripasso, o ritmo de nossa bela e moderníssima civilização... Um papa-capim levanta-se da margem direita do caminho e, como flecha emplumada, riscando os ares, alcança o companheiro ao lado esquerdo. Engalfinham-se, rolam sobre o gramado da margem, e depois, em trinados pipilantes, alam-se para longe. Um cão bem cuidado, no terreiro de morada pobre, amima uma cadelinha saltitante. Nem se dão por achados à minha passagem. Lembro-me da aranha de que nos fala Bilac e vejo em tudo isso arte e sutilezas do amor. É a vida nas suas polifórmicas manifestações, não é verdade?

Há uma casa melhor à margem da estrada. Numa de suas janelas, disposto em ordem e de calcanhares para fora, está um lindo par de sapatos vermelhos. Tenho a impressão de que os pés que os calçam tem por dono um lindo corpo de mulher. Eu não o vejo nem a ela. Talvez esteja dormindo à sesta. É



Belo Horizonte, a monumental e portentosa capital da terra montanhosa



Original e rara fotografia da inigualável praia de Cabo Frio, E. do Rio. Uma tarrafada de mestre, antes de atingir o objetivo. Instantâneo do brilhante fotógrafo Wolnei

melhor não vê-la. Para que? Quem sabe se ali não está escondida mais uma desilusão?!

Há, agora, brincando com a vegetação de que se destacam bananeiras verdes, um ventinho semivespertino. Silêncio nostálgico paira em tudo. De quando em quando uma voz humana fere este silêncio como que caindo de um mundo estranho e diferente. E eu prossigo a marcha solitária. Frente a cristalina fonte cascadeando em gemebunda queixa, uma senhora lava roupa. A seu lado, descuidadamente, brincam dois garotos. Tenho sede, mas vou passando. Este povo é muito desconfiado. Pode julgar que ali não me levaria a vontade de beber água. Felizmente mais adiante, a escorrer das gigantescas costelas de uma serra abrupta há um jorro d'água que mais parece um fio de cristal liquefeito. Dessedentando-me à vontade e caminho. Pouco à frente defronta-se-me uma vaca. Previno-me. Ela, porém, olha sem maldosas intenções. Estou pensando aqui com meus botões que esta vaca, a despeito de sua irracionalidade, é bem mais humana que aquelas criaturas das quais me ocupei há pouco...

Prossigo, devorando os quilômetros que se me distendem à vanguarda. Mas eles parecem ter o privilégio das minhocas: — espicham...

Finalmente chego a Santa Bento, lugarejo que fica à margem do rio Santa Bárbara. Descanso e me dessedento uma vez ainda. Realizo algum negócio. Chega um caminhão. Trepo-lhe à carroceria. Socome a valer nos seus trancos e "bacadas". Chego, por fim, a Santa Bárbara. No Hotel Quadrado — que, para confirmar os contrastes integrantes das coisas brasileiras, é comprido — vou descansar, refazendo-me para as novas caminhadas que me esperam.

## SÃO JOÃO DO MATIPÓ

Receba, Mário, destas regiões montanhescas e nesta página, o cumprimento de minha promessa: — escrever-lhe. E o faço de São João do Matipó.

— Onde é isso? você há de me perguntar cheio de curiosidade.

— É um "país" encravado no âmago imenso da "Zona da Mata" — onde matas já não mais existem, a oito e dez léguas, respectivamente, da estrada de ferro em Raul Soares e Manhuassú, respondo-lhe antecipadamente.

Sendo autêntico sertão a zona em que se encontra esta povoação, lembra-nos ela Euclýdes da Cunha quando nos fala dos rincões pátrios encravados no seio fecundo da terra brasileira, sofrendo o atrofiamiento das distâncias.

Tudo aqui é isolamento e calma. O bulício dos centros populosos perdeu-se no vácuo imensurável das longitudes. Nenhuma trepidação mecânica além da zoadá surda de uma "Penteado" — máquina de beneficiar café, atirando aos ares o pó insuportável das cascas da rubiácea. Nenhum silvo fabril prenunciando progresso. Nem sequer o comum voejar metálico de asas motorizadas acorda a placidez dos êrmos ou risca o céu azul destas plagas de Minas onde os cafêzais tomaram às matas montanhas e alcantis.

Até o sol aqui me parece diferente, mais profundo as amplidões cerúleas, mais tranquila a natureza

e mais feliz o homem — se felicidade é viver esquecido da sociedade, deslembado dos que governam, abandonado pela mãe pátria que só tem olhos voltados para os bem aquinhoados na partilha da terra.

As tardes, neste mês mariano calmo e silencioso, tem a languidez das criaturas que não sentiram o contágio do século dinâmico, indiferente e bruto que vivemos.

Já em preparativos para entregar ao seu sucessor o cetro da próxima e frígida estação, o outono põe no ar puro destas altitudes um hálito semi-gelado que nos leva a procurar um cobertor amigo. Trouxeme a estas paragens a intenção de encurtar de algumas dezenas de léguas a viagem. Assim é que deixei a cidade de Raul Soares, no ramal de Caratinga e rumei à de Manhuassú, extremo de outro ramal da mesma via férrea, através de uma ligação rodoviária. A viagem que, até aqui, foi realizada por etapas, não se concluiu em virtude do mau estado dos caminhos e da viatura que nos conduziu: — a “perua” do Chico, caindo os pedaços... Eis porque, mal alcançamos este arraial nêle fiquei aguardando outra e providencial condução que me levasse de regresso.

As estradas (caminhos como disse), tortuosas, acidentadas, porque passei, merecem especial reparo. Elas se alongam a rasgar a solidão, ora abeirando abismos, ora talando encostas e espigões para, em seguida, descer a depressões charcosas. Outras vêzes, enveredando por corredores naturais entre montanhas de granito, ei-la, como um traço sinuoso e assimétrico, a serpejarem lúgubrememente demarcadas, a cada passo, por cruzeiros negros, silenciosas. Tais símbolos, envoltos de rústicas flores de papel com que mãos piedosas os enfeitam, no misticismo piedoso de

suas formas solitárias, assinalam as vítimas das famigeradas “tocaiais”, que tantas vidas tem roubado aos sertanejos, principalmente nestas regiões mineiras, onde mais prepotentes e cruéis são os “coroneis” políticos, os latifundiários insaciáveis.

É comum ao caminheiro, depois de um longo peregrinar em curvas sucessivas, serra acima, alcançado o tópo da ascensão, descortinar panorama suntuoso de polifórmicas manifestações topográficas distendidas no horizonte. Ao contrário disso, abismos tremendos surgem-lhe inesperadamente, galgados por modestas e inseguras pontes de madeira a causarem, quando o veículo as faz balançar, verdadeiros calafrios nas víceras do mais destemido herói...

Mas eu lhe estou a repetir coisas naturalmente melhor ditas por outros viajantes. Passarei a outro e certamente, para você, mais agradável assunto: — o “belo sexo”. Ele é ainda, a despeito de sua “americanização”, o astro máximo em torno ao qual giram todos os satélites da masculinidade. Porisso não me posso furtar à indiscrição de lhe dizer que, mesmo nêstes longínquos recantos há, justamente no hotelzinho em que me hospedo, uma criatura negavelmente interessante. Não é, a rigor, uma deidade grega. Não tem a beleza de Lais nem a diabólica sedução de Frinéia. Seu riso muito se distancia do riso de Gicconda bem como sua graça jamais poderia comparar-se à de Manon. Todavia, seu viço de balzaqueana; seu olhar de fogo das filhas de Estambul; sua espontânea volutuosidade de brasileira; seus trejeitos impregnados do modernismo das metrópoles, fazem-na, meio ao ambiente que a cerca, destacar-se, atraente e graciosa, fascinante e linda como um sonho pagão. Dir-se-ia nova Afrodite emergindo, não das espumas e sim das ondas rubras da volúpia, nêstes

mares verdes dos cafèzais de Minas... Essa mulher aqui se encontra, em carne e osso, enchendo de vivacidade e graça a monotonia que me cerca, embora de mim jamais se aproximando.

... Amanhã regressarei. Um providencial automóvel daqui partirá e eu já consegui nêle um lugar. É tarde, amigo. As horas passam e com elas os deradeiros instantes de minha mocidade. Adeus .

## O VALE DO RIO DÔCE

Conde, amigo:

Se imensurável me é o prazer de lhe mandar de tão longe meu abraço, menor não é, também, a satisfação por fazê-lo de uma região magnífica na sua qualidade úbere-topográfica que lhe agradaria por certo, tanto ela faz lembrar a Amazônia de que você fala sempre.

Escrevo-lhe de Governador Valadares, antiga Figueira do Rio Doce. Há dez dias que venho percorrendo esta zona em que, litigiosamente, numa extensão semi-selvagem de centenas de quilômetros em matas absolutamente virgens, se delimitam os Estados de Minas, Bahia e Espírito Santo.

Depois de conhecer, extasiado, a "Amazônia Capithaba" cuja "Manáus" é Colatina — território que se vai confinar com a Bahia muito além de São Mateus; depois de ter percorrido, só de ônibus, mais de trezentos quilômetros, em sua maioria por entre matas e capoeirões, enveredei-me pela Vitória-Minas, via férrea de que ora me sirvo.

A proporção que ascendia o afamado Rio Doce, mais me capacitava de que muito há a fazer-se, ainda e também neste rincão do Brasil, como nos demais, malbaratados e destruídos pelos inconscientes "fazedores de desertos". Fertilíssima, esta região demonstra à saciedade, como desordenadamente a desbravam e domam os que se encarregaram de povoá-la. E quanto mais se lhe penetra o âmago tanto mais se se capacita desta crudelíssima verdade. Porque

a exuberância e a fertilidade do vale do Rio Doce não estão sendo aproveitadas de forma racional, em suas múltiplas possibilidades. Absolutamente! Ao contrário, menosprezaram-nas, desvirtuaram-nas, barbarataram-nas.

Como na maior parte dos Estados do Brasil, impera aqui a indústria pastoril. Aliás isto é força de expressão, a meu ver, pois não se pode, absolutamente, nem se deve dar o nome de indústria a um sistema de atividade pecuária em que só prevalece e predomina a recria do gado para o corte. Ao lado dessa atividade caminha a exploração da madeira, principal fonte de renda da região; a extração de pedras semi-preciosas e de mica. A lavoura, própria dita, ao que me foi e está sendo dado observar em rápida passagem, ocupa lugar muitíssimo inferior. Dizem-me, todavia, que há grande concentração agrícola, principalmente na zona norte, bem afastada das margens do rio. Tais lavouras, entretanto, não se veem.

Quanto à referida pecuária ou indústria pastoril, aqui ainda prevalece a forma primária e criminosa das queimadas na formação de pastagens — se pastagens se podem chamar extensões e extensões desprovidas de matas e de habitações, cobertas de um misto de carrascal, capoeirões, macegas e pastos nativos. Nem sequer o caboclo — ou caipira, segundo a denominação que os letrados, indiferentes ou ignorantes, das cidades, dão ao filho anônimo do nosso Brasil interior; nem sequer esse brasileiro pobre, carasco inconsciente de nossas matas, logra algum proveito na destruição dessa grandiosa riqueza nacional que desaparece, vertiginosamente, à ceifa impiedosa das derribadas. Da mesma forma lhe não pode ter mãos o Código Florestal, pois essa espécie de van-

dalismo indígena é praticada pelo fogo que destroi, todos os anos, principalmente nas grandes estagens, quilômetros e quilômetros de matas exuberantes. Destruídas que sejam as matas, ocupalhes, imediatamente, o lugar, o colônio — “colônio”, vulgarmente aqui tratado — espécie de graminea selvagem, muito semelhante à canavieira da zona litorânea, cuja semente, por demais germinativa, “vai onde a fumaça vai”, para usar a expressão popular da terra. Dessa maneira primitiva e bárbara estabelece-se o latifúndio muitas vezes em terrenos alheios, quase sempre devolutos ou do governo. Basta-lhe agora o zebú para completar o feudo. Isso não é difícil ao latifundiário. O Banco do Brasil, jamais franquiado ao pequeno lavrador, ao colono, àquele que cultiva a terra e produz para as coletividades, ao camponês, em resumo; o Banco do Brasil aí está, de portas abertas, ao dispor dos “industriais” do zebú.

Quanto às demais fontes de atividades supra referidas, seguem elas um ritmo acelerado e animador. Para a madeira há serrarias em quase todas as estações ferroviárias do vale. Para os minérios aí estão os magnatas internacionais através de seus prepostos nacionais e estrangeiros, disfarçados por todos os meios e em todos os tipos, mercando as riquezas deste fecundo solo, as quais são transportadas, em grande parte clandestinamente, para as metrópoles, a rechearem cada vez mais as arcas multi-milionárias dos maiores do capital. De qualquer forma, porém, não se deve negar os benefícios financeiro e comercial operados nesta região com tais atividades.

O comércio por aqui, dadas as bases em que se apoia e que acima foram citadas, não pode deixar — em que pêssem as exceções, de ser um comércio

aventureiro. Aliás isso é mal endêmico em quase todo o território nacional. A boa fé, a falta de cuidado e, sobre tudo, a deficiência de uma fiscalização comercial criteriosa e eficaz, são causas originárias de grandes desastres comerciais, no interior principalmente. Isto porque a maioria dos que comerciam jamais se atêm estritamente ao capital de que dispõe. Muitos nem sequer possuem esse capital. Valendo-se do crédito expandem-se à vontade dada a facilidade, talvez pela concorrência dos atacadistas, das ofertas nessa modalidade de compra. Por sua vez o comerciante do interior vende muito a crédito (fiado) — aliás em desvantagem de condições visto que, enquanto compra sob documento e prazo curto e certo, vende a longo prazo para o consumidor e sem documento algum.

Quando atravessa uma fase promissora em que as fontes de renda produzem recompensadamente, vende muito, recebe relativamente bem, pagando, por isso mesmo, com pontualidade seus compromissos. Se, ao contrário, há crise, principalmente na produção agrícola, os fiados não são recebidos, as vendas diminuem, os compromissos se avolumam e a debacle é certa. Isso se verificou, como se sabe, em condições alarmantes, na abolição da escravatura, na queda da borracha, do café, do açúcar, do cacáu e, possivelmente, quero acreditar, nesta região irá verificar-se tão logo se retraia o comércio de madeiras, minério e gado. Sim, porque há muitos comerciantes cujo capital é insignificante, que mantem estoques excessivos, absolutamente além de sua capacidade financeira. Tal é, ao meu modo de ver, a situação do comércio a que me refiro. Oxalá possa eu estar enganado. Que ao contrário de minha previsão pessimista, mais amplas e mais firmes possibilidades

se descortinem para esta região por excelência digna do progresso a que faz jús. Estou convencido, porém, de que se não incrementarem, por meios modernos, decidido amparo à produção agrária e ao lado disso a indústria não fôr difundida, o vale do Rio Doce, dentro de poucos anos, estará reduzido ao mais sáfaro e nulo centro territorial desta parte de Minas.

Deixemos, entretanto, tais problemas que, infelizmente, não nos é possível resolver e falemos das belezas naturais que se desfraldam a quem e além da Serra dos Aimorés. Inegavelmente, luxuriante e original em grande parte, é o vale do Rio Doce, no que lhe diz respeito à vegetação e à topografia. Deixando-se para leste as grandes planícies litorâneas e os planaltos pontilhados de lagoas das quais se destaca a majestosa Juparanã; deixando-se essas grandes reservas territoriais em grande parte ainda em matas virgens, começa-se a penetrar a parte alta do vale através de vasta garganta montanhosa, cujas serras, à guisa de contrafortes, vão surgindo e se alteando num suceder de píncaros e de elevações a ponto de vedarem por completo à vista os horizontes.

Dentre as inúmeras cidades, vilas e povoados que, de distância em distância, se erguem a cavaleiro das barrancas do rio, digno é destacar-se, no Espírito Santo, a cidade de *Colatina*, bastante adiantada, com regular comércio, ginásio, serrarias e zona agropecuária. Aí ostenta sua imponente estrutura de pedra cimento e ferro, a colossal ponte rodoviária de quase um quilômetro de extensão, no gênero um dos mais belos monumentos do Brasil. *Aimorés*, cuja topografia é atraente, com suas charretes a um cavalo, emprestando-lhe originalidade e graça, mais suas pastagens bem cuidadas e vastas. *Resplendor*, com sua zona rural, segundo informações locais, mui-

to próspera, tendo um comércio relativamente forte e um aspecto bastante agradável. *Conselheiro Pena* — antiga Lajão, em pleno desenvolvimento, com suas jazidas de mica, pedras semi-preciosas, alimentada, também, por alguma lavoura e pela extração de madeiras. *Cuieté*, vilarejo muito novo ainda, mas portador de uma topografia excelente à confluência do rio que lhe empresta o nome, com o Rio Doce e, finalmente, *Governador Valadares*. Esta é uma cidade do futuro, quando o Brasil fôr despertado de sua inércia. Prévia e cuidadosamente traçada para sua futura grandeza, suas ruas, graças à excelência da topografia, são muito longas e quase tôdas retas e largas, formando esquadros perfeitos. Situada numa área plana de muitos quilômetros quadrados, a antiga *Figueira do Rio Doce* mais se assemelha a uma cidade praiana, tão largos lhe são os horizontes. Ao sul, à margem direita do rio, empresta-lhe realce especial a majestosa Ibituruna, altaneira serra que a vigia tendo aos pés, em avermelhada corrente, o vasto lençol de águas. A leste, a nordeste e ao norte, as vastidões territoriais compreendidas até as divisas do E. Santo, Bahia e regiões diamantíferas da longínqua cordilheira do Espinhaço. Nos domínios rurais circundantes, do seio verde da mataria esbatem-se, de onde em onde, píncaros e elevações graníticas mostrando, à distância, o ápice de seus picos solitários em magníficas perspectivas.

Governador Valadares possui um bom núcleo de habitações mais ou menos modernas e atraentes. Grande parte de seu território urbano ainda está esperando construção, possivelmente porque já passou às mãos de gananciosos que ao invés de reparti-la em lotes de preços acessíveis ou ocupá-la com construções residenciais, deixam-na em terrenos baldios

à espera de valorização que lhes aumente, num só golpe, o capital.

O comércio local é o maior do vale do Rio Doce. Seu amplo conjunto compreende várias agências bancárias, tôdas em atividades. Sustenta essa considerável população a indústria extrativa, a pecuária e um pouco de agricultura. Encontram-se aí, com abundância, pedras semi-preciosas ou coradas, das quais se destacam citrines, ametistas, berilos, turmalinas águas-marinhas, não muito azuis, e não raro, vidro lapidado, como conto-do-vigário. Um campo de pouso para aviões e a Rio-Bahia que lhe está às portas, mais valôr emprestam a Governador Valadares. Entretanto, em contraste com essa prosperidade e essa riqueza, esta cidade, como tôdas as suas congêneres norte-mineiras, oferece um espetáculo entristecedor na sua mendicância. Nunca vi uma cidade onde se juntasse tanta gente estropiada, sem pernas, sem braços, cega, paralítica, ulcerosa etc.. Que dolorosa realidade!

A falta de conforto na cidade é absoluta. Não há água, não há luz, não há esgôto em condições satisfatórias. Porisso mesmo limitado é o serviço sanitário. Em resumo pode-se dizer que falta tudo em matéria de conforto, aqui. Mas isso não é de admirar em face da mentalidade administrativa que domina o país...

Grande é o movimento de Governador Valadares. Os hotéis, intoleráveis, em número de quatro, fora as pensões, vivem sempre superlotados. Neles, diariamente, a mais heterogênia exposição de caras e tipos se apresenta. As várias nacionalidades que aqui se encontram em atividades especulativas, num cosmopolitismo singular de idiomas e trajes, lembram as cidades do oeste norte-americano, na época da des-

coberta do ouro naquela região, como nô-las mostram os exagerados filmes de Tio San... Porisso mesmo é notória a casta de aventureiros, criminosos e foragidos que se espalham por êstes recantos. Ao viajante menos avisado não se pode negar o perigo de maus negócios. Isto não quer dizer, porém, que a zona seja má.

A criminalidade, mal endêmico também nesta região, diminuiu nos centros urbanos. A zona rural, porém, ainda vive infestada dos que fazem do trabuco a lei ou o meio de subsistência... Tive ocasião de ouvir de um oficial da polícia mineira, que não podia, no momento, efetuar mais prisões porque a cadeia estava superlotada...

Eis a região da qual lhe escrevo, meu prezado amigo.

## A SERRA DE SÃO GERALDO

Augusto:

Eis que me surge a oportunidade de escrever-lhe. Tudo no círculo efêmero da vida carece de uma oportunidade. Para o gozo ou para o sofrimento; para o riso ou para a lágrima, há sempre uma oportunidade infalível. Hoje? Amanhã? Mais cedo ou mais tarde? Que importa? Ela nos aparecerá um dia em que possamos aproveitá-la ou sermos por ela aproveitados. Se perdemo-la, jamais a encontraremos. Outras aparecerão. Aquela, porém, do nosso anelo, perdida, não tornará mais. É como o primeiro amor, o amor da mulher querida; da mulher que, em verdade nos amou ou há-de amar-nos um dia. Se não veio, virá por certo. Perdido, outros amores poderão vir. Jamais, entretanto, tão puro, tão sincero, tão firme como aquêlo, o primeiro e único amor — o amor renúncia, o amor sacrifício.

Pois bem, Augusto, a oportunidade para a minha prometida carta a você, acaba de chegar-me, inesperada como tôdas as boas oportunidades; risonha, serena e viva com o sol desta manhã de agosto, pura e diáfana como o sorriso de um anjo.

Embrenhando-me no coração da terra mineira, rumo a Ponte Nova, tenho neste momento, por cenário que me deslumbra e inspira, a subida da Serra de São Geraldo. São nove horas e eu deixei, há pouco, a cidade dêsse nome, desperta e alegre, semeada na franja da planície que se lhe distende às plan-tas. Uma hora aproximadamente, de vagaroso tra-

jeto, levarei na ascensão, tão alta quanto majestosa. O trem, ora cortando flancos da montanha imensa, ora contornando-a, vai-se alcançando, gradativamente em zigue-zague de três a quatro quilômetros de extensão através de curvas tão fechadas que em certos lugares não distam mais de vinte metros um do outro trecho da linha férrea a correr, paralelamente superpostas, sendo essa distância quase vertical em face da altura alcançada. Imagine você uma espiral gigantesca em longitudinais de quilômetros, e terá uma miniatura do trecho ferroviário que ora percorro tentando descrevê-lo.

O Estado mineiro, com exceção do vale do Rio Doce e do maciço que se distende para o norte até às divisas da Bahia e os planaltos do São Francisco mais as cabeceiras do Jequetinhonha, é quase todo escampo ou servido, nas regiões não devastadas, por vegetação que medeia entre capoeira e selva. Isso em que pese os núcleos ou aglomerados de matas já desvirginadas, perdidos em moitas nos píncaros inacessíveis e mais algumas extensões relativamente grandes, ainda não exploradas, na região do Araponga e no vasto triângulo formado pela margem direita do já citado Rio Doce e as linhas divisórias dos Estados do Espírito Santo e Bahia. Porisso mesmo, à proporção que se galgam as voltas da espiral enunciada, pode-se alongar mais o olhar vendo-se cada vez mais longe...

Há trechos em que a estrada desaparece entre cortes profundíssimos, por onde a gente se infiltra como a penetrar o coração da terra, para surgir logo à frente defrontando horizontes mais ampliados. Então, uma área imensa aparece-nos toda crivada de elevações montanhosas dando-nos por vista, em perspectiva suntuosa, um vasto abarracamento estenden-

do-se na terra verde-gris. Cercando esse imaginário abarracamento, bem ao fundo da paisagem, recuadas e dispostas em círculo semi-fechado, as cordilheiras se perdem nas distâncias quais fantasmagóricas muralhas intermináveis, que a natureza estendesse pela terra num caprichoso delimitar topográfico.

Um sobre os outros sucedem-se os morros cobertos de pastagem seca pela estiagem e o frio. Lá na planície, já agora vista a léguas de distância, a cidade de São Geraldo, ao sol, parece um punhado de lápides brancas semeadas sobre a terra... E a várzea que a preme de encontro às saliências alti-planas, livre das névoas matinais já transformadas em nuvens rolando na amplidão, insinua-se entre as montanhas lembrando tela maravilhosa de um Pedro Américo, que as sumaumeiras tivessem salpicado com o sangue escarlate-vivo de sua agreste ramaria em flor!...

Como é diferente este do cenário seu, meu caro! Aqui meus olhos se enchem das acidentações da região, aproveitando as elevações para se alongar, libertos, às distâncias perdidas entre as cordilheiras além. Aí você se enerva à monotonia da planura que não cança de se lhe estender à vista, para todos os lados, tornando-o reticência insignificante na página imensa dessa natureza. E estamos apenas a algumas centenas de quilômetros de distância. Como é grande este Brasil!

...Acabo de alcançar o alto da serra. Por mais um pouco, se me facultasse essa possibilidade a vista, veria você, nessa velha e histórica cidade praiana, manipulando as tisanas amenizadoras do sofrimento alheio, com o soberbo Paraíba a deslizar-lhe aos pés gigantescamente enorme!

Um friozinho de altitudes helvéticas acarícia-me a pele irritando-me os poros... O ar puro das alturas em que paio encham-me os pulmões dando-me a sensação de mocidade e vigor. Como seria bom viajar se tivéssemos sempre ambientes destes e a consciência tranquila, livre das contingências materiais que a vida nos proporciona!...

Mas não é possível isso. A própria vida é um complexo extravagante de dualidades e de contrastes, de erros e compensações. Assim a entendo eu e por isso mesmo fecho esta página e me preparo para abraçar a velha pasta com a qual conquisto a essência que me permite, independente e sem subserviências, enfrentar os problemas que se nos antolham na luta pela vida.

## SÃO JOÃO DEL REI

Minha amiga:

Pelas normas naturais à correspondência epistolar, não me assistiria o direito de secundar-lhe carta quando resposta não tenho ainda da última que lhe mandei. Não obstante, impossível me é silenciar neste instante em que tenho a alma transbordante de emoção por tudo o que de belo e evocativo me foi permitido ver há pouco. Sou dos que não sabem sentir um prazer sem reparti-lo — ou pelo menos lembrar-se de o fazer com os que lhe são afins na espiritualidade ou no afeto, mesmo, como em nosso caso, encontrando-se a centenas de léguas distantes.

Estou em São João Del Rei — esse oasis de civilização, plantado no seio imenso do que se poderia chamar deserto verde, e que é conhecido, entretanto, por Oeste de Minas. Cidade onde, irmanados, se encontram num todo incomparável, beleza, cultura, hospitalidade e gentileza. O pedaço mineiro de que me ocupo, sendo uma das glórias culturais e históricas de seu Estado, quicá do Brasil, é, também, um orgulho do brasileiro que se presa dêsse título sem pretensões estultas nem rançosos preconceitos de regionalismos dissolventes.

Mas eu quisera saber contar alguma coisa desta acolhedora "Princesa do Oeste". Como fazê-lo, porém, se tôdas as palavras, tôdas as comparações, seriam poucas para expressar meu desejo? A despeito disso tentarei a tarefa, valendo-me do frágil material de que disponho: — minha pena...

Após uma hora de deslumbramento espiritual vinda na Biblioteca Municipal "Batista Caetano de Almeida" — fundada, aliás, há cento e nove anos; de me encontrar em contacto com oito a dez mil volumes literários dos mais célebres do mundo. Depois que me desfilaram aos olhos extasiados preciosidades como "Josepho de Belo Ludaico", obra célebre e editada há trezentos e oitenta e oito anos; os "Sete Sábios da Grécia"; o "Paraiso Perdido", no original etc. etc.. Depois de ver tantas maravilhas da palavra escrita cuja nomenclatura seria impossível anotar nesta carta, eis que se me depara, aureolada dessa fama trágica que nos legou a fase imperialista do Brasil-colônia e que nos chega a nós sob a forma de lenda, a balança em que fôra pesado todo o ouro da região, estorquido à nossa Pátria, através do famigerado "Quinto" e outras infames extorsões dos insaciáveis dominadores lusitanos; extorsões que se tornaram pedra angular ou razão precipua da chamada "Inconfidência".

É um conjunto rústico, obsoleto, mas artístico, essa balança. O braço é de madeira e anatómicamente perfeito na sua forma hercúlea, onde os músculos e as veias mostram-se distendidos e salientes ao péso que sustentam. Acha-se êle embutido numa base também de madeira firmada num pedestal da mesma espécie a sustentá-lo absolutamente firme. De sua mão possante fechada em atitude hostil, pende a velha balança muito bem conservada, cujos pratos, a reluzirem como o próprio metal que pesavam, presos a correntes metálicas, oscilam quase imperceptivelmente, vãos, como se esperando ainda as furtadas e sucessivas arrôbas do ambicionado-e poderoso minério.

Após êsse convívio efêmero e amável com o passado ali presente, fui ver a cidade, repositório evocativo de um Brasil que não conhecêramos, arrebatador e belo.

São João Del Rei adormecia na tranqüilidade ingênua dos abenegados. Plantada à falda aurifera da Serra do Lenheiro, a cidade, qual amorosa "Filha do País do Sul", deixava-se, tôda inteira, possuir pelo luar que a envolvia num abraço de luz opalescente.

Contornando-a, os campos nativos, intérminos, verdes, na sucessão de colinas cobertas de gramínea espessa, davam por vista, àquela hora calma, um oceano em cujo dorso se agigantassem montanhas de ondas irregulares paradoxalmente imóveis e tranqüilas.

O contraste das velhas e lendárias arquiteturas assistindo, bravamente, à invasão das construções modernas; o conflito permanente do passado austero persistindo nos vultos coloniais das casas antiquadas, e o presente arrogante que caminha, a sorrir, nas fachadas dos arranha-céus em miniatura, eram aos meus olhos de forasteiro sentimentalista, a mais singular das harmonias! E eu caminhava, embevecido, pelas ruas solitárias e estreitas a ressumbrarem reminiscências.

Um som harmonioso de vozes em conjunto despertou-me a atenção. Procurei-o como que atraído. Era a "Sociedade de Concertos Sinfônicos" que ensaiava naquele momento. Estático bebi, silencioso e só, dessa harmonia inesquecível, as notas que me vinham, divinas, num refflorir de acordes, inundar-me a alma emocionada. De novo prossegui. Passos à frente eis-me às portas monumentais da Igreja do Carmo. Nela, nesse soberbo monumento sacro, tomei o primeiro contacto visual com as obras mara-

vilhosas do Aleijadinho — menospresado gênio da arquitetura nacional dos idos tempos. Ali, como em muitas igrejas da velha Minas deixou êle, na plenitude das suas concepções arrojadas, os traços inapagáveis de uma arte exclusiva e extraordinária. E sob a impressão sensitiva dessa visão soberba continuei minha excursão. Muito não andara e os passos se me detinham sôbre outro grande monumento de reminiscências: — a Ponte do Rosário. Erguida em alvenaria colonial sôbre o Lenheiro — riacho que traça, bem no âmago, a cidade, dividindo-a em partes quase iguais — ela é bem um pedaço do Brasil. Essa ponte, como a sua irmã mais velha, que por contraste se chama "Ponte Nova", merece especial menção porque faz parte integrante da vida e das cousas de São João Del Rei.

Apoiada sôbre gigantescos pilares de granito e tendo sua armação inteira dêsse material, conta mais de cento e trinta anos de existência, resistindo sempre e bravamente aos embates mais violentos do tempo sem jamais estremecer. Viu sôbre ela o passo lerdo das boiadas, o rodar moroso das carroagens coloniais, o cesfilar das charretes e, sempre impávida, deixa-se hoje atravessar pelos ciclôpicos veículos motorizados. Por ela teem passado gerações de fidalgos e plebeus; de artistas e burguezes; de infelizes e venturosos, no permanente e eterno caminhar da vida!

... Enveredei-me pela rua Padre José Maria. Por tudo a mesma e flagrante alternativa das velhas e novas construções. Por fim se me apresentou a célebre e monumental Igreja de São Francisco de Assis, erguida ao fundo de bem cuidada praça que se estabna na encosta de pequena elevação.

Impossível me é descrever esse monumento religioso em que o Aleijadinho deixou plasmado o má-

ximo de sua arte. Com exceção das duas tórres lavradas em estilo barroco-jesuítico, todo o templo, num singular contraste de arquitetura, é composto de linhas irregulares e curvas. O próprio telhado não obedece a linhas simétricas e comuns. Coleiantes e alongadas essas linhas se elevam em ângulos estravagantes, culminados em saliências conformes que lembram, à distância, as lombares protuberâncias dos dromedários.

As paredes dêsse templo, feitas de blocos de granito, medem mais de metro de espessura, abrigando em seu âmago corredores secretos que dão acesso aos púlpitos, altares e demais dependências privadas, tal foi a informação que a respeito obtive. As riquezas dêsse como as dos demais templos da cidade, são inenarráveis. Colunatas, frontais, capitéis, a porta principal com seus magnâficos relêvos e florões, enfim tôda a sua fachada, desde os vitrais às tórres imponentes onde se aninham sinos seculares, é ornamentada de relêvos e florões maravilhosos, representando uma rara suntuosidade.

... Vagaroso e místico o carrilhão da tórrer principal do templo repetiu, solitariamente, no bronze evocativo, dez sonoras marteladas como se me chamasse à realidade.

Ao pé da monumental escadaria que dá acesso à Catedral, heráldicas, imponentes, inúmeras palmeiras imperiais apunhalavam o espaço para sorver, lá nas alturas, no cálice inquieto dos leques farfalhantes, o sereno enluarado que descia... Rosas brancas, muito brancas e muito frescas, enchiam de perfume a noite calma. Bem em frente às tórrer de que falei acima, como círios vírides e mudos, duas árvores centenárias estreladas de flores alvas e perfumadas,

perfilavam-se, tranqüilas. Ao contemplá-las, alguma cousa se lhes desprendeu dos ramos, voltivoou, ziguezagueou, girou em semi-círculo e tombou-me, silenciosa, aos pés. Tomei-a, pressuroso, mirando-lhe a delicada forma. Era uma pétala, o fragmento da roupagem nívea que integra uma linda magnólia.

Eis a lembrança que lhe envio, eis o testemunho que lhe apresento do que lhe quis dizer sem conseguilo. É essa pétala branca a prova de que você não me é esquecida. Receba-a, por obséquio. É uma fração de São João Del Rei que lhe envio através das distâncias, na forma simbólica de uma flor.

## "CIDADE MONUMENTO"

Relicário imenso de evocativas preciosidades agasalhadas no âmago de uma região estranha onde as gargantas inacessíveis, os vales profundíssimos apresentam, em contraste com os píncaros azues, a mais singular topografia, a lendária Vila Rica não se mostra, espontânea e desenvoltamente, aos indiscretos olhos dos que lhe pisam pela vez primeira, os úmidos umbrais.

Ciosa de seus tesouros, só se deixa admirar deixando admirá-los, à proporção que se lhe palmilha os escarpados e escondidos flancos. Então é de ver como surgem, num verdadeiro passe de magia, os becos, as vielas, ruas e praças, chafarizes, viadutos e aquedutos, pontes e logradouros, tudo abrigado nas reentrâncias dos vales, como que avaramente guardado pela natureza.

Aqui um fio de água cristalina rolando em dolentes murmúrios sôbre seixos reluzentes e entre vegetação exuberante, quais se revivessem as lágrimas das torturadas vítimas do tempo negro e degradante que nos manchou o alvorecer da Pátria. Ali uma ladeira íngreme a descer de escarpado flanco, calcçada de pedras multiformes. Além um paredão à guisa de cáis amparando a terra contra as erosões violentas, servindo ao mesmo tempo, de refúgio e logradouro público, com seu arquitetônico parapeito. Mais adiante, austeramente erguido em sólido granito, um viaduto a dezenas de metros de altura, atravessando profundo grotão e oferecendo à vista a pers-

pectiva de um fio sôbre o abismo. Se se volta o olhar mais para as alturas do oeste, a soberba e romântica "Ponte dos Suspiros", branca e solitária, lá está, no silêncio bucólico das encostas, contemplando a cidade e as montanhas nuas que a circundam...

E as ruas, as avenidas, se sucedem, longas e encurvadas, contornando, ascendendo e descendendo numa caprichosa ostentação de aspectos e panoramas. Em cada rampa e em cada encosta, uma igreja solitária, vetusta e silenciosa, mostrando ao forasteiro a feição católica de um povo culto, amável e hospitaleiro, posto que ainda aferrado a princípios retrógrados e rotineiros.

Na praça principal os monumentos históricos, integrantes da "Cidade Monumento", remanescentes de uma civilização tradicional. Dentre êles, imponente no seu alcandorado pedestal, Tiradentes, onde lhe expuseram, em poste de ignomínia, a gloriosa cabeça, na sua nudés de bronze dir-se-ia mostrar aos homens que contra a força da verdade e da vontade do povo jamais puderam nem poderão jamais, a insidia, a opressão e o desespero vil dos prepotentes.

A frente do Protomartir, lôbrega, gigantesca e sórdida, está a velha penitenciária com suas paredes de cinco palmos de espessura, seus misteriosos calabouços, tétricos passadiços, lúgubres corredores, celas e portas medievais testemunhando a crueldade dos homens de outros tempos — cujos discípulos, desgraçadamente, aí os temos em pleno século vinte, com a mesma fúria assassina, a flagelar, a encarcerar os que sonham, como o imortal Alferes da "Inconfidência", com a liberdade e o bem-estar do povo.

Felizmente, hodierna mentalidade se vai tornando, gradativamente, mais humana — malgrado os reacionários obtusos ainda recalitrantes... É em

virtude dessa marcha, lenta mas firme, para o progresso e para a democracia, que essa horrenda Penitenciária, testemunha, com suas próprias entranhas, da tortura e da morte de patriotas e descontentes de outrora — daqueles que tiveram o desassombro de se levantar contra a tirania; essa tristemente famosa Penitenciária, será em breve o grande museu da "Inconfidência", para o que, no momento, passa por grande transformação. Ali serão recolhidas as preciosidades históricas do museu de Mariana, do Instituto Histórico de Ouro Preto e também as cinzas dos "Inconfidentes" — se de facto são elas, trazidas de outras e longínquas terras para o repouso eterno no fecundo seio da heróica e libertária Minas.

A retaguarda de Tiradentes, fechando a parte superior da praça, ergue-se a Escola de Minas, antigo Paço Imperial, ao qual deu as costas a estátua do inolvidável filho do povo. À esquerda, o Paço Municipal onde se encontra, de autor por mim não identificado, a majestosa tela "A Sentença", demonstrando na mais soberba exuberância da arte de Da Vinci, a envergadura do impávido mineiro quando, erguendo a destra de que pendem algemas, mandava sustar a leitura do libelo acusatório para assumir, exclusivamente Êle, ante o assombro de seus próprios companheiros de infortúnio, a responsabilidade absoluta da conspiração. Desassombro jamais repetido até antes da trevosa época de trinta, quando outro brasileiro, tão grande e tão bravo quanto o herói de Vila Rica, teve idêntica atitude ante os carrascos bestiais do fascismo brasileiro. E por que silenciar o nome desse autêntico e digno continuador de Joaquim José da Silva Xavier? — Luiz Carlos Prestes é esse nome que, atravessando as grades do cárcere que o segrega do povo brasileiro, ecoa no seio desse

mesmo povo como a grande esperança de melhores dias.

Mais afastada, à borda de profundíssimo vale onde vçam floríferos arbustos e lindos caramanchéis, eleva-se, veneranda, evocativa e silenciosa, a Escola de Farmácia de Ouro Preto, orgulho dos ouropretanos, glória do ensino farmacêutico no país, cadinho em que se têm moldado gerações gloriosas de cientistas no ramo dos medicamentos.

E por tôda a parte as reminiscências históricas reavivando um passado cheio de surpresas e de acontecimentos célebres. Só não mais existe, nem mesmo em ruínas, a casa em que morara o Protomartir, a qual, como é sabido, depois de arrasada foi salgada, sendo o seu morador — o “terrível criminoso” e sua família “excomungados até à quarta geração”!

Nesse local ergue-se a Associação Comercial desta cidade. Todavia, a casa onde, aqui, conspirara Joaquim José da Silva Xavier, lá está, integrada no patrimônio histórico relativo à grande conspiração. Também a casa da inditosa Marília, a noiva infeliz e fidelíssima —, situada no bairro Antônio Dias, onde a musa imortal do sonhador Dirceu nascera, sofrera e morrera, foi demolida. Hoje em seu lugar ergue-se a Escola Normal de Ouro Preto. As ruas de Ouro Preto, caprichosamente calçadas, são, em algumas partes, de uma espécie mineral lembrando amianto em formação, quase branco. Porisso, após as refregas pluviais sempre constantes nesta cidade, branquejam ao sol como se marchetando em côres o calçamento. Todo o casario é, na parte alta, em estilo colonial. Não são permitidas construções modernas. Os “bungalows”, os arranha-céus e outras inovações arquitetônicas, até aqui, não tiveram ingresso na “Cidade Monumento”. A tradição impõe. E lei e está discutido o assunto.

...E a cidade dorme nos recôncavos dos vales talvez sonhando eternamente com os faustos e as grandezas dos tempos em que ditava as leis e dominava inteiramente a vastidão imensa da terra montanhêsa. Gigantesca muralha, montanhas e serranias cercam-na alancorando-se a centenas de metros de altura. De longe, qual se lhe guardasse, pelos séculos, alerta, os mágicos tesouros e as mil preciosidades, a Itacolomi é a sentinela de granito que Deus confiou à terra em que o ouro, como por ironia da natureza, se apresentou aos homens na côr menosprezada dos escravizados filhos da Etiópia...

Eis aí, meus amigos, de onde vos escrevo. Ser-me-ia lícito silenciar ao conhecer êste recanto mineiro, tão cheio de tradições, tão brasileiro no seu conjunto citadino?

Deixai, pois, que vos fale mais um pouco destas paragens. Prestal-me atenção:

Ao brasileiro cioso de seu País; ao homem observador e perscrutador arguto dos aspectos e dos ambientes, não pode escapar a diferença existente entre outros e o solo de Ouro Preto. De Burnier — hoje São Julião, estação entroncamento — rumo à antiga Vila Rica, tão depressa desaparece o planalto verde a perder-se por distâncias numa paisagem rica em perspectivas, começa-se a notar a mutação géo-topográfica. O solo se fende em grotões profundos ou em crateras cavernosas, modificando o aspecto topográfico, como se num “ecran” miraculoso assistíssemos à exibição de filmes cujo deslumbramento ultrapassasse a tôda realidade. A vegetação, mirrada, é rarefeita. Em cada encosta uma abertura em perpendicular, escarpada, testemunhando a era vulcânica-evolutiva que nos precedeu, causa ao espectador extasiado, assombro e emoção. As montanhas apre-

sentam, a cada passo, depressões estravagantes e significativas. A terra, de um roxo-avermelhado, dir-se-ia inteiramente solta, fendendo-se e se arrebatando ao menor abalo. As rochas são quebradiças, moldáveis à mínima pressão dos elementos, num evidente contraste com as rochas graníticas de outras regiões.

Em toda a parte em que as erosões sulcam a terra aparecem vestígios minerais, do que se infere, sem serem precisos conhecimentos especializados, que a gleba ouropretana é um só e vasto reservatório de minérios. E tanto assim é que as usinas surgem, de espaço em espaço, nas respectivas explorações. Contrastando com a característica mineira desse vale soberbo, esbate-se, de várias encostas, o atapetado verde das plantações de chá da Índia cuja adaptação nessa parte de Minas fêz-se com absoluto êxito.

E o vale continua a aprofundar-se mais e mais à proporção que se se aproxima da outrora Capital mineira. Há lugares em que, olhando-se para a frente, vê-se o comboio encurvar-se em direção de uma penha íngreme e elevada. A impressão que logo assalta ao observador é de que ali terminará a estrada e nada mais caminhará. Eis que um interstício aparece entre o maciço das rochas. Por êle o monstro de aço, fumegante, alígero, infiltra-se em louca disparada. O homem encontrou, apenas, aquela aresta no seio rijo da montanha. Por ela penetrou desassombadamente. O rolar de um bloco, o fender-se de um talude e tudo estaria prejudicado por tempo imprevisível. Mas o trabalho é sólido. A engenharia é perfeita e o caminho de ferro, porisso mesmo, disten-se a se confundir com o próprio ambiente, num mimetismo estranho, rasgando o seio à região mais original que, deslumbrados, meu solhos viram até agora!

Ouro Preto — 1941

## DO PAÍS DO FERRO

Hoje encontro-me em Itabirito, outrora Itabira do Campo. Na esteira imensa da trajetória até hoje realizada nesta viagem, já me ficaram, num halo de reminiscências: São João Del Rei, da qual já lhes dei minuciosos detalhes; Queluz, hoje Lafaiete, merecendo destaque pela rivalidade de seus habitantes os quais, por mero e extremado bairrismo local, dividiram a cidade em duas zonas: a velha e a nova ou bairro da linha férrea. Entre uma e outra há uma prevenção acentuada, ao ponto de se selecionarem os respectivos habitantes. O centro principal ou a cidade propriamente dita, fica mais ou menos um quilômetro distante da estação ferroviária a que é ligado por rua calçada a paralelepípedos, muito extensa e em ascensão continuada, capaz de fazer transpirar a mais fria criatura... Lá no alto está a grande praça ajardinada, com uma entrada à guisa de arco de triunfo. Daí desse logradouro, na direção leste, avistam-se longes montanhosos, verdes e escampados, numa deslumbrante perspectiva.

Meio a essa praça, numa elogiável demonstração de gosto urbanístico, a municipalidade fêz instalar uma fonte hidro-elétrico-luminosa cuja beleza é indescrevível. Em jorros sucessivos êsse lindo ornamento projeta ao espaço nada menos de dez toneladas de côres em dez desenhos diferentes, cada qual mais soberbo. Se se pudesse usar esta comparação eu diria que tal suntuosidade é um monumento de pirotécnica hidráulica dos mais raros.

Mariana sucedeu a cidade acima descrita no grupo das que venho de visitar. Segundo informações que me foram dadas é ela a primeira cidade erguida no "país das minas". Porisso mesmo seus foros de tradição histórica ultrapassaram as nossas próprias fronteiras.

Semeada num vale suntuoso e raro em acidentações geográficas, dir-se-ia uma cidade encarcerada pela natureza, sem direito a expansão. Todavia, a aparência é falsa. Além disso ela se eleva de um solo fértil em minérios que afloram espontaneamente. O ouro muita vez é colhido sem grande esforço em qualquer dos regatos que lhe traçam os domínios territoriais. Entre outras, esse minério precioso tem sua maior fonte de extração na grande Mina da Passagem, a dois quilômetros da cidade, cuja produção, não se incluindo outros minérios e seus derivados, atinge a dois quilos diários.

Mariana hoje divide-se em dois bairros diferentes e distintos: — o velho, onde tudo é passado, é reminiscência, e o novo, na região mais baixa, junto ao Carmo cujas águas, sempre turvas pelo batear dos falcadores, vão, montanhas a baixo, lá muito além, unir-se ao Piranga e com êle formar o caudaloso e vasto Rio Doce.

Nesse bairro novo erguem-se melhores e mais modernas construções, bem como uma fábrica de tecidos. Visitar Mariana é recuar de séculos no tempo e penetrar numa cidade medieval onde as igrejas suntuosas, os seminários, os colégios católicos, as vielas úmidas e os muros bolorentos emprestam austeridade, silêncio e reverência. É uma cidade triste, sem bulício, sem trepidações, perdida no meio das serranias como um pedaço do passado esquecido no tumultuar do presente...

Retornando de Mariana rumo à cidade de onde estou escrevendo. Itabirito é a cidade dos curtumes, dos calçados grossos e artefatos congêneres. Também há aqui alguma fábrica de tecidos. Não muito longe encontra-se uma usina siderúrgica — a Esperança, um dos empórios do ferro desta região; usina que já transforma o pesado e importante minério em objetos de uso de que se destacam panelas, arados, semeadoras, capinadeiras etc..

Esta cidade é uma das menores deste ramal ferroviário, e não apresenta nenhuma particularidade que faça jus a maiores comentários, além de ser traçada pelo Rio das Velhas cuja trajetória irei seguir. Devendo embarcar amanhã, esta carta, naturalmente, será terminada alhures, isto porque sigo a plagas outras para mim ainda desconhecidas e das quais desejo lhes falar. Conseqüentemente prosseguirei na sua feitura, quando estiver embarcado, embora aos solavancos do combóio.

.....  
..... Já agora, viajando, assisto a uma desesperada luta entre a vida férrea e o rio de que falei acima. Este, esbôço apenas daquele imponente caudal de além plagas do São Francisco, de que é tributário; humilde, apertado entre serras altíssimas, faz prodígios para alcançar a meta desejada. Às vezes vêmo-lo revoltado, assumindo atitudes de gigante, empolando-se como bisonho batráquio, para precipitar-se finalmente no abismo onde, espalhafatosamente, fragmenta-se em convulsões de espumas. Quando se julga liberto eis que o vale se fecha mais, comprimindo-o em seus graníticos tentáculos. Não obstante o rio não se deixa vencer. Faz umas curvas estratégicas, infiltra-se pelas arestas rochosas, torna-se acrobata original em saltos vertiginosos e lá se

vai, regougando, gemendo, avigorando-se a cada instante, em busca da meta colimada.

Aquela outra — a estrada de ferro, acompanhando o rio, mas sempre a cavaleiro de seu leito, ora o atravessa sobre metálicas pontes, ora se lhe abeira das íngremes barrancas em sólidos viadutos, outras some-se no âmago das rochas através de túneis para galgar, adiante, pontilhões pavorosos estendidos sobre gargantas abismais. E assim caminham, rio e estrada, quase unidos, por longos quilômetros até às portas imensuráveis do sertão mineiro onde se separam para só se encontrarem outra vez, após muitíssimas léguas.

Em Sabará deixarei o Rio das Velhas e rumarei à direita, pelo ramal Santa Bárbara, em busca da Vitória-Minas. Antes de iniciar mais essa longa etapa, detenho-me na velha e tradicional cidade do ouro, cujo passado ligou-a definitivamente à História Pátria porque fê-la palco de uma das grandes lutas de Caxias, quando o celebrado cabo de guerra por pouco não se viu derrotado pelas revolucionárias tropas de Otoni.

Sabará pròpriamente dita é um montão de ruínas a viver de suas tradições. Excetuando-se suas igrejas, seus chafarizes e um que outro monumento colonial nos quais o Aleijadinho também deixou os sinais de sua arte insuperável, nada mais apresenta digno de interesse. Ao contrário, inspira antipatia e causa tédio. Cidade montanhosa, de ruas estreitas e primitivamente calçadas, lóbregas e érmas, é bem um espectro triste e assustador de épocas faustosas que se foram. Os próprios habitantes de Sabará mostram-se-nos aparvalhados, fugidios e antipáticos. A passagem do forasteiro crivam-no de olhares aterrorizados, interrogativos, qual se o tomassem por faci-

nora. Tal foi a impressão que me causou a terra de Julio Ribeiro, que cheguei a tê-la como uma aberração populosa no regaço imenso e hospitaleiro do grande povo de Minas.

Não fôra a colossal usina siderúrgica da Belgo-Mineira, alma e vida de Sabará, com suas seis enormes tórres a baforar, dia e noite, o fumo de suas fornalhas, enquanto, industrializado, lhe sai, às toneladas, dos altos fornos, o ferro em mil utilidades; não fôra êsse grande empório que oferece trabalho a milhares de operários e vida à população sabaraense, a cidade em apreço nada mais seria que montanhosa tapera.

Retornando à viagem vejo-me, outra vez, entre verdadeiro dédalo de montanhas íngremes e altíssimas. Sinceramente extasiado vejo que estou viajando em plena região do ferro "in natura". Para trás deixo Cuiabá, velha mina abandonada que vai voltando à atividade. O trem some-se entre as montanhas imensas, subindo sempre, rumo leste, ora mergulhando, através de túneis, no seio da terra, ora resvalando sobre ela, mas avançando todavia. Em tórno a solidão, o abandono, a decadência. De um lado, ferro; de outro lado, ferro, em montanhas que se prolongam como a guarnecer a linha férrea. De vida humana, longe dos núcleos populosos, quase nenhum sinal além de plebéias habitações perdidas em meio às macegas e aos carrascais.

Os vales ou taludes ribeirinhos desta como de tôda a região que venho percorrendo desde o Rio das Mortes, em São João Del Rei, em que pese algumas exceções, são escarvados e pontilhados de montões fragmentados de cascalhos e detritos mineirais. Dir-se-ia terem passado por aqui legiões famintas de cupins que roessem a terra das margens dos rios, dos

córregos, arróios e riachos, deixando-as em ossadas e esqueletos... São vestígios das velhas minerações que passaram. O ouro saiu-lhes das ávidas bateias, os resíduos ali ficaram como testemunho da evasão de uma riqueza imensa que foi dar vida e nome a povos outros, mais sagazes e egoístas, através do nefando e insaciável imperialismo que há quatrocentos e tantos anos explora, desgraçadamente, a nossa Pátria!

...Novas usinas de ferro surgem à proporção que caminho. Numa verdadeira antítese, esta região lembra-me Campos dos Goitacazes — a nossa Campos. Lá, no seio vasto da planura, elevam-se, de onde em onde, as tôrres avermelhadas das usinas de açúcar. Aqui, entre montanhas ou abismos e alcantis, erguem-se as usinas siderúrgicas. Aquelas recebem o elemento vegetal e sacarino para restituir ao homem, instantes depois, o cristal açucarado. Estas recebem a pedra bruta e devolvem ferro manufaturado. A suprema inteligência do homem modificando a natureza!

Desceu a noite. Tudo se lhe igualou à sombra impenitente. Além, um sem número de luzesinhas pontilhando a encosta íngreme da montanha escura. É a cidade de Visconde de Caeté, pequena povoação, como as suas demais congêneres, sem vida e encravada nestas Astúrias brasileiras. Morro Grande é uma outra importante usina siderúrgica da região e que vem a seguir. Esta organização industrial pertence à grande firma Hime & Cia., do Rio de Janeiro, cujas atividades sempre giraram em tórno do comércio do ferro, sua manufatura e correlativos. Depois de Morro Grande vem a velha Santa Bárbara, cidade de um passado pomposo e que hoje se encontra em decadência. Não muito distante dela, ao sopé da

majestosa serra que lhe deu o nome, está o conhecido, histórico e afamado Caraça, colégio de padres, célebre por sua austeridade educativa.

Não muito além de Santa Bárbara comeco a margem o Piracicaba, principal tributário do Rio Doce. Dizem que é este o mais aurífero dos rios da bacia hidrográfica que atravessa. Porisso mesmo é maior aqui o número de mineradores os quais, semi-nus, com água à cintura e às vêzes ao peito, de "chaula" em punho ou bateia à mão, passam os dias no laborioso afã de colher o precioso metal. Discípulos arcaicos dos antepassados mineradores, nada evoluíram — certamente porque jamais foram lembrados pelos governos no sentido de instruí-los, ampará-los e ensinar-lhes os métodos modernos para o desempenho dessa profissão anônima. Continuam, portanto, semi-civilizados, buscando dia a dia, no seio frio das águas o ouro virgem dos aluviões com que suprem as próprias necessidades nunca removidas e sempre agravadas à proporção que mais caminhamos no tempo. Nada mais sabem fazer, êsses esquecidos brasileiros que, paradoxalmente, colhem ouro. Falte-lhes êsse precioso metal no leito das águas e tudo se lhes terá acabado. Enquanto assim é, a região agrícola continua abandonada. Léguas e léguas de terras perdidas por vales e devezas, formando latifúndios colossais. Nenhuma habitação de lavrador, ao menos, lhes demarca a solidão. Abandono, ruína, esquecimento e nada mais!

O Piracicaba desce, zigue-zagueando, defluindo ligeiro, rumo às longínquas plagas capichabas. Após banhar as plantas à cidade — modesto amontoado de casas que se lhe distende em cordão pela margem esquerda e que lhe tem o nome, ei-lo, bastante além, detendo-se. Começa então a crescer, a alargar-se, a

aprofundar-se, aparentemente parado. Algo se lhe antepõe à marcha, tornando-o mais belo, posto que mais austero e misterioso, ensombrado de matas de uma e de outra banda. Como sigo em direção àquilo que o impede, logo me é conhecida a causa dessa mutação. Trata-se da represa hidro-elétrica de Monlevade, um dos maiores conjuntos siderúrgicos do país.

Rapidamente fica para trás a citada represa. Perdem-se na curva da estrada usina e instalações. Agora se me deparam centenas de pequeninas casas cobertas de palha e tendo as paredes de barro à nossa moda cabocla. Tal maloca estilizada distende-se em aldeia pelas encostas escarpadas e sob o frondoso da mata. Essa cidade de palha vai-se transformando progressivamente em habitações modernas e higiênicas à medida que o tempo permite. E tanto é assim verdade que já estou chegando ao centro populoso em que a cidade aparece com seu lindo casario moderno, onde surgem a cada dia, novos melhoramentos. Ao longe, a cavaleiro da cidade e próximo à serra que lhe garante os flancos, a majestosa usina ruga no seu ininterrupto transformar do minério em utilidades manufaturadas.

Terminado meu serviço profissional tentei visitar o colosso metalúrgico de que me ocupo, embora não possuindo credenciais para tal. Porém, há sempre um brasileiro gentil em toda parte. O próprio guarda e vigia da usina é esse brasileiro que me proporciona a facilidade porque ansiava, servindo-me ainda de cicerone. Entreti. Extraordinário! Aqui são vagões de minério que chegam trazidos pelas locomotivas elétricas, levados em seguida por gigantescos guindastes especiais e emborcados sobre outros vagonetes, lá em cima, os quais, por sua vez, levam automaticamente, o dito minério aos fornos in-

saciáveis. Ali o ferro, já liquefeito, escorre, incandescente sobre formas moldadas em barro especial que à mínima umidade faria explodir com prejuízos totais e riscos de vida. Dir-se-ia torrentes flamíferas tornando-se rapaduras metálicas por um milagre da sabedoria humana. E que calor! Como trabalhavam aqueles operários! Que temperatura infernal suportam esses filhos de Vulcano na sua labuta explorada, sem conforto, sem remuneração compensativa, anônimos, menosprezados, com a "mais-valia" do seu esforço hercúleo enriquecendo sempre e cada vez mais aos generais do capital ou magnatas do capitalismo internacional!

Estes são os altos fornos recebendo o ferro gusa ou da primeira fundição e que, com outros minérios a ele associados, se transformará em aço o qual já se deixa ver, através de espesso vidro azul, em ebulição, pronto a seguir às formas especiais de onde sairá em blocos de milhares de quilos, para os possantes laminadores.

Não muito distante avisto a complicada aparelhagem para o fabrico do arame liso e farpado. Que máquinas engenhosas e interessantes! Com que precisão matemática deixam elas cair, em rôlos sucessivos, o material pronto para embarque!

Em breve, — diz-me o atencioso e delicado guia, cheio de justificado entusiasmo — este aço há de se transformar, aqui mesmo, na mais variada indústria. Desta usina irá sair da agulha ao avião. Para isso esses imensos barracões em cimento armado já foram construídos com todos os requisitos necessários, como o Sr. vê. Isto é um índice de que Monlevade será uma das maiores usinas industrial-manufadoras de ferro e aço das Américas!

Compreendo o entusiasmo sadio e patriótico daquele operário simples. E não tenho dúvidas em concordar com êle. Basta, para isso, que o imperialismo, a força esmagadora do capital estrangeiro colonizador perca sua hegemonia em nossa Pátria e o povo brasileiro, através de governos honestos, assuma o contról desta usina.

Agradei ao meu inesperado e gentil cicerone e, felicitando-o pelo seu patriotismo, rumei para "Presidente Vargas", outrora São José da Lagôa, célebre pelos seus chapéus tipo panamá, de fina confecção local. Na encosta alcantilada e alta a usiña, vomitando fumo por suas gigantescas e esguias tórres, rugia cavernosamente como se fôra legiões de monstros subterrâneos a gemer no coração da terra...

De "Presidente Vargas", cidade sem qualquer particularidade digna de nota, segui à zona da Leopoldina. Cheguei, pela manhã, a São Domingos do Prata, modesta cidade do interior. Numa topografia relativamente acessível, de ruas semi-planas e tortuosas, essa povoação não difere quase nada de suas congêneres da "Zona da Mata". Quanto ao seu aspecto nada há de importante a salientar. Uma praça mais ou menos ajardinada, a indefectível igreja católica, em proeminência, o cemitério, a cadeia pública, com dois soldados à porta, encimada pelo "forum"; a prefeitura, o telégrafo, duas farmácias e perto dessas as coletorias federal e estadual, cartórios, enfim, a máquina burocrática local. Casa de Caridade com legendas latinas para impressionar.. O hotelzinho modesto e a fila de casas em sentido longitudinal acompanhando a rua principal que é também a estrada ou via de acesso à cidade.

A despeito de sua rotineira perspectiva, São Domingos do Prata apresenta alguma coisa de interes-

sante e pitoresco: — é a afluência de camponeses, aos domingos. Todos vêm montados. Em tais dias contam-se por centenas os muares e equinos, arreados e amarrados às árvores num dos lados íngremes da praça. Habitualmente os roceiros vêem à missa no maior dia da semana. Em chegando amarram seus animais àquelas árvores e vão à igreja. Posto isso fazem suas compras, rendem seu culto a Baco bebericando um pouco, e lá se vão após, alegres, felizes, na melhor harmonia, em busca dos lares onde os esperam filhos, espôsas e o trabalho anônimo e menosprezado da semana seguinte; trabalho que nunca termina para os filhos da gleba esquecida.

Finalmente, após cinco horas de corrida ininterrupta numa "peruinha" Ford, aqui estou em Saúde, com saúde, graças a Deus, revendo a Leopoldina, da qual andava afastado há muitos e longos dias. Em breve estarei em Ponte Nova, fechando, assim, o círculo formidável que iniciei há um mês e pouco.

Adeus, amigos.

## DE VITÓRIA A SÃO MATEUS

Queridos:

Não é sem grande satisfação que lhes venho falar um pouco desta nossa terra capichaba que vocês não conhecem.

Vitória — para começar pela capital — vive, atualmente, uma fase notável de animação em face à guerra. O escoamento, em estado natural, do ferro das jazidas de Itabira, em Minas, deu à sede do governo estadual uma vida nova. — Vida efêmera, é bem certo, pois não se baseia ela numa produção própria e normal senão numa exportação alheia e forçada pela contingência do conflito que ensangüenta o mundo e que tem em Vitória apenas o pórtio de embarque.

De qualquer maneira há animação nova nesta capital. Assim é que, alongando seus trilhos através da ponte Florentino Avidos, a estrada de ferro Vale do Rio Doce despeja, diariamente, milhares e milhares de toneladas do precioso minério estratégico no cais de navios encostam quase todos os dias para transportá-lo ao estrangeiro a fim de ajudar os aliados contra o nipo-nazi-fascismo.

Pelo lado do continente a mesma via férrea vai avançando aceleradamente com seus trilhos para o grande embarcadouro especializado que está sendo construído no Morro da Atalaia, fronteiro à cidade. Ali, sob magníficos viadutos de cimento armado que contornam a montanha de granito, vai surgindo o aludido embarcadouro sob a orientação da moderna

técnica e ao impulso de milhares de braços operários a se revesarem numa faina continuada através dos dias e das noites que se sucedem. Terminada essa obra gigantesca os trens chegarão carregados, despejarão o minério nos depósitos e prosseguirão, sempre contornando a molhe de granito, para tornarem, num círculo perfeito, ao ponto de partida. Dos referidos depósitos, em bicas especiais, o minério correrá diretamente ao bôjo dos navios acostados ao embarcadouro. Com essa aparelhagem um carregamento que, no cais atual, se faz em um dia, ali será feito em duas horas. Ai está uma das razões desse dispendioso melhoramento. Acredito que, concluído, o já referido embarcadouro será para o Brasil o que era Narwik para a Noruega. É desse movimento que vem a animação coletiva da capital do nosso Estado. Até aqui, depois da derrocada do café, era ela sustentada quase que exclusivamente por seu mundo burocrático. A guerra, porém, desgraçada e paradoxalmente, provocou esse novo surto de empreendimentos que a movimenta. Porisso mesmo vêm-se, aqui, demolições de velhos casarões, ali, novos edifícios surgindo, além o cais em prolongamento, o calçamento de ruas e logradouros, num turbilhonar de braços, de veículos, de guindastes, lanchas, navios, botes e veleiros, no tumultuar da vida e do trabalho. Infelizmente, porém, tudo isso sem bases firmes, sem alicerces seguros, capazes de garantir o futuro!...

..... Partí às seis horas rumo a São Mateus, numa jornada de trezentos quilômetros para o norte capichaba. Superlotado, o ônibus foi deixando a cidade. Para trás iam ficando Jucutuquara, Maruipe, Goiabeiras, etc. etc.. E o veículo avançava. A topo-

grafia, idêntica à do litoral fluminense em determinada parte da Baixada, semi-plana e êrma, desenrolava-se num cenário de absoluta pobreza.

Uma hora não se tinha esgotado e já nos aproximávamos da orla atlântica pela qual longo tempo viajaríamos. O mar, sempre lindo em qualquer parte que se contemple, numa côr barrenta (influência, talvez, das águas do rio Santa Cruz que desagüa naquele litoral) se distendia ao largo na sua magnífica infinidade. Alguns coqueiros surgiram na enseada arenosa. Dentre êles velhas casas de pescadores, à guisa de maloca, esburacadas e cobertas de palha como sóe acontecer à quase totalidade das habitações dos menosprezados homens do mar. Era a pobre e primitiva aldeia de Jacareipe. Deixámo-la rapidamente. As sete horas e alguns minutos despertei da modorra a que me entregára. O ônibus se encontrava parado e os passageiros todos, em algazarra, tomavam café. Estava eu então em Nova Almeida, velhíssima e decadente localidade praiana, sem qualquer expressão ou importância demográfico-econômica, vivendo a vida silenciosa e atrasada do litoral capichaba, tendo apenas como renome histórico a Igreja dos Reis Magos, há quatrocentos anos erguida no alto de uma colina, frente ao mar, olhando a imensidão.

Novamente em marcha. À direita o oceano. À esquerda, o planalto distendido por distâncias semi-planas, inabrangíveis à vista, tendo ao fundo, muito longe, a Cordilheira Marítima sempre amuralhando a planície atlântica. Para a frente, a distância de mim desconhecida, à qual me atirava. Por tudo a pobreza, a decadência, o abandono.

Carrascais de cambará e macega sôbre um vasto campo de sapê. Algumas "pontas" de mata raquí-

tica caracterizando a região arenosa e árida, numa reminiscência da selva que povoára outrora estas solitárias plagas, eis em que consiste o litoral que estive percorrendo, atestado incontestemente da criminoso e negligente administração de que tem sido vítima o Brasil em tôdas as suas latitudes.

Deixamos o planalto. O ônibus entrou a descer novamente para a praia. Outra povoação, mais densa e aprazível, surgiu-me no recôncavo. É a Vila de Santa Cruz, na foz do rio que lhe empresta o nome. Após rápida parada o veículo fêz uma curva e retomou a superfície alta do planalto. Voltou a mesma desolação, o mesmo abandono. Dir-se-ia uma terra onde o homem é expressão absolutamente nula. Nem uma lavoura, nem uma pastagem, nada! Só carrascais, só taperas e saúva!

Córrego Fundo, Suassú, Santa Izabel, mais adiante, surgem como aldeamentos perdidos neste cenário triste, e vão ficando para trás. Água Boa e Taquaral, que as sucedem, felizmente já me apresentam melhor aspecto agro-géo-topográfico. Tanto a agricultura como a qualidade das terras e a sua topografia oferecem outro cenário ao observador. Daí para diante vai-se notando a influência do braço italiano. Veem-se lavouras, rebanhos e matas ainda conservadas. Os cafêzais nesta região são plantados e conservados sob capoeirões para não sofrerem os rigores da canícula. De original existe na última dessas localidades uma capela erguida à Senhora da Conceição, no píncaro mais alto de uma serra. Tão alto se encontra essa pequena ermida que se torna quase invisível a olhos nus. Imaginemos o panorama a descortinar-se daquelas alturas!

Chegamos a Ribeirão das Linhas, localidade onde se bifurca a estrada, tomando mais de uma dire-

ção. Aí um outro café espera os viajantes, como sempre acompanhado de bolos e biscoitos. Atende aos passageiros uma descendente da velha Itália, portadora de uns olhos azues e límpidos como o céu brasileiro.

O aspecto agrícola continua melhorando sempre. Há maiores lavouras, pastagens mais cuidadas, diversos pequenos rebanhos de gado ordinário, mostrando, todavia, que estes agricultores teem, de fato, noção do que é o ramo agrário. Esforçam-se por harmonizar pecuária e agricultura, fator êsse de fartura e prosperidade que os latifundiários aboliram de seus domínios, preferindo deixar a terra abandonada às macegas e aos carrascais onde prolifera uma pecuária na maioria dos casos desordenada e empírica, a permitir que o lavrador ou camponês a cultive, trazendo o progresso e evitando a miséria às coletividades, ao povo.

A topografia, que se alteou bastante, apresenta um outro e mais sadio aspecto. O mar ficou, à direita, muito longe. As matas se tornam cada vez mais abundantes e densas. Retas formidáveis se deixam ver ao longo da estrada. Paramos em Jacupemba, situação com duas ou três casas, um pequeno negócio e um cemitério. Dir-se-ia um fortim ou bastião primitivo à borda silenciosa da floresta imensa que se vai cruzar. Estamos assim na orla da Amazônia capichaba ao meu desautorizado modo de ver.

Proseguiu a marcha. Para frente o oceano verde da mata fenomenal. Rasgando-a, a estrada avança, muito bem cuidada, permitindo vê-la dez quilômetros além, absolutamente livre de curvas. De uma e de outra banda a selva densa, numa perspectiva de tela magnífica a fechar-se sobre a facha branca da rodovia. Nada mais se vê além do céu em tiras

longitudinais no mesmo rumo da estrada e a floresta silenciosa. De longe em longe uma aberta em capoeira. É o trabalho daninho dos "fazedores de desertos". Derribaram a mata, tiraram a madeira maior e melhor, queimaram o resto e abandonaram a terra. É assim que malbaratam, há centenas de anos, a nossa imensa riqueza florestal que, dia a dia, mais se vai depauperando. Quando teremos eficiente proteção às nossas matas?

E a viagem continua. O motor desenvolvendo sessenta quilômetros horários engole a distância que nunca mais se encurta... Surgem, por fim, os primeiros cacauais agasalhados na mata para se abrigarem do sol causticante. Lá no fim de uma das grandes retas a que me referi um ponto avermelhado aparece. Rapidamente dele nos aproximamos. É a Fazenda Goitacazes, próprio do Estado do Espírito Santo, à guisa de estação experimental, cuja eficiência não me foi possível testemunhar por tê-la visto de passagem. Ao alcançá-la alguma coisa de gigantesco, de impressionante, surgiu-me à vista estasiada: o majestoso Rio Doce.

Meus filhos! Se eu admitisse o orgulho e o preconceito regionalístico, dir-lhes-ia que nos poderíamos orgulhar dêste imponente rio por sermos capichabas. Mas nós nos devemos orgulhar é do Brasil único, imenso, glorioso e forte que há de ser um dia não muito distante, depois que livre o fizermos do imperialismo, do capital colonizador e das forças reacionárias que o escravizam desde a sua adolescência.

Largo, silencioso, lembrando o Amazonas em miniatura, o caudaloso filho da longínqua Mantiqueira, salpicado de ilhas verdes, rola no seio largo da planura selvagem por léguas e léguas, em grande parte meio a uma floresta soberba que se lhe retrata às

águas numa admiração eterna. É muito bonito o cenário que acabo de descortinar!

Do lado esquerdo, ao norte, a cavaleiro de seu leito, numa paisagem linda, a Vila de Linhares, perdida no êrmo, lembra uma dessas lendárias e remotas povoações de romances de aventura. Ali iremos almoçar. O ônibus detem-se à margem da caudal suntuosa. Ao seu encontro vem a barca de passagem. É alguma coisa lembrando jangada, sobre quatro canoas fluviais impulsionadas por um motor de "popa". Embarcam-se os veículos — o nosso coletivo e um carro particular. A maior parte dos passageiros vai em pé na barca. Esta, logo manobra e enfrenta a violência das águas. Trava-se, então, um duelo singular: o rio impulsiona a embarcação para baixo. O motor sustem-na e, contra a corrente, atira-a para o lado oposto. Vence o motor. Atravessamos e, dentro em pouco, como uma fome respeitável, saboreio a "bóia" do modesto hotelzinho.

.....O sol já ultrapassará as divisas do meio dia. Quarenta minutos após, sob um calor de brasas, recomeçamos a jornada. Melhores estradas permitem ao veículo maior velocidade. De novo embrenho-me nas matas. Lagartos em quantidade cruzam à frente do carro que em vão tenta colhê-los sob as rodas. Trinta e três quilômetros percorridos. A mata começa como que declinando, achatando-se. Nota-se-lhe no seio, grande depressão à guisa de vácuo, para as próximas bandas do oeste. O carro faz uma curva e entra a descer. Em baixo, deslumbrante, a Lagôa Juparanã se me desvenda aos olhos encantadoramente bela. Eis a razão da mudança topográfica de que falei.

Com seus trinta e três quilômetros de extensão essa grande lagôa espiritosantense é bem digna das

honras do pincel de um grande artista. Suas praias de areia branca dão-lhe uma orla encantadora, e suas ilhas, dentre as quais se destaca a do Imperador — cujo nome, aliás, é devido à visita de Dão Pedro II à Juparanã, emprestam-lhe a imponência de um pequeno mar. Vista das alturas ela apresenta um aspecto extravagante e ao mesmo tempo bizarro, pois avançando selva a dentro através de angras em várias direções, dir-se-ia um gigantesco polvo. Quando enraivecida ao vergastar do sul — é o que me contaram, e-ila a se arrojar em ondas sucessivas contra as margens, escarvando-as violentamente. Então já não mais é um plácido estendal de águas límpidas e claras a convidar-nos para um passeio em seu dorso espelhante. Ao contrário, é um verdadeiro torvelinhar tenebroso de ondas em fúria arrasadora prontas a roubarem a vida de quem se aventurar penetrá-las.

A margem dêsse belo exemplar lacustre há um ponto de parada onde os passageiros servem-se de café ou caldo de cana moída num "quebra-peito". Após uns vinte minutos de descanso, de ligeira prosa e algumas anedotas para amenizar a monotonia ambiente, eis-nos todos a enfrentar os oitenta quilômetros restantes para o término da jornada. O calor se fazia mais forte. A estrada se alongava em raias extraordinárias. As matas, interminas, virgens, silenciosas e compactas pareciam querer-nos estrangular em seus tentáculos de troncos, lianas, ramadas e cipós que se entrançam e se confundem numa só muralha de um e de outro lado das margens.

Araras imponentes, com sua roupagem verde-escarlate, assistem-nos à passagem lá da sacada esmeraldina de seus castelos de verdura erguidos nas frondes altaneiras. Uma raposa (cachorro-do-mato) aparece à frente do carro. Ao pressenti-lo corre estrada



Farol da Barra. Salvador. Bahia



Cais de minério, em Vitória, Espírito Santo, por onde se escoa, especialmente para os Estados Unidos da América, todo o ferro de Itabira, Minas Gerais

em fora. O veículo persegue-a. O bichinho como que atônito não muda de direção e se vê atropelado. Quando o julgamos sem vida e o motorista vai apANHÁ-lo, ei-lo que se levanta, claudicante, e foge para o mato. Perdeu-se a caçada...

Proseguimos. Flora e fauna sob a modorra asfixiante desses cálidos momentos que se interpõem entre o meio-dia e a tarde, parecem dormir. Uma clareira se abre, afinal, na densa mataria. Nela penetramos para atravessar longa ponte de madeira além da qual paramos. É a parada de Barra Séca, última estância da longa e divertida caminhada. Ali encontramos mais um ótimo café de caldo de cana com tapioca e banana-da-terra frita. Fartei-me dessa guloseima, rara aí para os nossos lados. Ao pagar a despesa a dona do "estabelecimento" cobrou-me quatro tostões. Foi barato, convenhamos!... E levantamos acampamento para a última arrancada. Mas a selva não dava sinais de acabar. O sol escondeu-se lá pra o ocidente, deixando através da ramaria verde, clarão auri-azul naquelas bandas. Do norte nos veio receber uma brisa afável e fagueira. Era o sôpro do oceano distante acariciando a mata virgem. E o veículo, bravamente, devorava os últimos quilômetros. Súbito a mata vai-se tornando menos densa, falhada e rala. Já vejo capoeirões que cedem, gradativamente, lugar a capoeiras, estas às macegas e por fim pastagens mal cuidadas aparecem. Não tardam as primeiras habitações. Ao longe, imprecisamente, surgem os telhados e a igreja de São Mateus. Minutos mais e eis-me no Hotel Peixoto deixando para trás cinqüenta léguas!

..... São Mateus é uma cidade velha, muito velha e decadente, pois, a despeito de seu grande valor

territorial e topográfico, jamais mereceu a atenção dos governos. Lindo é, porém, seu aspecto. Erguida à extremidade do planalto, parte de suas casas está no alto e parte no baixo, à margem do rio que lhe dá o nome, ou semeada na rampa do vale. Para o norte e para leste, na planura imensa e vasta completamente coberta de vegetação bravia, misto de capoeirões e caatinga, as distâncias continuam para as divisas da Bahia.

Esta velha e lendária cidade colonial dá por vista um baluarte que o Espírito Santo fez erguer sempre vigilante, a cavaleiro da planície.

Nada há de particular em São Mateus. Tudo aqui ressumbra antiguidade e decadência, malgrado as riquezas naturais do solo. Há um campo de aviação afastado. Um jardimzinho interessante e muitos coqueiros-da-baía ensombram a cidade. O povo é bom, sendo-lhe peculiar a gentileza do trato e a afabilidade com que recebe aqueles que aportam a esta terra e sabem respeitá-la.

A água, aqui, é vendida às latas, na rua. Pequenas carroças puxadas por bois transportam caixas desse elemento precioso, com torneiras, e o vão distribuindo de casa em casa, durante o dia. Chamou-me a atenção a maneira por que são instigados os lerdos bois dessas carroças. Ao contrário de outras regiões onde o aguilhão é o instrumento de tortura para fazê-los andar, aqui êsses pacientes e infelizes animais — eternos escravizados, têm para espartá-los, à guisa de espora, uma roseta à ponta de uma vara, tornando, assim, menos bárbaro o processo de instigamento. Bom seria que tal sistema fôsse empregado em todo país, já que a proteção aos animais em nossa Pátria é ainda uma utopia.

A luz de São Mateus é péssima. Vezes funciona; outras não. Até agora houve uma pequena e deficiente estrada de ferro ligando esta cidade a Nova Venécia — colônia estrangeira instalada no centro da mata, a cinqüenta quilômetros daqui. O atual governo, do Sr. Punaro Bley, mandou arrancar os trilhos dessa estrada para substituí-los por uma rodovia, numa demonstração indiscutível de seu alto descortínio vandalístico e destrutivo; e uma prova iniludível de sua rapínica administração. Certamente atos desta natureza ficarão abafados, ignorados do povo, até que um dia exsurja, como esperamos, todos os brasileiros sinceros, o sol da democracia e do progresso do Brasil.

A cinqüenta minutos de ônibus está a vila de Conceição da Barra, à beira do mar, na foz do rio São Mateus. Este rio, embora pequeno como o nosso Macaé, oferece calado a vários e regulares vapôres que o penetram trazendo cargas de outras regiões e daqui levando madeira etc..

Há um pequeno comércio nesta cidade, atrofiado, porém, como não poderia deixar de ser em face do desânimo reinante em toda a região, por lhe faltar o incentivo de uma administração sadia, progressista e honesta. Cooperando para tal estado de cousas, o impaludismo endêmico na região, aumenta a miséria e o abandono em todo o município. Desgraçadamente assim é São Mateus: — reprodução palpável de tantas outras populações deste imenso Brasil. Eis tudo quanto me ocorre dizer-lhes do extremo norte do nosso Estado do Espírito Santo.

## PAISAGEM CAMPISTA

Julia:

Comigo tua última carta — a mais linda de quantas me tens escrito. Tenho-a, aliás, há alguns dias. Deixei-lhe, entretanto, a resposta para esta oportunidade previamente designada e que me veio agora.

Como sempre, aqui estou em viagem. Desta feita leva-me o dever profissional a São João da Barra — êsse pedaço de recordação que o passado deixou, (grças à inércia, ao impatriotismo senão a incompetência de governos, ou à força até aqui irrefreada do capitalismo adventício) olhando o mar através de Atafona como se chorando contemplasse a glória, o fausto e a prosperidade que se partiram!

A tarde vem, de manso, aproximando-se. O combóio em que estou, ante a grandiosidade do cenário, bem se poderia comparar a minúsculo ofídio perlustando, lenta e lerdamente, a face lisa e imensurável da planície.

A minha direita espraia-se o oceano verde dos canaviais... Seus pendões maturescentes, simetricamente erguidos, na sua tonalidade pardacenta, ao longe, dão-lhes a perspectiva de enorme colcha estendida na campina. De espaço em espaço, à guisa de bordado em baixo relêvo, destacam-se as clareiras verde-mate dos campos de "angola", onde animais repousam descuidados. Os conjuntos industriais das usinas, com suas tôrres avermelhadas ensaiando, num arrôjo ciclópico, a escalada às alturas, assinalam, à distância, os núcleos industriais de que se orgulha a

terra de Benta Pereira, onde definham gerações de miseráveis operários maltrapilhos e mal alimentados, de trabalhadores rurais doentes e explorados todos, para o bem-estar, a fortuna e o gozo dos milionários do açúcar.

A esquerda, para o norte, o mesmo cenário, apenas intercalado de maiores campos pastoris, de bosques de eucálptos, tendo ao fundo, muito recuada, quase a se confundir com os céus, a Cordilheira do Mar, de um tom azul-cinza, por sobre a qual, numa sucessão de flocos brancos, as nuvens se distendem, multiformes, no horizonte.

Ao centro, rasgando o seio vasto da planura, sempre soberbo e plácido, o Paraíba segue, encrespado as virações que o amimam, lúbricas e amorosas. Sobre o castanho dorso desse caudaloso rio, côncavas, as enfundadas velas das canoas coniuudem-se com as aquáticas aves voando e revoando, alígeras, rente às águas. Por cima "o céu lembra, na altura, um guarda-sol imenso eternamente azul e aberto sobre a terra!"

Vê, encantadora Julia, como soube escolher ocasião propícia para escrever-te!

... Respondo à tua carta e o fazendo, quero agradecer-te, do fundo de minha alma, as referências, embora imerecidas, sobre minhas modestas qualidades cavalheirescas. É mistér, porém, que o saibas nada mais ter feito o teu colega além do seu dever. Já te disse, algures, ser dos que entendem que a discreção deve estar sempre no primeiro plano do cavalheirismo. Mas o importante, o que me causou espanto e me fez desviar a rota de minha descritiva palestra, é a revelação que me trouxe a carta de que falei aqui. Revelação essa que me fez conhecer um oculto sentimento teu, misto de egoísmo e despeito, formando

um doloroso complexo de inferioridade que, muito me decepcionando, provocou-me estranha sensação. Sim, sensação porque constituem sempre, para mim, motivos sensoriais e conseqüentemente de estudo e análise os aspectos psicológicos da alma humana — esse dédalo impenetrável onde se ocultam os íntimos segredos da criatura.

Explico-me: quando me confiaste os versos teus para que os apreciasses tecnicamente, tu mesma me autorizaste a corrigi-los, "rasgando-os se não servissem", na tua própria expressão. Ora, minha colega! Eu não rasguei esses versos pela razão muito simples de não merecerem eles tal sentença — isto em primeiro lugar, em segundo porque jamais praticaria semelhante desconsideração a ti. Embora contra meus hábitos, confiante na autoridade que me conferiste, emprestei-lhes — aos citados versos, o pouquinho de meus restritos conhecimentos de poética, retocando-os, limando-os, tanto quanto me fôra possível, submetendo-os, assim, à forma exigida pela métrica inflexível, visto não se tratar de versos livres.

Disso te fiz ciente, pormenorizadamente, e para melhor orientar-te fi-los copiar em separado juntando-te cópias e originais, éstes com as devidas corrigendas para melhor exposição. Aliás, tudo isso fiz respeitando sempre a estrutura do verso e o pensamento da autora. Insensato que fui! Antes nada o fizesse e, ferindo embora a minha lealdade, a ti os devolvesse, como estavam, acompanhados de fementidos elogios — mesmo perniciosos como são todos os elogios indevidos aos que se iniciam nas cousas literárias.

Teria assim insuflado a tua natural vaidade artística, tornando-te cheia de contentamento e de ilusões. E eu, malgrado minha auto-censura que, cer-

tamente, me agulhoaria a consciência, não teria o desprazer de ver-te ferida em teu egoísmo intelectual, fazendo-te assim vítima de teu venenoso despeito!

E por que me manifesto assim? — Porque tu mesma o permitiste quando silenciando, emudecendo sôbre minha opinião técnica — que não retiro, limtaste a dizer:

— “Quanto a versos, vou desistir, meu amigo-nho. Cheguei à conclusão de que é arte muito fina para criatura leiga como eu!”

Olha, amiga! Não fôra incorrer na tua ira eu te diria, parodiando ilustre intelectual, que não tenho por hábito desmentir ninguém...

De qualquer maneira lamento a tua atitude, tanto mais que dizes ser espiritualizada. Que grande equívoco de tua parte!

Duvido, Julia, que tenhas lido atentamente minha carta. E duvidando, não quero abrigar a convicção de que em verdade assim te expressaste resolvida a cumprir o que me prometeste. Certamente se me iludo prova é de que julgas possível a alguém o dom super-humano de saber uma arte sem passar pelo crivo do aprendizado tal qual os mestres todos.

Indiscutivelmente tens o direito de pensar e agir com bem te apraz, nada me autorizando a criticar-te porisso ou por outra atitude qualquer. De tudo, apenas, ficam-me mais uma lição e um ensinamento...

... Afinal foi-se-me a tarde. Chego ao destino sob a quietude penumbrosa do crepúsculo. Apenas a claridade vespertina me permite ver, ao longe, em castelos que se esboroam num suceder constante, as vagas oceânicas na sua eterna marcha contra a linha branca da praia alvinitante.

Adeus, Julia.

Baixada Campista — 1939

## ATRAVÉS DO SÃO FRANCISCO

Meus amigos:

Hoje lhes vou dar conta de minha viagem através do mais brasileiro dos nossos rios: — o São Francisco.

Cheguei a Pirapora às treze e meia horas de um dia senegalescamente abrasador. No Hotel do Nagibe, sem perda de tempo providenciei na tomada de passagem no “São Francisco”, confortável barco de uma das frotas do “Nilo Brasileiro” e pertencente à Cia. Indústria e Viação Pirapora, que zarparia às vinte horas. A despeito da notícia de que todos os beliches se encontravam, como de praxe nêstes incertos dias de beligerância, tomados pelo exército, logrei um camarote regular.

A cidade, chave de acesso ao coração de Minas pelo vale em que me encontro, quedava-se, modorrenta, a uma temperatura asfixiante. Mesmo assim jantei bem. Após, em companhia de colegas, rumei para bordo. Procediam-se ali aos preparativos inerentes à viagem, tais como tomada de carga, acomodação de mais uma leva dos “livres bandeirantes da Amazônia”, ou simplesmente (coitados!) “soldados da borracha”, aprestos outros etc.. Quero, antes de prosseguir a narrativa da viagem, dedicar o capítulo presente aos brasileiros de que acima falei. Nenhuma alcunha lhes seria melhor aplicada: — “soldados da borracha”. Isto porque o que leva êsses infelizes desprotegidos da sorte ao “Inferno Verde” não é a ambição do ouro que lhes pudesse, ilusoriamente, vir

da extração do precioso latex e sim, indiscutivelmente, essa mesma matéria prima já industrializada em forma de bastões ou cacetetes, nas mãos da escola que os embarca à força, sem a mínima proteção e o mais rudimentar conforto, para a morte lenta nas plagas inóspitas do "Rio Mar". Ai daquele que se recusar ao embarque ou esboçar um protesto! Terá, com a peculiar violência dos verdugos policiais, como aqui tem, por muitas vezes, sido testemunhado, o tratamento infame da "borracha" enquanto a miserável propaganda do DIP infame apregôa aos quatro ventos o "heroísmo" desses brasileiros que, aos milhares, "felizes e bem protegidos, seguem, voluntariamente, para servir à Pátria e se enriquecerem, na misteriosa Amazônia". Que irrisão!

...São dezenove e meia horas. Ao longo da praia, impassível, o "São Francisco" recebe os derradeiros e retardatários passageiros. Lá pela segunda classe vai uma azáfama intensa. Numa promiscuidade primitiva confundem-se carga de toda a espécie: — desde a humana estirada em centenas de redes entrelaçadas, à bovina, pendurada às bandas, para alimento dos que vão partir, e cordoalhas, ferros, sacos, lenha, máquinas à clara luz do barco.

Na prancha de acesso formigam vultos humanos de todos os matises. Em terra, à meia claridade da iluminação que se distinde em cordel luminoso, pela margem, grupos de circunstantes assistem ao "bota-fora".

Pela primeira classe e no salão de refeitório, também aos grupos, espalham-se pessoas em palestra de despedidas. Ao centro, em sentido longitudinal, camarotes com suas portinholas a bombordo e a estibordo, esperam seus efêmeros habitantes. Lá para a ré, serviçais movimentam colchões e arranjos de ca-

ma enquanto moços de bordo inspecionam os pequeninos nadas indispensáveis.

Na amurada, gosando a ventilação noturna, passageiros se refestelam, silenciosos. Sob meus pés o majestoso rio é um estendal de trevas encrespado. Um céu límpido tremeluz como oceano de pedrarias. Lá para as ocidentais distâncias, índice de longínquas tempestades, relâmpagos abrem, em clarões ritimados, os negros horizontes.

Soa o segundo apito em sinal de alerta para a partida. As máquinas, prestes a encetar a marcha, bufam à pressão das pantagruélicas caldeiras. Nas margens opostas, distantes, perdidas na escuridade, um punhado de luzes lembra pupilas fosforescentes e tristes num dolorido adeus.

É procedida à chamada. Ao lado do comissário de bordo um representante policial, atitude serena e ao mesmo tempo austera, de autoridade cônica de sua posição, examina os documentos dos que vão sendo chamados em ordem numérica. Forma-se-lhe em torno um grupo. À minha vez estendo-lhe a carteira de identidade.

Vinte horas e quinze minutos, suspendem-se ferros. Manobra-se e... o barco vai-se afastando lentamente à proporção que as barrancas se vão distanciando. Numa chuva pirotécnica de estrêlas em miniatura fagulhas cobrem a esteira refervente que a roda propulsora deixa no impulso para a frente. Longe, muito longe, em silvos longos e roucos ouve-se uma locomotiva da Central. Responde-lhe o navio com ligeiro apito. Firma-se a marcha e o soberbo palmípede mecânico resvala sobre as barrentas águas na sua jornada de duzentas léguas em pleno seio do Brasil!

Nêste instante, mal deixamos o porto, cruzamos com o "Halfeld", da Navegação Mineira, que vinha chegando, também iluminado. Trocam-se os regulamentares apitos de cumprimento. De novo a calma torna. Pirapora se perde na escuridão assinalada, apenas, à distância, por luzesinhas vacilantes. Vinte horas e vinte e cinco minutos. É servido saboroso café. O vento norte sopra constante e agradavelmente. À margem direita um grupo de luzes múltiplas assinalam as instalações rádio-telegráficas do governo. Raros passageiros palestram no salão. Uma criatura balzaquiana, enigmática e indiscreta, palestra com determinado cavalheiro, envolvendo-o em olhares concupiscentes. Perdido na treva com ramalhete de luzes a boiar, o navio resvala na superfície calma.

Profunda e silenciosamente a noite marcha. O rádio espalha melodias líricas nessa quietude fluvial. Arfam, cavernosamente, as máquinas no benzefejo afã de conduzir-nos. A criatura enigmática e de olhar prometedora vem-me para perto. É vendedora ou aventureira? Oferece-me lindos e minúsculos punhais. A hora, entretanto, não é propícia a negociações de coisas novas à existência... Recuso. Ela se exaspera e, felizmente, afasta-se. Vai "cantar em outra freguezia" até que alguém lhe não resiste a lãbia de nordestina sagaz e lhe passa uma nota de cinqüenta cruzeiros por aquele pequenino instrumento de morte...

Vinte e uma horas. O barco marcha em velocidade pasmosa. As ribas, aos seus luminosos reflexos, parecem emprender um desfile fantástico, em sentido contrário, no qual a vegetação ribeirinha lembra sombras imaginárias num jardim fantasmagórico. À frente, no espelho havana das águas, como pontos lu-

minosos submersos, refletem-se estrélas a tremeluzir. Vinte e duas horas. Cruzamos com outro vapor que sobe, passando ao largo. Repetem-se os cumprimentos. Mais quarenta minutos e as margens que se vinham, acentuadamente, distanciando na treva, como por encanto vão-se-me tornando mais próximas e mais nítidas, numa espécie de esbatimento pitórico em que os contornos surgem à proporção das pinceladas. Um clarão faz-se longe, nos lados do oriente. E vai aumentando. E cresce. E mais se amplia. E já é luz em lâminas incertas através dos crivos abertos nas matas silenciosas pelo desunido das frondes. E logo se torna um foco argênteo que aumenta, que se alacandora e sobe, e galga a altura, e irrompe em plena nudez avassalando o céu azul. Nêste instante o rio se encurva a leste e seu caudal de súbito se transforma numa gigantesca faixa iluminada sôbre a qual desliza o nosso barco. E a lua, na sua ametade de moeda partida ao meio pelo aço do minguante, surge-me, encantadoramente branca, engastada na altura. Todo o seu palor, num instante, envolve as águas, as matas, os cerrados, o sertão, em suma, num inesquecível e magnífico cenário!

Vinte e três horas. Vou recolher-me. Com exceção dos tripulantes, todos dormem. Meu grande desejo, nesta jornada, era conhecer o decantado luar do São Francisco. Indiscutivelmente é inexcedível êste luar!

... Duas horas e vinte minutos do vigésimo sexto dia de fevereiro, segundo dia de viagem. Acordo aos apitos do navio. Salto da "cabine" ao convés para saber o que se passa. Nada de importante. Apenas um passageiro que desembarca em Ibiaí ou Extrema, velha e decadente localidade sem qualquer expressão demográfica comercial.

Seis e meia horas. Tocamos em Paracatú, confluência do grande tributário do São Francisco e que dá nome a insignificante e triste localidade, com suas congêneres desta região esquecida, abandonada na vastidão silenciosa deste deserto verde que o rio traça. O sol com sua claridade tropical envolve, inteiro, o sertão cujas matas se retratam nas águas. A proporção que o barco avança, em bandos vão surgindo os representantes da família ornitológica deste vale suntuoso. São garças de cores variegadas — do branco de alabastro ao rosa levantino; são maguarias cinzentas e esquivos, de pernas colossais e asas arrojadas; são biguás, socós, martim-pescadores ou pica-peixes nas suas três categorias, mirim, médio e gigante, de plumagem furta-côr, olhos de linco e agilidade de rapina. Isto para falar em algumas espécies pescadoras. São os trepadores de espécies inumeráveis de que se destacam araras, papagaios, maitacas e tuins, tucanos e araçaris. São torcazes as ligeiras "asa-brancas", juritis, rôlas que têm como rainha da espécie a queixosa "fogo-pagou". São mergulhões, gaivotas, gaviões, uma vasta povoação enfim de alados habitantes desta região soberba. Uma que outra vez jacarés (não é tempo desses saúrios anfíbios aparecerem às centenas) imponentes suspendem a cabeça alongada para ver quem é que se intromete em seus domínios... Não raro, voando simetricamente em sentido longitudinal da corrente, muito alto, para sul ou para norte formando verdadeiro e extenso cordão de penas animadas, palmípedes silvestres — marrecas, patos etc. perdem-se na amplidão.

Quando assim não é, ou se desviamos o olhar para as margens, vemos mulheres esqueléticas, amarelas, corroidas pela verminose e pelo impudismo endê-

micos na região, de junto às águas, como a fazerem inveja aos do navio, mostrando soberbos exemplares de surubis, dourados e outros lindos representantes da fauna ictiológica do majestoso caudal.

E em meio a este mundo esmeraldino, rico, impressionante, o vasto e fulvo São Francisco se alonga e rola, e sobre êle, minúsculo ante sua grandeza, lembra o navio, em miniatura, uma ilha flutuante apinhada de criaturas.

Oito horas. Após o confortável e bem acompanhado café, detenho-me uma vez ainda, por muito tempo, na contemplação do grandioso cenário. Matas de um lado, matas de outro lado. Ao norte, ao sul, a leste e a oeste, matas, sempre matas, num desafio ao braço humano para desbravá-las fazendo frutificar a gleba cuja fertilidade nada deve às melhores do país. E quando se dará o advento glorioso desse progresso? Quando assistirá esta região privilegiada à sua colonização técnica, ao racional aproveitamento do extraordinário, decantado e realmente inigualável vale do São Francisco? — Certamente quando outros rumos tomar a política nacional. Quando governos vindos, realmente, do povo, e para o povo se voltando, derem ao Brasil a reforma agrária e ao imperialismo apontarem a porta da rua!

Neste momento passa por nós o "São Salvador", que sobe. Soam os apitos no cumprimento de praxe. Também na navegação do São Francisco existe uma grande solidariedade de classe. Sempre que um barco por outro passa, a um simples e convencional apito ou aceno determinado, manobra-se, e solicitado aproxima-se do solicitante para saber do que se trata e oferecer socorro se necessário. Desta vez passageiros e tripulantes de um e de outro barco trocam adeuses e se vão rapidamente distanciando.

Nove horas. Aportamos em São Romão, pequena vila ribeirinha, decadente e triste, cujo povo demonstra precaríssimo estado sanitário. Tenho a impressão de que se me defronta um daqueles povoados praieiros e miseráveis da nossa região litorânea, com suas ruínas, seu desânimo, seu triste primitivismo.

Dez e quarenta. Encostamos à margem direita, num pôrto de lenha, em frente ao Urucúia, rio que de Goiás vem trazer um abraço ao São Francisco. Onze horas, meu primeiro almôço a bordo. O comandante distribui lugares. Tenho a honra de participar de sua mesa, com mais dois colegas, dois médicos e outras pessoas. Excelente a refeição da qual fez parte o delicioso surubi, famoso peixe dos nossos grandes rios.

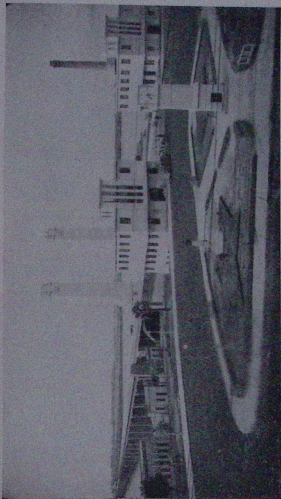
Treze e meia horas. Daqui a uma légua talvez, rio-a-baixo, apunhala o espaço uma torre semi-gótica, à distância. Ali se encontra a cidade de São Francisco, informam-me. Uma das mais populosas do vale e erguida à margem direita. Nela desembarco minutos após, numa rápida visita. Ambiente tipicamente nordestino, impressiona agradavelmente esta cidadezinha, principalmente por sua praça ajardinada onde se veem diversas qualidades florícolas.

Novamente em viagem. Para trás continuam ficando as léguas. Para a frente vão-se estendendo as léguas. Pomares, lavouras, fazendas, taperas vão ficando. Ao longe também fica o estendal branco de roupas que as lavadeiras estendem pelas margens. Dezoito horas. A sineta de bordo volta a convidar-nos, desta vez para o jantar. A tarde vai desfalecendo. O sol, partido ao meio pelo gume da linha horizontal, despede-se do sertão. Que lindo entardecer!

Outra vez baixou a noite sobre o São Francisco. Ao sul nuvens em constante mutação formam bizarros castelos que se movem aos últimos clarões do ocaso. Neste instante passo em frente a Maria da Cruz, pequeno arraial que dá acesso a uma estrada meio rodoviária de centenas de quilômetros para Montes Claros. Encrustada no seio azul-marinho da imensidade, Vesper saúda-nos num sorriso cintilante. Dezenove horas e trinta minutos. Ao sair de uma curva depara-se-me, além, rente à esteira das águas, a luz tremeluzente de Januária. A "capital" do São Francisco, em Minas, parece-me, à distância e a esta hora, uma miragem luminosa esbatida na ganga escura da terra dormitante. Estou neste momento quase concluindo vinte e quatro horas de uma viagem encantadora e assim completando um percurso de trezentos e vinte quilômetros — cinqüenta e três divertidas léguas!

...O cais de Januária regorgita. Criaturas de todos os tipos e categorias aguardam a chegada do navio. Crianças, junto ao rio, apregoam guloseimas de que se destacam frutas, pirulitos de mel etc.. Manobrando, como sempre, cautelosamente o lindo barco atraca. Após a regulamentar visita policial piso o solo januairenses por íngreme escadaria de pedra guarnecida por grandes colunas arquitetônicas estilo barroco, das quais pendem duas lâmpadas elétricas em cada face.

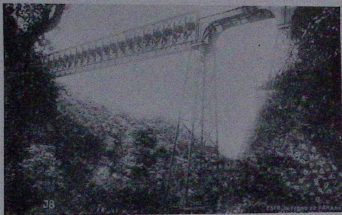
Inegavelmente Januária é a maior das cidades mineiras debruçadas sobre as águas avermelhadas do São Francisco. Situada à margem esquerda deste soberbo rio, sua beleza panorâmica é digna de menção, pois domina uma planície imensurável a distender-se por léguas na direção de todos os ventos. Lá nos confins dessa largueza, de um e de outro lado, a



Ponte Agustín Justo, sôbre o rio Uruguai, ligando o nosso país à Argentina, em Los Libres. Lado do Brasil, em Uruguiana.



Av. Borges de Medeiros. Pôrto Alegre. Rio Grande do Sul.



Ponte São João. Trecho ferroviário no ramal Parana-gua-Curitiba. Paraná.

muralha azul das cordilheiras; muralha que mais se acentua nos horizontes de leste.

A densidade demográfica desta cidade, atualmente, eleva-se a quinze mil almas, segundo informações colhidas aqui. Januária tem um comércio muito desenvolvido a serviço do qual se encontram verdadeiros diplomatas. Zona riquíssima, exporta, constantemente, produtos agrícolas, minerais e animais. Dos primeiros destacam-se a mamona cuja exportação em 1941 atingiu a cinco milhões de quilos num valor de sessenta milhões de cruzeiros e o algodão cuja produção é igualmente considerável. Dos segundo excede a prata de que vi barras maciças, fundidas empiricamente. Deste minério o consórcio Marrazzo, como bom imperialista mirim, possui em Januária vasta jazida inexplorada e se prepara, segundo informações que tenho, para enfechar nas mãos as demais que ainda permanecem em poder de outros proprietários. Dos produtos industriais a afamada aguardente de Januária ocupa o primeiro lugar. É realmente um ótimo produto no gênero. Tem apenas, entre muitos, um grande defeito: estranha o fofasteiro que o experimenta ao ponto de levá-lo a seríssimas carraspanas, como pude observar em dois senhores paulistas que aqui chegaram...

Quanto ao reino animal salienta-se, na exportação em referência, a de peles, não só de animais domésticos, mas, igualmente, silvestres, cujas partidas se empilham nos armazéns. Não se pode esquecer a exportação de gado bovino, porcino e caprino, que representa grande fonte de renda para o município. Cooperam grandemente para esse padrão comercial em Estado de Goiás, cujo leste inteiro comercia em Januária ou por seu intermédio. Assim é que, diária-

mente, batem aqui tropas do grande Estado Central, carregadas e que voltam igualmente carregadas.

A despeito de tudo isso Januária é uma cidade estacionária e maltratada, feia e suja, possuindo muita pobreza e muita miséria. É o degradante e clamoroso contraste brasileiro. Conservando autêntico estilo colonial praieiro, suas ruas se distendem por quilômetros estreitas, sem calçamento e maltratadas com exceção do centro ou perímetro central, o "coração" da cidade. Casas velhas, feias, geminadas por quarteirões inteiros. Raro é ver-se um prédio em estilo moderno ou mesmo novo. Como todo o interior brasileiro, muito principalmente o sertão mineiro, esta cidade resente-se da falta do amparo oficial, pois os governos teem-na relegado sempre ao absoluto abandono.

Porisso mesmo é notável a falta de instrução primária e profissional à infância. A população rural, raquítica e sem recursos, falecem os meios de tratamento da saúde. Não há estradas rodoviárias, não há hospitais, não há, em suma, qualquer iniciativa que vise a libertar estes brasileiros da miséria física e moral que os consome. Os ricos e remediados buscam na capital do Estado os recursos de que precisam. Os pobres definham e morrem no abandono. Esta a realidade tremenda!

Há aqui alguns clubes dançantes e um cinema que funciona aos domingos, quando há luz. Esta não é das piores, tratando-se de energia a vapor. Mas só se faz presente à noite. Não há água encanada, o que representa uma verdadeira aberração, pois Januária tem, como a garça da lenda, os pés eternamente banhados por um dos maiores rios do Brasil. Porisso mesmo é de notar-se aqui, no serviço de transporte d'água, principalmente, o "gegue" que é o nosso

jumento no centro e no sul do país, e o jericó no norte. Introduzido em Januária, como animal de carga pelos pernambucanos retirantes, o ancestral do burro presta à população local um grande serviço no abastecimento do precioso líquido, que é servido ao preço atual de quarenta centavos o barrilote. Assim vemos os compassivos e minúsculos asnos, em lotes, pelas ruas, pacientes e tardos, ao péso da carga, oferecendo um curioso espetáculo aos que aqui chegam e gostam de observar os costumes regionais.

Outra coisa a salientar é o adorno das canoas e barcaças. Cada uma delas tem a rematar-lhe a prôa uma modalidade qualquer de relêvo na própria madeira, à guisa de enfeite, que tanto pode ser uma esfera, uma cabeça de cavalo como uma cruz ou um busto de mulher. Fiquei pensando, ao contemplar essa excentricidade, que esse gôsto dos januarenses tem qualquer relação ou afinidade, embora muitíssimo recuada no tempo e no espaço com as gôndolas de Veneza, as galeras romanas, os barcos da Fenícia ou as lendárias naus lusitanas... Quem sabe?

Não me posso furtar à menção, nesta correspondência, ao linguajar dos brasileiros da terra de Carlos Chiacchio. Todos se expressam num dialeto regional cantado e lânguido, misto de tristeza e negligência vocal em que se acentua o vocabular nordestino, porém, deturpado. Poucos dias de convívio com este povo leva o forasteiro, como que arrastado por força insensível, a pronunciar na mesma tonalidade. As crianças principalmente causam muita graça com seu tagarelar musicado. Pena é que me não seja possível gravar essa maneira de falar tão interessante.

Justiça se não negue à lhaneza, à hospitalidade e à distinção do povo de Januária. Fora dos meios co-

merciais, a princípio os que aqui aportam são recebidos com certa reserva. Alguns dias, porém, de convívio com estes brasileiros sentimo-nos cumulados de amabilidades e gentilezas simplesmente cativantes.

Contristadamente e sem que nisso se tivesse qualquer intenção de maledicência, saliento, apenas como observador, comprovando assim o que acima ficou dito, a pobreza existente em Januária. Aliás é isso anomalia social notada em todo o interior do país onde o contraste entre a opulência de alguns e a miséria de muitos punge a alma dos que sabem sentir a dor humana. É o famigerado fruto do regime capitalista que impera em quase todo o mundo onde o vil capital colonizador exerce a sua tirania. Há casos aqui, relativos à miséria moral e física, de tal sorte pungentes, que não encontrariam expressão bastante forte na mais humana e realística pena de um Gorko ou de um Hugo. O forasteiro tão logo desembarca é assediado por verdadeiro turbilhão de criaturas mutiladas e esquálidas, vítimas na sua maioria da sífilis e em sua totalidade do desprezo inominável dos poderes públicos, pedindo sem cessar, "uma esmolinha pelo amor de Deus". E eu fico a pensar: até quando se evocará esse nome para matar a fome das criaturas que a sociedade que se diz cristã continua vitimando e empobrecendo!...

Há outras escabrosidades de que me deveria abster de falar, pois, infelizmente, não posso, delas me ocupando, despertar os que podem e têm obrigação de zelar pela moral do povo e que se negam, criminosamente, a enfrentar tão deprimente problema. Quero referir-me à prostituição. Sendo o interior norte de Minas o mais vasto fornecedor das criaturas que constituem essa dolorosa mácula social, inegavelmente Januária ocupa, das regiões que conheço,

destacadamente, o primeiro lugar nesse vilipendioso sentido. Travei relações aqui com um delicado moço caudaloso, atualmente promotor público nesta Comarca. E ele me disse, constrangido e revoltado que, desgraçadamente, a quase totalidade dos crimes em que funcionava, era de defloramentos. E adiantou-me ainda mais, constituir seu maior esforço consensual que os próprios pais das desviadas firmassem denúncia contra os autores de tais atentados! E assim, pobres e muita vez impúberes criaturinhas, são atiradas à lama vil da prostituição pelos desumanos e poderosos, cujas bolsas estão sempre prontas a fazê-los intangíveis à ação da justiça!

... A principal e única novidade em Januária foi, é e continua sendo a chegada de vapores, freqüente na ocasião das águas e esparsa nas estiagens. Dessarte ficam-se dias sem novas sensações até que aparece, do norte ou do sul, um barco trazendo jornais, notícias, forasteiros. Há então um movimento novo na cidade e a gente nota a diferença. Após, retorna a monotonia. A calma volta a reinar nesta população genuinamente brasileira —tão brasileira que se não conta entre seus milhares de componentes, um só estrangeiro. Isto, porém, não quer dizer que Januária viva isolada do mundo e que seu povo esteja alheio às cousas da atualidade. Absolutamente não. O januarense, principalmente do comércio, através do rádio, do telégrafo e da esparsa aviação, está sempre em contacto com o mundo exterior, com os grandes centros civilizados e porisso mesmo enfronhado nos modernos acontecimentos.

E aqui finalizo rendendo meu preito de agradecimento a quantos me distinguiram com sua gentil acolhida. E o faço convicto de que, o dia em que o Brasil, desperto, volver seus olhos para os rincões

longínquos do seu interior, Januária será, não apenas o centro indústriocomercial respeitável em que se transformará; não apenas uma região de turismo e de belezas naturais, mas também um baluarte insuperável da grandeza brasileira. Para tanto não lhe faltam possibilidades.

Assim, meus amigos, eu vi Januária. Assim conheci um pouco do São Francisco e, como um delumbrado, deslizei-lhe sobre as águas e contemplei-lhe as belezas indescritíveis e as misérias dolorosas!

## A CÉSAR...

Caríssimo  
Tenente:

Não com a "gaiola doirada" em que o fidalgo capricho dos humanos encarcera aqueles cujo delito é inundar de gorgeios os nossos bosques e devezas, mas com o céu aberto de minha alma de poeta, receberia, feliz e jubiloso, o "lindo pássaro de fenomenal plumagem" que as "matas" virgens e puras de sua imensa generosidade me enviaram, fôra o anônimo plumitivo a que êle se destinára, seu legítimo merecedor.

Assim não é, porém. Infelizmente não me cabe a paternidade da frase "velho monge". O "infelizmente" aqui vai apenas como força de expressão uma vez que a imagem usada não em relação ao nosso Paraíba e sim ao nordestino Parnaíba está magnificamente bem na luminosa inteligência do belo poeta de "Engenho de Madeira" — o grande da Costa e Silva.

Eis a razão pela qual lhe venho, pressuroso, pedir permissão para lhe devolver a honrosa oferenda solicitando-lhe ao mesmo tempo, conservá-la, se possível, à sombra bemfazeja de seu ambiente originário de onde, se essa ventura me fôr proporcionada, para felicidade minha, possa de novo — e então legitimamente, recebê-la um dia...

Admite e aceita o inteligente amigo a coincidência como fenômeno existente e assistente às criaturas? Eu o afirmaria, antes de sua resposta, se lhe dissesse que ela aqui está, neste instante, enquanto as reumá-

ticas teclas de minha velha portátil impulsionam as letras num martelar barulhento, sôbre o papel, na feitura desta carta descolorida e má. Aqui se acha a coincidência oferecendo-me por cenário as margens silenciosas do belo Paraíba.

De "uma e de outra banda" os morros se alongam, escampos, alicerçando os pináculos de granito, muito altos, nem sempre vestidos de vegetação e nem sempre aproximados. De quando em quando (para que êles se não transformem em muralhas ininterruptas) os interstícios dos vales, em cujos vértices garguleja a água branca dos córregos abruptos que veem trazer ao másculo caudal o tributo humilde das fontes sertanejas, separam-nos, profundos. Não raro, na multiplicidade da paisagem, os gados em pastoreio descuidado, denunciam a presença da pecuária na região agreste. Ao longe, manchando de verde-claro os escampados, canaviais acenam para os céus imensos e tranqüilos com os braços esguios de suas frechas maturescentes...

E as fazendas vão surgindo à proporção que o trem avança, solarengas, monótonas, assinaladas por um que outro coqueiro heráldico a nos lembrar rijos mordomos às portas castelãs da faustosa burguesia que a realidade vai aos poucos fazendo desaparecer do seio dos povos... Rasgando a policrômica paisagem, aparentemente quieto, desce o Paraíba. Como é belo o Paraíba!

A calma vespertina em que a natureza dir-se-ia prestes a repousar no regaço negro da noite, êle deflui, soberbo, como se consciente de sua grandeza, banhando as ilhas que o leito lhe povoam, beijando as frondes que se lhe debruçam, apaixonadas, no alongado espelho e retratando as montanhas cujas faldas nele se abeberam...

Longe, bastante longe, onde se avolumam nimbus, fugindo à investida da treva, o sol vai pondo sôbre as cousas tonalidades de ouro em mutações sucessivas. E aqui, e ali, e além, na humildade triste de sua pobreza irremediável, os casebres, os ranchinhos, as palhoças tristes do pobre camponês abandonado, do expoliado trabalhador rural, vão assinalando a miséria contrastante dos oprimidos com a opulência dos que se apoderaram da terra e dela fizeram monopólio absoluto neste Brasil feudal, de prepotência e de analfabetismo!

Esta a oportunidade que a coincidência me ofereceu para responder-lhe a bela carta de dez de junho próximo passado. Surpreendeu-me sua honrosa solicitação. Isto porque nos dias que correm é por demais difícil encontrarmos alguém que se interesse pela literatura epistolar, indispensavelmente prolixa, prolixamente estafante quando da pena inadestrada de um bisonho literato da marca de quem lhe escreve.

Mas agora que ambos nos entendemos, não vejo porque encontrarmos dificuldade para trocar as nossas cartas. De mim, adianto-lhe, êsse intercâmbio me será sumamente grato e sobremodo aproveitável. Sei perfeitamente que a despeito de viver entre criaturas civilizadas, meu prezado amigo está isolado no seu mundo subjetivo porque o exterior que o cerca é por demais utilitarista para compreender uma alma sensível de intelectual e de artista. Outro não é o ambiente em que moirejo. Só a força indomável de uma vontade férrea ajuda-me a quebrar o círculo do indiferentismo ambiente para mandar meu grito aos que me possam compreender.

Meu utópico ideal seria criar uma organização litero-epistolar através do qual nós os intelectuais de

todo o Brasil, quiçá do mundo, pudéssemos nos entender intercambiando idéias, comungando, enfim, na ara benfazeja da confraternização universal. Que sonho vão!

Mas afinal estou-me alongando sobremaneira e os limites de sua complacência, por certo, não de estar chegando ao fim como a luz solar de hoje que anda, já agora, lá pelos cabeços dos montes aloirando os pincares, quase desaparecendo...

Meu adeus, portanto. Receba dêstes rincões longínquos de sua terra natal o abraço dêste compatriota agradecido.

## A MINHA ESPÓSA

...Para o alto as serras, cobertas do "nativo" hirsuto, uniforme sempre, jamais modificado, mesmo à força das intempéries ou refregas climáticas. Para baixo os vales sulcados pelo Rio Pardo, a se perdem por entre montanhas, mostrando ao longe uma lagoa solitária cercada de canaviais em cujo seio aflora, de uma fazenda, a casa de paredes brancas e terreiro avermelhado. Perto, o "cerrado" meio ao qual se esbatem aglomerados rochosos em formas extravagantes, hispidas e agressivas, como que voltadas à guisa de baionetas desnudas, em guarda contra os céus...

Ao longe, tanto quanto a vista alcance, os horizontes largos, retilíneos, de que se abeira o sol rútilo e rubro. Abaixo deles as sombras se vão alapardando pelas encostas das cordilheiras intermináveis. Em cima a lua, branca e fria como noiva ante o hime-neu. Serpeando em curvas gigantescas a linha férrea, por onde se arrasta o comboio arfante, a rilhar, a ranger no contacto do aço contra o aço, vai ficando pelas faldas acidentadas, mas sempre sob os nossos pés. A tarde vai morrendo. O sol põe lampejos de ouro nas escarpadas rochas. A siriema salta no encurvado galho do arvoredado e desfere seu canto altisonante, estríduo e desharmonioso, em despedida ao dia que se estertora nos seus últimos instantes.

A centenas de metros, no abismo tremendo de que me abeiro, o rio espadaneja em saltos e arremessos, premido pelas escarpas. Por tudo uma beatitude

nostálgica e silenciosa. O frio, aos poucos, vai-se me infiltrando, enregelando-me os nervos. Carinhosa, um tanto impertinente, bate-me em cheio à face uma brisa que não sei de onde vem, tornando-me mais cruciante esta nostalgia, esta saudade que vive sempre com o viajante solitário que tem a infelicidade de ser sentimental.

Meus olhos se enchem desta magnificência bucólica, diferente, estranha e caprichosa que só as plagas diamantíneas tem a glória de possuir. Meu coração se contrai à punhalada de uma insatisfação indefinida e incontentada. Meu pensamento vóa para junto das minhas idolatradas criaturas pelas quais vou passando a existência fora do lar e entre as quais vives tu, minha companheira, minha amada. E esta interrogação de novo brota-me sem resposta: — por que não me escrevem os queridos? Por que silenciam quando lhes tenho enviado tantas cartas?...

Nem sequer uma alma irmã comigo partilha esta tristeza, esta angústia horrível. Tudo em torno a mim é aridês, é vulgaridade!

E a tarde é quase morta! E o frio aumenta. E a ascensão continua. Já me aproximo dos mil metros. Mas vou subir ainda e muito. Límpido e azul o céu parece indiferente à mágoa minha. Só a lua, mais branca, mais fria, dir-se-ia compreender-me o sofrimento subjetivo. Deus, ó Deus das criaturas! Por que me fizeste artista? Por que, Senhor, me fizeste poeta nestes dias tão divorciados das cousas espirituais?!

.....  
..... O acidente transmutou-se em palco de cobre repolido. Junto à cortina de fundo o próprio sol se ocultando atrás da longínqua nuvem que o fêz,

num milagre de perspectiva, tomar a forma de obelisco, lá está, deformado, lembrando-me brônzea colunata medieval, despedindo-se igualmente triste, da terra que adormece.

Acentua-se a ascensão. Meu coração parece estalar de ansiedade. Em breve estará à vista a terra dos diamantes.

Anoiteceu definitivamente há alguns instantes. Mas o rei dos astros persiste, a despeito disso, como que penalizado em deixar a tarde, a iluminar as ocidentais distâncias. E assim, por um ângulo que se me depara entre abruptas penedias distantes, mostra-se-me êle, debuxando em luz, das abismais profundidades do ocaso, os lindes horizontinos, e oferecendo-me um cenário maravilhoso em naturalidade. Mas... estou só. Tão só, longe de ti, Morena!

..... Algumas nuvens negras franjadas de metálicas estrias, estendidas na linha do horizonte rubra e quieta, formam vultos estravagantes de animais e de coisas singulares que se vão modificando rapidamente à proporção que os instantes passam. E aquela vastidão sem fim, plácida e fria, lembra fantasmagórico lago em que se tenha mergulhado toda a luminosidade universal!

Mil e quatrocentos metros de altura! Andam agora acima de mim algumas nuvens desgarradas, brancas como espumas de escarcéus, sonâmbulas, em passeio pelo espaço. Absoluta nitidês no azul cerúleo enrustado de brilhantes. Tenho a impressão e chego mesmo a pensar que são aqueles os legítimos originais das cópias que se agasalham no seio vulcânico da terra que palmilho... Há entre êles uma estrêla sublime a brilhar como um sol diamantino coroad

de espinhos rutilantes, engastada na banda oeste do céu. Será Venus, a lendária Venus dos poetas e dos pastores?

O frio aumenta. O vento cortante que varre o chapadão escampo da serra enluarada, cresta-me os lábios. Dentro do peito, a estertorar-se como velho brigue ao embate da tormenta, meu coração sente a deslocação da altura e dá sinais de que já se vai cansando de bater...

Para além, nos lados do oriente, através dos Serros Diamantinos, sob a gase alvinite do luar, dormem as cordilheiras de leste. Como um ninho de luz que se esbate, inesperadamente, tremeluzindo ao longe, Diamantina aparece. A chegada se aproxima.

..... Dois dias são passados do início desta carta que termino agora. Quatro horas da manhã. Tudo dormia na cidade alpina. Apenas velavam os relógios das catedrais antigas, e os galos lembravam a horas aos que iam partir. Sobracei minha bagagem e ascendi o tôpo da colina em busca da estação férrea, a mil e duzentos metros de altitude, e quatro milhões de metros do Rio de Janeiro. O frio era severo. Passageiros alojavam-se, sonolentos e encolhidos nas poltronas. Estendido junto à gare o combóio ia recebendo, impassível, sua heterogênea carga. A locomotiva, à pressão do vapor, arquejava aguardando a hora da partida.

...Cinco horas da manhã. Libertando-se da noturna treva a estepe diamantina vai-se, lentamente esbatendo nos seus relevos suntuosos. As estrêlas perdem o brilho e pouco a pouco vão desaparecendo. O clarão da aurora que ressurgiu vai-se abrindo gradativamente. O orvalho da manhã transformando-se em geada põe gotículas de cristal gelado nas vidraças

arreadas. Guinda, ponto de parada nestas pirinaicas altitudes bem mais se parece a uma cabana de caçadores perdida em campos siberianos. O cenário é miraculoso. Nenhuma pena humana ou pincel genial seria capaz de descrevê-lo ou pintá-lo na sua pompa original. Dominando a vastidão da serra, soberbo, alcandorado lá perto do infinito, mostra-se, desnudo, o Pico de Itambê, sentinela eterna destes sérosos.

... Mas o sol — como as notícias tuas que espero ansiosamente, não chega! O comboio entra a descer resvalando célere e o chapadão vai ficando, silencioso e gélido, aguardando a luz que o aquecerá.

Sinto que uma alegria adolescente e tímida me acalenta a alma triste. Talvez porque vou regressando, vou rumando para os lados de meu lar. Mas, quando lá chegarei? E a Vitória-Minas que me espera? E Teófilo Otoni, onde, talvez, irei?

É uma ilusão apenas. Se os quilômetros que de ti me separam se encurtam agora, em breve se alongarão outra vez. Estender-se-ão novamente, implacáveis, eis a realidade. Hoje tenho à frente quatrocentos e vinte quilômetros até Belo Horizonte. E te-rei, ao fim desta jornada, notícias de vós todos, amigos meus?

Com esta inquieta interrogação ultimo a presente missiva. Adeus, minha querida.

P. S. — Após um mês e dias desta carta, a morte arrebatou-me a querida destinatária, trazendo-me a cruel viuvez.

## TEÓFILO OTONI

Meu querido  
Gilson:

Cheguei ontem, à tarde, vindo de Teófilo Otoni. Finalmente conheci essa importante cidade do norte mineiro. Pela sua importância comercial, por suas possibilidades futuras e pela posição que ocupa naquela parte longínqua do grande Estado montanhês, entendo ser necessário dela falar-te detalhadamente. Estou deveras impressionado com tudo o que me foi permitido ver e observar naquela região e em seu grande centro populoso encravado no âmago norte desta terra, muito principalmente no que lhe diz respeito à gentileza do povo, à exuberância do solo, à pontencialidade do comércio, bem como ao malbarato da terra e ao abandono do homem lavrador.

No mesmo dia em que vos mandei minha última mensagem, às vinte e uma horas, tomei lugar numa "jardineira" que largou, rumo norte, mergulhando na treva densa e fria. Uma sensação estranha então de mim se apossara. Na escuridão tudo me era misterioso. Sobre mim, o céu estrelado. Para os lados e para a frente tal como para trás, o negror apavorante da treva que tudo nivelava. Apenas o farol do carro mostrava-me a estrada se alongando sempre. No meu assento, sem ter um conhecido com quem pa-lestrar, ruminava meus pensamentos que se entrecruzavam como abelhas de misteriosa colméia, indo às mais recônditas e longínquas regiões e retornando à

sede intrincada e turbilhonante das idéias para de novo partirem...

E assim caminhei horas a fio, quando nos detivemos numa vila denominada Igreja Nova hoje Campanário. Ali o motorista foi acordar o hoteleiro para arranjar-nos um cafézinho. Chamou-me a atenção nesse lugar o título de um estabelecimento comercial: "Casa das Filosofias". As minhas indagações a respeito dessa curiosidade disseram-me tratar-se da venda de um sírio, filósofo nato, embora inculto. Contam dele coisas muito curiosas e interessantes. Dentre elas a seguinte: — um grupo de viajantes, certa vez, pediu-lhe uma "cachacinha". Depois do apetitivo perguntaram-lhe o preço. E o comerciante, filosoficamente, respondeu-lhes: — "são os senhores que podem avaliar o prazer que lhes causou o trago bebido, portanto paguem esse valor". Como vê, ali estava um Diógenes à sua moda, não é verdade? O pior é que o "grego" sírio achava-se em sérios apuros financeiros com a falência a bater-lhe às portas. De tudo isso infere-se que filosofia e comércio não se conciliam...

Proseguimos a jornada. Dormitei um pouco. As três da manhã seguinte entramos em Teófilo Otoni. Seis horas havíamos gastado na viagem inegavelmente boa. No hotel em que me hospedei não havia quarto desocupado. Fiquei de vigília até o amanhecer, quando fui à estação férrea em busca de um café. Essa estação pertence à Bahia-Minas que parte do litoral sul baiano, em Caravelas, vem a Teófilo Otoni e prossegue até Araçuai.

Voltei ao hotel, eram seis horas. Fui conhecer a cidade num ligeiro passeio matinal. A impressão foi-me agradável. Teófilo Otoni está situada entre morros não muito elevados. Tem uma longa e reta rua

principal que se estira em sentido norte-sul. As demais ruas — menos duas outras que lhe vão paralelas, são-lhe em sentido transversal, não muito longas. À direita ou leste, a cavaleiro de um dos morros, ergue-se a catedral, sem qualquer particularidade apreciável. À esquerda, também sobre elevação proeminente, está a caixa d'água de abastecimento à cidade. Ao fundo da via mais importante, na banda norte, está o quartel do exército. Ao sul, quase no centro, a Praça Tiradentes, principal logradouro, tendo uma parte arborizada e outra cuidadosamente ajardinada, onde se destacam tufos de cipreste e roseiras de lindíssimas e alvas rosas. O trato desse jardim é bem esmerado e seu aspecto realmente agradável. Frente a êle, no morro, há uma semelhança de bosque onde se vêem coqueiros e outras árvores em promiscuidade. Observei ali coisa que acredito não tenha sido notada pelos próprios habitantes locais, um símbolo vegetal interessante: — entrelaçados e confundidos como que propositadamente, há um coqueiro-dabaia e um pinheiro do Paraná, como que simbolizando o norte e o sul do Brasil confraternizados através daqueles dois vegetais, no coração da terra mineira.

O casario da cidade é em geral arcaico, começando a modernizar-se. Vários edifícios e habitações de estilo atual já se encontram aqui e ali. Foram inaugurados recentemente um bom hotel e um magnífico cinema com as mais modernas instalações. A cidade possui educandários ginasiais e teológicos além de escolas primárias.

Em torno da zona urbana distendem-se pelas faldas íngremes e pelos vales, os subúrbios em miniatura onde vivem, como em todos os centros populosos de nosso país, o proletariado e a pobreza (que no Bra-

sil sempre vivem juntos...) alicerce básico e explorado da riqueza la aravaz e farta.

A vida de Teófilo Otoni é pacata e amena. Ao que me foi possível observar, nula é a produção agrária na zona rural mais próxima onde o latifúndio impera. Não vi qualquer lavoura digna de menção. O movimento comercial, sólido e amplo, firma-se na extração de pedras semi-preciosas, cristais hialinos, pecuária, café e cereais vindos de regiões afastadas. Sendo riquíssima e vasta a zona que lhe serve, todo o comércio é feito em Teófilo Otoni. Aos sábados realiza-se a feira semanal, animada e pitoresca pelo colorido regional que a caracteriza.

Os videntes comerciais teem naquela praça, quase sempre, a sua tábua de salvação. Quando lhes falham na produção as demais praças da zona, é ali que, invariavelmente, completam suas cotas de venda. Os comerciantes de Teófilo Otoni são de uma delicadeza simplesmente diplomática. A par dessa qualidade, conservam a tradicional integridade moral do mineiro, que lhes dá a todos um crédito digno de nota; crédito que quase sempre dispensam dadas as suas sólidas condições económicas.

A imprensa é representada na cidade em alusão, por três jornais: o "Mucuri", o "Nordeste Mineiro" e outro cujo nome me escapou.

Dentre as gratas impressões que trago dessa cidade, lícito me é exaltar a gentileza do povo. Não creio haver no Brasil povo mais lhano, mais hospitaleiro, mais comunicativo e gentil. Desde as primeiras pessoas com as quais me defrontei às primeiras horas da manhã, aos homens representativos da sociedade local; desde os escolares aos trabalhadores, todos são prazenteiros, alegres e agradáveis. Qualquer pessoa a que o forasteiro se dirija não o desiludirá, pois

será por ela recebido com atenção e gentileza. O orgulho, a presunção, a vaidade não teem lugar na alma daquela gente boa. Pobres e ricos, comerciantes e doutores, moços e velhos, todos são amáveis, são comunicativos. As moças, delicadas e graciosas, são de uma amabilidade cativante. Palestram com o forasteiro com a simplicidade boa das almas simples. Não há ali essa vaidade estulta do elemento feminino de outras regiões, principalmente no Estado do Rio. Em resumo: Teófilo Otoni é uma cidade do interior onde qualquer homem que se preza sentir-se-á bem.

Tratando-se de zona nordestina bem próxima à Baía, caracteriza-se-lhe a maneira de falar do povo por uma cadência lânguida e jocosa. Sem ser cantada como o do januaense e demais habitantes de grande parte do sertão mineiro, não chega ao sotaque dos filhos de Montes Claros nem ao dos mineiros do centro e do sul de Minas. Todavia, é um falar macio e gracioso, notado ao primeiro contacto com seus portadores.

Como toda a região norte de Minas e da Zona da Mata, Teófilo Otoni resente-se da falta de indústria fabril. Porisso mesmo também ali a pobreza é grande e a miséria campeia em contraste com as grandes e médias fortunas de poucos. Sempre o grande contraste brasileiro: de um lado riquezas respeitáveis na mão de grupos, de outro lado miséria generalizada. Entre um e outro extremo, a classe média, a mais sacrificada, obrigada a uma apresentação muito além de seus rendimentos, vivendo no malabarismo económico dos expedientes e das lutas constantes pela subsistência ante a crise que se agrava, num crescendo constante e insuportável.

A terra, malbaratada, vai-se entregando às pastagens de "colonião" mal cuidadas, passando do pe-

queno proprietário sem qualquer amparo financeiro, ao latifundiário que se enriquece à custa da exploração do pobre camponês e a entrega à desordenada pecuária ou criação de zebú, expulsando da gleba os derradeiros cultivadores do solo. O resultado desse descalabro semi-feudal, já se vê, é o agravamento crescente da pobreza no campo e o crescimento das populações citadinas e metropolitanas onde as favelas aumentam e com elas as dificuldades cada vez maiores.

Nula, absolutamente nula é a alfabetização rural. Nem uma escola na vastidão imensa daquelas devesas. Ao lado dessa calamidade está sempre a falta de assistência de qualquer espécie, desde a sanitária à agro-financeira, coisa que nem por um profético e miraculoso sonho esperam as populações rurais do Brasil. Triste realidade esta! Resta aos brasileiros a esperança de melhores dias para o futuro que se decide nos campos do velho continente onde se empenham as forças da democracia contra a reação e o obscurantismo, razão de ser de tôdas as desgraças da humanidade. Vencerá, espero, a primeira e o mundo assistirá ao soerguimento jamais visto do progresso e do bem-estar humanos. O nosso País certamente se beneficiará com esse bem-estar. Oxalá que o nosso povo possa despertar e compreender que é preciso unir-se na luta pela democracia. E eu tenho esperança nesse advento.

Deixei Teófilo Otoni às oito horas da manhã. Cheguei às dez horas em Itambacuri, vilarejo pelo qual passei na ida, sem vê-lo por me encontrar então dormitante. Ali almoçamos. Prosseguindo viagem cheguei aqui às dezesseis horas e meia com um percurso de oito e meia horas. Demoramos mais na vinda por causa de um peneu do carro, que estourou.

Tôda a extensão de cento e oitenta quilômetros percorrida desdobra-se entre abertas de pastagens maltratadas, com exceção de Champruca e de pequeno trecho das margens do Suassuí Grande, onde há ainda considerável reserva florestal, inexplorada. Estas mesmas, porém, são no sentido de fundo, ao longe, de um e outro lado da estrada.

Anté há pouco tempo esse trecho constituia um dos mais penosos entaves a se transpor na viagem a Teófilo Otoni. Nas épocas das chuvas muita vez gastaram-se dias para vencê-lo, dormindo os viajantes dentro de caminhões, sujeitos às intempéries e ao impaludismo endêmico na região. Hoje, felizmente, com o advento rodoviário da Rio-Baía, tudo se transformou e em breve será ótima a viagem.

Dentro de um ano talvez, poder-se-á partir do Rio e chegar em Teófilo Otoni gastando-se, à vontade, dois dias apenas, de carro.

Regressarei daqui de Governador Valadares via Caratinga, fazendo novo trecho rodoviário pela Rio-Baía. Isto quer dizer que me vou aproximando de vós todos, amigos. Muitos dias portanto não se passarão e estarei matando a saudade que me crucia.

## DE ANGRA DOS REIS A FRIBURGO

Meus amigos:

Há, aproximadamente, quinze dias deixei o vale exuberante e suntuoso de Angra dos Reis, lá naquelas bandas do sul fluminense onde o mar, na ânsia de penetrar o coração da terra, infiltra-se por ela através das angras e só se detem ante a muralha verde da cordilheira que se lhe ergue á milenar arremetida...

Soberbo na sua magnificência é o cenário que, também nesse setor da terra de Fagundes Varela, nos oferece a Cadeia Marítima.

O trem da Réde Mineira de Viação deixou, às seis horas, a cidadezinha de Angra dos Reis, colonial e solarenga, ainda dormitando, à beira mar, encolhida no regaço encurvado e sombrio da serra que se lhe alteia à retaguarda. Dentro de alguns minutos ei-lo num serpejar sucessivo e ascendente, penetrando os contrafortes da grande cordilheira que iria transpôr na direção de Minas. Sucodem-se os túneis, os viadutos, as pontes e passadiços, os cortes profundos e sombrios. Mas a "serpente de metal negro", como diria Gorki, enfrentava-os no seu resfolegar ritmado, subindo sempre, a rilhar sôbre os trilhos molhados de orvalho. Não tardou que o sol doirasse as matas lá pelos abruptos píncaros e o mar, ao mesmo tempo, se distendesse na sua azulecida serenidade matutina. Esse cenário não encontraria cores nem expressão bastante na mais adestrada pena para descrevê-lo na sua grandeza. E não serei eu exagerado se disser que êle toca as raías do imaginário.

Entretanto, o comboio continuava agalgando altura. Para trás iam ficando, ao fundo do vale e nas suas encostas, as matas verde-escuras que o vestem, bravias, exuberantes; matas que, infelizmente, vão desaparecendo à investida bárbara dos fazedores de carrascais e saueiros aos quais a lei jamais deteve o passo.

Também ficaram nas profundezas os dedos alongados das angras investindo a terra e esta, ao contrário, entre êles se comprimindo para chegar às praias... Ao longe, cada vez mais amplo, o oceano bravo, imensurável, tendo ao centro, como sombra negra a manchar o espelho ondulado, o perfil enorme da Ilha Grande, de tão cruel e monstruosa fama, deitada na direção norte-sul, com seu sistema montanhoso erguido aos céus tendo a bordar-lhe os pés a orla branca das encurvadas praias.

Mais uma curva, um tunel mais, a última vista do mar, o derradeiro esforço da locomotiva e o trem estacava no Alto da Serra. Já agora encontrava-me do lado de dentro, isto é, na parte interna da cordilheira. Minutos depois passava por Lídice, antiga Capivari, para alcançar Rio Claro, hoje Itaverá e prosseguir para o final da primeira etapa que se findaria em Barra Mansa.

...A movimentada e industrial cidade das margens do Paraíba, comprimida entre o rio e as colinas que o guarnecem, fervilhava no seu cotidiano labor comercial-proletário. Aqui a siderúrgica Barbará, ali as fábricas Nestlé, alhures os cortumes do calçado "Ghandi", Barra Mansa mostrava-se-me bem mais desenvolvida. Há muito tempo não a visitava, porisso mesmo nela fiquei alguns dias enquanto descia a Volta Redonda, a cidade nacional do aço que co-

nheci como simples estação ferroviária. Surpreendeu-me o colossal empório siderúrgico. Os milhares de habitações novas e modernas; as ruas numeradas, retas e arborizadas, obedecendo a um plano urbanístico de rara beleza; as praças ajardinadas, o comércio movimentadíssimo e o monumental conjunto fabril com suas torres, seus armazens, fornos, depósitos, veículos de todos os tipos, vagões, estrada de ferro, locomotivas, escarvadeiras, operários aos milhares, num labor indescritível, davam-se por vista alguma cousa de ciclópico, muito além da minha expectativa. Não era a primeira vez que me encontrava numa usina dessa especialização, pois em Minas visitei algumas, inclusive Monlevale, de que já falei anteriormente. E em qualquer desses grandes empórios fabris pude testemunhar cada vez mais a capacidade dos brasileiros, especialmente dos nossos operários, cuja inteligência é bem um padrão de orgulho.

Tornei a Barra Mansa e ao dia seguinte rumei para Barra do Piraí. Essa é outra cidade do vale do Paraíba que também muito se desenvolveu. Já por sua crescente industrialização, já pelo bafejo de Volta Redonda e pela sua posição de entroncamento ferroviário, mostrou-me ela um aspecto novo e mais promissor com seu comércio bem movimentado, o que se nota à primeira vista pela superlotação de seus hotéis.

De Barra do Piraí segui a Valença, um mimo de cidade. Jamais calculei que ela fôsse tão graciosa e gentil. Sua topografia semi-plana; seu povo acessível, educado e acolhedor; seu Hotel Valenciano, confortável; as fábricas e seu comércio bom; a paisagem, o clima, enfim, toda Valença é um recanto agradável a convidar-nos para uns dias de descanso em seu regaço.

Entretanto, o viajante comercial não tem direito a tais regalias — exclusividade dos eleitos da fortuna. Porisso mesmo à pressa visitei a clientela, cumpri meus deveres profissionais e, ao frio da madrugada seguinte, rumei diretamente para Vassouras.

A velha cidade dos Lacerda, turística e elegante, muito limpa e bem cuidada, já era minha conhecida. Negação como praça comercial para meu ramo, não me prendeu mais que quatro horas. Na primeira automotriz galguei as serras contemplando, uma vez ainda, o magnífico vale de Governador Portela, outra maravilha paisagística da Serra do Mar. Pouco me demorei nesse entroncamento ferroviário da Linha Auxiliar — zona dos casinos disfarçados em hotéis “fim-de-semana”, onde a ociosidade carioca vem, de preferência, dar pasto aos seus desregramentos, num verdadeiro achincalhe à pobreza e à miséria dos camponeses locais, que não tem uma nesga de terra sequer, de sua propriedade, para trabalhar, enquanto os espertalhões, apossados do solo, vendem-no, aos lotes, por verdadeiras fortunas, aos gozadores...

De ônibus segui a Miguel Pereira onde pernoitei. Dêsse centro de jogatina e de turismo, rumei, no primeiro trem, para a tradicional Pati do Alferes, espécie de celeiro da região onde, às sexta-feiras, tem lugar a feira semanal. Nêsse dia o comércio se movimenta por toda a semana. De longas distâncias, através de escarpados caminhos afluem camponeses trazendo o produto de suas lavouras, quase sempre verduras, legumes, aves e pequenos animais. A cidadezinha toma um aspecto desusado. Compradores e vendedores lutam numa porfia animada conforme a oferta e a procura. Realizadas as compras passam logo os compradores ao despacho das mercadorias

para as quais a estação férrea mantém sempre um vagão, de maneira a facilitar a descida dos produtos no primeiro trem para o Rio.

De Pati do Alferes continuei a viagem para Paraíba do Sul, onde cheguei à noite. Essa cidade fluminense, situada, como as demais ribeirinhas, à margem do Paraíba, para ser mirada ou conhecida, exige, como Macaé, que se lhe penetre o seio. Isto porque ela tem seu centro urbano propriamente dito, à beira rio, atrás de pequena colina. Ali, entre ruas arborizadas, há um velho e majestoso parque muito pitoresco. A despeito de sua beleza natural, Paraíba do Sul ressentia-se grandemente da falta de hotéis pois os que ali se encontram deixam tudo a desejar.

Falta, igualmente, à terra de Agripino Grieco, a indústria fabril. Porisso mesmo é uma cidade relativamente pobre malgrado tratar-se de uma estação hidro-mineral, possuidora de é da conhecida "Água Salutaris", que por si só constitui um fator de atração de capitais para industrializar a cidade. Falando em indústria naturalmente não poderei silenciar quanto à cerâmica ou mais propriamente a fabricação de telhas, tijolos e manilhas, cujas fábricas, na cidade em alusão, são das mais importantes do Estado.

Saltei de Paraíba do Sul a Areal, passando por três Rios, cidade em franco progresso, da qual me abstenho de falar porque ela se encontra um pouco fora da rota que serve de título à presente missiva. Em Areal, já na zona da Leopoldina, permaneci dois dias enquanto trabalhava as praças de Paranauna — antigo São José do Rio Preto, e Pedro do Rio, num ligeiro "pião" a fim de aproveitar um pouco do conforto que oferece o "Novo Hotel Marinho", sem favor o melhor de toda a região que venho percorrendo.

Terminados meus trabalhos, pus-me em marcha. Ao clarear da manhã, sob o ar fresco e agradável do vale do Piabanha, tomei o misto que sobe rumo a Petrópolis onde cheguei às dez e meia horas, depois de ter deixado para trás entre outras, as aprazíveis localidades seguintes: Pedro do Rio, Itaipava, — onde se encontra suntuoso e famoso castelo — e Correias; localidades essas que se alinham à margem da linha férrea e da rodovia, junto ao Rio Piabanha, numa encantadora sucessão de aspectos.

Já agora respirava o ar agradável da decantada e cosmopolita "Sala de Visitas do Estado do Rio" — essa nunca avizava elogiada "cidade dos hortêncios", a que não avistava havia muitos anos. Não esperem entretanto, que eu, estando em Petrópolis, lhes diga alguma coisa sobre o famoso Quitandinha. Abominando o jôgo, detestando o luxo, a dissipação como as imoralidades em quaisquer das suas facetas, não me darei sequer ao trabalho de escrever uma linha sobre essa magnificência perniciosa que o capitalismo ergueu em terras petropolitanas. Sendo, antes de tudo, uma escola de vícios e abastardamento moral, essa casa de jogatina, sob o pretexto de turismo e de conforto, é bem um antro de degradação e um achincalhe ao povo que luta e se estiola, premido pelas vicissitudes que os magnatas gozadores criaram com seus desperdícios. Que falem de Quitandinha os intelectuais vindouros e mais felizes, quando esse palácio fôr transformado numa cidade universitária para a mocidade futura...

Quanto a mim falarei sim, mas da cidade de Petrópolis com seu conjunto de encantos naturais, suas realizações, seus contrastes chocantes. Direi do que me inspira a eleita do velho Imperador, aquele que, perpetuado no bronze, ali está no seu eterno meditar.

Exaltarei o proletariado de Petrópolis, vanguarda vigilante do progresso e da democracia na Serra do Mar.

Sendo inverno as hortências não tapizam de roxo as faldas e as encostas. Escondem-se, ao contrário, no mistério germinal das cépas aparadas de onde não surgem com todo o encantamento de seus tufos magníficos, aos primeiros afagos da Primavera. Entretanto outras e variadas flôres ornamentam chácaras, jardins e logradouros, mostrando ao forasteiro que a "serrana" é realmente uma cidade florida. Primam, também, com sua ausência as forasteiras ridículas, de calças a homem, de camisa de esporte ou palitô, indumentária apalçada que tanto contribui para a negação da encantadora graça feminina. Como feliz compensação toda a cidade é uma policromia feminina em que se confundem a simplicidade e o variegado das roupagens com as mais risonhas, meigas e atraentes feições das nossas queridas irmãs petropolitanas.

A cidade, em si, nada me apresentou de novidade além do que já lhe conhecia. Seu casario alcançando-se pelas encostas íngremes, suas avenidas bem cuidadas, ao longo dos vales, sua luxuosa edificação num verdadeiro prélio de exotismo arquitetônico, perdido entre florestas, sua catedral, seus parques, seu museu imperial, seus jardins, parques, monumentos, bosques e granjas, suas fábricas e obras de assistência social mesmo precárias ainda, seu comércio indiscutivelmente bom e amplo, continuam com o mesmo encanto, a mesma graça, a mesma utilidade, todavia mais aprimorados, mais modernizados. A natureza, entretanto, em Petrópolis, é que reserva sempre um aspecto novo aos que a contemplam. O manto verde das matas que envolvem a cidade em

todos os seus flancos e direções, é alguma coisa de soberbo, mormente nos frios meses de inverno, a lembrar a selva brava de minha terra capichaba.

Batidos de sol elevam-se dessa mantilha esmeraldina, quais pirâmides semeadas por toda parte, os pincaros desnudos na sua petrificação granítica, com todo esse exclusivo esplendor da majestosa Cordilheira Marítima. E o céu, no inverno, que abarca tão soberbo rebanho de montanhas? É ele de tal sorte azul, apresenta-nos tanta nitidês e é tão puro que nos dá por vista colossal bacia de turquesa emborcada sobre quem o contempla nas alturas...

Quando a tarde se vai e a noite prematuramente vem chegando com o acender das primeiras luzes nos recessos mais sombrios, outro e diferente é o aspecto das ruas com seu tumultuar de criaturas a que se juntam os operários de volta ao lar. Então vemos os ôníbus superlotados, as calçadas totalmente cheias, as ruas em borborinho, fazendo de Petrópolis uma Rio de Janeiro em miniatura. É o "ângelus" petropolitano levemente matizado do ouro do sol-pôr, emprestando uma graça imponente e suntuária; uma como que expressão ao mesmo tempo austera, solarença, evocativa, romântica e indefinida. Um misto indescritível que nos afasta do presente para transportar-nos aos tempos sentimentais, da poesia e do romantismo... Como é, nesse particular, encantadora Petrópolis! Entretanto um contraste chocante faz despertar o forasteiro sentimental, de sua contemplação, quando seus olhos indiscretos se voltam para a realidade fria e desconcertante do asqueiroso rio Piabanha.

Quem poderia acreditar, não conhecendo Petrópolis, que toda a sua beleza natural a que o artifício deu mais vigor; todo o encantamento que é a razão

das atenções de forasteiros e turistas, tem a manchar-lhe o seio, traçando-o numa curva longa que lhe toma várias direções, um riacho infecto; riacho que corre, descoberto, a tresandar, no âmago das principais ruas e avenidas? Felizmente é isso uma verdade incontestável. Todo o encantamento, toda a graça de Petrópolis, por um tradicionalismo inexplicável talvez, vive a mirar-se nessas águas sujas, horripilantes, dignas de um paúl! Esse vazadouro nojento é o tradicional e decantado Piabanha que recolhe em seu leito imundo todo o despejo da cidade e que, lamentavelmente, as autoridades sanitárias, até agora, não souberam ou não quiseram esconder aos olhos dos petropolitanos e de quantos ali chegam. É uma pena essa mancha deprimente no colo verde da magnífica cidade que é Petrópolis!

Sendo, como se sabe, uma das cidades mais industrializadas do Brasil, não poderia deixar de ter um proletariado à altura dessa industrialização. E de fato: a despeito de todo o reacionarismo, de toda a opressão e todo o subterrâneo esforço para mantê-lo alheio à vida política nacional; para forçá-lo à ignorância dos problemas do Brasil, o proletariado de Petrópolis é um dos mais esclarecidos e politizados do País. Sabemos todos os que acompanhamos a política nacional e nela a preponderância, cada dia mais evidente, das massas trabalhadoras, que a cidade em apreço foi e continua sendo um fortíssimo núcleo de reação e fascismo. E é, particularmente para os democratas, uma satisfação, por isso mesmo, saber que ali se encontra esse proletariado unido, e coeso, convicto de seu valor e do que representa, através de suas organizações de classe, como baluarte da democracia.

Se todos os trabalhadores do Brasil acompanhassem seus companheiros petropolitanos, organizando-se em sindicatos ou associações, certo não estaríamos distanciados ainda da vitória, sobre a reação, das nossas classes trabalhadoras. Porque o proletariado de Petrópolis segue, indiscutivelmente, na vanguarda do nosso grande movimento emancipador. Isto é uma verdade que me apraz muito sinceramente proclamar.

Deixei a "Cidade das Hortências" num magnífico domingo. Bem acomodado num ônibus confortável, segui a Terezópolis. Ia conhecer mais um grande trecho rodoviário do Estado do Rio.

Pouco antes de Itaipava bifurca-se a rodovia. Pequeno e florido jardim à margem esquerda do ramal à direita, assinala o início da primorosa estrada Petrópolis-Terezópolis. Certa vez alguém me disse que essa rodovia era uma avenida ajardinada entre duas cidades distantes, cuja beleza não encontrava similar. Ouvi com ceticismo. Entretanto, ao primeiro contacto com a realidade, encontrei a confirmação daquela afirmativa. A proporção que a referida estrada, afastando-se do tronco de que se desgalhara, se ia encurvando para a direita, a proclamada beleza se ia esbatendo, confirmadora, do cenário. Vendas aprazíveis apareciam a cada instante, intercaladas de sítios, granjas, fazendas e demais propriedades que estão resistindo a investida dos metropolitanos e que lembram ainda, embora decadentes, a exuberante agricultura que outrora floresceu nessas ricas terras fluminenses.

A ascensão continuava. Ao longe, fechando em sentido horizontal ascendente o vértice montanhoso do vale, erguia-se a colossal muralha da mesma cordilheira que há longos dias venho ora penetrando,

ora contornando de sul para norte. Tóda a região descampada o traçado da estrada me descortinava permitindo-me compreender que em breve iria, uma vez mais, penetrar o seio da cordilheira através de um dos seus galhos que se abrem para a esquerda. A subida, cada vez mais atraente, empolgava-me. Surgiu o segundo jardim à margem esquerda. Não muito além abriu-se uma planície à margem silenciosa do "Pilões", tributário do Pia-banha, do seio da qual se esbatem, num agrupamento moderno, várias casas cada qual mais aprazível. É Vila Esperança, um vilarejo de abastados que vai surgindo ao sopé da serra.

A estrada faz uma curva longa e se põe a cavaleiro da citada vila, contornando-a a muitos metros de altura e prossegue alcançando-se cada vez mais. Para trás vão-se alargando à distância, os horizontes. Surge mais um jardim, sempre do lado esquerdo da ascensão. Esse é o "Jardim do Assú", no centro do qual, entre flores e arbustos, dorme um pequenino lago artificial tendo a oscilar-lhe ao espelho um barco em miniatura. Prevenindo o público vê-se, numa placa, o aviso de que é proibido tocar nas flores, sob pena de multa de quinhentos cruzeiros — multa certamente jamais aplicada...

O ônibus não se detém. Prossegue sua marcha, deixando à retaguarda, em alvas dobras, os quilômetros de estrada dividida ao centro por um fio negro a delimitar a "mão". Quase ao fim do vale, trepado no flanco da penedia imensa, o veículo se deteve. Teríamos cinco minutos de descanso. Era aquele o ponto mais pitoresco e deslumbrante da rodovia. Mais amplo é o jardim dêsse local e possui melhor floricultura. Tem êle um bem cuidado viveiro onde várias espécies avícolas jazem encarce-

radas. Eis o "Jardim Monte Alegre" de onde se descortina um panorama soberbo: — ao longe, muito longe, o desordenado suceder de píncaros e altitudes formando a paradoxal harmonia da suntuosa cordilheira que não sei quando deixarei de percorrer. Prosseguindo a viagem, continuei subindo. Mais algumas curvas e o carro, finalmente, passou à terceira marcha, sinal de que alcançava o ápice, o ponto culminante da rodovia. Achava-me então a mil trezentos e oitenta metros de altitude.

A descida começou imediatamente. Outro vale suntuoso logo se me deparava ao olhar. Este já era o de Terezópolis. Sempre branca e ajardinada, a estrada mergulhava na profundidade dos grotões, buscando, muito além, os plainos ribeirinhos. Vertiginosamente à vista me fugiam os horizontes. Para trás já agora só me ficavam montanhas aparentemente inacessíveis. De um e de outro lado, a espaços, as granjas, os sítios, as fazendas, cada qual mais atraente. Essas propriedades tornam-se tanto mais elegantes, mais luxuosas, mais européias quanto mais próximas de Terezópolis. E a gente compreende, sem grande esforço, que a civilização não está longe... Esses chãos abruptos que, isoladamente, seriam, talvez, indomáveis ao homem, foram pelos homens e sua ciência vencidos e subjugados, provando tal fato, mais uma vez, que se uma criatura isolada é vencida pela natureza ambiente, um grupo de criaturas vence-a domando a natureza à sua vontade, ao seu objetivo, quando reunidas e animadas de uma só vontade. Eis uma lição a mais, do que representa a união...

Antes de falar de Terezópolis quero deixar aqui expressa uma das minhas observações com relação à terra em essa Pátria. Quero falar da mesquinha posição — a triste e sempre menosprezada posição do

homem da lavoura primitiva, o camponês, esse trabalhador agrícola que desbravou a gleba e que, aqui como em toda parte, vai sendo banido dessa mesma terra pelo forasteiro capitalizado. Falei das vivendas luxuosas, das granjas, dos sítios e fazendas. Mas não precisaria dizer que tudo isso pertence aos bem aquinhoados, principalmente aos estrangeiros capitalistas das cidades, que aqui se instalam como em toda a região próxima às capitais e desbravada pelas vias fáceis de comunicação, não para fazer produzir a terra, não para dar trabalho bem remunerado ao trabalhador rural, nem para produzir a fartura de que tanto carece o povo brasileiro, mas, sim, para o bem estar próprio e o de seus amigos; para veraneios, "fins-de-semana", ou estágios amorosos, em suma, para seus prazeres de abastados e felizes locupletadores do suor do povo a quem exploram. Jamais são agricultores, jamais produzem para as coletividades. Seus domínios são seus, absolutamente seus, adquiridos, não raro, direta ou indiretamente, através de negociatas indecorosas, de proteções oficiais, de favores dos que deteem nas mãos as rédias do poder, quando não pelo "grilo" mendaz e criminoso. Se produzem alguma coisa como frutas, legumes, pequena ou mesmo grande criação, é para seu uso único, dos amigos e o dos que estão no poder. Nada para o povo, para o bem público.

Enquanto isso o esquecido lavrador, o filho da gleba e legítimo dono dela; aquele que lutou para amansar a terra hostil, sem dinheiro, sem instrução e sem amparo; enverminado e anêmico, foi ou está sendo tanguado, enxotado pelo grande capital, de seus sítios mais aprazíveis junto às rodovias que os deviam, por direita razão, beneficiar. Com esses grandes melhoramentos, se amparados, protegidos, incentivados e instruídos, poderiam — como deviam — ser

um fator decisivo para que a produção agrícola não se esfacelasse deixando-nos, já bem perto, a miséria em perspectiva. Mas, infelizmente, assim não é — e assim não o querem compreender os homens maus que nos desgovernam a nação. E o sacrificado lavrador, cedendo à força do capital onzenário, as suas terras, — como na velha Roma dos patrícios, ou ruma às capitais onde mais facilmente vende a força de seus desnutridos músculos, num trabalho afanoso, ou se vai alcandorando mais nas encostas invias onde a cultura, o amanho da terra se torna muito mais difícil, descendo de lá para vender seu trabalho por um salário infame àqueles que lhe arrebataram a boa terra; salário que não dá sequer para fazer sua própria e minguada roça. Eis a razão pela qual estas magníficas rodovias que venho percorrendo atravessam áreas colossais, latitudes imensas sem que nelas se veja uma lavoura digna de nota ou bem organizada. O que se vê são pequenas e esparsas plantações sem qualquer significação agrícola. Isto é o que me parece lícito dizer para revigorar a afirmativa de que a "proteção à lavoura" proclamada pelos arautos oficiais não passa da mais deslavada mentira, da mais criminosa demagogia!

..... Finalmente, Terezópolis! O lindo pedaço dos Alpes Suíços, em miniatura, na terra fluminense, aninhado no regaço da Serra dos Orgãos, é uma graça, um encanto de aprazibilidade. Seria um paraíso se paraísos existissem, mas um Edem apenas dos que lograram, dos que souberam lograr (não confundir os verbos...) o povo ou explorá-lo; onde estrangeiros fartos passeiam, por avenidas e praças, sua obesidade exótica, sua indumentária ridícula e seus cachorros luxuosos. Onde mulheres "granfinas" e ociosas, vestidas de homem, divertem-

se, tranqüilas e inúteis, vaidosas e mediócras, simples objetos de luxo, enquanto milhares de brasileiras sofrem as agruras de uma vida incerta e trabalhosa, definhando à mingua de amparo e proteção. Sempre o contraste — o chocante contraste social dos países sob o regime capitalista.

Terezópolis é, assim, um ninho raro de conforto e luxo, de beleza e clima raros, entre as matas e as montanhas mais belas da região, em meio às quais, marco e atalaia majestoso, o "Dedo de Deus", esbaldando-se, alcandora-se impressionante. Palacetes, castelos, moradas principescas e hotéis luxuosos demonstram e comprovam, à saciedade, o centro aristocrático que é essa cidade ímpar. Por todos os lados os bosques e os jardins mais fascinantes sobre reivedos e gramados encantadores. Seus parques, suas cascatas e recantos jamais encontrarão competidores que os superem. Um verdadeiro conjunto de beleza e conforto olhado de longe, das encostas altas e quase inacessíveis, pelos pobres, os expoliados pelos Guinle e outros tantos milionários a cujas bolsas tôdas as leis e todos os direitos se curvam.

A indústria não logrou ainda penetrar êsses luxuosos domínios. Encontra-se lá no sopé da cordilheira, em Santo Aleixo, Andorinhas, Magé etc.. Por isso mesmo é quase nulo o movimento operário fabril nessa cidade — sonho dos aristocratas. Em que pese o setor da construção civil e os artesãos, bem como trabalhadores avulsos, Terezópolis é uma cidade sem proletariado.

Pérola de real destaque no maravilhoso colar de cidades que ornamentam o colo vasto da serra do mar, no Estado do Rio, a cidade de Tereza é digna de ser conhecida e conseqüentemente admirada porque, indiscutivelmente, é muito bela.

Seu comércio é considerável, contando com estabelecimentos de grande envergadura, principalmente no ramo de construções, ferragens e correlativos, achando-se concentrado na "Várzea". Dividida em duas zonas principais, esta a que me refiro e o "Alto", ligadas por longa e bem cuidada avenida de dois a três quilômetros, tem nesse vínculo ou traço de união a sua principal artéria hoje quase totalmente marginada de construções, no centro das quais se encontra a Prefeitura. Por aí, mais junto ao rio, passa a estrada de ferro Terezópolis a qual, num percurso de mais de duas horas, através de magníficos alcantis, liga ao Rio de Janeiro a cidade em aprêço.

...Novamente num ônibus — desta vez da linha de Friburgo, continuei rumando para o norte. Em breve a cidade ficou para trás. Lá no fundo, ao sul, numa nitidez rara e encantadora, como que indicando a nascente do lendário Paquequer, erguia-se o "Dedo de Deus", tecla gigantesca dos "Orgãos".

À saída, já nos domínios rurais ou suburbanos, um enorme barracão onde se amontoavam jacás, balaio, caixotes e engradados de mistura com animais de carga e caminhões em grande número, denunciava-me uma espécie de entreposto de produtos agrícolas, índice positivo de que ali por perto existia um pouco de lavoura organizada. Efetivamente. Por informações colhidas no próprio veículo em que viajava, tive confirmada a minha previsão. Naquele armazém batem os mais variados tipos de transporte, com verduras, frutas, legumes e demais produtos da pequena lavoura, animais de pequeno porte inclusive, destinados ao mercado carioca.

Grande parte dessa lavoura ou cultura pude ver mais adiante, à margem da estrada, num agradável contraste com o que testemunhei em trechos anterior-

mente percorridos, conforme acima ficou dito. Confesso que me senti satisfeito e extasiado com essa positiva demonstração agrícola. Todos os vales, tôdas as encostas mais acessíveis à cultura; tôdas as várzeas e terrenos ribeirinhos estavam cobertos de couve-flor, repólhos, nabijas, rabanetes, batata inglesa, cenouras e outras espécies tuberosas.

Em todo percurso que venho fazendo foi nessa parte do Estado que testemunhei um trabalho agrário mais ou menos organizado, provando, assim, e exuberantemente, que o nosso camponês sabe trabalhar e é trabalhador, desde que se lhe ofereça possibilidade e condições, inclusive fácil acesso ao mercado consumidor, mesmo sujeito ao voraz intermediário. Pareceu-me, entretanto, ressaltando-se raras exceções, que tôda essa cultura é manual. A máquina — coisa aliás proibitiva em nosso colonial País, é ali quase inexistente. De qualquer forma a iniciativa era uma verdade incontestada e a frutificação estava correspondendo ao esforço do homem. Ao forasteiro, ao transeunte como eu, entusiasta pelo amanho da terra, confortava e aprazia a contemplação daquelas extensões de lavouras a se distenderem, verdes, por recantos em fora.

A estrada é bem inferior àquela por mim percorrida até Terezópolis. Através dela, numa compacta nuvem de poeira, iam ficando "Quinta da Baronesa", "Bom Destino" e outras boas e bem cultivadas propriedades. Ao fazermos determinada curva, à margem direita uma placa de madeira anunciava: — "Fazenda Boa Fé".

Olhei e nada vi além de terras abandonadas. Mas o veículo corria. Depois de um longo caminhar eis que surge a séde dessa colossal fazenda, de apurado gosto, num suntuoso conjunto de moradas, jardins, po-

mares, lagos, cavaliariças, currais e tantos outros departamentos indispensáveis a uma propriedade daquele tipo latifundiário e feudal. Creio ser essa a melhor fazenda daquela região. Por longo tempo caminhamos em tais domínios cujas terras jazem, em sua quase totalidade, abandonadas, sem colonização e sem cultura, para confirmar a assertiva de que os latifúndios em nada aproveitam as coletividades, ao povo, e que precisam, por isso mesmo, ser exterminados em favor da pequena propriedade ao cuidado do trabalhador rural, do camponês, ou coletivizadas sob a forma estatal.

As dezesseis horas o ônibus começou a ascensão curvelínea de uma vasta serra. As lavouras desapareceram totalmente. De um lado e de outro, em tôdas as direções, viam-se apenas carrascais, terras perdidas, matas extintas, o vazio, o abandono em suma, estéril e maninho. Curiosa nota nesse cenário triste eram os velhos e abandonados pecegueiros, manchando com a sua lilaz eflorescência, a quebrada empobrecida, como a simbolizar, no roxo daquelas flôres, a saudade de tempos já distantes, mais prósperos, mais fartos, mais felizes!...

Uma encruzilhada ou bifurcação da estrada apon-tou-me, através de uma taboleta, a direção de "Frades", localidade que não conheci, à direita, distante, junto a duas montanhas, destacadas e desnudas, esbatendo-se da cordilheira, a lembrar-me o "Frade e a Freira", nesta mesma Cadeia Marítima, lá nas terras capichabas.

Uma hora depois parávamos em "Vieira", arraial perdido nessa solidão, pouco adiante de "Bom Sucesso", fazenda que deixamos para trás onde se vê uma organização pecuária, de caráter oficializado, cuja identificação não me foi possível por falta de infor-

mante. "Vieira" nada tem de importante a apresentar. Apenas há ali um hotel para veraneio e descanso, que me pareceu luxuoso tal o apuro de um dos seus servidores visto por mim, à passagem. É muito aprazível esse hotel. Fica êle na várzea, junto à serra, desfrutando de uma área ampla, cercado de jardim, pomar e tendo ao fundo um lago ou picina que, visto de cima e de longe, parecia, ao pôr do sol, um estranho veu de malacacheta em rutilâncias... Trata-se do Hotel São Luiz, um dos inúmeros hoje encontrados por tôda essa alpínica região onde os que podem buscam refúgio e silêncio.

Longa, a estrada continuou a desdobrar-se em curvas, subindo e descendo encostas. Por tudo o abandono de sempre, como antes e depois da zona agrícola já registrada; a ausência completa de lavou-  
ras e de progresso. A sombra crepuscular subindo da terra emprestava às cousas uma tristeza indizível e comovente. Não muito além atravessei o Rio Grande, longo tributário do Paraíba e que, nascendo junto à Serra dos Frades, vai traçando a região rumo nordeste para levar suas águas ao "namorado de Campos", próximo a São Fidelis, depois de se aliar ao Rio Negro e outros companheiros, cordilheira abaixo.

Infelizmente nessa altura fechou-se-me a visibilidade. Subiu a noite profunda e a tudo confundiu. Apenas o farol do carro punha arabescos de luz nas cousas que o refletiam. No céu estrelazinhas nervosas pareciam tomadas de flatulência...

As dezessete horas, bem distante ainda, lá no fundo, o manto noturno apareceu bordado de luzes. Mais trinta minutos e o viajante implorava um quarto no Hotel Friburguense superlotado. Completando uma jornada que me trouxera das praias de

Angra dos Reis às ruas de Friburgo, tinha por alcançado, concomitantemente, o meu objetivo, isto é, conhecer todo o Estado do Rio. Das margens do Itapoana à velha Parati; da pitoresca Cabo Frio à salutar Valença; da soberba Guanabara à Fazenda dos Três Estados, nos limites de Minas e do Espírito Santo, todo o território fluminense foi por mim percorrido. Estou quase satisfeito!...

## CEM LÉGUAS DE SERTÃO

Amigos meus:

Eis-me completando uma das mais aventureosas de minhas viagens por este Brasil em fora. Passarei a narrar para vocês essa aventura:

Para trás ficou Teófilo Otoni, a próspera e acolhedora "Capital do nordeste mineiro". Tóda a região da "Baía-Minas", de Carlos Chagas até ali, a despeito de suas vastas reservas florestais e da feracidade da terra, nenhuma prosperidade agrícola oferece. Ao contrário, as matas vão-se extinguindo rapidamente pela extração da madeira de lei e pelo fogo, cedendo lugar a descampados imensos cobertos de carrascais ou de pastagens sem trato algum, deshabitados e esquecidos, oferecendo um aspecto triste e desolador, muito semelhante à maioria do interior brasileiro onde só miséria e abandono imperam.

De Teófilo Otoni, à ponta de trilho em Araquai, numa distância de duzentos e tantos quilômetros, pequena é a modificação para melhor. Entretanto esta parte da região que percorro bem merece o título de ubérrima, tal a qualidade de sua gleba, a excelência de seu clima, a acessibilidade de sua topografia montanhosa. A despeito de tais e tão favoráveis fatores quase nula é a lavoura ali, em que pese a exceção de algumas poucas localidades onde se pode ver pequenos cafézais maltratados e modestas culturas sem expressão exportativa. E se há malbarato da terra, a falta de gôsto dos poucos lavradores é

simplesmente condenável. Não se vê uma só propriedade bem cuidada e atraente. Dir-se-ia um povo que só sabe viver dentro de taperas.

Mesmo assim há fartura nessa região — aliás, não só aí mas também em todo o sertão que venho de percorrer. Nas respectivas estações ferroviárias não faltam nunca um café acompanhado de "quitandas", frutas — principalmente laranja, "mixirica" — a bergamota dos gaúchos — o afamado requeijão baiano, feito com leite queimado o que lhe dá uma côr escura e não muito convidativa, doces etc.. Inegavelmente, pelo menos na hora do trem o viajante não passa fome por ali.

Capelinha, onde se encontram oficinas e depósito de materiais da "Baía-Minas", é um lugarejo muito aprazível. Destaca-se aí, de maneira singular, a linda "Pedra da Capelinha", vasta molhe de granito, muito alta, esbatendo-se a centenas de metros, a lembrar gigantesco e fero gorilha de cócoras, frente voltada para o pequeno rio que lhe passa rente.

A preponderância, nesse mundo abandonado, indiscutivelmente é da pecuária — uma pecuária a mais rudimentar. Em todo o meu trajeto, até bem perto de Montes Claros, não vi uma só fazenda pastoril que, em cuidado, em organização e dispositivos, sequer se pareça com a mais modesta congênere do Estado do Rio, do Espírito Santo ou mesmo Minas Gerais, na sua região sul.

Quanto à população rural (e por que não dizer urbana — se assim se pode denominar os habitantes tristes e atrofiados das atrasadas estações férreas a que aludí?) é de tal sorte abandonada que, ao contemplá-la, o brasileiro sincero e sensível de centros mais adiantados, sente de maneira insopitável, se lhe extravasar a revolta por tanto indiferentismo.

... Às nove horas do dia cinco de maio, trepado na carroceria de um pesado caminhão Ford 42, lotado de carga, deixei Araçuaí, na arrancada pelo desconhecido, para completar minha arrojada travessia num percurso de sententa léguas para a frente. Trinta léguas já me haviam ficado para trás no trecho ferroviário aludido.

O quinto mês do ano estendera sôbre o vale do rio cujas margens estávamos deixando, o manto alvado de sua cerração.

A cidade de Araçuaí — velho e tradicional povoado sertanejo tanto arcaico quanto acolhedor na sua característica nitidamente provincial, foi-se escondendo, rapidamente, entre o verde exuberante e compacto da caatinga imensa.

Eram companheiros de viagem o sr. Roque Ramos, proprietário do caminhão que nos conduzia, baiano, de estatura mediana, sóbrio em palavras, cuja fisionomia deixava revelar sua fibra inquebrantável de benemérito desbravador desse rincão bravo, a quem jamais atemorizam entaves e vicissitudes; o Vicente, seu chofer, outro baiano, terrível na direção de seu carro; dois ajudantes, rapazes bons e bem educados; mais o sr. Sousa, comprador de peles e produtos regionais, e um médico em busca de localização para sua tenda profissional, segundo aparentava e a quem chamaremos Dr. Aventureiro, para respeitar a discrição e por adaptar-se a êle tal alcunha.

De todo êsse grupo merece especial referência o médico, pela singularidade de suas atitudes. Disse-me ter deixado Belo Horizonte em busca, no interior, de um local interessante à sua profissão. Depois de percorrer várias localidades da "Zona da Mata", desceira à "Baía-Minas". Nada encontrando que lhe agradasse, viera a Araçuaí. Da mesma forma não

simpatizando com essa cidade, ali estava, participando das nossas agruras, rumando para o extremo-norte do sertão mineiro.

Além de sua bagagem propriamente dita trazia êle consigo regular estoque de drogas encaixotadas, espécie de farmácia ambulante — que não mostrava; um bilhete de loteria com probabilidades de prêmio e uma bruta vontade de enriquecer a qualquer preço. Esse personagem da nossa aventureira caravana, muito lhano no trato, um tanto casmurro na maneira de contrariar o que se lhe dizia e bastante infantil (a despeito de seus cabelos grisalhos) nas suas atitudes, não deixava de ser uma figura curiosa, enigmática e ao mesmo tempo amável.

A guisa do que se vê nas fitas americanas sôbre médicos itinerantes no oeste do país do dólar, êle telegrafava sempre às cidades ou povoados por onde iríamos passar, avisando aos respectivos farmacêuticos, de sua passagem, a fim de que os doentes se preparassem para esperá-lo e, conseqüentemente, lhe amenizassem as despesas... A viagem corria normalmente. De onde em onde cruzávamos com grupos de roceiros que se dirigiam à feira na cidade recém-deixada, cada qual levando sua mercadoria. Entre êles, não raro, viam-se moças crestadas de sol, muito interessantes na sua beleza natural e nativa, as quais montavam à homem mas sem a respectiva indumentária.

O caminho (jamais tal vereda pode merecer o título de estrada) ali distendendo-se por aclives e depressões, cada vez pior. Para todos os lados a tapera, o abandono. Muito raramente surgia uma pobre morada à porta da qual se viam mulheres ventruadas, sujas, semi-vestidas, bem como crianças nuas, de abdômem crescido, esverdeadas de côr, no mais

vivo e triste abandono, tal como nas favelas citadinas a infância desamparada.

As onze horas chegamos à majestosa confluência dos rios Araçuai e Jequitinhonha, em cujo ângulo se ergue um punhado de velhas casas em ruínas, outróra denominado Pontal, hoje Itira, remanescente dos recuados tempos do desbravamento do sertão. É particularmente, muito bonita essa paragem, e oferece um cenário digno de nota. Um demandando o leste, outro rumando para o norte, os dois rios ali se encontram, entrelaçam-se, misturam-se e rolam sertão abaixo, em busca do mar, nas longínquas plagas baianas. Para trás, isto é, para oeste, muito recuada, elevava-se a Cordilheira na região diamantífera da Serra do Espinhaço. Magnífica a topografia e fecundo o solo! Não tenho dúvidas em afirmar que ali, naquela confluência, quando o Brasil despertar para a grande realidade que o espera, há de se erguer um vasto centro comércio-industrial, visto que, para isso, existem tódas as condições naturais.

Descarga, travessia e carga, em canoas e barca, tomaram-nos três longas horas. Enquanto aguardávamos essa demorada manobra, esperávamos, no lado oposto, o almôço que D. Izaura, a pensionária daqueles bredos, nos preparava. Às quatorze e meia horas, depois de suculento repasto a que não faltou o saboroso surubi, com um sol crudelíssimo, recomeçamos a marcha.

Nesse lugar travei conhecimento com o vaqueiro nordestino. Em seu autêntico gibão e perneiras de couro, é de se ver a pôse dêsse brasileiro anônimo, desconhecido gigante das caatingas. Como bamba-leia êle o corpo esquelado, tendo a pender-lhe da cinta o atrevido facão "Jacaré"! O interessante é que

êsse homem rude, êsse vaqueiro afamado, protege-se contra os espinhos e os galhos, os tropeços e as surpresas das lutas com o gado arisco, mas tem sempre os pés descalços. Suas "chilenas" são inegavelmente notáveis. Bem se prestariam, não lhes fóra os acúleos, a rodas de carros infantis, tal a sua circunferência... E o seu portador — que seria um espantalho aos olhos dos citadinos — ostenta-as arrastando-as numa barulhada simplesmente ecômoda. Mas êsse é o seu elemento, êsse o seu adôrno predileto e certamente o "chamego" das morenas sertanejas.

Trepado na carroceria eu applicava todos os possíveis recursos ginásticos para livrar-me do açoite dos ramos que se fechavam sôbre nós de todos os lados. Na cabine, junto ao chofer, o Dr. Aventureiro ia, no seu tagarelar indiscreto, revelando seu "mistério" ao Sr. Souza. "Mistério" em breve conhecido de quantos ali viajavam.

Ora atravessando fazendas — sempre mal cuidadas, ora contornando charcos, íamos avançando. Aqui, manadas de gado nos espiavam, admiradas. Além, saudando-nos com seu grito estridente, as "mexiriqueiras" (o nosso vigilante e conhecido "quero-quero" dos campos litorâneos e sulinos) levantavam-se em rasteiros vôos à nossa frente. E aquele deserto de verdura, imenso, intérmino, selvagem e agreste, a estender-se por tódas as direções. Rasgando-lhe o seio através do risco mal feito do caminho primitivo, ora gemendo, ora roncando, gingando e avançando, o escaravelho mecânico seguia conduzindo para a frente sua carga heterogênea.

Pude observar, até aí, o que aliás seria confirmação sempre, o costume dêsses sertanejos, quanto à sua indumentária. Prima o habitante rural dessas devesas, pelo desmazêlo no ataviar-se. Sua roupa é

sempre suja, encardida e, invariavelmente, trás êle a camisa fora da calça.

Também o chapéu dêsse povo é digno de reparo. Feito de couro especial — quase sempre de veado ou cotia — tem uma correia dividida em duas tiras confinadas por um nó. Essa correia, que deveria firmar o chapéu à cabeça, através do queixo, é ao contrário disso, deixada cair sôbre a nuca, lembrando rabicho chinês. E todos usam tal chapéu cuja indústria é regional e artezã.

Sempre marginando o Jequetinhonha, deixamos a região baixa e começamos a ascensão, penetrando os contrafortes da serra. Agora corríamos entre pastagens de colonião viçoso. A tarde caíra. A nostálgica e suave claridade vespertina que se diria feita de saudade e de tristeza, repousavam os êrmos longínquos que traçáramos durante o dia. Brisa fresca nos mimoseava com seu brando afago. Bandos de pombas “verdadeira” passavam sôbre nós buscando o pouso. As dezoito horas chegamos a Itaporé, fim da primeira etapa rodoviária se assim se pode dizer. Aí, na pensão de D. Jovita, fomos relativa e confortavelmente instalados. Nosso médico, a essa altura, já recebera alguns chamados. O Snr. Roque, que ficára em casa de parentes seus, entabulava negociações para compra de couros e uma partida de carne de “sol” — a carne seca sertaneja, trabalhada empiricamente, cujo secamente se processa ao sol, na época da estiagem. Essa carne é muito mais saborosa que o charque.

Eu, nada tendo a fazer ali, ouvia a narrativa espantosa de um senhor Silvino, visionário que, depois de ter ido para São Paulo, de lá regressara ao sertão em virtude de uma revelação que tivera na terra bandeirante, na qual certo velho conhecido seu, depois

de morto, lhe fôra, em sonho, confiar o segredo de uma jazida de ouro e diamantes, lá para o baixo Jequetinhonha. Entretanto êle, o narrador, que se abalara de São Paulo com a família, até ali, estava impossibilitado de ir às miraculosas minas por lhe faltarem recursos monetários. Coisas do destino, dizia-me fatalisticamente. Todavia estava disposto a revelar seu acrisolado segredo pela insignificante quantia de dez mil cruzeiros...

Após essa “marcopolésca” história fomos, eu e o Sr. Sousa, ouvir o “Repórter Esso”, num rádio vizinho, servido por bateria. Preparavam-se então, os aliados, para firmar as condições de rendição do monstro nazista já felizmente batido.

Depois de um sono reparador e após um matinal café bem acompanhado; da tomada, pelo caminho, da mercadoria comprada por seu proprietário; de terem sido atendidos pelo Dr. Aventureiro os doentes que o esperavam e eu ter examinado, por curiosidade, uma partida de pedras semi-preciosas de que é produtora a região, arrancamos para a segunda etapa. Eram mais ou menos nove horas da manhã.

Já agora se tinha tornado conhecido o verdadeiro motivo que nos dava a honra da presença do nosso aludido médico, coisa aliás, por êle mesmo revelada. Ia o “suigênere” esculápio, em busca de um casamento com a filha de abastado fazendeiro do sertão, lá para os lados de Vigia — hoje Almenara. À proporção que caminhávamos, mais irrequieto se tornava o ambicioso Romeu. O nome de sua Julieta era evocado a cada instante. Versos eram por êle improvisados (versos, digo mal. Diria melhor amontoado de asneiras mal rimadas, absurdas e extravagantes, conquanto que dissessem respeito à deusa almejada e por que não alvejada?...); frases eram estudadas

e pensamentos (oh! pensamentos!) que expressassem seu "grande amor" à infeliz "felizarda" herdeira dos milhões do zebureiro. De tal sorte azocrinava o Dr. Aventureiro os ouvidos de seus companheiros de cabine, que o Vicente, com sua franqueza rude mas sincera, de nordestino, já o proclamava um tólo "vário da idéia"...

Efetivamente o homenzinho a cada instante mais se tornava infantil na sua palestra. Esquecera a infalibilidade de seus sonhos os quais, segundo afirmava, "avisavam-lhe" de tódas as cousas boas ou más, davam-lhe números certos da loteria — embora êle nunca abiscoitasse um prêmio sequer; anunciavam-lhe clientes etc.. Tais sonhos, antes, eram motivo indefectível de suas palestras. Agora só falava na presumida ou suposta "eleita", isto é, a eleita de sua ambição de riqueza a qualquer preço. Falava nos zebús do visado futuro sogro e arquitetava planos para a ambicionada fazenda que lhe iria pertencer...

Mas deixemos o "apaixonado" Romeu de Melelanas enevoadas e voltemos à jornada, desconfortável é certo, bem mais agradável porém, que aquela cateação amorosa.

Muito pior se tornara a estrada. Correndo entre macegas e pastos em abandono, os que vinham, como eu, sobre a carga, num verdadeiro suplicio, recebiam, a todo instante, em plena cara, verdadeiras surras orvalhadas que as sementes do colômbio nos applicavam deixando-nos rosto, orelhas e chapéu cobertos de uma viscosidade — natural à flor daquela graminea, simplesmente intolerável. Lugares havia em que o carro entrava nos pontilhões, cujo estado era de absoluta insegurança. Quando, em pericial arrancada do chofer, saía do outro lado, o alçaçãõ lá ficava, na retaguarda, balançando sobre o abismo. Por outras

vêzes eram barreiros nas encostas frias e escorregadiças, onde os passageiros eram obrigados a descer e ajudar, num esforço hercúleo, o veículo safar-te. E assim caminhávamos naquele vasio triste onde o homem é expressão nula e deplorável.

As quatorze horas do dia seis chegávamos a Ban-deira, hoje Rubilita, onde fomos almoçar. Antes de aí chegar, depois de alcançarmos o chapadão da "Serra Vermelha" contemplei um panorama extasiante. Tôdas as serras dessa região perdida, tinham aos meus olhos, nas distâncias horizontinas, a mesma altura e formavam, a dezenas de léguas, um círculo imenso em torno daquela sobre a qual estávamos. É aí, segundo me disseram, no seio vastíssimo dessas montanhas que as erosões escarvam em sulcos profundos, avermelhados, e barreiras-corridas, que dormem grandes jazidas de diamantes, ouro e pedras semi-preciosas, apenas rudimentarmente tocadas por mãos humanas.

O solo dessa parte do sertão é sáfaro, muito ao contrário do que testemunhei na zona marginal dos rios atrás deixados. Sendo a terra vermelha e montanhosa, ressentindo-se da falta de mananciais que a umedeçam, não é acessível à agricultura cuja presença, como em toda a região, jamais se faz sentir, em que pese algumas pequenas e esparsas roças, num que outro lugar, nas baixadas ou vales mais umbríferos. Apenas a vegetação característica a veste. E quando assim não é, as pastagens de colômbio mal cuidadas se vão distendendo por quebradas, onde vive um gado semi-bravio raramente visto pelos transeuntes.

Rubilita é um povoado insipiente, pósto que antigo, semeado na encosta montanhosa, ressentindo-se, como todos os seus congêneres, dos serviços de higiene, luz e instrução. Goza, entretanto, de clima

agradabilíssimo, característica, aliás, natural ao sertão em geral. Nesse povoado conheci um irmão maçõn, farmacêutico, de rara gentileza. Além de me fazer boa compra presenteou-me com regular pedaço de turmalina verde, de certo valor, o qual pretendo mandar à lapidação para guardá-lo como reliquia.

Ficamos em Rubilita até às dezesseis horas, quando novamente levantamos acampamento. A noite colheu-nos a rolar pelos êrmos. Finalmente às vinte horas dêsse dia entramos em Salinas, cidade que, infelizmente, não me foi possível conhecer bem, pelo adiantado da hora. Pude, entretanto, saber que se trata de cidade importante pelo seu valor econômico, cuja riqueza se firma quase que exclusivamente na pecuária. Seu aspecto é agradável e deixa transparecer uma civilização mais ou menos adiantada, tanto quanto o pode ser um centro populoso nessas brenhas.

Saimos de Salinas às duas e meia horas do dia sete. Para a frente já encontramos estradas no verdadeiro sentido da palavra, e por sinal com bastante movimento de veículos. Sempre ascendendo, quando atingimos o planalto quase tive a face congelada, tão frio era o vento que me açoitava, àquela hora, ao desfilar do carro desenvolvendo setenta quilômetros horários. Quieta, como se medrosa de caminhar, a lua, já bem próximo do fim de seu ciclo, mais se parecendo aliança partida ao meio, emprestava às cousas sua claridade opalescente. Lá distante, quase ligada à fimbria horizontalina, a estrêla matinal parecia contemplar sua competidora, embuçada num arminho de brumas.

Eram precisamente cinco horas quando chegamos a Entroncamento, local onde a estrada se bifurca, eguindo um dos seus ramais para a Baía. Ficou

ai o Dr. Aventureiro, à espera de uma condução que o levasse ao objeto de sua desvairada ambição.

Longe, muito longe mesmo, delimitando os altiplanos, distendia-se a "Serra Geral" que iríamos atravessar algumas horas mais tarde. Dessas alturas o sertão se me descortinava imenso, árido e adusto, por léguas e léguas em tórno. E o caminho rugindo sempre, devorava as distâncias em busca da chegada.

Passei-me para a cabine, substituindo o médico. Tínhamos ainda cinqüenta léguas para caminhar. As onze horas paramos em "Lagoinha", para o almoço, numa das inúmeras pensões que se encontram à margem dessas estradas sertanejas. Ai o dono do veículo, pareceu-me, tinha prêso o coração. Surpreendi-o, lá num recanto de horta, falando à sua eleita, por sinal linda morena filha dêsses rincões longínquos. Sendo viuvo êsse Snr. certamente preparava-se para encher o vasio que em seu coração, como no meu, deixou a viveuz.

Prosseguindo, dentro em pouco alcançávamos o ápice da última serra a transpor. Que linda paisagem outra vez se me ofereceu! Olhando para trás eu via, traçando aquela extensão imensa, o risco branco da estrada percorrida. Para a frente o mesmo traço continuava a mostrar-me o rumo que me levaria ao fim da caminhada.

Veio a tarde com seu esplendor sertanejo. As dezesseis horas, entrávamos em "Brejo" — hoje Francisco Sá. Nesse momento, precisamente, chegavam as primeiras notícias da incondicional rendição dos alemães. Fogos espocavam e a população local se movimentava a correrdo às ruazinhas, de certa maneira incrédula daquele universal e benfazejo acontecimento.

Após ligeiro café, continuamos. O sol, num campo rubro, tornando-se alaranjado nas extremidades, espiava a campina adormecente, refletindo-se no espelho quieto das ipueiras.

Surgiram as primeiras estrêlas, e logo o céu se transformou numa campina de veludo negro salpicada de luz. Mas a jornada continuava ainda. Uma hora depois, através do serrado verde, luziram as primeiras lâmpadas de Montes Claros.

...Faltavam dez minutos para as dezenove horas quando o gigantesco caminhão estacou à porta do Hotel São Luiz. Tôda a cidade era um alvoroço. Fogos, rádios, bandas musicais e algazarras se confundiam no júbilo do povo pela terminação da guerra. Tinha eu por finda mais uma longa caminhada. Deixando, tão distante, a ponta de trilhos da Baía-Minas, encontrava-me onde fôra, até bem pouco tempo, a ponta de trilhos da Central do Brasil. Ficavam-me para trás cem léguas dêsse sertão mineiro tão rico, tão pródigo e tão esquecido dos homens a quem o Brasil tem confiado os seus destinos!

II PARTE

## DO PAÍS DO SUL

## PÓRTO ALEGRE

Amigos meus:

Numa dessas nubladas manhãs de março, no bôjo de possante "Douglas", da Panair, eu ascendia aos céus cariocas. Ia rumar para as sulinas plagas rio-grandenses, de mim, então, desconhecidas.

Como a água profunda fechando-se sôbre um pesado corpo que se lhe atira, fecharam-se as nuvens sob a possante ave metálica, tão logo ela tomou altura, rasgando-lhes a cortina bulcânica e sôbre elas alcandorando-se. Mal pude ver a Guanabara estendida como lençol de bronze entre as serras fluminenses, tendo no colo vasto as manchas multiformes das ilhas que a pontilham. De relance contemplei o rebanho imenso de edifícios e logradouros; de casario e morros da Capital guanabarina, e já me encontrava no espaço infindo, a centenas de metros sôbre a terra, tendo por cúpula a vastidão profunda de um céu nublado e sob mim o interminável campo de brumas ameaçadoras daquele triste despontar de outono.

Vencidas as primeiras sensações; cessado o mal-estar do vôo inicial, senti-me tomado de uma tristeza indefinida, um isolamento cruciante e nô peito o pungir de uma saudade amarga. Talvez porque eu partia para o desconhecido, deixando vocês, queridas criaturas, cuja existência é tôda a razão de meu lutar.

Em baixo a terra se distendia, é certo, mas velada aos meus olhos. O nevoeiro se me tonara intransigente. Se eu estava no espaço, que me contentasse com êle, talvez tivessem decidido os fados... E assim os minutos se arrastaram, lerdamente, morosamente. Após uma hora de viagem as nuvens fizeram-me pequena concessão: esgarçaram-se e eu pude contemplar, vestida do verde que os campos lhe oferecem, a terra num suceder de pastagens, bosques e lavouras. Era a região leste paulista que se me des-cortinava e vinha, gradativamente, ao meu encontro à proporção que a aeronave descia avançando sempre. Com os primeiros bairros paulistanos surgiu, ao longe, a magnífica Reprêsa de Santo Amaro. Minutos mais, com meus tímpanos em protestos pela inesperada mudança de altitude, saltava no aeroporto de Congonhas.

Um ligeiro e paradoxalmente péssimo café na terra fabulosa da importante rubiácea; a carga e descarga, descida e tomada de passageiros; o reabastecimento e a revisão de praxe nos motores, e o alto-falante da estação de passageiros gritou pausadamente: "passageiros da Panair para Pôrto Alegre, queiram tomar seus lugares e boa viagem!"

E instantes após o avião manobrava. Novamente seus motores roncaram forte. Resvalamos vertiginosamente sôbre a pista molhada e de novo a terra foi-se-me distanciando, foi-se afundando e por fim desapareceu sob as nuvens cuja vastidão voltou a fazer-se adensada abaixo de mim.

... A tarde já se aproximava quando, ao choque de um vácuo mais acentuado, despertei da modorra a que me vira entregue, sonhando com meus queridos deixados a tantas léguas atrás, bem não se passaram quatro horas.

Nesse instante havia sol nas bandas do ocidente. Olhei para baixo e pude ver uma floresta imensa, verde-escura, povoada de pinaros e vales. Bem ao fundo, lembrando extensíssima lâmina de estanho, sinuosa e irregular, corria para oeste um fio d'água, certamente um dos grandes rios do sul que a altitude fazia microscópico. Ao longe, ligados à fimbria azul do céu, dir-se-ia os horizontes dando por terminada ali, a vastidão da terra.

O aero-moço veio-me oferecer a refeição de bordo, composta de frios excelentes, ovos cozidos, crême de abacate, doces e bom-bons. Perguntei-lhe sôbre que território voávamos. — Santa Catarina, respondeu-me gentilmente, acrescentando: dentro de alguns minutos avistaremos Pôrto Alegre.

Então lá nas profundezas, a terra se me deparava pontilhada de um sem-número de propriedades demarcadas por cêrcas que me pareceram de pedra, dando-me por vista centenas de quadriláteros caprichosamente traçados naquelas vezes ubérrimas, em que espelhavam os céus vários pequenos lagos ou fontes irregulares, oferecendo àquelas terras a umidade constante de que tanto carecem as plagas nordestinas.

Nesse instante notei que o avião inclinou a prôa em sentido ascendente, subindo bastante. Um frio exquesito invadiu-me, súbitamente, regelando-me os pés. Vácuos sucessivos estremeçiam a nave aérea causando-me sobressalto e inquietação. Vibrou a sineta e apareceu, em legenda vermelha, ao alto da porta que dá acesso à sala de comando, a conhecida ordem de "Usar cinto. Favor não fumar!"

Compreendi que estávamos galgando altura maior para tranpor as elevadas serras que separam do Rio Grande do Sul as terras catarinenses. Efetivamente assim era. Não muitos minutos transcorreram para

que se me distendesse ao extasiado olhar, em tôdas as direções, a vastidão da terra gaúcha. E eu que não tivera oportunidade, por me encontrar então adormecido, de conhecer os campos paranaenses que sobrevoara, tinha ali, em compensação, a alegria de avistar, pela vez primeira e de entre as nuvens, essa amplitude suntuosa que é o Rio Grande do Sul.

Já agora o avião entrara a descer e o aero-moço anunciava aos passageiros que Pôrto Alegre estava à vista. Na verdade, bem próximos da terra, curvávamos em vôo elegante sôbre o Guaíba e parte dos subúrbios norte-portoalegrenses.

..... Foi assim, amigos meus, que me encontrei, após quatro e meia horas de permanência entre o céu e a terra — flutuando num oceano de nuvens, nesta linda e atraente Pôrto Alegre, da qual é meu dever contar-lhes alguma cousa. Alguma cousa, sim, porque não se pode falar da grande Capital em aprêço; do que ela tem de importante e digno de nota, em resumo, dizer dos seus detalhes e particularidades, numa carta, apenas.

Sabem vocês, melhor que eu, pois estudaram, que Pôrto Alegre está situada à margem esquerda do Guaíba ao qual oferece a frente e ambos os flancos, tendo os fundos distendidos na direção da linha atlântica, muitas léguas distantes. Este grande lençol fluvial é, nesta altura, menos o rio propriamente dito, que um estuário considerável a receber inúmeros afluentes dentre os quais se destacando o Jacuí, o Taquari, o Caí etc., cujas águas, aumentando-lhe o volume, formam várias e grandes ilhas fronteiras à cidade, e são por êle, o Guaíba, entregues à famosa e colossal Lagoa dos Patos, algumas léguas abaixo.



peciais para a coleta de lixo com esta delicada solicitação inscrita: "Deixe a rua limpa! Coloque aqui as cascas de frutas, papéis etc.". Em várias outras esquinas de ruas mais movimentadas, no centro urbano, há, também, recipientes esteticamente instalados junto aos postes de iluminação, com legendas da mesma sorte incentivadoras à limpeza da cidade. E a maioria do povo atende ao pedido. Raro é ver-se sujeiras nessas ruas que se conservam sempre limpas e de agradável aspecto.

O serviço de bondes é inegavelmente bom embora deficiente quanto ao número de veículos, em face do acúmulo de transeuntes. Tais carros são todos fechados e não conduzem reboques — ou lastro, como dizem aqui. Correm muito e usam cirenes de apito, o que dá uma nota interessante e inédita ao forasteiro desacostumado a êsses sinais. Também é usada a chave automática para os entroncamentos, não só economizando tempo, mas também resguardando o motorista contra as invernosas intempéries, visto que, a um simples manobrar de manivela na cabine de comando, o veículo toma a linha desejada.

Ao falar em transporte urbano, não devo esquecer os autos de praça cujo serviço, além de rápido é um dos mais acessíveis em preço, do País. A isso acrescenta-se a urbanidade da classe motorista de Pôrto Alegre. Ao contrário do que se observa no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Belo Horizonte e outras grandes cidades brasileira, cujos profissionais do volante são, em grande parte, irascíveis, indelicados e gananciosos, os motoristas em aprêço são delicados, honestos, comunicativos e amigos do público, jamais o explorando quando não ajustado, antecipadamente, o preço do serviço.

Com os "mensageiros", como aqui são conhecidos os carregadores, dá-se a mesma cousa. Em geral quando se lhes pergunta o preço de um carroto não tratado previamente, ouve-se-lhes a resposta: "à vontade; dê o que vale". Que diferença entre êsses profissionais e os seus colegas de Vitória, Rio de Janeiro e outras capitais, a cometerem verdadeira extorsão contra a bolsa do público se se não tem o cuidado de tratar, antes, o carroto!

Os engraxates "de praça" constituem outro serviço digno de menção. Estão êles instalados em tôdas as praças ou logradouros centro-urbanos, tendo as respectivas cadeiras abrigadas por barracas à guisa de chapéus-de-sol, praieiros, de listras berrantes, cheios de anúncios comerciais. Com sol ou com chuva o cliente pode servir-se daquêlas cadeiras, pois estará abrigado.

Notável é o trânsito na Capital gaúcha. Seu policiamento, bastante organizado, a educação do povo a êsse respeito e as precauções existentes, da parte dos seus responsáveis, tornam tal serviço, se não perfeito, muito melhor do que outros de outros grandes centros. Invariavelmente, os pedestres se aglomeram na esquina aguardando o sinal de livre trânsito. Nessas esquinas, resguardando o público contra atropelamentos, há correntes ou grades que se alongam para um e outro lado dos passeios, de modo a forçar os transeuntes a atravessarem sempre na reta, em frente ao sinal luminoso ou ao guarda. É o único sistema de proteção, no gênero, que conheço. E me pareceu muito eficiente. Não sei se daria resultado para o povo do Distrito Federal, cuja indisciplina a respeito de trânsito é simplesmente lamentável.

Nota curiosa em relação ao assunto em foco é a proibição de estacionamento nos passeios da rua dos

Andradas — o “boulevard” da Capital, onde não passam veículos. Ali os grupos só se podem reunir no meio da rua. Se a gente se distrai a palestrar no passeio, vem o guarda e, muito delicadamente, solicita: “faça o favor de andar...” E todos acatam a ordem atenciosamente. Dêsse modo os passeios estão sempre desimpedidos.

Uma boa estação rodoviária serve a Pôrto Alegre. Ali chegam e dali partem todos os ônibus estaduais e inter-estaduais. Há nessa estação, além do serviço de passageiros, secção de cargas e encomendas, regularmente instalada.

Para os bondes há dois abrigos onde se tomam carros para todos os recantos da cidade. Tais pontos de embarque teem um verdadeiro e variado comércio em miniatura, no qual se encontram milhares de utilidades.

Muito importante, também, é o trânsito fluvial a que serve o cais de Pôrto Alegre. Estendido por distância superior a um quilômetro, êsse cais ocupa uma vasta extensão da margem do Guaíba. Dias há em que todo êsse trecho é tomado de navios, ficando outros tantos, na fila ao largo. No mesmo sentido rio acima, estão outros armazens — um cais menor, que serve à navegação fluvial constituída de vários tipos de embarcações, umas obsoletas, outras modernas, a formarem tôdas, pequenas frotilhas utilíssimas no transporte de cargas e de passageiros, através da vasta região navegável do grande rio gaúcho e de seus afluentes.

Comércio de Pôrto Alegre, eis um dos grandes fatores da vida desta Capital. Em qualquer dos ramos e das classes há, aqui, estabelecimentos notáveis, cuja importância nada fica devendo aos maiores do continente. No ramo livreco destaca-se a Editôra

e Livraria Globo, uma das maiores do Brasil. Os comerciantes porto-alegrenses demonstram gôsto especial na propaganda luminosa de seus estabelecimentos. À noite dá gôsto vêr-se a luminosidade dos anúncios, numa verdadeira competição divulgativa. As vitrinas, igualmente, merecem a melhor atenção dos homens dêste comércio e são, de fato, lindas. Quanto aos preços, excetuando-se artigos de lã — especialmente confecções de roupas para homens, em geral são elevados. No que diz respeito à alimentação ainda é Pôrto Alegre, de tôdas as que tenho até aqui visitado, a cidade que melhores preços oferece. Com vinte cruzeiros faz-se ótima e sadia refeição num bom restaurante, acompanhada de vinho e sobremesa. Tive ocasião de me servir de vários estabelecimentos dêsse ramo e em todos encontrei a mesma fartura e a mesma comodidade de preços. No Palácio do Comércio ou no Restaurante Rener, por exemplo, há o “almôço comercial, onde é servida refeição farta, constante de vários pratos, doces e café, pela quantia fixa de doze cruzeiros. No “Mário”, o restaurante mais popular da Capital, pode-se comer bem, régado a vinho, com excelente “torta de frutas” de contrapêso, por dez cruzeiros no máximo.

Quanto às diversões, o cinema, o futebol e o turfê ocupam o primeiro lugar na preferência do pôrto-alegrense. São inúmeros os cinemas desta Capital. Além dos que se encontram no centro urbano, há em cada bairro, um ou mais dêsses estabelecimentos. E em todos êles estabelecem-se filas (“bichas”, para usar a expressão da terra) enormes, tôdas as noites, especialmente aos domingos, desde as matinês.

Relativamente à vida noturna, de conhecimento próprio nada posso dizer, uma vez que, avêssas à boêmia, sempre me abstive, não apenas dela mas de tudo

o que com ela se relaciona. Consta-me, porém, que há casinos e grossa jogatina, bem como lupanares em grande quantidade — mancha, aliás, endêmica na vida social brasileira. Aos domingos a população se movimenta, rumando para os campos de futebol, churrascarias, parques e, na maioria, o Prado de Corridas. Na segunda-feira o assunto principal são os prêmios da véspera. Então é de ver grupos e grupos, nas ruas, nos cafés, nas casas comerciais, em toda a parte a discutirem sobre as falhas ou os sucessos dos litigantes, tal como acontece no Rio e demais metrópoles brasileiras. Quando assim não é, a política está sempre presente nas palestras. Todavia melhor cuidada pelas camadas mais velhas, que à mocidade há coisa mais séria a discutir: o futebol!...

Outro setor do qual, paradoxalmente, não posso falar com amplo conhecimento, é o cultural. Dado o meu temperamento acanhado e arredo, nunca me é fácil entrar em contacto com os meios culturais do País. Tanto mais que os meus afazeres profissionais tomam-me a maioria do tempo. O que me sobra, dedico às minhas diletâncias literárias. Contudo, posso afirmar que Porto Alegre é um dos grandes centros culturais do Brasil; cultura essa que abrange todos os ramos culturais-artísticos.

Ocioso, senão enfadonhamente prolixo, seria falar das ruas, praças, avenidas e edificações de Porto Alegre, bem como de seus monumentos, uma vez que se equiparam aos de todas as nossas capitais, relativamente à capacidade de cada uma.

Falarei, entretanto, de alguns logradouros e monumentos, tais como o Parque Farroupilha, extenso e aprazível, a lembrar a Quinta da Boa Vista, no Rio, com suas atrações e encantamentos. O Parque da

Redenção, preferido pela sociedade gaúcha e a praça "Senador Florêncio.

Dos monumentos dignos de menção devo citar, no largo do palácio do governo, o monumento a Castilhos, próximo ao qual se encontra o magnífico Auditório onde as bandas musicais realizam concertos públicos. Encimado pela estátua de Anita Garibaldi e circundado por guerreiros "guasas" imortalizados no bronze, essa suntuosidade artística, de rara beleza, encontra-se na parte mais alta do centro da cidade e é, por isso mesmo, dos primeiros monumentos a serem vistos pelos forasteiros ao chegarem à Capital.

Em frente ao edifício dos Correios e Telégrafos, encontra-se a estátua de Rio Branco, e mais adiante, na mesma praça Senador Florêncio, está o monumento ao glorioso e imortal Osório. Cavalgando seu fofogo corcel, o vencedor de Tuiuti continua repetindo ao povo, no bronze imperecível, esta frase lapidar e democrática jamais imitada sequer por outro cabo de guerra brasileiro: — "A data mais feliz da minha vida seria aquela em que me dessem a notícia de que os povos civilizados, festejavam sua confraternização, queimando os seus arsenais!"

Noto nas praças e jardins, públicos ou particulares, a ausência de flores. Não creio que isso seja por aversão do gaúcho à floricultura e sim pelo rigor do clima. O certo é que, nesta parte, Porto Alegre está muito longe das cidades mineiras, fluminenses e mesmo capichabas.

Parece-me que o gaúcho tem predileção pelos enfeites arquitetônicos. É muito raro ver-se um dos prédios mais antigos sem uma figura, um alto-relévo, um adorno qualquer nos respectivos frontespícios. Ainda e igualmente curioso são as carapuças das chaminés. Todas têm a encimá-las esses acessórios cujas

formas variam, embora predominando o feito de pagamento. Tais apêndices não são enfeites e sim uma proteção contra a violência dos ventos que, penetrando chaminé abaixo, impedem o curso da fumaça prejudicando o funcionamento dos fogões.

Há, ainda, contra as ventanias — principalmente o violento e frígido minuano, as portas de vidro em sentido giratório ou as de vaivém, que se fecham automaticamente, colocadas à entrada dos hotéis, restaurantes, casas comerciais etc., a fim de impedirem a penetração das rajadas frias.

A construção em madeira é muito usada aqui. Aliás, em tôdas as cidades sulinas. Predomina o estilo nórdico. Mas há, também, outros estilos. Essa construção é mais freqüente nos bairros, aos quais emprestam aspecto bizarro e gracioso.

E agora falarei um pouco sôbre o gaúcho. Este brasileiro é de uma grandeza dalma simplesmente admirável. Comunicativo como poucos, bastam alguns dias de convívio com este povo para que o forasteiro sintam-se como que entre velhos conhecidos. Cheguei a Pôrto Alegre trazendo comigo a prevenção de que me iria defrontar com brasileiros diferentes, presunçosos e fanfarrões, olhando os forasteiros com orgulho e superioridade. Que satisfação tenho em confessar meu completo equívoco a êsse respeito! Num verdadeiro contraste, encontrei na alma desta gente expansiva e alegre, uma acolhida irmã. O gaúcho não tem preconceitos nem recalques doentios. E a sua espontânea alacridade transmite-nos, aos primeiros contactos, a confiança de estarmos entre verdadeiros amigos. Como me sinto bem entre êstes irmãos do sul! Poucos dias após minha chegada a Pôrto Alegre, sem trazer qualquer recomendação, já

contava com uma roda amiga da qual não me separo nas horas de folga.

O vocabulário, diria melhor, o sotaque do rio-grandese do sul é interessantíssimo! Pena é que o não possa aprender, pois se conseguisse tal, teria enriquecido de muito meus modestos conhecimentos do nosso linguajar folclórico. Mas não é isto para mim muito fácil logo, não tentarei.

Passarei, entretanto, ao elemento feminino. E ao fazê-lo, cumpre-me o dever de justiça exaltar a beleza da mulher porto-alegrense. Jamais vi em qualquer outra parte do Brasil criaturas mais lindas, mais harmoniosamente belas! Creio mesmo que em qualquer outra parte do mundo não existe mulher mais bonita. Não se trata de beleza fisionômica simplesmente, e sim de uma beleza em conjunto no qual se harmonizam plástica, fisionomia e graça.

Não me parece que o cantor dos escravos tenha conhecido esta patriciã encantadora. Acredito, entretanto, que ao falar nas "belas filhas do país do sul", Castro Alves, o imortal poeta do povo brasileiro, referia-se à mulher porto-alegrense!

Convictas de seus raros dotes de beleza, essas lindas criaturas se reúnem, cotidianamente, numa espécie de desfile tácito e permanente, no principal trecho da rua dos Andradas, que vai do Grande Hotel à Av. Borges de Medeiros, entre as dezenove e vinte e uma horas. E ali, num verdadeiro cortejo de belidades, passam e repassam enchendo de graça e de encantamento o ambiente.

Não posso afirmar se a essa beleza física alia-se a beleza cultural. Já ouvi algures que essas duas belezas são antagônicas... E se assim é, nada mais lamentável! Oxalá não se confirme tal asserção. E

por falar nisso, lembrei-me da instrução aqui, assunto importante e do qual me ia esquecendo.

Também nesse setor Pôrto Alegre se encontra na vanguarda com outros centros nacionais. Do primário ao superior o ensino, nesta Capital, é relativamente bem difundido, havendo, ao que me informaram, gratuidade para o curso ginasial, em alguns casos. Há várias faculdades e escolas profissionais, gozando o Instituto de Educação local, de grande prestígio. Há dias, desejando punir um professor, o Secretário de Educação d'este Estado, resolveu fechar o Instituto de Educação. Houve protestos gerais e aquela autoridade recuou d'esse ato antipático e reacionário. Indiscutivelmente foi uma vitória do povo que soube juntar seu protesto ao dos prejudicados. Isto quer dizer que, também em Pôrto Alegre, o povo vai compreendendo, rapidamente, o valor de seu apêlo unido e resoluto.

A propósito d'esse assunto, não posso silenciar quanto à vida social nesta metrópole. Como em tôda parte do território nacional, também aqui existem muitas falhas relativamente a êsse problema. Porisso mesmo, ao lado de grandes riquezas há grande pobreza. A princípio não vi sinal de indigência na Capital gaúcha, e cheguei mesmo a acreditar que essa mancha triste, filha exclusiva do sistema econômico reinante em grande parte do mundo, por auspiciosa exceção, era desconhecida em Pôrto Alegre. Bem cêdo comprovei o meu engano. Há mendicância e miséria igualmente nesta bela cidade. Tenho ouvido comentários alarmantes com relação à tuberculose cujo alastramento se verifica de maneira aterradora nas classes proletárias d'este Estado. As iniciativas de ordem social estão muito aquém dos fóros de progresso d'este povo. Há um proletariado considerável

e já bastante consciente, aqui, mas, como em tôda parte, explorado e desprotegido. As perseguições patronais sucedem-se, destacadamente, nas celeberrimas e doentias minas carboníferas do Butiá e do Arroio dos Ratos, onde o Caden — organização exploradora dessas minas age arbitrariamente, apoiado pelas forças do poder, destelhando casas de operários, expulsando e encarcerando os que reclamam melhoria de salários.

Felizmente nota-se um despertar, embora débil ainda, das forças trabalhadores. Êsse movimento, a despeito da severa opressão policial, vai-se firmando, como em todo o País, o que trará, por certo, melhores dias para essa grande alavanca do progresso nacional, que é o proletariado.

Encerro esta parte da presente carta, falando um pouco dos mercados de Pôrto Alegre. Sim, o velho e o novo mercado. Separados apenas por uma rua, tais empórios são de notável fartura. O primeiro, que tem seus dias contados pois cederá lugar ao segundo, o novo, ainda conserva as características dos idos tempos. O segundo, instalado no térreo de vasto e sólido edifício, prepara-se para assumir inteiramente o movimento de ambos.

Tudo o que diz respeito a alimentação é ali encontrado, com abundância e de boa qualidade, especialmente carnes, peixe, legumes e frutas. A secção dos pescados, aliás, não se encontra no recinto d'esses estabelecimentos, como nos demais mercados de outras capitais. Está retirada, talvez por determinação superior.

Infelizmente, já se faz sentir, também, aqui, a falta de carne bovina. De leite e pão esboça-se grande crise. Isso seria paradoxal num país bem administrado, sabendo-se que o Rio Grande do Sul é o pri-

meiro Estado do País, quicá do Continente, em pecuária, e dispõe de grandes áreas territoriais propícias à cultura do trigo. No Brasil atual, porém, tudo se explica. Somos, infelizmente, um povo que não é dono de seu destino econômico. Vivemos sob o guante monstruoso do capital imperialista o qual, como povo de mil tentáculos, avassalá-nos a liberdade, graças à subserviência dos homens que nos governam. Assim, o gado do Rio Grande do Sul, conforme aqui se propala, está sujeito aos frigoríficos anglo-americanos que podem, impõem e dominam. Todos os rebanhos se destinam à sua indústria de enlatados e conservas. Para o abate ou corte destinado ao povo, há, conseqüentemente, dificuldade na aquisição do gado. Eis o que se afirma. Quanto ao trigo, a imoralidade é quase a mesma. Apenas diferem os métodos da imposição, inclusive o entrave, por mil subterfúgios, no desenvolvimento da triticultura nacional. E assim caminha o povo brasileiro, através de mil sofrimentos, para a sua redenção, que não está distante.

## A FRONTEIRA

Cinco horas. Junho envolvia no manto nevoento e frio da garoa, a Capital Gaúcha. Gélidos os pés, mãos enluvadas e o corpo, quanto possível, "blindado" contra as intempéries, rumei para a estação ferroviária. Era a minha primeira viagem numa estrada de ferro neste grande Estado sulino. A "Viação Férrea do Rio Grande do Sul" é, sem favor, das melhores do País. Seus vagões de passageiros, em sua maioria, são de aço e confortáveis. Lembram os do "Cruzeiro do Sul", na Central do Brasil, porém, na bitola estreita. As poltronas, forradas em "marroquim marrom", alcochoadas e cômodas, teem à mão do passageiro campainhas para chamar o garção do carro restaurante, e ainda pequena prateleira ou suporte, em madeira, desmontável, à guisa de mesa em miniatura, para o apóio de livros, miudezas ou ligeiras refeições. Junto ao teto e lateralmente estendendo-se em sentido longitudinal, os suportes ou lugares reservados às malas e demais pertences que não podem, como é comum nas demais estradas de ferro, entrar o trânsito dos que viajam. A instalação sanitária desses vagões é excelente, e muito boa, também, a luz que os ilumina. O serviço de restaurante não é dos piores e a Companhia esforça-se por melhorá-lo, correspondendo às exigências dos clientes. Para isso há à disposição dos mesmos, nas mesas de refeições, impressos solicitando aos interessados sua opinião ou crítica.

... Às seis e meia horas partimos. Intenso era o frio. As vidraças, arreadas, cobriam-se de uma ca-

mada côr de neve a que chamavam geada. O combóio deslizava lerdamente através do longo e populoso bairro Navegantes, entre o Guaíba, adormecido e evaporante e o casario que, também, dormia. A medida que a cerração se dissipava, os campos, as fábricas, depósitos e granjas adjacentes de Pôrto Alegre, iam-se esbatendo da planície. Para trás já ficara a Base Aérea de Canoas. Em breve fraldávamos as serras da região norte do Estado, cuja Capital ficara muito longe, para a retaguarda. De quando em quando uma estaçãozinha pobre interrompia por um minuto a marcha do combóio. A cada instante "matas" de eucaliptos ou laranjais, quando não pequenas plantações de arroz ou granjas bem cuidadas resvalavam à nossa passagem. Não muito distante, à esquerda, deslizava o Jacuí. E a viagem prosseguia, normal e sob temperatura baixa mesmo àquela hora já passada do almoço. Rio Pardo, tradicional cidade gaúcha, e Cachoeiras, próspero e adiantado centro comercial daquela região, ficaram para trás. A população rarefazia-se à proporção que avançávamos, e as colinas desnudas de arborização e lavouras, alargavam-se, cobertas de pastagens, para o sul. Nada de importante se me apresentava por ali. Uma ou outra sede de propriedade rural aparentemente pobre, surgia sem qualquer atrativo. Esparsamente silos de arroz apareciam junto a vastos campos dessa cultura. Não apenas notava-se a falta ou ausência do camponês naquelas propriedades, mas, também, o aspecto daqueles que raramente apareciam, os quais demonstravam a pobreza natural a tôdas as regiões latifundiárias. Nas depressões ribeirinhas ou dos vales, aparecia uma vegetação silvestre, remanescente de floresta há muito tempo desaparecida, onde espécimes da flora gaúcha tentam sobreviver. Entre eles vi

alguns bastante conhecidos, também, no centro litorâneo do País.

As dezessete horas, aproximadamente, alcancei Santa Maria. Para trás haviam ficado apenas trezentos e oitenta e nove quilômetros percorridos!

Santa Maria é uma das maiores cidades do interior riograndense do sul. Considerável é a sua importância demográfica-comercial, contando, igualmente, com valiosa indústria. Todavia, do ponto de vista militar essa importância destaca-se sobremodo. Isto porque a cidade em referência constitui posição-chave de acesso à região serrana, como entroncamento ferroviário que é, não apenas para a região centro e norte do País, mas, igualmente, para a fronteira argentino-paraguaia, pelo Rio Paraná, e através de Iguaçu e Mato Grosso.

Não me foi possível conhecer o comércio de Santa Maria e muito menos toda a cidade. Era domingo e, além disso, o frio e o cansaço da viagem obrigaram-me a procurar os cobertores logo após o jantar. O aspecto urbano, entretanto, posso afirmar é agradável. Semi-plana, a topografia se lhe distende em colina de forma peninsular, à guisa de apêndice da cordilheira estirado para leste, sobre as franjas dos pampas, dando à cidade posição alcandorada, o que lhe permite sobrepor-se à vastidão das coxilhas a se distenderem para o sul.

Tratando-se de cidade bastante proletária em face das indústrias e das grandes oficinas ferroviárias ali instaladas, valiosa é, também, a significação política de Santa Maria. Porisso mesmo as lutas sociais ali se sucedem num crescendo significativo e promissor.

Cedo, ao dia seguinte, prosseguí minha jornada em direção à fronteira. E logo tomava conhecimento

visual com os afamados pampas e as intermináveis colinas. Os rebanhos de ovelhas se denunciaram logo pelas amostras de lã deixadas presas ao arame farpado das longas cercas. Entrava eu, assim, em contacto com os famosos campos de criação, contacto que não se interromperia mais enquanto eu permanecesse naquela imensidão territorial. E as vastidões se distenderam as meus olhos oferecendo-me inédito e magnífico panorama! Rebanhos, manadas e lotes de vários gados, viam-se por toda parte. De quando em vez, as "matas" de eucaliptos — a mais verde e mais alta vegetação desses pagos, dispostas em capões, lembravam altos-relevos esbatendo-se do ondulado seio da paisagem. E o combóio avançava célere, devorando distâncias, à proporção que surgiam e ficavam para trás as estações ferroviárias destituídas de qualquer expressão populosa. Quase sempre tais estações servem a fazendas pastoris ou riscículas, cujas sédes, não muito afastadas, raramente passam de mal cuidados galpões.

A cada passo um banhado ou várzea úmida e extensa, onde há pouco existiam vastas culturas de arroz. De todo não colhido, às vezes, esse rico cereal jazia empilhado aos montes, quando não submetendo-se às trilhadoras (máquinas que separam o grão da haste). Com exceção dessa gramínea, dos eucaliptos e das canhadas denunciando, ao longe, os leitos de rios ou de arroios, tudo é campina verde, por milhares de quilômetros quadrados, onde as pastagens nativas se sucedem, intermináveis, pontilhadas de rebanhos. Como representantes da nossa fauna, pude ver, sobrevoando os campos, o caracará, o pinhé e outras rapinas, pombas, marrecas e mais algumas aves silinas.

Tratando-se de região essencialmente pastoril e dada a fama da pecuária sul-riograndense, surpreenderam-me os bovinos e cavalares dos pampas. Eu esperava encontrar animais vistosos, bonitos e luzidios. A realidade, entretanto, foi outra e muito diferente. O gado dessa região é absolutamente uniforme no tipo e na cor, e composto de animais de pequeno porte, invariavelmente feios e de pêlo arrepiado. Ver um espécimen vacum no extremo norte do Estado, por exemplo, e ver outro junto à fronteira, é a mesma coisa. Nenhum diferença, quer na cor, no tamanho, no tipo ou na beleza. Nada da imponência e aparência do nosso gado mineiro, fluminense ou mesmo capichaba. Entretanto o zebu é um espantalho senão um atentado à pecuária, para o gaúcho. Nada de experiências com essa raça alienígena, responde quando se lhe faz qualquer referência a ela. A verdade, porém, é que não achei nenhuma graça no gado vacum dessas planuras. Quanto aos cavalos são igualmente feios, pequenos e arrepiados. Há uma particularidade a este respeito: o gaúcho não dá o mínimo valor ao cavalo marcheiro, tal como o mineiro, o fluminense e outros brasileiros. Para ele, o "pingo" só tem valor quando trotão. É de ver um "guasca" exclamar à passagem de um "pingo" bem montado: — "como trota bem!"

... E a vastidão continuava sem qualquer interrupção. Veio o almoço. O sol já ultrapassara o meio dia se a chuva que não cessava há vários dias me tivesse permitido vê-lo. Nevoeiro e sombras envolviam os espaços. Às treze horas, finalmente, cheguei a uma cidade regular. Era Cacequi, entroncamento para Bagé, Livramento e Uruguaiana. Após uma hora e alguns minutos, prossegui, atravessando o Santa Maria sobre uma ponte de mil e seiscentos me-

tros aproximadamente. E novamente a campanha se fêz brutalmente vasia de relêvos. O cenário torna-se-me enfadonho, monótono e enervante pois não apresentava o mínimo acidente topográfico para modificar a amplitude. Finalmente, muito longe, três elevados picos surgiram quais pirâmides perdidas na planura. A tarde foi chegando, triste e silenciosa. O frio se foi intensificando e a solidão se tornava mais cruel, mais implacável. Ultrapassei as três montanhas. Margeando o Santa Maria, o qual, um pouco mais adiante afastou-se para a direita, em busca do Uruguai de que é tributário, cheguei, ao entardecer, a Alegrete. Para a retaguarda deixava mais duzentos e trinta e dois quilômetros percorridos.

Alegrete, a célebre cidade das guerrilhas, é um bom centro populoso, possuindo regular comércio. Sua grande importância, entretanto, é militar. Há ali, além de um regimento de cavalaria do exército, um de artilharia montada e um de aviação em organização. Nessa cidade travei melhor conhecimento com o gaúcho autêntico relativamente aos costumes e trajas regionais. Montando seu "pingo" trotão tinha como arreios o sirigote forrado de pelégos coloridos, à mão direita, pendurado ao punho o rebenque ostentava formidável argola na extremidade superior. Cobrindo o corpo e a montada tinha a pala cinzenta — espécie de manto muito grande, com abertura ao centro, por onde enfiava a cabeça; manto êsse que lhe envolvia, não somente o corpo, mas igualmente a montaria, do pescoço ao rabo. O chapéu, não muito exagerado, tinha as abas retas, sem qualquer vinco. Calçava meias botas e usava esporas de rosetas regulares. Bombachas escandalosamente largas, e o laço de couro cru, em voltas muito grandes, préso à garupa e envolvendo toda a anca do animal.

Era imponente e firme ao passar pelas ruas, ao trote ritmado do pingo raquítico, sob os olhares satisfeitos dos cidadãos.

Hábito notável do gaúcho é o chimarrão, participante de sua vida em quase todos os momentos, e que êle sorve, religiosa e pachorrotamente, várias vezes ao dia. Como quem saboreia um bom cigarro, o gaúcho fica chupando o mate amargo na cuinha redonda, através da respectiva bomba de sucção, um tempo dilatado. Quando em grupo aquela cuinha e a bomba vão passando de mão em mão, de bôca em bôca, tornado ao ponto de partida para recomer o giro, apenas de vez em quando reabastecida de água fervente, sempre ao alcance na clássica chaleira.

Quer me parecer que essa maneira de usar o mate, é hábito cujas raízes se firmam nos recuados tempos dos aborígenes habitantes dos pampas. A nós, os brasileiros de outras regiões, o costume é esquisito. Ao gaúcho, arraigado e indispensável. Tão logo se se lhe aproxima quando toma o chimarrão, gentilmente êle nos oferece a cuia. Dizem que se molesta ante a recusa. Se assim é não o notei, talvez porque os oferecimentos que me foram feitos nesse sentido, o eram em horas e momentos de fácil evasiva... Contaram-me que nas rodas dos legítimos "guasas" não se pode de maneira alguma regeitar uma rodada do mate, sob pena de "malquerença" e até "buchincho grosso". Mas eu não estive pelo campo. Na cidade a coisa é menos séria...

...Uruguaiana, afinal! Enfim, a fronteira! Ali cheguei após um novo percurso ferroviário de cento e quarenta e dois quilômetros, a horas avançadas da noite e sob a violência de pesado e frio temporal. Também essa distância se distendia sempre, como as anteriores, sobre campinas pontilhadas de gados, avis-

tando-se um ou outro avestruz pastando entre as ovelhas. O aspecto dos pampas é um só. Vê-los às margens do Uruguai, ou a cem léguas dali, é a mesma cousa, isto é, planuras, coxilhas, cêrros, banhados, pastagens e canhadas, intercalados de alguns campos de arroz, um ou outro rio, rebanhos às centenas e, ao meio dessa vastidão, de longe em longe, uma fazenda com seu conjunto agro-pastoril de que se destacam silos de arroz e "matas" de eucaliptos. A centenas de quilômetros separadas, as cidades. Eis os pampas.

Uruguaiana é, negavelmente, uma cidade bonita. Debruçada sobre as barrancas do caudaloso Uruguai, seu casario se espalha, em retas e simétricas ruas, pela vastidão da planura sem ter uma elevação sequer. Do lado oposto encontra-se Libres, Argentina. Ligando êsses dois e populosos centros internacionais, mil e seiscentos metros de estrada, em cimento e ferro, oferecem trânsito franco a pedestres e veículos. É a ponte Agustín Justo, monumento extraordinário em que a engenharia brasileiro-argentina deu provas indiscutíveis da sua grande capacidade técnica fazendo dessa obra imperecível, verdadeira suntuosidade.

Los Libres — ou Libres, simplesmente, é uma cidade de pequena expressão demográfica, sem conforto, suja e triste, cujas ruas, na maioria, são despidas de calçamento. A edificação é das piores, constando de velhas casas desleigantes, algumas das quais, no centro comercial, se encontram apenas em tijolos nus, sem rebôco, portanto, e sem caiação. De importante tem um moderno e amplo quartel militar e uma bellissima praça, em acabamento, circundando a entrada argentina, da mencionada ponte.

Em compensação à falta de gosto arquitetônico, a cidade em alusão possui grande fartura. A propa-

tado: só me deixaram trazer a roupa de lã. O resto lá ficou, causando-me um prejuizo de mil e tantos cruzeiros. Eis a minha experiência da fiscalização argentina tão ciosa de seus deveres para com as pequenas cousas. Enquanto isso — era o que se propalava em Uruguaiana, sucediam-se os contrabandos de trigo portenho e pneus brasileiros. Eterna "justiça" do capitalismo!

... Após uma viagem de quatrocentos e sete quilômetros, cheguei a Livramento, linda cidade irmã de Rivera, no Uruguai, cuja divisa com o nosso País é simplesmente uma rua. Por dois dias estive nessa fronteira. Conheci um pouco do solo uruguai e pude admirar a organização de seu comércio, ali representado por ótimas casas comerciais, com instalações e vitrinas que muito trazem o gosto dos comerciantes daquele povo irmão. Nota interessante em Rivera é o "Café Sorocabano", ponto preferido pelos brasileiros e onde se toma o melhor café naquelas duas cidades fronteiriças.

Nada há de particular a destacar-se em Livramento além da Praça Internacional, muito elegante e bem cuidada, para a qual o Brasil cedeu uma vasta área de terras. Ao centro dessa praça, ergue-se um belo e elevado obelisco, em esquadro rigoroso com a linha divisória. Também a topografia, que nessa região extrema da Pátria, sofre modificação com a facha montanhosa que demarca os dois países, apresenta aspecto diferente. Igualmente merece reparo a elegância no traje feminino dessas cidades, principalmente o trajar das uruguaias, que ostentam pomposos vestidos.

Aqui como em tôda a parte, o gaúcho é um grande e hospitaleiro povo. Dir-se-ia um brasileiro sem

recalques, tal a afabilidade com que recebe o forasteiro patricio. Nele não há preconceitos de cerimônia hipócrita. Basta que se lhe fale para encontrar nesse irmão sulino um amigo franco, risonho e cavalheiro.

Para testemunhar minha presença nessa terra fronteiriça, deixei-me fotografar junto ao obelisco de que acima falei, tendo o pé no Brasil e o corpo no Uruguai, prova irrefutável de que estive no estrangeiro...

Fiz meu regresso, no cumprimento de meus deveres profissionais, por outro ramal, já em direção leste, rumando para Pelotas. Partindo às seis horas de Santana do Livramento, às vinte e meia horas cheguei a Bagé, grande e próspera cidade dos pampas riograndenses, famosa pelas suas exposições agropecuárias. Ao amanhecer do dia seguinte, prossegui viagem, diretamente para a grande cidade da primeira miss Brasil. Antes havia passado por Rosário, cidade cuja vida, em grande parte, gira em torno dos Frigoríficos Swift que ali se encontram instalados com importantes usinas de conservas e enlatados, constituindo um dos trustes açambarcadores da pecuária gaúcha.

Passei por São Gabriel, outra importante cidade industrial em cujas adjacências pude ver grandes campos riziculas. Nessa última etapa ferroviária atravessei a Serra de Tapes e marginei o rio Piratini. Também conheci Pedras Altas, onde se firmou o tratado político que lhe deve o nome. Além de contemplar, do combóio, as codornas, em quantidade, marciscando pelos campos, pude ver a histórica fazenda onde viveu Assis Brasil, o velho político do sul.

Afora a Serra de Tapes, que põe nota diferente e alcandorada no escampado imenso, a topografia

volta ao mesmo e monótono aspecto. Campos, sempre campos, "matas" de eucaliptos, arrozais, rebanhos multiplicados, imensidade panorâmica a se desdobrar no oceano verde das coxilhas!

Às quinze horas daquele dia cheguei a Pelotas, cidade de que falarei a seguir. Minha caderneta quilométrica acusava mil setecentos e setenta e dois quilômetros ferroviários percorridos através dos pampas. Aproximadamente dois mil quilômetros de viagem que me permitiu conhecer a região sul do Rio Grande; região fria e descampada onde geme o pampeiro e o minuano assobia, uivante e raivoso, varrendo em gélidas refregas o vasto seio da coxilha vasta. Grande terra, grande povo, entretanto muito aquém, ainda, do que lhe é reservado como atalaia da grande Pátria brasileira. Infelizmente o Brasil, em muitos aspectos de sua vida, continua "deitado" em seu "berço esplêndido" sem poder mostrar ao mundo quanto é ele capaz no terreno das grandes conquistas democráticas a que o haveremos de levar, nós, o povo brasileiro quando, desperto e consciente de toda a nossa força, conseguirmos libertá-lo da exploração estrangeira que nos avilta e rouba!

#### DE PELOTAS A PÓRTO ALEGRE

A aristocrática cidade de José Antonio Corrêa da Câmara, por seu aspecto topográfico e urbanístico, muito se assemelha à cidade de Campos. O povo pelotense é um pouco diferente do porto-alegrense. Desde a pronúncia, os hábitos, a maneira de tratar e de acolher o forasteiro, à sua presunção de superioridade sobre a Capital do Estado, sente-se a diferença aqui focalizada. Aliás essa rivalidade — fruto de um preconceito estulto como todos os preconcei-

tos, é muito comum no Brasil, entre cidades do mesmo Estado e, às vezes, entre os Estados, cujos habitantes se esquecem de que tanto é brasileiro o fronteiriço do sul como o do norte, do Atlântico, do centro, como do ocidente dêste nosso País querido. A verdade, entretanto, deve pairar sôbre tôdas as cousas; e a verdade é que Pôrto Alegre, além de ser, realmente, uma grande e importante cidade, possui tôdas as possibilidades de se tornar cada vez maior e manter a liderança, em todos os sentidos, no Estado. Com esta minha afirmativa não desejo, absolutamente, menosprezar o valor demográfico, econômico e cultural de Pelotas.

Sendo absolutamente plana, de uma planura sem a mais disfarçada elevação, as ruas dessa cidade se alongam, retas, por grandes distâncias. Seu principal centro é asfaltado. Possui belas praças, lindas avenidas e excelentes estabelecimentos de que se destacam famosos educandários. Em geral a edificação da cidade de Pelotas, é baixa. Muito raros são os edifícios altos nos quais se inclui o Palácio do Comércio. Há ali regular serviço de carris elétricos. Não há ônibus urbanos. Todo o serviço de cabotagem é feito através do Canal de São Gonçalo, que liga a cidade com as lagoas dos Patos e Mirim. É junto a êsse canal que se encontram as grandes indústrias frigoríficas da Anglo, outro polvo imperialista, êste inglês, cujos tentáculos se estendem por todo o Rio Grande do Sul, disputando com a Swift a hegemonia da pecuária dos pampas. Ao lado dessa grande indústria outras preponderam para o bom nível econômico dessa cidade. Entre elas a de curtumes e de beneficiamento de arroz são as mais importantes.

Poucos são os cinemas de Pelotas: — quatro apenas, e vivem sempre superlotados. Notável é a

vida estudantil dessa bela cidade, talvez das mais amplas do País.

Como originalidade urbanística lícito é destacar-se, em Pelotas, um mapa da cidade, em azulejo, traçado no chão do seu principal jardim isto é, a Praça Coronel Osório. Êsse mapa está estendido numa das aleias do citado jardim. Para vê-lo mister se faz atenção. Nele se encontram todos os detalhes da cidade inclusive os logradouros. É um trabalho artístico e inédito. Quem se quizer orientar quanto à direção das ruas de Pelotas, basta chegar até ali e estudar o referido e curioso mapa.

Também deve ser destacado em Pelotas, o gôsto de seu povo pelos monumentos e estátuas. Tôdas as praças estão ali povoadas dessas relíquias históricas e rememorativas. O paradoxal na grande e celebrada cidade é que ela começou muito retirada do local onde se encontra atualmente. O marco comemorativo da sua fundação está num bairro afastado e que se denomina Areal, onde não fui por falta de transporte fácil. É como se o Rio de Janeiro tivesse seu início em Duque de Caxias, guardando-se as devidas proporções, com a agravante para a cidade gaúcha, de estar em completo abandono o local em que ela nasceu.

Respeitável é o comércio pelotense. O padrão de vida mais acessível do que em Pôrto Alegre. Nem porisso a cidade apresenta um grande movimento como seria de esperar.

Levo de Pelotas, não apenas ótima impressão, mas igualmente indelével recordação de amigos que ali deixei, os quais me cumularam de atenções, quer na esfera comercial, quer na política. Sem ser um

gastrônomo não me posso furtar à referência, no qual respeito à alimentação, de um dos mais apreciados pratos do gaúcho e que, em pelotas, é feito com absoluta mestria — principalmente no “Restaurante Guarani”. Trata-se do “mocotó”. Esse prato suculento nada tem de parecido com o que se serve no Rio de Janeiro e em outras cidades centro-brasileiras e realmente insuperável e deixa saudades!

Antes de rumar para Pôrto Alegre, fui ao Rio Grande. Não podia deixar de conhecer esse importante entreposto marítimo, assim também como a barra da Lagoa dos Patos. A linda cidade de Marcílio Dias, núcleo, hoje, de um dos setores proletários nacionais de maior esclarecimento, é, igualmente, plana e tem atrativos especiais. Ergue-se à margem do canal ou barra que liga a famosa lagoa ao mar, cuja amplidão se distende a leste. Muito industrial, com um movimento portuário considerável, está para o Rio Grande do Sul como Santos para São Paulo. Possui várias e belas praças, destacando-se dentre elas a Tamandaré, a qual, além de muito bonita no seu extenso conjunto arbóreo, ostenta alegorias magníficas, dentre as quais a de um garoto da plebe na sua roupinha róta, descalço, reclinado sobre um dos braços em posição de meditativa indolência. Mais afastado, na perpetuação do bronze, está o heróico marinheiro de Riachuelo, abraçado à nossa bandeira pela qual dera a própria vida.

Ligando a Lagoa dos Patos à outra porção d'água a que chamam “Saco” — que também se comunica com o mar, tal como em Cabo Frio, a linda Araruama; ligando essas duas e grandes porções de água, há um belo canal artificial que atravessa a cidade ao meio. Entre esse “Saco” e o oceano, está a costa.

Nessa costa se ergue um grande bairro e se localiza o cais marítimo com todo o seu acessório. Do ponto de vista social Rio Grande é bastante inferior às suas congêneres do mesmo Estado. Reina ali muita pobreza, muita miséria a despeito das grandes riquezas dos exploradores do povo. Sempre o doloroso contraste, o mesmo e generalizado desajustamento sentido no Brasil inteiro!

Ao lado norte da barra, junto ao mar, bastante longe, está São José do Norte, vila praieira, de marítimos e pescadores. O temporal implacável que açoitava a região, naqueles dias, privou-me de visitar toda a cidade. Isto, entretanto, não me impede de falar sobre as planícies que contornam Rio Grande, pelo sul; planícies que começam muitas léguas antes de Pelotas e se alongam até o mar. São campinas imensas e a sua característica geológico-topográfica, para mim, tem uma significação especial. Nada entendo do assunto, entretanto, pelo que tenho lido, acredito que toda essa planura interminável é petrolífera. Como sabemos, é crime passível de punição, como aconteceu a Monteiro Lobato e outros brasileiros dignos, afirmar-se a existência do famoso “ouro negro” no Brasil. Porisso mesmo este meu ponto de vista quanto ao petróleo no sub-solo do grande Estado sulino, certamente não será tomado a sério. Entretanto a lógica dos fatos me autoriza a essa assertiva. Senão, vejamos: — ali na fronteira argentina, do lado de lá do rio Ururuai, em Libres, nossos vizinhos portenhos descobriram o famoso óleo. A região é a mesma, guardando-se ligeiras variações topográficas. Idênticas são as características geográficas. Rumando-se para o norte, na mesma orla marítima do Atlântico, vamos encontrar o petróleo brasileiro aflorando na Baía, em Alagôas, Pará e pela

Amazônia em fóra. Por que o Rio Grande do Sul, especialmente a região de que me ocupo, não tem a preciosa nafta? Acaso a natureza — o “Supremo Criador dos Mundos”, foi tão cruel com o “País do Sul”, ao ponto de estabelecer diques nas profundidades de seu sub-solo para impedir que os lençóis petrolíferos ali se detivessem? Positivamente isso é uma hipótese absurda!

Todavia, o positivo, no momento é que, se alguém me lêsse, dêsse que descreem no Brasil e negam a existência do petróleo em nosso sub-solo, haveria de ter vontade de me atirar uma pedra à cabeça. — Uma pedra só? — Uma bomba atômica! Mas o futuro dirá se a razão me assiste ou se estou delirando...

...Deixei Pelotas às seis horas do frio quinze de julho de 1946, de regresso a Pôrto Alegre, porém pisando sempre outros caminhos. A situação climatológica era quase insuportável, já pela garôa inflexível, já pelo vento cruel que não me dava uma folga dentro dos meus agasalhos, mesmo no carro fechado. E se o vento era inclemente, o cenário, envolto no vasto e profundo manto cinza das hibernais distâncias, era dos mais tristes. Sempre percorrendo as planícies e coxilhas que se interpõem entre a Lagoa dos Patos, à direita, muito longe, e os pampas, à esquerda, sentia-me como que prisioneiro num mundo desconhecido. Lá em determinado ponto, por mim não anotado, numa fazenda erguida no alto de pequena elevação, servi-me de café. As dez horas atravessei, sobre balsa, o rio Camacuañ, respeitável corrente fluvial tributária da lagoa-oceano. A cada instante, para um lado e para outro, cruzávamos com os *carros de colono*, principal viatura da região, puxada a dois animais, com quatro rodas e tendo a carro-

ceria guarnecida, lateralmente, por paredes de tábuas, em formato cônico, sobre as quais se apoia a respectiva cobertura. Quase sempre cheios de mantimentos, êsses veículos traziam na boleia um casal de camponeses e seguiam em direção do comércio ou de lá regressavam. Não raro o camponês leva nessa viatura um ou mais feixes de capim para alimento dos respectivos animais, ao descansar pelo caminho, ou no pouso, quando tenha que pernoitar fora de sua residência. Também encontrávamos pequenas carroças, espécie de “charrete” a um animal, conduzidos por moças ou senhoras. Não vi, durante meu trajeto pelos pampas, uma só criatura feminina montada a cavalo.

Em Camacuañ, cidade modesta e berço de Bento Gonçalves — o herói de Piratini, mudamos de carro e prosseguimos, os mesmos passageiros. O mau tempo continuava. Por todos os lados viam-se montes e montes de arroz, já colhido, aguardando as “trilha-deiras”. As vezes marginávamos pequenas lagoas ou banhados que não eram mais que infiltrações da Lagoa dos Patos, sempre à nossa direita. Por ali esvoaçavam pernaltes e palmípedes silvestres, de que se destacava o “tabuiaia” dos campos fluminenses. Ao meio-dia chegamos a Tapes, outra vila dessa campanha imensa, à margem da formosa lagoa, que só aí se deixa descortinar. É realmente, alguma cousa de admirável essa vastidão de águas!

As treze e meia horas, almoçamos em Flórida (com o “i” acentuado, conforme ali pronunciam) aprazível hotel que serve à zona de veraneio dos porto-alegrenses. Às catorze horas estávamos na barca que nos transportaria ao lado esquerdo do Guaíba por mim deixado, fazia vinte e dois dias, quantos gastei na viagem à fronteira. Após quarenta minutos de travessia, prosseguimos, para chegar às quinze e

meia horas em Pôrto Alegre. Já então eu trazia as mãos demasiadamente inchadas, os dedos grossos e vermelhos como se atacados de mal pernicioso. Era o resultado dos ventos gelados da região percorrida. Fechando um circuito de dois mil e muitos quilômetros, dava por encerrada minha excursão aos confins sul da nossa grande Pátria!

## PÔRTO ALEGRE-CURITIBA

Por via férrea

Se vos disser que padeci, ininterruptamente, sessenta e três horas, não duvideis, amigos, pois não exagero. Eu precisava conhecer o ramal ferroviário que liga as duas capitais sulinas. E para isso se fazia mister mais um lance de aventura — que outra coisa não é uma tal viagem. O avião, transporte ideal, encurta-nos as distâncias, é claro, mas não nos permite conhecer a terra, seus contornos, aspectos e particularidades. E eu, uma vez ainda, preferia a centopeia mecânica ao pássaro de alumínio...

E foi assim que, às mesmas horas e do mesmo local onde, há dias, embarcara rumando para a fronteira, repeti a viagem até Santa Maria. Dali prossegui, porém, à direita, serra acima. Não tendo conseguido leito porque isso é privilégio de um grupo mirim do câmbio negro que açambarca a maioria dos dormitórios nesses combóios noturnos, para impingilos, depois e em viagem, aos incautos, a cem e mais cruzeiros por noite; não tendo, como dizia, conseguido leito, acomodei-me como pude, na mesma cadeira, onde enfrentaria a noite invernososa e medonha. Chovia e o vento lembrava um cão raivoso uivando desesperadamente... O frio era quase insuportável. A despeito das luvas, das galochas, de tôdas as roupas de lã, internas e externas, inclusive um grosso terno e a capa; com os pés envoltos em jornais, eu tiritava e sofria. Enquanto me encontrava no vagão da

Viação Férrea do Rio Grande do Sul, mal grado o sofrimento, sentia-me confortado. Mas depois...

Eram dezoito horas quando partimos de Santa Maria e logo iniciamos a ascensão da serra, já agora com duas locomotivas, uma empurrando. Nem sequer me fôra possível contemplar a vastidão dos campos, quando subia. Cerração implacável envolvia tudo. A noite desceu e o que restava de clareza reduziu-se às lâmpadas que nos iluminavam os vagões. Lá fora, o farol da locomotiva espancava a treva lançando sôbre as cousas silenciosas e encharcadas um jato de luz pulverizado de chuva...

Dos passageiros, cada qual mais se encolhia. Os que se achavam acompanhados, fundiam-se num só corpo para resistir à sibérica friagem. Eu, só, não tendo com quem partilhar o meu martírio, convulsionava-me aos calafrios, procurando reduzir ao máximo minha velha carcaça, tentando fazê-la num bôlo dentro das roupas enregeladas!

Além da vidraça embaciada o vento gemia vergastando a própria natureza... Enquanto me foi possível, consolei-me com os livros — meus inseparáveis companheiros, travando melhor conhecimento com o realismo doloroso de Gorki. Quando as mãos já não mais se podiam fechar — ou abrir, aceitei as relações que me oferecia, através de algumas palavras, um senhor que mais tarde vim saber tratar-se de um coletor lá para os confins gaúchos da fronteira argentina. Caçador entusiasta, sabendo-me um adepto da arte de Santo Humberto, convidou-me insistentemente para participar de uma caçada de onças nas selvas do país platino; convite que, infelizmente, não me fôra possível aceitar.

A palestra dêsse cidadão animou-me um pouco. E eu pude jantar muito bem. Para meu pesar, às

vinte e três horas o Sr. Aparício Manhães — êsse era o nome do belo companheiro de algumas horas, saltou em Cruz Alta. Voltei à minha solidão entre aquelas dezenas de passageiros. A minha frente um casal fazia-se num só vulto procurando fugir à crueldade do frio. E a viagem se foi alongando, cada vez mais fria, mais entediante. Nada me sendo possível contemplar além do mundo em tórno resumido naquele vagão comprido, tentei enganar ao meu próprio eu, fazendo que dormia.

A manhã nos veio encontrar descendo a serra através de viadutos sucessivos. Às nove horas comecei marginando Uruguai — o mesmo caudal que há tantas léguas vira, suntuoso e vasto, em Uruguiana.

Não se encontrava longe Marcelino Ramos, ponto terminal da ferrovia gaúcha e início da celeberrima Viação Férrea Paraná-Santa Catarina. Essa cidade não se deixa ver à passagem. Montada na falta de uma serra e a cavaleiro da estação, muito alta, só lhe pude ver algumas casas.

Em Marcelino Ramos meus padecimentos se fizeram agravados. Uma modalidade de exploração aguarda os passageiros que pela vez primeira por ali trafegam. Os auxiliares do condutor da Viação Férrea Rio Grande do Sul, têm prepostos na estação em foco, êstes marcam todos os lugares nos vagões para os quais se vai baldear. Antes da chegada, os ditos auxiliares tomam as bagagens dos passageiros combinados, visando propina certa. Logo que o trem chega, passam êles as bagagens aos ditos prepostos que ocupam os lugares nos novos carros. De Marcelino Ramos para a frente, só há trens de dois em dois dias. Naturalmente, porisso mesmo, o acúmulo de passageiros é considerável. A famigerada estrada catarinense, mesmo com essa exiguidade de trens, só

põe à disposição dos passageiros, dois carros de 1.<sup>a</sup> classe. O resultado é que inexperientes, como eu, de toda aquela malandragem, ficam, como fiquei, sem lugar, tendo que fazer o resto da viagem, por longas horas, de pé. Como em toda parte deste Brasil infeliz, junta-se a tais e tão desagradáveis tropeços o indiferentismo dos responsáveis por aquela estrada, com relação ao público obrigado a valer-se dos seus serviços. Esse indiferentismo toca as raízes do crime, do abuso e da imoralidade. Desgraçadamente, porém, tudo isso nada mais é do que o reflexo da ordem pública reinante no País!

Com regular atraso partimos para a segunda etapa. Sem lugar e sendo hora do almoço, aboletei-me numa das cadeiras do carro-restaurante e guardei a refeição. Ao transpor o rio Uruguai encontrei-me no Estado de Santa Catarina, cuja travessia iria durar todo o resto do dia e a noite seguinte. Por sorte minha, ao deixar o carro-restaurante, consegui localizar-me num apertado lugar do vagão de passageiros. A chuva continuava e com ela o vento e o frio. Subíamos o vale do Rio do Peixe que só deixariam muito além. Totalmente desbravada, a região é muito fértil quanto ao solo, e toda colonizada por elementos nacionais e estrangeiros. Dêstes sobressaem alemães e italianos. Vi muita lavoura de cereais, frutas, destacadamente as cítricas, alguma vinicultura e modesta pecuária. Notei absoluta falta de gosto no trato das propriedades, todas mal cuidadas, de aspecto sujo e feio. Como nas demais regiões agrícolas do País, vê-se por ali o criminoso abandono em que vive o nosso camponês cuja aparência é de absoluta miséria, principalmente se se trata de elemento nacional.

No trem logrei camaradagem com alguns passageiros, dentre os quais um contrabandista de pneus (tais burladores da lei são comuns no sul do País, mas as autoridades não lhes podem ter mãos porque através deles agem os grandes criminosos alapardados à sombra do poder...) e um moço funcionário público, gaúcho expansivo, que se fazia acompanhar de sua excelente e ampla capa, demais petrechos de viagem e a indefectível cúia de chimarrão.

Lerdamente o combóio se arrastava por aqueles êrmos que a invernia tornava mais apavorantes, detendo-se, de longe em longe, nas estações igualmente tristes. Aproximava-se a tarde e o vento, e a chuva, e o frio — essa trindade cruel — seguindo-nos sempre, mais e mais me martirizava! Raras localidades importantes existem por ali. Destas, Caçador é a que mais se destaca.

...E a noite desceu pela segunda vez. Associei-me ao novo companheiro de viagem, servindo-me de sua bela capa. Todavia, era ele o "capitalista" eu lhe devia ceder o melhor espaço nos dois bancos em que nos abrigávamos. Assim sendo, à proporção que ele melhor se espichava, mais eu me encolhia. Finalmente venceu-me o cansaço e adormeci. Estávamos, então, ascendendo uma das elevadas serras da região e já atingíamos os mil metros de altitude. Acordei aos gritos de "café!" Estávamos parados em São João dos Pobres. Vencendo a inclemência do frio, desci à plataforma. Uma triatura esquelada, ao lado de seu esgrouviado marido, tiritante, vendia café e pão com manteiga, àquela hora da madrugada alta. Voltei ao aconchego do companheiro que dormia. A viagem prosseguiu, já agora com o trem serpenteando, lerdô, encosta abaixo.

Não mais consegui dormir: Dir-se-ia doer-me não somente o corpo senão também a alma! Pelos carros, dezenas de criaturas sofriam comigo, dentre elas uma criancinha parecia sofrer muito mais que nós outros. Meio a êsse sofrimento coletivo, um grupo de três senhores que viajavam a São Paulo para comprar caminhões, discutia, traçava planos, ria às gargalhadas, parecendo insensível àquela viagem pavorosa. Ah! O eterno contraste da vida!...

As cinco horas chegamos a Pôrto União, onde me deveria passar para o ramal que me levaria diretamente a Curitiba. Os companheiros, porém, concitaram-me a fazer essa baldeação à tarde, mais além, em Ponta Grossa. Olhei através da vidraça e vi a chuva e vi o vento flagelando as árvores. Senti, por impressão, o frio terrível que lá fora rondava, enregelando as cousas... E resolvi não sair do vagão. Era mais cômodo...

Pôrto União é divisa do Paraná com Santa Catarina, estratégico porto-chave de acesso à região fronteiriça do norte argentino. Deixando essa localidade, atravesssei o rio Iguassú que segue, bem pequeno ainda, a cumprir seu grande destino: — contribuir para a majestade do Paraná de que é tributário e dar ao Brasil essas soberbas cataratas que lhe devem o nome.

Esgaçou-se, afinal, a sombra que as névoas matutinas mantinham sôbre as cousas e eu pude lançar os olhos sôbre os aspectos topográficos do novo Estado em que pisava. Já agora na terra da preciosa e afamada "Araucaria Brasileira", as florestas dessa árvore imponente, como estendal verde de taças voltadas para os céus a se esbaterem da vegetação mais baixa, por encostas e planalto, advertiam-me de que pisava, realmente, os domínios do pinho do Paraná.

Para trás haviam ficado vinhedos e laranjais, macieiras em flor e heráldicas pereiras, a testemunhar a excelência daqueles climas.

A famosa terra roxa, a vegetação abundante e vidente denunciavam-me a fertilidade do solo paranaense. Mas o céu continuava triste, forrado de nuvens compactas e implacáveis. A situação era sempre a mesma: vento, chuva, frio... "e chuva e muito vento"! Meu corpo dir-se-ia tocado de mil sovas. Entretanto o sofrimento continuava a me flagelar no bojo daquele combóio detestável! Amenizava-me o sofrer a coletivização do próprio sofrimento que abrangia a quantos comigo viajavam. Êsses companheiros de viagem reagiam brincando da melhor maneira que o pudessem fazer. Dentre êles havia um que adivinhava idade, mês e ano do nascimento de quem se propusesse, ao seu alvitre, fazer uma simples operação aritmética. Milagres da matemática!... Um granfino efeminado esforçava-se por competir com algumas granfinas a "la homem", das quais fazia parte uma "quiromante". Em resumo, nosso vagão era um autêntico mostuário vivo de tipos humanos, os mais variados, a começar por obesa alemã enxundiosa e endinheirada, e terminar naquele tipo esbelto, autêntico representante de anormais estilizados...

Deixei a leitura. Não apenas o ambiente, mas também o frio me fizeram, novamente, guardar o sentido Gorki, incompatível com a vasia futilidade que ali me rodeava.

Subíamos e descíamos avançando sempre. Como o combóio o dia se arrastava, monótono e vagaroso. As pequenas estações, sem vida e sem atração, multiplicavam-se. A essa altura da manhã, fazendo uma

investida resoluta contra as fortificações da invernia o sol rompeu a muralha negra das nuvens e nos deu um banho de luz clara e animadora. O tempo iria melhorar. Eu, também, iria melhorar. Meu coração não gosta de chuva, especialmente se açoitada pelas gélidas e uivantes rajadas do minuano que avança até àquelas paragens paranaenses.

Os pinheirais mais densos ficaram para trás. Uma outra e de mim desconhecida espécie vegetal me apareceu: — a “*Ilex paraguayensis*”, essa preciosa herba-mate. Ali estava ela na beleza de suas árvores esbeltas e folhudas, de um verde escuro oleoso exuberante a lembrar viçosa laranjeira. Tão logo deixávamos aqueles setores e já os campos, êsses lindos e incomparáveis campos do Paraná, surgiam, límpidos, extensos e ondulados.

As quinze horas cheguei a Ponta Grossa trazendo um grande atraso. Felizmente, também, o “paulista” que descia a Curitiba, vinha atrasado e eu pude me baldear para esse novo combóio e prosseguir a viagem em busca do meu objetivo: aquela capital.

Já agora tudo era diferente. Inteiramente banhadas pelo sol de uma tarde maravilhosa, as campinas paranaenses pareciam alguma coisa de irreal e apoteótico. Num contraste expressivo do que me sucedera até Ponta Grossa, tinha eu ali um vagão desafogado, limpo, com lugares à escolha, ambiente calmo e agradável temperatura. Por cenário tinham meus olhos aquela magnificência campestre, única da terra de Emílio de Menezes. Mudara a paisagem em função das novas ordens vegetais. Ao invés de matas, quando os campos se interrompiam, deixavam-se ver, aos capões, uma vegetação enfiada, modificando-se, não raro, em restingas a se alongarem pelos planaltos em fora.

As dezoito horas do terceiro dia dessa viagem estafante, chegávamos a Pôrto Amazonas, vilarejo onde o trem abastece-se de água e combustível. Também os passageiros aproveitam-se da parada para comer, apressadamente, alguma coisa. Na estação uma senhora velhusca, nédia e antipática, vendia “coxas” de galinha à guisa de croquetis. Todos, a um só tempo, pediam-lhe uma coxinha, e a coitada, tendo apenas duas, distribuía várias aos famintos, dos quais eu participava, a dois cruzeiros por unidade. Comprei algumas dessas “excelentes coxas de galinhas”. Uma não passava de um duro joelho de galo, outra de um fragmento dorsal de galináceo (se não o era de outra espécie avícola...) e finalmente a terceira apenas de ar comprimido, tôdas envoltas de qualquer substância pastosa que não vem ao caso. De qualquer forma iludimos a fome intoxicando-nos um pouco...

Novamente e pela terceira vez desceram as sombras noturnas sobre nós, naquela viagem. Desta feita, porém, a despeito de frias ainda, sob um lindo céu lantejoulado. Nada mais me foi dado contemplar através daquele oceano de trevas.

... Finalmente, Curitiba. Eram vinte e meia horas quando entrei no magnífico Braz Hotel onde me esperava um quarto excelente. Era finda mais uma das minhas aventuras de peregrino do comércio através dos caminhos do Brasil.

## DE PÔRTO ALEGRE A CURITIBA

Pela rodoviária

Depois de meu regresso e estada, aí no Rio e, conseqüentemente, de ter matado a saudade de vós, queridos filhos, regresssei, como sabeis, à Capital paraense a fim de concluir meu serviço ali.

Mal chegara e uma ordem telegráfica dos meus representados fazia-me retornar a Pôrto Alegre. Problemas imprevistos reclamavam minha presença na querida metrópole do Guaíba.

Com muita satisfação revi amigos daquela boa terra. Normalizei o que motivara essa minha inesperada viagem e de novo me pus em caminho para Curitiba. Desta vez, porém, quis conhecer a região do litoral norte do Rio Grande do Sul e sul de Santa Catarina. Para isso tive que me valer do transporte rodoviário. Ainda uma vez reinava mau tempo naquela parte do nosso País.

Não direi que foi uma viagem acidentada, cheia de padecimentos e contrariedades. Seria dizer um pleonasma tratando-se, como se tratou, de uma viagem essencialmente longa, de ônibus, por estradas na sua maioria péssimas.

... Pôrto Alegre dormia o sono reparador das metrópoles cansadas do trabalho cotidiano. Como sinal de vida apenas alguns notívagos povoavam os raros cafés abertos àquela hora matutina ou cruzavam as ruas quase desertas. O tempo chuvoso e ameaçador, dera ligeira trégua aos que precisavam partir.

Meu relógio marcava duas e meia horas daquela manhã de agosto. O ônibus da Viação Catarinense sairia às três horas. Após um "gole" de café tomado à pressa num estabelecimento cheio de boêmios, ocupei meu lugar e aguardei a partida. Rugiu o motor no atrito das explosões primeiras seguido das clássicas mudanças da partida e o veículo arrancou. Subiu a ladeira Andrade Neves, galgou a avenida Borges de Medeiros, tomou o "Caminho Novo" para alcançar a avenida Farrapos que logo após deixava, à direita, avançando sempre para a colossal jornada.

Pôrto Alegre fôra ficando, rapidamente, para trás. Seu casario ia cedendo lugar às habitações esparsas e plebéias dos subúrbios longínquos. Algumas lâmpadas salteadas marcavam as sombras matinais de pontos luminosos envoltos na gase da cerração. Pelas raras esquinas surgiam veículos ou pedestres rumando para o trabalho de todos os dias. O céu estava coberto das nuvens características dos dias chuvosos após ligeira pausa nas descargas pluviais. Grossos róis de vapor erravam pelo espaço horizontal, toldando, completamente, a abóboda celeste. De quando em vez, porém, havia um como deslignamento ou rutura dessas camadas bulcânicas e então um fragmento de céu azul aparecia cravejado, esparsamente, de estrelas acentuadamente fulgurantes.

Em breve estávamos em pleno campo. A escuridade indecisa tudo se confundia numa só côr misteriosa. Nada se podia vislumbrar além das propriedades ou habitações mais próximas da estrada. Ao longe, na retaguarda, refletia-se na altura o clarão de fogueira da iluminação da cidade que havíamos deixado.

Uma hora e poucos minutos de marcha e já passávamos em Gravataí, cidadezinha das que povoam a zona norte-litorânea do Estado. As cinco horas serviam-nos de café em Santo Antônio da Patrulha, insignificante aldeola. Já agora me era possível, embora imprecisamente, observar a região que atravessava. Era uma planície alagadiça dessas que se antepõem às adjacências praiieras. As seis horas, em Tramandaí, encontrava-me à beira mar. Nessa localidade, depois de se atravessar o rio que dá nome à localidade, termina a estrada artificial e começa a natural isto é, a praia, pela qual iríamos viajar centenas de quilômetros.

Para vencer-se o areial do cômodo e alcançar a praia propriamente dita, construiu-se, logo após a ponte referida, um trecho de estrada sobre tacos de madeira. Logo que se alcança o fim desse aludido trecho, atravessa-se um pequeno arroio ou vasante, avança-se ainda mais um pouco sobre areia solta e entra-se na praia. A entrada, porém, do leito artificial a que me referi, estava um tanto coberta de areia. Para distingui-la era preciso muita atenção, muito cuidado do motorista. E o nosso chofer, ou por estar tresnoitado, ou porque se distraísse, não distinguiu, à luz de seu farol, o caminho certo. Ao contrário, rumou pela direita e lá se foi marginando o rio Tramandaí. Caminhou alguns duzentos metros e, julgando defrontar o arroio supra referido, dirigiu o veículo para o caudal, tentando atravessá-lo! Para a felicidade de todos os que viajavam naquele ônibus (se felicidade é não perder a vida afogado dentro de um carro...) o veículo estacou ao primeiro contacto de seu motor com a água que o invadira! Estacou tendo o para-choque dianteiro já submergido e as rodas traseiras dentro d'água, igualmente. Mais meio

metro dá avanço e a submersão seria inevitável, pois estávamos à beira do profundo canal da respeitável corrente. A despeito de tudo a situação ainda era bastante grave. O recurso imediato era saltarem todos, pela janela junto ao volante, o que foi feito em verdadeira e suigênera acrobacia, ou pela porta traseira, através do depósito das malas, coisa mais difícil ainda. Pela porta comum era impossível qualquer tentativa uma vez que a água a dominava. Mas a indecisão durou segundos, apenas. Todos saltaram, rapidamente e sem atropelos, felizmente. Malas e bagagens foram, da mesma forma, retiradas com rapidez, graças à cooperação de todos. Começou, incontinentemente, a luta para o safamento do ônibus; luta que durou mais de três horas e na qual, não apenas passageiros, mas também curiosos que vinham ver o ocorrido, se empenharam num só e grande esforço — inclusive o grande auxílio de um caminhão vindo em nosso socorro. Eram nove horas quando o veículo deixou as águas do rio.

As dez horas mais ou menos, a viagem prosseguiu, depois do trabalho indispensável de mudança de óleo, limpeza de velas etc.. Alcançada a praia, o "anfíbio" deslizou mais ou menos rapidamente, de quando em quando fugindo às ondas que lhe vinham lavar os peneus, alapardando-se na areia batida e escura, da praia interminável.

Éramos aproximadamente vinte passageiros, inclusive crianças, mais a tripulação da viatura.

Nossos destinos ali se encontravam atados pelo fio invisível da solidariedade humana — essa força imponderável que está sempre presente, nas horas incertas, animando o sentimento de fraternidade. Por isso mesmo, aquelas dezenas de passageiros que se mantiveram caladas e arredias, desde a partida até

o primeiro obstáculo acima narrado, já agora pareciam dispostas a um fraterno entendimento. Nada há melhor para unir, aproximando as criaturas, que a desgraça, o sofrimento coletivo. Quando iniciamos a viagem, raramente falávamos uns aos outros. Cada qual se encolhia na sua presunção, no seu orgulho ou natural retraimento. Bastou que o ônibus se visse na iminência de paradoxal naufrágio para que todos se falassem, inclusive as senhoras e um padre sisudo que se transformara num palrador.

Do grupo de passageiros merece destaque um. Sr. Vilar, cavalheiro bem apessoado, tagarela como poucos, tanto expansivo quanto pretencioso, iconoclasta incoerente nas suas convicções político-filosóficas. Dizendo-se espírito convicto e professo, ali estava a implicar com o sacerdote, atirando-lhe indiretas, negando, dessa forma incorreta, a própria doutrina que dizia professar, a qual prega a benevolência e a fraternidade. A seguir o cavalheiro ilustre entrou a desancar o nazismo, o comunismo, o governo, os céus e a terra. Em resumo: era um cidadão do contra. No fundo, uma alma boa. Tendo-se paciência de ouvi-lo e ouvir-lhe os elogios às suas próprias qualidades, sem contrariá-lo; suportando-se-lhe as investidas contra tudo e contra todos; sendo-se, finalmente, capaz de escutá-lo sempre e nunca apartea-lo ou contestá-lo, ter-se-á nesse cidadão excelente sopifero...

Mas o tempo passava e a distância se alongava para a frente daquele ônibus apinhado, através da praia imensa. A essa altura, nos lados do oeste, também alongando-se para o norte, muito recuada, erguia-se numa linha escura e assimétrica, muito alta, o perfil da Cordilheira Marítima. A leste, da mesma forma distante, unido à vastidão marinha, o horizonte,

inteiramente negro, dir-se-ia concentrar tôdas as reservas de bulhões e tempestades... À esquerda o cômodo alto, de areias pardas, em estendais desnudos e maninhos. À direita, o mar bravio e tenebroso, na sua côr de vinagre, a desfazer-se em babados de espuma no seio curvo da isolada praia.

Perdido naquele isolamento, o pugilo de criaturas que éramos nós, deixava-se resvalar no bôjo do veículo mais ou menos exitante no funcionar de seu motor. Chuva minuda e vento gélido forçavam-nos a manter cerradas as vidraças. De quando em vez um espinhel assinalado por varas fincadas na areia, denunciava a existência de pescadores cujas palhoças se ocultavam através do cômodo. Não raramente avistávamos aqueles profissionais da pesca, maltrapilhos, esqueléticos e anêmicos, no seu afanoso mister. Certamente buscavam no mar a subsistência própria e da prole, da mesma forma que o fizeram os seus antepassados. Ali, como além, no sul como no centro e no norte do nosso litoral, continua o nosso pescador, em sua maioria, o pária desventurado e alheio aos progressos da civilização inclusive no seu setor de atividades.

Bandos de aves marinhas levantavam-se em vôo rasteiro à nossa frente. Cadáveres de corvos do mar pontilhavam, aqui e além, a faixa marron da praia êrma e triste, numa demonstração inofismável de que a fome e a peste também assolam os intrépidos companheiros das misteriosas procelárias.

Nem um barco, nem uma canôa de pescador, sequer, aparecia além, quebrando a monotonia dêsse horrendo litoral, a mais triste e detestável de quantas praias se distendem pelo oriente do Brasil. E o carro prosseguia, ora diminuindo a marcha, ora aumentando-a, para a frente. Entretanto não demorou muito

a mostrar o resultado do banho anterior: entrou a falhar, estacando por fim. Nessa hora um pescador recolhia seus anzóis. Inúmeros peixes surgiram, aguçando o desejo de alguns passageiros que os adquiriam ao preço espantoso de cinquenta centavos cada um!

A chuva aproximava-se. A fome aproximava-se. E o mar, também, se aproximava na fúria da maré montante, enquanto o tempo, ao contrário, ia fugindo! E o carro continuava enguiçado, e o motorista lutava por lhe curar o mal súbito e ameaçador. Finalmente a vitória sorriu ao trabalho. A profissão triunfou sobre a enfermidade mecânica e o veículo arrancou novamente, no momento preciso quando as maretas já lhe vinham lambe as plantas de barrocha.

Adormeci para só despertar em Tôrres, extremo norte do litoral gaúcho, quando o ônibus estacou à porta do Hotel Farol, onde iríamos matar a fome agravada pelo atraso de três horas.

A Cordilheira, nessa altura, recua profundamente para a esquerda. Da ilharga se lhe desgarra um gigantesco braço que desce no sentido de leste, buscando o oceano onde chega formando uma elevação muito graciosa, à guisa de promontório, a receber o afago das vagas que lhe escavam os contrafortes, desfazendo-se contra os rochedos. É sobre tal elevação que se ergue Tôrres, um dos recantos mais lindos do litoral sul-riograndense.

Almoçado, parti. O carro que houvera deixado a praia para chegar à vila, tornou à mesma pista. Outra vez entramos em contacto com as vagas sempre revoltas. Atravessamos o rio Tôrres, servindo-nos da primeira balsa naquela jornada. Do lado oposto firmávamos pé em território de Santa Catarina, visto ser aquele rio a linha divisória. Mais noventa quilô-

metros de praia nos esperavam a percorrer ainda. O ambiente era o mesmo, igual o cenário. De um lado, mar, de outro, cômodos de areia. Por cima, um céu ameaçador. E nada mais além de gaviões, quais filósofos fatalistas, esperando que mariscos lhes viessem às garras atirados pelas ondas.

Já à tardinha o carro fez uma curva rápida, manobrou em sentido contrário como se retrocedesse e rumou para oeste, por um caminho quase intransitável, deixando definitivamente a praia. Estava vencido o célebre trecho rodoviário da estrada Pôrto Alegre-Florianoópolis. Iria eu agora penetrar o interior da terra de Jerônimo Coelho. Se péssima era a estrada, mais desanimador era o ambiente que não apresentava o mínimo sinal de progresso. Nem lavouras, nem pastagens, nem qualquer indício de que ali se trabalhava. Apenas alguns suínos magros, fucando a terra arenosa e sáfara, aqui e ali uma habitação plebéia, demonstravam-me que a região não estava totalmente desabitada. Atravessada a planície que se interpõe entre o mar e a Cordilheira, alcancei parte montanhosa onde o solo se apresenta mais fértil, tornando-se excelente à medida que mais se penetra o interior. Nem porisso melhorava a situação de abandono. Sequer uma só lavoura se me apresentava para desfazer minha impressão de que não existia agricultura naquela parte do Estado.

Finalmente cheguei a Araraquá, cidade pequena e sem vida, onde nada digno de registro havia além de certa área de terreno mecânicamente preparado para cultura de bolbosas. Curta foi a demora ali. Atendido o correio e abastecido o carro, a marcha prosseguiu, agora sob a direção de outro motorista. Mais adiante efetuou-se a segunda travessia em balsa, esta no rio Araraquá cujas águas são verdes

como as do mar, em Cabo Frio, por certos dias de verão.

Transposto êsse caudal esmeraldino, as estradas entraram a melhorar. Também mais aprazível se me foi apresentando a região. Lavouras surgiam, em preparo ou semeadas. Terras ótimas e planas, em grande parte cultivadas, quando não ocupada por matas e capoeirões, como reserva, perdiam-se por distâncias. Propriedades apreciáveis surgiam como a me desfazer a má impressão recebida ao penetrar o Estado em referência. Entrementes o ônibus desenvolvia marcha firme e acelerada. Mas a noite chegou para roubar-me à visiva os aspectos que vinha contemplando.

A dezessete e meia horas cheguei a Crissiuma, importante e próspera cidade da região, onde várias minas de carvão mineral se encontram em atividade. Êsse minério, que se estende por quase tôda a zona sul de Santa Catarina, começa a ser explorado, destinando-se, todo êle, além de outras indústrias e vias férreas, à Siderúrgica de Volta Redonda, que ali dispõe de jazidas próprias e importantes.

Igualmente em Crissiuma foi-nos rápida a demora. Prosseguimos viagem às dezoito horas. Ao subir a rampa que conduz à parte mais alta da estrada, num relance pude contemplar a cidade iluminada mostrando, nos telhados novos de suas habitações, o quanto é ela recente. Ao fundo, em vários pontos, os montões do combustível extraído aguardando transporte. Oxalá, como faz ao nosso petróleo, o imperialismo não venha atrofiar com seus tentáculos de morte, essa nossa riqueza em surgimento e na qual se apoia um dos alicerces na futura independência econômica do Brasil.

Jantamos em Urussanga, outra cidade do sul catarinense, às dezoito horas e quarenta minutos. Af experimentei, a meu ver, um dos melhores vinhos da viticultura nacional. Êsse vinho, produzido naquela mesma localidade, para mim, nada fica devendo aos congêneres estrangeiros.

A noite, que se fizera demasiadamente densa e chuvosa, privou-me de contemplar a cidade. Terminado o jantar, aguardamos ligeira reparação do carro, seu reabastecimento, e partimos. Depois de passarmos rapidamente por Orleans, localidade pequena, atravessamos, uma vez ainda, em balsa, o rio Una, frio e feio, mais tenebroso que as sombras noturnas. As vinte e duas horas atravessamos, em São Ludgério, o "Braço do Norte", largo e violento caudal que demanda o oceano.

Comoveu-me, nesse lugar, o sacrifício dos encarregados da balsa. Não teem êles hora certa para dormir. A qualquer momento da noite ou do dia em que chegar um carro, lá vem um pobre homem, às vezes acompanhado da mulher, como testemunhei, com lamparinas, ao rigor do frio e da chuva, atender ao chamado. Que vida cruel e trabalhosa dessa pobre gente! Que contraste chocante e doloroso entre êsses trabalhadores e os que vivem no bem estar das capitais, usurpando sempre o suor dos que trabalham!

...Ora dormitando, ora contemplando as sombras frias e encharcadas, mas sempre imprensado por um mastodonte humano que, incorrigível, com suas enxúndias de suino gordo, me vinha, de muito longe, fazendo de seu encôsto, via a noite escoar-se no funil das horas. Despertei, madrugada alta com o carro mais uma vez enguiçado. Nova batalha do paciente motorista por êle uma vez mais vencida. Prossegui-

mos e a manhã, na sua côr indecisa das primeiras horas, me foi mostrando as cousas que se iam esbatendo das sombras. Propriedades bem cuidadas, sítios aprazíveis, lavouras e pastagens onde pastavam rebanhos de gado manso, denunciavam o cuidado dos agricultores daquela zona. Era a aproximação do término da primeira e acidentada etapa daquela jornada cruel.

Dentro em pouco atravessava a suntuosa ponte Hercílio Luz. Entrava, consequentemente, na Capital catarinense onde deveria chegar às vinte horas do dia dezessete, às sete horas do dia dezoito. O atraso, convenhamos, não fôra grande!...

...Corri ao hotel em busca de descanso à velha carcaça e matar o sono quase insuportável. Às doze horas levantei-me, tendo a felicidade de conseguir um banho, coisa não muito fácil na terra dos Ramos oligarcas.

Para não fugir à sinceridade que nos é apanágio, reduzida é a percentagem dos que elogiam aquela cidade, dentro da qual, dos próprios habitantes, ouvi maldizerem-na tanto que a julguei na verdade detestável. Todavia não é tanto assim. As cidades como as criaturas, têm defeitos, têm vícios, mas têm virtudes, igualmente, têm qualidades, em compensação. Muita vez, é certo, as virtudes são sacrificadas em holocausto à vontade ou ao capricho de senhores feudais e prepotentes, cuja ambição, cujos interesses subalternos jamais permitem à evolução, ao progresso, frutificar em messes de benefícios à coletividade, ao povo. Eis a impressão que tive ao conhecer Florianópolis. Ao meu modo de ver, ela é uma cidade vítima do capricho de políticos retrógrados e vingativos.

Sempre acreditei que, das nossas vinte e uma capitais a pior era a de Vitória, no Espírito Santo. Quando rumei para o sul, todos os que a conheciam informavam-me ser a Capital catarinense um insulto ao título que ostentava. Tomei tal afirmativa como exagêro... Não podia ser assim a terra de Anita Garibaldi. Chegou finalmente o dia da prova decisiva. Estava eu em Florianópolis. Por uma dessas crueis façanhas do destino, ali cheguei sob uma chuva inelmente, e a cidade estava totalmente envolta num denso nevoeiro. Tornando-lhe mais apavorante o aspecto eu trazia comigo, transformado em pessimismo, o cansaço e o tédio. Tudo em torno a mim parecia estranho. Era como se eu me encontrasse numa terra estrangeira em que as cousas e as criaturas me fôsem hostis. Tão logo D. Maria — a alemã dona do hotel — indicou-me a cama que me estava reservada, nela atirei-me num sono de duas horas. Mais ou menos reconfortado, almocei e fui conhecer a cidade entanguida e nevoenta.

Em poucos horas a microscópica metrópole não mais tinha segredos para mim. Comecei pela Praça 15 de Novembro, onde se ergue — colossal fortaleza e abrigo anti-aéreo..., a Catedral. A retaguarda dêsse templo, em pequeno largo, está o busto de Jerônimo Coelho, insigne jornalista catarinense. Mais recuado ainda, já descambando para a praia interna ou a ocidente da cidade, em outro amplo jardim que se defronta com o quartel da força pública, encontra-se o monumento da destemida espôsa do italiano, guerreiro de dois continentes. À frente da citada Catedral a cidade desce até o cais onde se levanta o trapiche municipal, desembarcadouro marítimo, bar e, ao mesmo tempo, estação de espera para os ônibus. Logo acima dêsse estabelecimento, mas na parte baixa

da praça, voltado para o oceano, ergue-se o busto do Cel. Fernando Machado, herói e comandante dos catarinenses na guerra do Paraguai. No centro do aludido logradouro, desgalha-se linda árvore de "ficus benjamin", gigantesca e secular, cujos galhos, em círculo, amparados por suportes de ferro, abrangem uma vasta circunferência, oferecendo sombra encantadora e um lindo aspecto ao local. Sob a mesma está o busto de Vitor Meireles e à frente deste, o monumento aos heróis da guerra contra Lopez. Esse o centro principal de Florianópolis.

Rumando-se para o sul, a quase um quilômetro, encontra-se a ponte Hercílio Luz, de que já falei de passagem, "pão-de-ló de toda festa", para usar a expressão popular, no que diz respeito àquela Capital. Isto porque, aludir-se àquela cidade e silenciar sobre a referida ponte, seria o mesmo que falar do Rio de Janeiro e nada dizer quanto à Guanabara. Inegavelmente trata-se de uma obra suntuosa. Construída por Bygton & Sunditron, dos Estados Unidos, e inaugurada em 1926, a ponte Hercílio Luz é algo de suntuoso, de admirável, tal o arrojo de concepção e capacidade realizadora que a enriquecem. Descrevê-la seria gastar tinta e papel sem um resultado positivo, tais são os detalhes técnicos, as minúcias e particularidades desse pensil monumento. Até se chegar a êle encontram-se mais dois bustos: — o de Oswaldo Cruz e outro do próprio Hercílio Luz, êste em corpo inteiro e que fica num pequeno largo à esquerda de quem vai da cidade atravessar a ponte em referência.

As ruas de Florianópolis são estreitas e mal cadadas. No sentido longitudinal, bastante compridas, transversalmente isto é, de leste para oeste, são quase todas interrompidas por propriedades particulares inclusive do clero, que certamente impedem o seu pros-

seguimento. Porisso mesmo toma-se qualquer dessas ruas certo de que ela levará ao outro lado da cidade, e tem-se a marcha interrompida, pois que não passam tais ruas de vielas mais extensas.

Há regular comércio em Florianópolis. Dois são os cinemas ali existentes, relativamente bem instalados e que se servem de luz própria, visto que a iluminação pública é uma negação. O transporte urbano é feito por ônibus. A edificação é modesta e antiquada, em que pese alguns prédios residenciais elegantes e edifícios mais recentes, contados, porém, a dedo.

Quanto ao aspecto social, como todas as suas congêneres brasileiras, a cidade em aprêço tem a sua diversidade de classes: a "superior", a "média" a proletária e a indigente. Notei, em verdade, miséria em Florianópolis. Aliás não é isso privilégio seu mas, desracadamente, do Brasil inteiro. A falta de indústrias fabris, ali, é um dos fatores desse pauperismo. Do ponto de vista sanitário, não me pareceu uma cidade salubre. O impudismo ronda sinistramente a população, denunciando-se na côr dos habitantes pobres. Isto não quer dizer que todo o catarinense de Florianópolis seja pálido, anquilostomizado. Absolutamente! Vi muita gente corada e robusta entre aquele cidadão povo. Isto, entretanto, quase que exclusivamente entre as classes abastadas. Os que se encontram mais em contacto com as regiões charcosas, invariavelmente, são impaludados. A característica do povo relativamente à sociabilidade, não é má. Nota-se-lhe delicadeza e até mesmo desejo de se comunicar com o forasteiro. Mas isso não é generalizado. As pessoas com as quais falei, trataram-me de maneira delicada e solícita, mas, desinteressada quanto à minha qualidade de brasileiro de outras regiões.

Não me acolheram, como o gaúcho, por exemplo, desejosas de saber algo do Brasil distante.

Quase nulo é o movimento marítimo no porto da Capital em aprêço. Dois dias permaneci ali e não me foi possível testemunhar acostagens. Apenas pequeno navio costeiro chegou. Não testemunhei qualquer presença de embarcações na respectiva baía e até um rebocador que lá se encontrava ancorado, de seu lugar não saiu durante êsses dias, a não ser mudando de posição aos caprichos das marés...

O serviço de iluminação, conforme acima falei, é simplesmente péssimo, nessa infeliz Capital. Apesar de possuir instalação pública as ruas vivem às escuras e a luz particular só melhora um pouco depois das vinte e uma horas. Mesmo assim não é sempre que ela se faz presente. Disseram-me ali que essa situação de malbarato administrativo tão vivamente refletido naquele serviço público, é devida a célebre oligarquia reinante em Santa Catarina, cujos "Ramos" pretendem estender seus domínios sobre o serviço de luz, da cidade. Como a respectiva empresa tem resistido, êles promovem a sabotagem para enfraquecê-la, tentando vencê-la pelo cansaço. Não sei se isso é verdade, o que não será de estranhar num regime de imoralidades em que política é sinônimo de negociatas, peculatos e cambalachos em favor de grupos e em detrimento do povo. O certo é que o serviço de luz em Florianópolis é dos piores que conheço. Entretanto, do outro lado do canal, além da ponte Hercílio Luz, há uma luz excelente.

Melhor não é a instalação sanitária e a de abastecimento d'água, na aludida Capital. Deixo de descrevê-la porque isso em nada aproveitaria a quem me lêsse. Aqui está, portanto, em linhas gerais, apresentada Florianópolis, no que lhe diz respeito à vida

social, artificial e administrativa. Quanto à natureza, ao aspecto topográfico, ela possui, inegavelmente, encantos e possibilidades para ser uma cidade magnífica. Localizada, como é sabido, numa grande ilha, ao norte se lhe ergue alta montanha que, descendo até o mar de um lado e de outro, barra-lhe o avanço. Dalí ela se derrama, em forma triangular, para o sul, até à ponte Hercílio Luz, tendo a oeste o recôncavo ou baía interna, e a leste a enseada ou pôrto formado pelo mar alto. Não sendo plana a ilha, o casario se eleva em espigão de maneira a permitir que se lhe descortine, da parte mais alta, um belo cenário marinho em qualquer direção. Dessa maneira, como disse, quer para leste, quer para oeste, que se volte, tem-se um estendal de águas em torno da cidade, oferecendo-lhe, a um só tempo, o aspecto de prisioneira e dominadora. Olhando-se do norte para o sul, ei-la nos oferecendo a perspectiva de que nasce junto ao canal e, em triângulo, se vem abrindo e distendendo até esbarrar na montanha.

Só essa particularidade geográfica bastaria para fazer de Florianópolis uma das mais mimosas e pitorescas metrópoles do Brasil litorâneo — quicá do litoral sul-americano, se contasse com o patriotismo e a honestidade de seus administradores. E é justamente o que não se nota ao visitá-la. Pelo menos foi o que senti. Para melhor expressar o atraso e o abandono da Capital catarinense, basta dizer que ela chegou à triste posição da mãe que perdeu tôda a ascendência moral sobre as filhas, as quais, só lhe rendem obediência por mera formalidade, visto terem-na superado em tudo, inclusive em riqueza, prestígio e progresso. Esta minha comparação diz respeito às grandes cidades catarinenses de Blumenau, Joinville, Itajaí e tantas outras, cuja importância eco-

nômica e demográfica há muito superou à da metrópole. Porisso mesmo essas "filhas" só prestam obediência à "genitora" para efeitos político-tributários, fiscais ou jurídicos. Quanto ao mais até desdenham dela tanto lhe estão superiores. E assim dou por concluída a apresentação da Capital catarinense, o que faço através de rápida observação, certamente imprecisa, dada a minha pequena permanência ali. Se não expressei a realidade, desculpai o viajante, pois seu tempo é sempre escasso. E prossigamos a jornada para Curitiba!

Confortavelmente instalado num ônibus moderno, deixei Florianópolis às cinco horas do dia trinta de agosto, rumando para Joinville, via Itajaí.

Contornei o recôncavo de Florianópolis, cuja beleza natural prendeu-me a contemplação por longo tempo. Depois se me afigurou um afastamento do litoral. Atravessei um rio cujo nome escapou-me. Adiante a estrada encontrava-se alagada pelas águas e mais um rio — o "Tijucas", que transbordara. O carro enfrentou a faixa líquida e logo entramos na vila que tem o nome do aludido rio. Gaivotas que sobrevoavam as adjacências fizeram-me perguntar o porque de sua presença ali. O mar estava perto, responderam-nos. Efetivamente: a um quilômetro, mais ou menos, lá estava o oceano em vastíssima e bela enseada, cuja praia contornei por vários quartos de hora. Finalmente a estrada encurvou-se à esquerda.

Ascendi a serra que se nos antepunha e o mar ficou-me à retaguarda. Toda a região naquele setor, denotava atraso, abandono. Nenhuma lavoura e muito menos propriedades bem cuidadas. Casas próximas umas das outras, sempre feias, sujas e tristes, apreciavam a margem da estrada, patenteando a miséria camponesa também por ali. De quando em vez

uma igreja se elevava entre aquelas habitações. E o ambiente, apesar de ser populosa a região, era triste e sem vida, naturalmente por falta de incentivo à produção agrária. A única explicação que encontrei para aquele completo abandono foi a de que os velhos colonos italianos e alemães, tendo enriquecido, retiraram-se para as cidades ou centros populosos, onde se estabeleceram, deixando sítios e fazendas cujas terras, exauridas, transformaram-se em carrascais abandonados e sem vida.

Na minha contemplação seria capaz de afirmar estarmos a muitos quilômetros do oceano. Entretanto, para surpresa minha, eis que a estrada começa, novamente, a marginalizar as ondas, numa outra enseada curvelínea e calma. E daí para frente, ora afastando, ora marginando o mar, caminhei várias léguas. Finalmente, depois de mais uma guinada para a esquerda, vasto lençol de águas diferentes, mais parecendo uma grande lagoa, apareceu unindo-se ao mar que rebentava em vagas à distância. Não muito caminhei e me vi em Itajaí, a famosa cidade da banha e do papel. A massa d'água antes avistada, era o rio dêsse mesmo nome, em cujas margens se ergue a cidade em pauta.

Cidade essencialmente industrial, desfruta uma bela topografia e apresenta as principais características de um grande centro. Assemelha-se Itajaí, topograficamente, a Macaé, no E. do Rio, guardando-se as devidas proporções não apenas com relação à indústria, mas também no que diz respeito ao empreendimento econômico.

Detive-me na terra de Lauro Muller, por alguns minutos, que aproveitei para uma vista dolhos a uma das suas principais e bonitas praças públicas, precisamente aquela onde se ergue o busto do aludido polí-

tico. Ai estacionam carros puxados por animais, pitorescos em sua cor berrante, a concorrerem com os automóveis e oferecendo uma nota interessante de inéxito regionalismo ao forasteiro.

Uma hora, aproximadamente, gastamos para atravessar o rio Itajaí, tal a violência de sua corrente e a extensão de seu leito. Duas lanchas são empregadas para conduzir a balsa de travessia.

Antes de prosseguir nesta narrativa, quero assinalar a exigüidade de pontes sobre os rios de toda a extensão rodoviária que venho percorrendo no Estado de Santa Catarina. Vadeando várias e respeitáveis correntes fluviais, até ali nem uma só ponte existe. Todas as travessias são feitas através do penoso e arcáico sistema de balsas.

Proseguindo a marcha, atravessei vasta planura mais ou menos alagadiça, onde se via grande cultura de bambú comum, matéria prima do papel. O ambiente continuava o mesmo quanto a agricultura, no que diz respeito à alimentação. A despeito da proximidade de um grande mercado, nenhuma lavoura pude ali testemunhar. Apesar disso, vi inúmeros carros transportando bananas, cujas culturas certamente encontravam-se distantes de meus olhos. Esparsamente viam-se algumas cabeças de gado vacum, ordinário e feio. E a tapera, os carrascais, o abandono imperavam por distâncias imensuráveis. Homens e crianças, tipicamente doentios, anêmicos e tristes, transitavam, com frequência, por aquelas estradas. Quando assim não era, à beira de casas velhas e paupérrimas, senhoras e mocinhas lavavam roupa, na demonstração mais evidente de que também em Santa Catarina, a miséria campeia, não apenas nas cidades, no proletariado, mas igualmente na zona rural, nas populações camponesas. O quadro, conseqüente-

mente, de pauperização é geral em todos os quadrantes desta nossa imensa e malbaratada Pátria!

E assim caminhei, constrangido e decepcionado com o que testemunhava, até alcançar, novamente, o mar, numa das mais lindas enseadas que meus olhos já viram. Chama-se Penha, essa localidade. Suponho ser aquela a zona de veraneio das cidades próximas, o que é fácil observar-se pela quantidade de casas novas, aprazíveis, todas fechadas. O mar nesse recanto é de uma tranqüilidade lacustre. Lindíssimo, o cenário convida, a quantos o contemplem, a um longo estágio naquele privilegiado recanto. Lembrando uma vasta Icarai, muito mais bela, porém, na sua naturalidade, essa praia se alonga por quilômetros. Frente à mesma, lá nos domínios do oceano alto, uma ilha coberta de vegetação muito verde, parece vigiar contra a incursão dos escarcéus atlânticos... Ao lado dessa ilha, separadas e distantes, duas altas e desnudas pedras, dir-se-ia sentinelas da mesma, eternamente alertas. No centro dessa maravilhosa angra, barcos de pescadores oscilavam suavemente como a desafiar-me a paixão pela pesca.

Entretanto, o ônibus, não se detivera um só instante. Na sua arrancada incontida, levou-me através de colossal planície comparável à Baixada Fluminense, como as regiões antes percorridas, abandonada e inculta. Ao fundo, muitíssimo distante, o círculo azul da cordilheira emprestava à paisagem uma nota de tristeza e desolação. Ante esse abandono, torturava-me a interrogação: que é da afamada colonização de Santa Catarina, do amanho de suas terras pelo decantado colono estrangeiro, cuja capacidade de trabalho é, por todos os títulos, "superior" a do brasileiro?

E o silêncio respondia à irreverência de minha curiosidade, com a lógica irrefutável do silêncio!...

Mas avistam-se por ali velhas casas de tábuas, estilo alemão, completamente abandonadas no meio das capoeiras, dos matagais, sob cuja proteção verdejavam, salpicadamente, lindos cafeeiros a denunciar a fertilidade da terra. Eram, a meu ver, testemunho silencioso de um passado de fartura e prosperidade, que fatores de ordem anti-econômica, inclusive o impatriotismo de uma politicalha sórdida e criminosas, fizeram desaparecer. Colonos naturalmente por contingência, os estrangeiros que ali se fizeram camponeses, tão logo enriqueceram foram-se aglomerando nas vilas e cidades para se dedicar ao comércio, à indústria, menos trabalhosos e de maiores possibilidades financeiras. Quando muito ali deixaram ocupando as exauridas terras, alguns patrícios pobres ou descendentes, os quais, ante a improdutividade do solo carecente de tratamento racional, abandonados técnica, social e economicamente, quedaram-se, apáticos, deixando a tapera invadir-lhes as propriedades, conforme se via. E aquela vastidão certamente próspera em tempos idos, ali se encontrava transformada em vastos carrascais. Eis a realidade tremenda!

...As doze horas cheguei a Joinvile. Passei uma vista dolhos pela cidade, cuidei dos afazeres que ali me levaram e tomei passagem no ônibus que partiria ao dia seguinte. Passei o resto do dia a olhar as coisas e os aspectos dessa grande cidade industrial, onde o forasteiro se sente como em terra absolutamente estranha, tal o ambiente europeu que lhe emprestam principalmente os alemães.

Após ter visitado mais algumas ruas e recantos da cidade, tive a impressão de que Joinvile é, realmente, um pedaço da Alemanha no Brasil. A cons-

trução ali é tipicamente germânica. Telhados em ângulos absolutamente fechados, escorrendo quase a prumo das cumieiras altas; a cor creme-claro das tintas; janelas e portas envidraçadas e guarnecidas de "stores"; os chalezinhos com sótãos superpostos e limpos; os jardins públicos e particulares, bem cuidados; os estabelecimentos comerciais de portas amplas, quase sempre de vidro; as ruas largas, os arborizados, os bares e cafés, a nomenclatura arrevesada dos logradouros e estabelecimentos; os veículos de tração animal, em suma, todo o conjunto dessa importante cidade, tanto quanto me tem sido possível conhecer tradicionalmente me dava a impressão de terra estrangeira.

Situada numa vasta planura entre serras cobertas de florestas, Joinvile é de uma apazibilidade notável. Seu parque industrial é importante e nele é digno de destaque os estabelecimentos Harp & Cia., especialistas em conservas comestíveis e outros derivados.

Não me foi possível conhecer Blumenau, outro grande centro industrial de Santa Catarina, cujo parque industrial ascende a mais de quatrocentas fábricas, entre grandes e pequenas, de todos os ramos, inclusive metalurgia. Essas foram as informações que me foram dadas; informações que me autorizam a reconhecer em Blumenau o maior centro industrial do Estado.

...O tempo andou mais depressa do que eu esperava. E o ônibus deu o sinal de partida. Nosso destino era, já agora, a capital paranaense, numa arancada direta. Notável é, não apenas a excelência do solo mas igualmente a beleza topográfica, assim como a pureza do clima daquela região. Entretanto e a despeito de tudo, continuava, aos meus olhos,

a falta de agricultura. Nem uma lavoura digna de nota me foi possível contemplar. Mesmo assim, o movimento de veículos e elementos camponeses era grande. Impossível me foi, porém, lhes ver as lavouras. Se elas existem, o que certamente acontece, encontram-se muito retiradas das margens da estrada.

A viagem transcorreu sem acontecimentos dignos de nota. Finalmente, deixei Santa Catarina e entrei no Estado do Paraná, cuja linha divisória é assinalada por um posto fiscal. Logo após, comecei a subir a Cordilheira Marítima através de uma rampa talvez a mais longa de quantas tenho percorrido. Tal ascensão se desdobra em curvas, aclives e declives ligeiros, por léguas, entre serras cobertas de florestas. Muito densas, muito sujas e tenebrosas essas florestas, a começar pelas próprias árvores, tôdas elas baixas e entrançadas de musgos, lianas e gravatás, apavoram à idéia de uma penetração em seu seio. Muito longe estão essas matas, em beleza e atração, das suas congêneres dos Estados do E. Santo, Minas e Rio de Janeiro.

Em determinada altura da estrada há uma espécie de nicho onde se encontra uma santa exposta à visitação dos religiosos. Essa imagem, que ali foi colocada por devotos, resistiu, conforme narração que ouvi, à fúria das avalanches pluviais que lhe sulcaram, de um e de outro lado, o solo adjacente, deixando-a como que insulada mas firme em seu pedestal. Essa coincidência de ordem simplesmente erosiva, foi logo aproveitada pelos crédulos ou aproveitadores da boa-fé pública, como milagre que transformou mais uma imagem numa das muitíssimas santas milagreiras destes brasis de credices e de explorações. Porisso mesmo aquele nicho sôbre um pedregulho à margem da estrada, transformou-se no lo-

cal de peregrinação e penitências mais famoso daquela região. Pelo menos foi essa a informação que colhi ao passar por ali.

Mas, nem a santa, com todos os seus milagres, conseguiu diminuir ou amenizar a exaustiva e longa ascensão. E assim, lerdamente, ia eu ascendendo à proporção que avançava para o coração do planalto paranaense. Ao galgar o chapadão ou término da subida, tinha à retaguarda, uma paisagem majestosa através do vale por onde acabava de subir. Já nessa altura, com a mesma satisfação para meus olhos, voltava a encontrar a imponente araucária. Os pinheiros surgiam a cada instante, numa abundância só conhecida naquelas preciosas terras do grande Estado sulino. Igualmente isenta de culturas a região se distendia para tôdas as direções, coberta de matas ou savanas intercaladas de pastagens.

As treze horas almocei e prossegui. O cenário se transformava. Alargavam-se os campos à proporção que mais avançávamos. A população se adensava na mesma proporção. Bem cuidados campos de cultura já agora surgiam aos meus olhos e com êles bonitas propriedades. O ambiente era outro, e mais acentuado o progresso. Também por ali se evidenciava a beleza topográfica do Paraná e a feracidade rara de seu solo.

E assim deslumbrado, vi chegarem as quinze horas ao mesmo tempo que o ônibus estacava no seu ponto terminal, em Curitiba. Três Estados acabava eu de percorrer, conhecendo-lhes as regiões serrana e marítima.

## CURITIBA-PONTA GROSSA-PARANAGUÁ

Imperativos profissionais, levaram-me a Ponta Grossa, onde havia passado quando da viagem de Pôrto Alegre a Curitiba, já relatada anteriormente.

Por singular e cruel coincidência, como da primeira vez que o fizera, chovia quando repeti a viagem através dos campos paranaenses. Isso impediu-me de conhecer, na ida, a região ainda de mim desconhecida, pois o nevoeiro a ocultava em seu manto indevassável. Felizmente as chuvas cessaram e as névoas, esgarçando-se, permitiram-me, não apenas conhecer a princesa daqueles planaltos magníficos, mas igualmente, os próprios planaltos, cuja vastidão, além de infinita, é suntuosa.

Na verdade, dentre inúmeras e belas cidades do sul, que me foi permitido conhecer, Ponta Grossa é uma das mais bonitas. Isto não só quanto à beleza panorâmica, mas, e especialmente, também pela sua privilegiada situação topográfica. Situada sôbre uma colina bipartida por grota não muito longa, tem suas avenidas e ruas invariavelmente retas a se distendem por todo o perímetro urbano, sem curvas ou desalinhamentos. O centro comercial propriamente dito lhe está situado na rua Quinze de Novembro, onde se encontram estabelecimentos consideráveis. Mais abaixo dessa rua localiza-se a Praça Barão do Rio Branco, moderna e atraente, onde se vê um auditório destinado a retretas e outros espetáculos musicais e públicos. Ainda algumas praças de secundário valor existem na cidade, destacando-se, dentre elas, a João Pessoa, em frente a estação ferroviária.

Para qualquer das suas direções, a partir do centro, que se encontra no ápice da colina, a cidade entra em aclives acentuados. Quase todo o centro urbano é calçado a paralelepípedos, o que oferece agradável e belo aspecto a Ponta Grossa. Infelizmente a exigüidade de tempo privou-me de conhecê-la em todos os seus bairros e recantos. Todavia, o pouco que me foi dado ver autoriza-me a afirmar que se trata de uma grande cidade, merecendo, muito justamente, o título de "Princesa dos Campos" que lhe deram os paranaenses.

Relativamente importante é a atividade industrial dêsse lindo centro populoso. Além de uma boa fábrica de cerveja, prepondera ali a indústria de madeiras e artefatos respectivos. Inúmeras serrarias e fábricas de móveis completam o parque industrial da cidade em alusão. Seus hotéis são excelentes e a frequência de hóspedes é notável, principalmente itinerantes de várias procedências, inclusive indo e vindo da foz do Iguaçu, a quatrocentos e tantos quilômetros dali.

Atrofiada é a imprensa pontagrossense, a qual se constitui de um só e pequeno jornal — o "Diário dos Campos", mal feito e mal colaborado.

Digna de nota nessa cidade é, inegavelmente, sua paisagem. Onde quer que se esteja, desde que no alto ou na sua parte mais elevada, descortina-se a vastidão dos campos, que se mostram em tôda a sua maravilhosa perspectiva. Os crepúsculos e os arrebóis são magistrais e transformam Ponta Grossa numa ilha imaginária adormecida num oceano de sonho!

Regressei a Curitiba numa dessas manhãs encantadoras, de céu límpido e muito azul, emborcado como taça fabulosa sôbre os imensos descampados.

A topografia do planalto paranaense assemelha-se muito à do oeste e do norte de Minas Gerais. Todavia, aquêlé apresenta vegetação arborizada — o "cerrado" — em grande parte do seu território, ao passo que este é quase inteiramente despovoado dessa vegetação. São planuras verdes e limpas como se tratadas e regadas diariamente. Parecem verdadeiro, imenso e belo jardim, isto porque, no meio da verde gramínea que os cobre, há flores raras e lindas, desabrochando aos beijos da primavera que surge. Não são campinas como os pampas, que entediam com sua imutabilidade, seu aspecto único e uniforme. Ao contrário, os campos paranaenses, na sua perspectiva ondulada, oferecem constante mutação topográfica através de colinas, que se esbatem e de várzeas, que se dilatam.

De longe em longe as savanas, dentre as quais se levantam as soberbas araucárias — êsse pinheiro inconfundível na sua beleza.

Tais savanas, à distância, mancham a verdura do escampado como se foram sombras de nuvens pairando nas alturas sob um claro dia de sol. Não raro um ipê raquíptico, mas desgallado em flor, põe salpicos de ouro no seio esmeraldino da soberba paisagem. Quando assim não é, humildes cedros verdejam destacando-se da arborização ou bosques de que acabo de ocupar-me. Raramente avistam-se gados nas pastagens. Não obstante, a pecuária tem papel preponderante na economia dessa região; pecuária que vai sofrendo a influência do zebu, raça de que apresenta exemplares bonitos e vistosos.

E a gente vai correndo para os lados de Curitiba sem sentir que o tempo corre... Algumas léguas viajadas e toma-se a margem do Iguaçú de que só se separa a via férrea ao chegar à capital do Estado. Aci-

ma um pouco de Pôrto Amazonas aparecem os monumentos megalíticos ao lado direito. São lindas pedras de um granito aparentemente frágil, lembrando as rochas calcárias do sertão norte-mineiro, extravagantes na sua conformação. Há verdadeiras suntuosidades nessas obras da natureza. Quando ao povo brasileiro condições se oferecerem, inclusive transportes fáceis e instrução necessária, certamente êsses monumentos paranaenses se transformarão num grande objetivo turístico-excursionista.

... E os campos se vão modificando sempre, vão-se tornando cada vez mais lindos. E o rio se vai encurvando, seguido da via férrea, sereno, como que parado, na sua cor de chumbo, antes de se agitar em cascatas e corredeiras próximo ao pôrto onde se torna mais amplo e navegável.

De certa altura para cima aparecem as várzeas, quase inteiramente cobertas de vegetação, à guisa de restingas, sempre pontilhadas de pinheiros. À proporção que se se aproxima de Curitiba vai-se notando o aparecimento de uma agricultura mais positiva, mais ampla. Lavouras vão surgindo, através das quais aparece o trabalho organizado e a cultura racional. Surgem os trigais, verdes e viçosos, no mais flagrante testemunho de que só não temos trigo em abundância porque há forças estranhas e criminosas entrando o desenvolvimento de sua cultura.

E o observador esquece-se de si mesmo. Esquece-se de que há problemas e sofrimentos, de que há miséria e dores no povo brasileiro e no Brasil. Não sente as horas passar. Seus olhos, seu pensamento, todo o seu "ego" está embebido dessa magificência que é o Paraná — o mais belo Estado da Federação.

Curitiba está quase à vista e eu não falei ainda das casas de madeira. Creio não errar se disser que

noventa por cento das construções rurais do Paraná, são em madeira e cobertas de telha. E como são pitorescas tais habitações! A casa de palha, o rancho ou choupana não os vi em toda a região que meus olhos viram.

Tornando à topografia, necessário é dizer que a paisagem tanto mais ampla se faz, quanto mais se se aproxima da Capital. As várzeas se fazem mais largas, regadas sempre pelo silencioso Iguacu. Na mesma proporção adensam-se as culturas. Vêm-se tratores arrastando arados no amanho da terra. Vêm-se animais, principalmente cavaleiros, substituindo a máquina nesse mister. Vêm-se camponeses semeando e dentre eles a graciosa camponesa, tal qual nos mostram os filmes e as alegorias, de chapéu largo ou lenço atado à cabeça, no sadio afã dos afazeres camponeses. Nota-se que não existe ali esse brasileiro triste e adoentado, arrastando sua miséria e seus padecimentos nos feudos e latifúndios espelhados pela quase totalidade do Brasil. Há vida, há satisfação no trabalho desses camponeses paranaenses. As culturas que surgem de tal trabalho demonstram, à saciedade, a vantagem dos métodos racionais a que a máquina começa, no Brasil, a emprestar mais decidido apoio:

E tudo isso, toda essa beleza, esse conjunto de cores e de aspectos banhados de sol, oferecem aos que não são indiferentes a tais belezas, alguma coisa de diferente e auspicioso. É assim, o Paraná!

... Ontem voltava eu das bandas em que o sol se põe. Hoje, ao contrário, rumava para a direção onde ele se levanta para a sua ronda cotidiana...

Eram seis horas e vinte e oito minutos. O altofalante da estação férrea de Curitiba repetia uma vez mais o aviso de todos os dias:

"Alô! Alô! O trem que vai a Paranaguá e Antonina partirá dentro de dois minutos. Os senhores passageiros queiram tomar seus lugares. A Viação Férrea Paraná-Santa Catarina deseja-lhes boa viagem!" Um disco musical seguindo-se a essa advertência, espalhou no ambiente a voz poderosa e guinchante de Vicente Celestino. Vibrou a sineta de partida e, ao apito estridente do condutor, respondeu em silvo rouco a locomotiva. O trem se punha em marcha.

Através de seus bairros a cidade foi cedendo lugar às chácaras e aos sítios, cada qual mais atraente e aprazível. Sucedeu-lhes, à serenidade bucólica, o silêncio bom dos vastos campos pastoris e das lavouras bem cuidadas. A planura se ampliava sempre à proporção que eu avançava para o mar, na direção da cordilheira que, ao longe, se alevantava como que intransponível. As várzeas ali são mais amplas e mais uniformes. Os pinheirais voltaram a aparecer, soberbos e altaneiros. Os pomares, especialmente de perais, em plena floração, ornamentavam as residências campesinas.

Na primeira estação, várias professoras desembarcaram, recebidas, alegremente, por um sem número de alunos. Antes de Piraquara encontra-se o Hospital-Colônia São Roque, onde se tratam ou repousam, segundo me informaram, funcionários da estrada de ferro de que me servia. Manda-me, aliás, o dever de justiça, consignar aqui minha agradável impressão a respeito dessa via férrea, eu que a ela fiz referências acrimoniosas e críticas severas, em outro local, quando narrei minha viagem de Porto Alegre a Curitiba, através da aludida estrada. Porisso mesmo sinto-me à vontade, bem à vontade, para modificar meu julgamento, agora que vejo sua organi-

zação no ramal de que me estou servindo. Na verdade, além da pontualidade dos horários, da segurança do material permanente e do tráfego, há a destacar-se os edifícios das estações e as residências dos respectivos funcionários. Tais edifícios, obedecendo a um tipo "estandardizado", são aprazíveis, confortáveis e dignos de servirem de padrão para outras estradas que quiserem melhoras as condições de vida de seus funcionários.

A oitocentos e muitos metros de altitude, em pleno seio da cordilheira, entre pinheiros e matas, detive-me na estação de "Banhado", onde os passageiros serviram-se de café e guloseimas. E' aí o ponto culminante do famoso ramal. Prossegui descendo a serra, em plena e brava natureza, onde nem uma só residência se ergue entre aqueles alcantilados precipícios cobertos de matas. "Veu de Noiva" foi a primeira estação nessa segunda etapa. Oferece-lhe o nome uma encantadora cascata que se arroja escorregando pelos abismos. Sucedem-se os túneis e as famosas obras de arte. Mais um mergulho na rocha viva, ao tornar-se à claridade a gente se encontra do lado de lá da cordilheira. O cenário é, então, magnífico! O vale de Paranaguá, suntuoso como todos os grandes vales da maravilhosa Cadeia Marítima, aparece, inteiro, na sua natural grandiosidade. Ao fundo, correndo para leste, um ribeirão traçava sinuosidades na face plana das adjacências marítimas. Três povoações se avistaram, distantes, dentre as quais, Morretes, que atingiríamos dentro de algum tempo. Mais além, a Baía de Paranaguá, na sua estreita conformação de "fjord" escandinavo. Muito ao longe, confundindo-se com a linha infinita do horizonte, o oceano bravo. Abaixo de quem descia a falda íngreme das serras, as estações de Engenheiro Lang, e mais

acima, como que da mesma a cavaleiro, Marumbi, cujo nome tomou-o ao soberbo pico de granito que se eleva às nuvens, ao lado do "Abrolhos", montanhas que se alcandoram, a centenas de metros de altitude, próximo a essa estação. Trata-se de elevações ciclópicas, dessas que, inclusive os "Órgãos", a "Itabira", o "Frade e a Freira" e tantas outras, fazem da Serra do Mar a mais bela e harmoniosa cadeia do nosso vasto e magnífico sistema orográfico.

Certo dia, um grande engenheiro patricio — o Dr. Teixeira Soares, vendo o mar — caminho eterno e franco a tôdas as produções, a algumas léguas do colosso econômico que são os campos paranaenses, separados, apenas, por uma cordilheira — idealizou, como tantos colegas seus, em outras regiões e na mesma cordilheira, um caminho através da fabulosa "muralha atlântica". Vencê-la, galgá-la dominando-a, e abrir passagem à locomotiva através daquele dédalo de precipícios, daqueles alcandores e alcantis, fôra o seu grande sonho. O mar jria fecundar de novas iniciativas os opulentos campos e dêles receber a riqueza imensa das suas vastas produções. Seria o progresso, seria a fartura, seria a glória!

Idealizou e confiou seus planos a um colega, outro valoroso brasileiro, o Dr. Antonio Rebouças. E então um exército de trabalhadores, técnicos, oficiais, ajudantes e operários, munidos de aparelhos científicos, de ferramentas rudes, cordas e cabos, todo um arsenal, em resumo, indispensável a tais empreendimentos, acometeu a colossal muralha.

Daquela vagão de primeira classe, olhando longe e olhando perto, "in loco"; passando onde se deram em holocausto à Pátria e ao progresso, tantas vidas e tantos sacrificios, transporte-me, em pensamento, áqueles recuados tempos e vi a azáfama dos abne-

gados galgando a cordilheira enorme. Aqui, uma pedra a rolar sobre um troço de trabalhadores. Ali, uma encosta abismal a ser contornada. Além, um cabo a partir-se, atirando no abismo os lidadores. Ora a conquista de um precipício, ou o enfrentar da abruptosidade ambiente. Ora o livrar-se dos réptis peçonhentos alapardando-se, insidiosos, nos socavões sombrios. Homens pendurados, resvalando no abismo a perfurar o rígido granito. Máquinas suspensas, criaturas suspensas, na miraculosidade da ousadia humana. Explosivos ecoando na quietude dos êrmos, para arredar o pedregulho bronco. Machados reboando pelas encostas, na destruição do secular madeiro que jamais sonhara perder a vida aos golpes dos civilizados, dominadores que eram daqueles alcantilados domínios. Picaretas e enxadas reluzindo ao sol no escarvar da terra virgem. E comandantes e comandados; técnicos e operários, irmanados todos por um só ideal, a vitória, batalharam nessa guerra suigênera em que a inteligência, o braço e a ferramenta se congregaram para vencer a resistência imobilizada e rígida da natureza.

Quantos anos durou a batalha? Quantas vidas nela se perderam? Quantos desapareceram antes da vitória? Não sei! Ignoro tudo a respeito. Sei, apenas, que, ao alcançarem o alto da cordilheira, ao transporem-na, haviam deixado para trás vinte e tantos quilômetros de estradas onde as curvas se superpõem como nos alambiques as serpentinhas; onde os precipícios, apavorantes, abrem gargantas vertiginosas na atração do abismo; onde as escarpas atingem fenomenais alturas e os abismos são de tal sorte profundos que nem sempre se lhes devesse a ensombrada base!

Quatro pontes jaziam estendidas sobre escachoantes mananciais. Dezenove pontilhões atravessavam

gargantas aparentemente inacessíveis. Cinco viadutos estendiam-se nas depressões rochosas. Três paredões de argamassa e pedra sustentavam o péso e a força das erosões avassaladoras. Onze túneis minavam o âmago profundo das amplas penedias, além de cortes altos e profundos nas ilhargas das rochas milenares. E a linha férrea estendendo-se por esse caminho formidável, vezes cravada no granito puro, outras contornando montanhas e vingando encostas, como se suspensa por fios invisíveis, ali ficava como símbolo da força inteligente contra a resistência do elemento bruto. Por ela passou, enfim, ao término da luta, a locomotiva acordando os êrmos e conduzindo nos seus cavalos mecânicos a semente do progresso!

Hoje, milhares de criaturas despreocupadas, ao passarem por aquele trecho ferroviário, extasiavam-se com tanta beleza panorâmica, com tanta obra de arte e tanto arrojo humano. Lembrar-se-ão, acaso, dos que se sacrificaram por tôda aquela arrojada realização?

E quem foram eles? Quais foram eles? Que heróis esses que ali ofereceram a própria vida para que o progresso avançasse, para que progredisse a civilização? Ninguém me responderá! A humanidade não importa o criador e sim a criação. Nordau estava com a verdade!

... Aqui falei, apenas, do idealizador e do realizador. Teriam sido apenas esses dois grandes vultos da nossa engenharia os que deram ao Paraná e ao Brasil essa estrada magnífica?

E esse mundo anônimo e menosprezado de trabalhadores e operários que se ensanguentaram nas anfratuosidades das rochas, no resvalar das escarpas, no abeirar dos abismos, a lutar, cotidianamente,

ao sol e à chuva, rasgados, descalços e famintos? E os técnicos, e os auxiliares desses grandes engenheiros?

Nesses não se falará. A história não lhes registrou o nome! Eles representam a massa anônima e menosprezada para quem jamais se abriram as colunas da imprensa dos potentados, nem se levantaram os brindes fementidos da lisonja. São o povo, o proletariado — o soldado raso da batalha sangrenta vendida pelos generais!...

A memória, pois, desse homem rude, desse trabalhador anônimo e postergado, desse gigante esquecido a cujo braço se deve o trecho ferroviário em alusão, dedico este capítulo do meu singelo livro. Homenagem modesta sim, mas sincera, de um irmão que lhe conhece o sofrimento porque o viveu também nas lutas de anônimo camponês, cuja infância estiolou-se nos longínquos rincões provincianos! A você, anônimo construtor da Paranaguá-Curitiba — glória do nosso povo e orgulho da nossa engenharia; a você, proletário esquecido, deixo aqui consignada minha eterna homenagem!

...Paranaguá é uma cidade tipicamente colonial secular. Numa de suas igrejas li: "construída em 1578". Por aí pode-se aqulitar da idade dessa vóvó. Não tem ela quaisquer encantos dignos de destaque. Seu casario velho vai cedendo, a custo, à moderna construção. Possui ruas calçadas, um comércio regular, alguma indústria, modestíssimo e singular mercado coberto. Poucas praças ou logradouros vi ali. Dentre eles, como principal, a Eufrásio Corrêa onde se destacam, como curiosidade, seis estatuetas de jaspe, se me não engano, representando o Inverno, a Europa, a Ásia e a África, mais as deuses Themis e Minerva.

Numa outra praça há um jardim zoológico em miniatura de cuja coleção destaca-se linda onça pintada.

A baía de Paranaguá é feia e oculta aos olhos da cidade. Para vê-la, tem-se que tomar uma condução ou marchar a pé até o cais que, por sinal, ocupa a melhor faixa marítima. Em torno, os mangues para leste e os matagais para o oeste dão a impressão de que aquele povo vive isolado num sertão. A despeito da sua posição praieira, não há praia própria dita na aludida cidade. As praias de que se serve a população encontram-se a muitos quilômetros para o sul.

A maior parte do comércio é forasteiro e se compõe de filiais das grandes firmas paulistas e paranaenses, que ali têm seu serviço de exportação e importação. Há, também, um moinho de trigo da Cia. Matarazzo.

Como sempre acontece no sistema econômico sob o qual vivemos, os contrastes chocantes e dolorosos estão em toda a parte em que se esteja. Paranaguá, portanto, não poderia fugir à regra. Assim é que naquele pôrto por onde chegam e se escóam riquezas fabulosas, a miséria é das mais cruciantes, especialmente refletida na infância. Ao desembarcar o forasteiro se vê cercado de verdadeira multidão infantil, não apenas pedindo dinheiro, mas e especialmente, de maneira honesta, procurando carregar malas ou fazer outro qualquer trabalho para angariar alguns cruzeiros. Dolorosa situação essa da infância brasileira!

Passei na cidade em referência, algumas horas, apenas. Não fôra preciso mais para conhecê-la. Como a quase totalidade das nossas cidades praieiras não capitais, vive ela no mais completo e brutal aban-

dono. E assim continuará, por certo, até que o futuro, felizmente não muito remoto, lhe venha trazer a benfazeja luz da vida e do progresso!

.....  
 ..... Novamente em Curitiba. Vários dias de permanência e contacto na metrópole paranaense e com a terra de Emiliano Pernetá, não bastaram para que me fôsse permitido dizer o que seria preciso a fim de expressar, com justeza e sinceridade, aos meus amigos distantes, a graça e a beleza dessa linda Capital.

Dizer que Curitiba é uma grande cidade, além de usar um lugar — comum indigno de quem se preza, é ficar muitíssimo aquém da realidade. Que é uma cidade linda, igualmente seria dizer banalidade. Que é muito limpa e atraente, da mesma forma seria dar provas de infantil vulgaridade. Que dizer, portanto, de Curitiba? Vou me valer da imagem poética. Que me perdõem aqueles cuja atenção venham estas páginas despertar. Para mim, a metrópole de Emilio de Moraes é, indiscutivelmente, no vasto e verde escrínio de seus campos, uma jóia rara a fascinar a todos que a ventura tenham de conhecê-la. Isto, é claro, no que lhe diz respeito ao clima, à topografia, ao aspecto cidadão.

Porque não se trata de um grande centro populoso; de um desses turbilhonantes e agitados meios metropolitanos onde se misturam homens e coisas na mais estiolante agitação. Absolutamente! Curitiba, como capital, tem seu movimento e seus foros de metrópole, não restam dúvidas. Mas tudo isso em miniatura, envolto numa beatitude admirável, numa despreocupação filosófica de criaturas calmas e indiferentes, deixando ao forasteiro a impressão de que os problemas terríveis que alarmam o mundo capita-

lista em geral e o Brasil em particular, não lhe dizem respeito. Ao povo curitibano, é o que parece traduzir a sua despreocupação, não inquieta o dia de amanhã.

Porisso mesmo as ruas principais, os bares, os cinemas estão constantemente cheios, superlotados mesmo, de um público pacato, calmo, verdadeiramente edênico — se é que no miraculoso país de Adão havia população e essa era, na verdade, tranqüila! .....

Ao tentar ligeira apreciação sobre o povo, cujo contacto, por trinta dias, experimentei, não posso dizer que seja ele comunicativo, sociável. Sou, como sabem, daqueles que não encontram dificuldade em fazer relações, intercambiar amizades onde quer que se encontrem. Pois bem, durante o período de tempo vivido em Curitiba, não logrei ali mais de uma meia dezena de conhecimentos, mesmo assim exclusivamente no setor comercial de minhas atribuições.

Poder-se-ia dizer que esse fato está em relação ao meu incorrigível temperamento misantrópico. Na verdade, às vezes, chego a pensar que pertencço ao rol dos indivíduos, cuja época de existência é já passada senão, paradoxalmente, está para vir... Isto porque não jogo, não entendo de futebol e corridas, não freqüento bordeis nem similares — casinos, "boites" e correlativos. Fujo às criaturas fúteis cuja palestra em nada me aproveita. Se aprecio as mulheres, essa apreciação é de nível muito superior à concepção em que é tida a minha querida irmã de lutas, à qual rendo o culto de meu respeito pelo papel que ela representa como fonte perenal das grandes realizações humanas, (claro é que não me refiro à mulher comum e fútil, consequência lógica de uma sociedade cocacolizada...) em todos os tempos. A banalidade vazia de uma palestra de esquina prefiro

o convívio dos livros, pois a pseudo cultura dessa pseudo civilização que anda por aí, em toda parte, a falar de tudo sem entender de nada, me aborrece e enfada. Ora, um indivíduo com tais defeitos não pode e nem está com o direito de chamar de incomunicável ou insociável um povo como o curitibano, mesmo tendo, como eu, encontrado em todos os brasileiros de outros Estados a mais franca e expansiva cordialidade.

Contrastando, entretanto, com essa feição de indiferentismo ao forasteiro e demonstrando gosto pelas coisas da arte e da cultura, vamos encontrar, através dos fatos, o carinho e a dedicação do povo em alusão, pela arte e pelos assuntos culturais, não apenas paranaenses, mas igualmente nacionais. Assim é que os monumentos, hêrmas e bustos; as exposições e mostras de pintura; os centros culturais etc., são notados à primeira vista na bela Capital.

Na Praça Tiradentes, por exemplo, encontram-se estátuas a Benjamin Constant, Floriano e Tiradentes. Além desses monumentos, há um marco comemorativo do 250.º aniversário da fundação da Vila Curitiba, nos recuados dias de março de 1693! Outro marco simbolizando os limites do Estado do Paraná, nos mostra, perpetuados no bronze: o oceano, representado por um navio; São Paulo, por um ramo de café; o Rio Paraná, pelas majestosas cataratas do Iguacú, e Santa Catarina, pela Ponte Hercílio Luz. Arborizada quase que exclusivamente com ipês ou paus-darco, em setembro essas magníficas árvores, desnudas de folhagem, desgalham-se em floração de ouro, oferecendo a dita praça um aspecto de rara originalidade brasileira.

Na pequena Praça Dr. Generoso Marques, está a estátua de Rio Branco. Na arborizada e pitoresca

Praça Carlos Gomes, encontra-se o busto do genial autor de "O Guarani". Na vasta Praça Marechal Deodoro, vê-se o busto de Emiliano Perneta defrontando o do Cel. Domingos Nascimento e ao fundo, ao lado direito, encontra-se aquele que foi, em vida, a mais completa e irreverente personalidade intelectual no gênero mordaz-satírico e que se chamou Emílio de Menezes. Aliás, por coincidência muito expressiva, qual se rendesse um culto especial ao seu grande poeta, a terra curitibana fêz brotar-lhe ao pedestal do busto, uma trepadeira viçosa, a qual, enlaçando-lhe a brônzea efigie, formou em torno de sua cabeça uma verdadeira grinalda de ramos e de flores naturais.

Na praça Santo André, defrontando-se com a Universidade, eleva-se a estátua da "Águia de Haia", sôbre esta expressiva e evocativa legenda: — "amou a justiça, viveu no trabalho, não perdeu o ideal". Tal legenda, aliás, ao nosso ver, está muito aquém do gênio que foi Ruy Barbosa.

Ao lado do aludido monumento, encontra-se o busto de D. Julia Wanderley, a grande educadora. Ao seu lado esquerdo está a hêrma do padre Ildefonso X. Ferreira, cujos méritos não me chegaram ao conhecimento. Ao fundo dessa aludida praça vamos encontrar o monumento ao desiludido e genial Santos Dumont.

Oferecido pela Colônia Polonesa, em bronze e de autoria de um escultor curitibano, ainda vivo, cujo nome escapou-me, ergue-se, na Praça Eufrásio Correia, o monumento simbolizando a cultura do trigo que é semeado por um camponês vigoroso e sadio, o qual, apanhando os grãos no seu avental, atira-os sôbre o solo bem cuidado. Tal símbolo é uma afirmativa categórica de que temos condições materiais para a nossa independência econômica também no

setor tritícola; independência essa que nos é negada pela opressão do capital monopolista estrangeiro que, desgraçadamente, tem poder para comprar consciências e homens os quais, em má hora, galgaram a direção dos nossos destinos.

O monumento em aprêço foi erguido quando da nossa independência política. Ainda na mesma praça encontra-se o busto de Teixeira Soares, o idealizador do trecho ferroviário da Serra do Mar, descrito em capítulo anterior desta carta.

Várias exposições e mostras de pintura por mim assistidas em Curitiba, testemunhavam, a meu ver, da mesma forma que as praças e monumentos, o pendor artístico dos curitibanos. Em exposições encontravam-se quadros de rara beleza e grande força pitórica, a maioria deles retratando a natureza paranaense representada em seus campos, suas praias e serras dos quais se destacavam sempre os magníficos pinheiros inconfundíveis na sua imponência vegetal.

É assim que Curitiba rende seu culto de veneração e saudade aos seus e aos grandes vultos nacionais, à sua natureza privilegiada e aos encantos que lhe são próprios.

Deixei para o fim de minhas referências aos jardins e praças curitibanos, o encantador Passeio Público, recanto preferido da gurisada, dos namorados e dos admiradores das coisas bucólicas e rústicas. Nesse parque encontra-se, em miniatura, um jardim zoológico, onde vários representantes da nossa fauna constituem a principal atração dos visitantes. Um bar amplo e bem montado, bancos e arborização, lagos, canais e outras obras de arte completam os encantos desse agradável recanto.

Na sua quase totalidade — especialmente na parte mais antiga da cidade, são retas as ruas de Curitiba, e todas elas calçadas, longas e largas. Dentre elas destacam-se avenidas como a Presidente Vargas, cuja beleza e extensão nada ficam a dever às suas congêneres de outras cidades. Entre Curitiba e Belo Horizonte, há sensível semelhança, principalmente em relação à topografia — guardando-se, é claro, as devidas proporções e condições regionais.

As edificações da Capital paranaense começam a passar pela transformação que se verifica em todas as grandes cidades brasileiras, isto é, do velho tipo residencial para os edifícios e semi-arranhabocês. Este tipo de construção aumenta sensivelmente em detrimento das casas de aluguel acessível ao povo que, a cada dia, mais agravado o seu problema de moradia, é ele variável. Quanto ao estilo arquitetônico, é ele variável como em toda a parte. Contudo digno é de destaque as lindas vivendas de madeira que obedecem a várias e elegantes modélos.

Servida por ônibus e bondes, Curitiba tem, relativamente, um bom serviço de transportes urbanos. Como curiosidade há a assinalar-se nesse setor da vida curitibana, as filas para bondes e a sinalização das respectivas paradas nas praças e jardins. Tais veículos são todos fechados, de maneira que se estabelecem, para embarque, filas que se alongam rua em fora, por dezenas de metros, numa cabal demonstração da índole pacata e disciplinar desse povo. Quanto à sinalização, constitui-se ela de placas ou taboetas indicando ao público o bonde que ali pára. Tal serviço, que deveria ser imitado em todo o país, muito auxilia aos menos conhecedores dos bairros curitibanos.

Um dos detalhes que sempre mereceram minha atenção, onde quer que tenha estado, é o mercado

público. O de Curitiba encontra-se em pleno centro da cidade, na Praça Tiradentes. Para mim esse entroposto é menos um mercado propriamente dito que uma feira livre e das mais modestas e menos fartas. Num local positivamente impróprio, estendem-se, ao ar livre, as barracas, os tableiros e demais depósitos naturais a essa modalidade de comércio. Ali trazem os camponeses seus produtos, concorrendo com os intermediários na ânsia de melhor reputar o produto de seu trabalho.

Com exceção dos domingos, esse mercado funciona todos os dias, no máximo até o meio dia. A variedade de produtos e respectiva fartura, paradoxalmente, deixa muito a desejar. Estão absolutamente aquém de seus congêneres em outros Estados, especialmente os mercados de Campos, Niterói, Belo Horizonte, Porto Alegre e tantas outras cidades brasileiras, cuja fartura é notável.

O comércio de Curitiba é respeitável, principalmente no setor das madeiras — de que se destaca o pinho; a herva mate, ferragens, produtos farmacêuticos etc.. Não é, todavia, um comércio ambicioso, insaciável, cuja ganância sobrepuja as próprias regras da boa moral.

Há quem diga que Curitiba é uma cidade de estudantes, funcionários públicos, gozadores e preguiçosos. De maneira alguma endossaria eu essa male-dicente e pejorativa alusão. Inegável é, entretanto, como frisei acima, a despreocupação do curitibano, pelos problemas da vida. Isto nota-se em toda parte: nas ruas como nos cafés, onde aos grupos se reúne para discutir as coisas mais fúteis e menos construtivas, tais como futebol e outras tantas perniciosas banalidades.

Tenho ainda que pôr reparo nos hábitos desse

brasileiro diferente, no que lhe diz respeito ao indiferentismo pelos acontecimentos cívicos; — indiferentismo para o forasteiro, talvez. Para êle, certamente, maneira de vêr as coisas. O certo é que os fatos se encarregaram de me apresentar o paranaense a esse respeito. Realizavam-se os festejos comemorativos do Dia da Raça e da Semana da Pátria. Muito bem impressionado assisti a essas festividades. O primeiro foi empolgante! Verdadeira mobilização in-primeiro foi empolgante! Verdadeira mobilização in-primeiro foi empolgante! Verdadeira mobilização in-primeiro foi empolgante! Dir-se-ia ter a cidade inteira se transportado para a rua Quinze de Novembro, principal artéria da Capital. Aproximadamente vinte mil crianças e jovens, ao toque marcial das caixas e do rufar dos tambores de guerra, desfilaram, aos pelotões. Ordem absoluta, perfeita formação, vendo-se entre a multidão daqueles "misteriosos destinos em semente", como diria Raul de Leoní, as educadoras, tódas de preto e luvas brancas não calçadas.

Infelizmente não pude testemunhar qualquer vibração de entusiasmo popular nesse desfile. A população assistia ao mesmo, posto que atenta, sem bater uma palma.

Entre os colégios que mais se destacaram quanto à imponência de sua formação, pude anotar o "Santa Maria" e o "Divina Providência", inegavelmente impecáveis. O primeiro apresentara-se precedido de batedores em bicicletas ornamentadas com flores naturais, que lhe emprestavam destacado e magnífico aspecto. Outras e inúmeras agremiações colegiais abrilhantavam, igualmente com destaque, essa grande parada cívica.

Da mesma sorte empolgante foi a parada de Sete de Setembro. Nelas desfilaram tropas de tódas as armas, inclusive polícia militar e bombeiros. Em elegante e entusiástica formação essas tropas fizeram sua

demonstração igualmente nas ruas Quinze de Novembro e João Pessoa. Nesta última erguiam-se arquibancada e palanque, onde se postavam as altas autoridades para a clássica revista.

Da mesma maneira que no desfile estudantil, tenho a lamentar a falta de entusiasmo cívico do curitibano quanto a essa parada. Não exagero em afirmar que as únicas manifestações de júbilo, com palmas e distribuição de papéis cortados, partiram dos edifícios próximos ao palanque referido, especialmente das sacadas do Braz Hotel onde, como é natural, se encontram forasteiros. Quanto ao mais, ao longo da rua Quinze de Novembro o silêncio era simplesmente chocante. Creio que um cortêjo fúnebre não traria maior mutismo àquela multidão!

Entusiasta que sou por tudo o que diz respeito às nossas atividades cívicas e patrióticas; acostumado a vibrar com os meus irmãos cariocas, mineiros, paulistas, gaúchos, fluminenses, capichabas — com os meus irmãos brasileiros, em resumo, aplaudi com palmas os garbosos militares patrícos marchando impetuosamente. Pois minhas palmas caíam naquele silêncio tumular como écos soturnos reboando num vazio profundo de cavernas! Ninguém me secundava. Ao contrário, como se eu prejudicasse no seu indiferentismo aos meus circundantes, deles recebia olhares indagadores e positivamente de censura, tal se ali eu estivesse perpetrando um atentado de lesa-mudez coletiva... Tal foi a reação silenciosa dos curitibanos, que não prossegui com minhas palmas.

... Após as comemorações aqui citadas, dois ou três dias, um espetáculo bem diferente, verdadeiro contraste de todo aquele demonstrar de afirmações democráticas, me foi desagradavelmente permitido testemunhar.

As versões paranaenses dos Lira "et caterva", contra o povo carioca, valendo-se de uma reunião de estudantes contra a carestia da vida e os exploradores do povo, pretenderam efetivar um assalto a propriedades privadas, depredando associações de classe e criar, com isso, um clima propício para um atentado ao Partido Comunista, em Curitiba. Este, porém, prevenido a tempo, desmascarou os masorqueiros. Mesmo assim tentaram os responsáveis pela ordem pública, a perturbação dessa mesma ordem. Para isso deram mão forte aos reacionários de outros matizes que a eles se uniram para uma demonstração de força que a eles se interessada nos acontecimentos, mandou dual parte interessada nos acontecimentos, mandou ao lado dos cavalarianos e infantes da polícia, saíssem os bombeiros em correrias desenfreadas e alaridos de sirenes, molhando a quantos a desventura tivessem de se aproximar das ruas centrais.

Foi a primeira vez que vi a querida corporação dos bombeiros servir de arma contra o povo. E isto foi em Curitiba!

Mais tarde surgiu a cavalaria do exército que, transformada em força policial, ocupou as ruas, investindo contra o povo inerte e pacífico, até às primeiras horas da madrugada seguinte.

E foi assim que vi terminar meu tempo de estada na última das Capitais do sul, que deixava, encerrando uma excursão de seis meses por essas terras magníficas e opulentas que constituem o "país do sul" da grande Pátria brasileira.

Restava-me, agora, rumar para o norte e concluir, no setentrião, a missão de que sou portador. Ao norte, pois.

III PARTE



mar-lhe ao seio, imensurável recôncavo. Coqueraiis surgiam, em profusão, à nossa frente, lá no fundo.

Nosso intrépido "albatroz" foi se inclinando, elegantemente, na direção de um largo e bem cuidado campo escondido entre cômoros de areia, meio ao qual se imobilizou por fim. Vários aparelhos de outros e diferentes tipos, inclusive militares, ali se encontravam silenciosos. Uma taboleta de amplas proporções ostentava o nome de Ipitanga. Lembrei-me das famosas bases aéreas norte-americanas. Perguntei ao aero-moço onde estávamos. Era Salvador, a capital baiana. Meu relógio marcava catorze horas e dez minutos. Assim sendo, depois de quatro e meia horas de viagem, encontrava-me, numa "limosine", a correr para essa decantada e famosa "Boa-Terra". Estava, conseqüentemente, terminada a primeira etapa de minha jornada ao setentrião da Pátria.

Falar da lendária a acolhedora terra do Poeta, onde os contrastes se chocam e se sucedem a cada instante, no mais pitoresco dos antagonismos, na mais bizarra das evocações, é uma tarefa difícil senão impossível de ser realizada por um viajante assoberbado de preocupações naturais à sua profissão. Seduz-me, entretanto, a aventura e eu a tentarei, sem fugir, todavia, à verdade de minha observação e sem negar a emoção de minha sensibilidade. Falarei do que vi e do que senti. Direi do que meus olhos vieram, do que sentir minha emotividade.

Algo que a isso fugir será resultado de leituras ou informações colhidas através de minha inata curiosidade. Não tenho a pretensão a fazer nesta carta, sequer esboço descritivo de Salvador. Seria demasiada estultícia minha, que a descrição da tradicional metrópole baiana é responsabilidade para escritores,

jamaís para modesto epistológrafo. Conseqüentemente muito ficará por contar da terra de Moema que renomadas penas decantaram e a que seu grande filho Jorge Amado dedicou sua literatura inigualável. Nem porisso, entretanto, deixarei de falar da Baía.

Começarei tentando esboçar o aspecto topográfico de Salvador. A Capital em aprêço situa-se numa porção de terra à guisa de cabo que, infiltrando-se entre o recôncavo e o mar, na direção sul, detem-se onde começa a Baía de Todos os Santos, a que serve de barra. Precisamente nesse ponto eleva-se o majestoso e legendário Farol da Barra, marco tradicional, a indicar, através dos tempos, às vastidões atlânticas, o pôrto hospitaleiro da "Boa Terra".

A frente desse monumento está a junção da baía e do oceano de que é filha, êste à esquerda e aquela à direita de quem olha para os lados do Rio de Janeiro.

Foi aí, nesse vasto e líquido cenário de águas azulcidas, que se desenrolou, segundo a História, o primeiro e talvez mais pungente drama de amor que os mares do Brasil testemunharam. Ele merece um instante digressivo. Recuemos, pois, no tempo, rememberingo, imprecisamente embora, êsse trágico e sublime acontecimento. Estava-se no século do descobrimento, quando o tacão imperialista das botas portuguesas pela vez primeira pisava a terra do Cruzeiro. As lusas caravelas acabavam de tocar àquele mundo desconhecido, liberto, selvagem e grandioso, cujos filhos, deslumbrados e temerosos, recebiam-lhes a maruja entre admirados e receiosos. Um dos portugueses, ante o assombro dos ingênuos naturais abate uma ave esvoaçante. Ao troar da escopeta e à queda

mortal da ave infeliz, fizeram, num segundo, de um marinheiro anônimo, um "ser superior".

Passaram-se os dias. Ao "homem de fogo ou dragão saído do mar", tôdas as honras foram conferidas. Caramurú tornou-se a um só tempo, senhor das graças dos pagés e do amor das guapas filhas da morena e desgraçada raça. E entre muitas, e entre tôdas, duas formosas rivais disputavam a preferência do lusitano aventureiro: Moema e Paraguaçu. Todavia, se a primeira era a mais bela, mais poderosa era a segunda por ser filha de um tuxáua. E assim, a vida, entre gosos e venturas, transcorria na terra conquistada, para o marujo branco de quem um certo tiro de bacamarte fizera senhor e deus. Mas um dia, inflexível, soou-lhe a hora da partida. Caramurú ia partir. Com êle, porém, só iria Paraguaçu, que a poligamia não era permitida no país a que se destinava. Em vão clamaram, em vão pediram as desditosas e demais espôsas para também partir. Tudo fôra debalde. Apenas seguiria a privilegiada. E assim foi feito. Entretanto, quando o navio em que seguiram os dois amantes, velas côncavas e alvejanter, rumavam para o oceano bravo, que se viu? — Um grupo de sereias côr de bronze, resvalando nas ondas, nadava na esteira espumante do barco que se afastava. Eram as outras espôsas do ingrato branco as quais, num tresloucado esforço, em vão tentavam acompanhá-lo. Uma após outra, entretanto, desiludidas, iam voltando à praia. Moema, todavia, dominava as ondas e, persistindo, avançava. À frente, o barco afastava-se, fugia, levando-lhe o idolatrado espôso e a feliz rival. E Moema nadava. E Moema enfrentava os escarcéus dominando o mar! Tôdas desistiram da fatal bravura, menos ela! E nadou desesperadamente a pobre amante. Quanto as forças

lhe faltaram; quando as energias lhe abandonaram a tèmpera incomparável, lançou um derradeiro olhar àquele por quem dera tudo e que, impassível, assistia-lhe, de longe, aos derradeiros momentos, e desapareceu no pélagio insondável!

...Eis a comovedora cena que me evocava o Farol da Barra, riscando de luz incerta as noites quietas destes baianos mares, ao contemplá-lo pela primeira vez.

Partindo dêsse aprazível recanto de Salvador, pela direita no sentido norte, através das avenidas Oceânica e Getúlio Vargas, a cidade vai-se alargando e se distendendo entre pequenas praias e colinas povoadas de coqueiros e bairros residenciais não muito populosos. Ao largo, o mar, em cujo dorso, como gaivotas perdidas, velas brancas, ao cair da tarde, buscando a praia, põem no estendal das ondas, asas de neve, obliquas e oscilantes, a resvalar ligeiras... Nessa parte ou setor leste da cidade, encontram-se os bairros de Rio Vermelho — histórico subúrbio ligado às lutas da nossa independência, quando os baianos davam a vida pela libertação da Pátria — e Amarela, encantadora praia de banhos preferida entre as demais. Mais adiante, já nos domínios rurais, encontra-se Itapoã, a mais bela praia da Baía, segundo várias opiniões. Escusado é dizer que outros e vários bairros existem nessa parte da Capital em aprêço. São, entretanto, de menor significação. O mar por ali oferece aspectos pitorescos e, às vêzes, bizarros. Em face do afastamento da rua ou estrada que o margeia, tem-se a impressão de que a orla praieira afastou-se muito para leste. É um simulacro apenas, que as ondas ali estão bem perto, por trás dos morros e já aparecem tão logo a terra lhes permite uma incursão.

Aos que gostam de caminhar a pé e gozar o silêncio bucólico das regiões isoladas do tumulto cidadão, caminhar por esses recantos de Salvador é, inegavelmente, muito agradável. Caminham-se quilômetros através das avenidas já citadas. Aqui um punhado de tejuapares — humildes moradas de pescadores, na sua miserabilidade conhecida, mostrando a pobreza de seus habitantes, escravos do mar e do homem que os explora. Ali, um local mais aprazível, um solar de quem pode ou demonstra posses. Além, na areia solta, jangadas brancas e polidas ao embate das vagas, aquietam-se ao sol. Carros se entrecruzam na vertigem louca dos dias que vivemos. Gente pobre, gente humilde surge das encostas, por ínvios caminhos e escarpados trilhos, tal como no Rio, os favelados. Moradas mais confortáveis se aglomeram, de vez em quando, numa falsa aliança com as habitações plebéias — na realidade aos poucos arrebatando-lhes a terra, arredando-as de junto da praia, empurrando-as para os morros, no eterno jôgo dos poderosos contra os oprimidos.

A certa altura da Avenida Getúlio Vargas, botando da terra numa escarpada encosta, humilde e cristalina, escorre junto ao mar a "Fonte da Bica", dádiva da natureza aos habitantes pobres desse bucólico recanto baiano. E a jornada prosseguiria, tanto mais atraente quanto mais alongada, se disposição houvera para caminhar à frente.

Tornando-se ao Farol da Barra e partindo-se, igualmente, na direção norte, porém, pela esquerda, ao invés do mar, tem-se a baía em cujas águas se retrata a cidade inteira, por esse lado. Primeiro percorre-se a Avenida 7 de Setembro, no trecho em que essa grande via urbana segue junto à praia, oferecendo magnífico cenário. Até a um velho forte que

se encontra a meio quilômetro, mais ou menos, do Farol, o mar espraia-se sobre cachôpos ponteagudos, impróprio para banhos. Logo após o citado e velho forte, que é o Santa Maria, há uma praia interessante, prejudicada, porém, de certo modo, pela frequência de barcos pescadores. Daí para a frente não mais se pode beirar as ondas. Penhas íngremes e alongadas se levantam a separar das águas o planalto e a cidade. Essa separação, bem mais distante, vai dar ensejo à "Cidade Baixa" e à "Cidade Alta". Enda tre, a baía, portanto, e o mar, encontra-se a vasta ponta de terra sobre a qual repousa a descartada Capital de baiana. Antes de se chegar à "Cidade Baixa", se se quizer, no trecho montanhoso já aludido, aproximar das águas, pode-se fazê-lo em determinados pontos em que, aproveitando-se de cesuras ou grotas na parte escarpada, a cidade desceu, espremida, como se tentando abebeer-se na baía. Todavia, em ali descendo-se tem-se que regressar pelo mesmo lugar, uma vez que as escarpas não permitem caminho junto às águas.

Salvador, como todos sabem, divide-se em duas partes: alta e baixa. A última, ou "Cidade Baixa", domina toda a margem plana da baía e se distende, para norte, através dos bairros de Calçada, Boa Viagem, Bonfim, Ribeira, Roma e demais recantos conhecidos por Itapagipe que é uma ponta de terra à guisa de península, que, investindo águas a dentro em direção do oeste, oferece ótimas praias de banho e agradáveis recantos para passeios.

Na "Cidade Baixa" encontram-se o alto comércio, os bancos, o cais e armazéns, estabelecimentos outros como o Instituto do Cacau, Correios e Telégrafos, Mercado Público, em resumo, ali está o grande setor comércio-financeiro da Baía.

A principal ligação entre as duas cidades, é feita pela Ladeira Conceição da Praia, a qual, no sentido descendente, deixando à direita a Ladeira da Montanha que se lhe superpõe, parte da Praça Castro Alves e vai ao Mercado Modêlo, lá junto às águas. Voltada para o mar, quase em frente à rua Manoel Vitorino, ergue-se a histórica e suntuosa Igreja da Conceição da Praia, que acaba de ser elevada à categoria de Basílica Menor. Contam-se dêsse templo coisas lendárias, descrevem-se-lhe riquezas fabulosas. Dizem que é, interiormente, todo construído de mármore e que êsse mármore, assim como quase todo o material empregado nas suntuosidades do aludido palácio de imagens, veio, não apenas de Portugal, mas de várias outras regiões da Europa. Além dessas, outras riquezas da citada fortaleza religiosa, disseram-me, são simplesmente inimagináveis. Eu mesmo não as testemunhei porque sou intransigentemente contrário às ostentações, quaisquer que sejam, especialmente as religiosas, condenadas, aliás, pelo próprio Cristo. Não costumo visitar igrejas, salvo em casos especiais.

A frente do aludido templo, próximo à baía, encontra-se a escola de aprendizes-marinheiros, se me não traem as informações. O Mercado Modêlo, de que já falei, a despeito de seu pomposo título, muito deixa a desejar em relação aos seus congêneres de Niterói e Campos, no Estado do Rio. Seu aspecto é antiquado e ressumbra a velharia em todos os ângulos. Sua fartura, todavia, é notável, assim como digna de registro a sua variedade de mercadorias. Da fazenda aos mantimentos em geral; do pescado aos mariscos; do calçado velho e usado ao formidando chapêlo de palha cujas abas mais parecem barracas; da pemba e demais petrechos de macumba ou candomblé, às plantas e outros ingredientes medicinais; da

boneca baiana, muito preta e muito feia no seu panó ordinário, aos adornos regionais; dos amuletos aos bú-sios gigantescos e lindos na sua coloração nacarada e admirável; da pimenta ao mais raro condimento. E camarões de variados tipos, em pacotes muito bem feitos; e cerâmica, e rêdes magníficas, e mil bugigangas, um rol de coisas, afinal, encontra-se nesse mercado tradicional, onde, nas ruazinhas estreitas e abacado fadas, úmidas e sórdidas, se localizam as barracas e os balcões.

Tal estabelecimento não pode ser modificado facilmente porque êle constitui um repositório histórico, e parte integrante desta Bahia imortal. Eis porque não creio que êle seja remodelado tão cedo.

Frente ao Mercado Modêlo encontra-se seu pórtico, repleto de barcos — os lendários saveiros da Bahia, tomando ou deixando carga, numa azáfama de formigueiro. Dir-se-ia um outro mercado oscilando às ondas, tal a variedade de produtos que essas frotas trazem do vasto recôncavo. Entre o cais e o Mercado interpõe-se estreita rua na qual empilham-se mil coisas comerciais, vendo-se em promiscuidade peixes, frutas, legumes, carnes, vendedores, compradores, crianças, basbaques, num formigar constante que deixa no ar um odor nauseabundo de suor e de impurezas.

Na parte alta ou assobradada do aludido Mercado, encontram-se várias repartições meio às quais se destaca um restaurante de especialidades culinárias da terra. Ali vão ter os forasteiros de todos os matizes que desejam familiarizar-se com a verdadeira cozinha baiana.

Dali, olhando-se a rampa do Mercado, tem-se a impressão de ver uma reboleira de exóticos vegetais, cujas árvores, desnudas de ramos e de folhas, dan-

cem fantasmagoricamente: são os mastros das inúmeras embarcações em descarga. Um pouco mais afastado, na parte interna de dois quebra-mares que se defrontam, dorme, em círculo, o velho e tradicional Forte de São Marcelo, cujos canhões, hoje cobertos de ferrugem, outrora ecoavam na Bahia de Todos os Santos, nas horas negras de sangrentas pelepas. Agora é apenas tradição, inofensivo como as criancinhas.

Uma praça longa e arborizada defronta-se, pelo norte, com o Mercado e vai terminar, a leste, no Elevador Lacerda, tendo ao fundo, para oeste, as instalações da Navegação Baiana, começo das docas onde atracam todos os navios. Aí se alongam os imensos armazéns do cais. É ainda nessa "Cidade Baixa" que se encontra, encimado, talvez como reliquia, pela coroa imperial, o velho palácio da Associação Comercial, tendo em frente o monumento aos Voluntários da Pátria, onde se lê a data de 1863.

Logo que se deixa essa grande parte da cidade, rumo a Itapagipe, de que mais adiante falarei, tem-se, à esquerda, entre outros estabelecimentos importantes, a Base Naval construída pelos norte-americanos e felizmente já sob o controle nacional, graças à luta dos patriotas brasileiros. Um ponto à frente dessa base, encontra-se a praia de "Água de Meninos", onde existe uma das grandes e tradicionais feiras da Bahia. Caminhando-se mais, quase ao chegar à estação férrea de Calçada, ainda à esquerda, próximo das águas acham-se os grandes depósitos da Companhia Nacional do Petróleo, com seu vasto e repleto parque de materiais técnicos os mais variados.

Ao lado direito, alcançando-se, prossegue a rampa do planalto em que se espalha e se distende a Cidade Alta. Até certa distância do último plano-

inclinado que faz ligação das duas cidades, encontram-se, nessa rampa, edificações comércio-industriais. Depois, a elevação terrena se faz inacessível, mostrando, na sua falda, escombros e ruínas de velhas construções esbarrondadas, cujas pilastras, alicerces, túneis, paredes centenários e velhas escavações denunciam um florescimento extinto. Hoje, cobertos de macegas, esses sinais de prosperidade e vida servem de abrigo aos réptis e àqueles que a sociedade repeliu na sua monstruosa brutalidade, os párias — restos semi-mortos e enxotados dos feudos senhoriais e dos engenhos escravagistas onde deixaram a mocidade e a vida —, espéctros ambulantes de corpos que a concupiscência dos depravados apodreceu! Ao assinalar essa mancha negra e triste, não tenho por intenção ofender os brios da Bahia. Absolutamente, mesmo porque, o que venho de focalizar não é privilégio da grande Capital baiana, senão a repetição do que se vê por todo o País onde vive um povo escravizado e doente, vergado ao peso do indiferentismo dos homens públicos que, até aqui, maneando as rédeas do governo, não quiseram voltar suas vistas para essas calamidades.

Prosseguindo-se na direção norte, pela mesma zorra baixa, encontram-se o velho e lendário forte "Mont Serrat"; o antigo Hospital Português — hoje utilizado por religiosos; uma histórica e centenária casa colonial cujas vidraças, de vidro primitivo, trabalhado a mão, segundo informação que me deram, apresentam característicos e particularidades interessantes como, por exemplo, ondulações ao reflexo da luz, qual se feitas em alto relêvo; a antiquíssima fábrica de tecidos fundada por Luiz Tarquínio, decano da indústria têxtil na Bahia; a famosa igreja do Senhor do Bonfim, de que falarei oportunamente,

assim como, na Ribeira — coninação dêse subúrbio com o recôncavo — como que esquecida, a igreja da Penha. A direita, nessa extremidade, encontra-se o aeropôrto, amplo e moderno. Entre êste e aquela, alonga-se moderna avenida, cujo centro forma uma bem cuidada praça. Ai se acha, além de pequeno dique para reparos navais de pouca monta, o pôrto onde se tomam barcos, lanchas ou canôas, para se atravessar um estreito braço da baía e alcançar-se "Plataforma", populosa vila operária, e demais estações da Leste Brasileiro, que formam o subúrbio ferroviário a se alongar, recôncavo em fora, na direção norte.

Dêse mesmo lado, um pouco afastadas da baía, na direção de leste, estão as jazidas de petróleo do Lobato, de histórica e dolorosa memória.

E passarei a falar agora da Cidade Alta. Toma-se o elegante e tradicional Elevador Lacerda, em cujas "borboletas" coloca-se uma fichazinha à guisa de moeda de vinte centavos perfurada ao centro, e marcada com as iniciais "cLc". Do lado de dentro, pode-se escolher a condução. Tomando-se à direita, sobe-se rãpidamente. Caminhando-se um pouco mais à frente tem-se uma subida mais lenta. Toma-se lugar no elevador prãpriamente dito, que mais se parece a uma grande cêsta ou gaiola quadrada. Um impulso violento dá a impressão de que se está no ar. Em seguida há como que um rasgar de cortinas aos olhos que se enchem da claridade das alturas. Um minuto, se tanto, passa-se nessa suigênere prisão e as portas se abrem para dar acesso à Praça Municipal que se alarga em quadrilãtero.

O antigo Palãcio do Gôvêrno é o primeiro edifício que se ergue à direita. À esquerda estão a Biblioteca Pública e a Imprensa Oficial. Ao fundo, a

Prefeitura, no seu vetusto casarão que tem à sua esquerda o palacete da Associação dos Empregados do Comércio e à direita, na parte tãrrea de vasto ediffício, o "Bar Triunfo", ponto preferido da elite baiana. Ao centro da citada praça, como inestético trambo-lho, encontra-se um abrigo de bondes onde passam todos os veículos dessa categoria e que servem às zonas sul e leste da Capital.

Desviando-se o olhar para os lados de onde se veio, isto é, do Elevador Lacerda, tem-se um cenãrio magnífico. Em tãda a sua plenitude, a massa azul-lecida e crêspa da baía imensa distende-se por lãguas, enchendo o recôncavo, transformando-o num lago azul imensurãvelmente enorme! Mais para longe, recuada na paisagem, a linha branca das praias de "Mar Grande". À direita, confundindo-se na bruma da distância, os relãvos de outras ilhas dentre as quais se destaca a legendãria Itaparica. À esquerda, não muito longe, o oceano bravo. Que soberbo panorama!

Cotidianamente, quando o sol da manhã esgarça as névoas matinais, ou à tarde, ao suave soprar das brisas benfazejas, todo êsse vasto espelho de águas encarceradas se torna pontilhado de velas alvãcentas que, às centenas, põem na placidez imensurãvel do recôncavo, estranha floração de neve em movimento. São os saveiros — êsses saveiros legendãrios, parte integrante da marinha baiana e dos quais nos fala, de maneira jamais imitada sequer, o grande e universal escritor de "Mar Morto" — que se vão e se vêm no afanoso mister de transportar.

Lã em baixo, no sopê do planalto, olhando-a do alto, a cidade que ficou febricita, fervilha, agita-se e torvelinha no seu movimento comercial, como que elaborando a vida de milhares de criaturas que inte-

população citadina. Eis um dos aspectos da Alta.

que falei, no início desta narrativa, que Sal-se encontra localizada numa ponta de terra se-nte a um cabo, seria de se depreender, por se de região litorânea, que a Capital em apreço liza numa planura. Nada menos verdadeiro. ntado por excelência é o solo da "Boa Terra". o é montanhoso na expressão literal do termo, está de ser plana, composta que é ela de colinas, ões, depressões, altiplanos, baixas e encostas, ais irregular topografia.

s colinas se distendem por quilômetros em tôdas eções, exceptuando-se a do ocidente, pois aí se tra a bahia de Todos os Santos, que elas com, amuralhando-a.

a parte mais elegante da Capital, o centro, prô-mente dito, está entre as Praças da Sé e Castro s. Nesse trecho — aliás pequeno, localizam-se principais hotéis, os grandes e luxuosos estabeleci- os comerciais de que se destacam livrarias, ba- joalherias etc.. A última das aludidas praças, e ostenta, num elevado pedestal, a estátua do al poeta da liberdade, oferece, também, magní- cenário de amplos horizontes e oceanos largos. e encontra, igualmente, um dos principais tea- da Bahia.

Na Praça da Sé, aquela que fica ao norte do ro acima aludido, merece maior atenção o Bel- ere. Trata-se de um logradouro público, em ter- o sôbre o precipício, à borda precisamente do pro- do vale onde se encontra a Cidade Baixa. Nesse adouro existem cadeiras e mesas servidas por um que explora o comércio de bebidas. A meu ver m dos mais aprazíveis recantos de Salvador, que

tem como concorrente outro e idêntico serviço junto ao Elevador Lacerda, onde é sempre grande o movimento.

Da Praça Castro Alves, na direção do distante Farol da Barra, já descrito, parte a Avenida Sete de Setembro, que tem vários nomes. Junto a ela estão as Praças Barão do Rio Branco — em cujo início se ergue um bonito relógio público; Treze de Maio e Dois de Julho — o belo Parque Dois de Julho, mais conhecido por Campo Grande. Outros e menores logradouros e jardins se espalham por toda a cidade, inclusive ainda à margem da referida Avenida Sete de Setembro e nas ruas que lhe são paralelas ou transversais. Dos jardins e praças da zona norte, merece destaque o jardim em frente à Casa de Detenção, no bairro Santo Antônio, e o jardim que se defronta com a Faculdade de Medicina, onde se encontram, como símbolo da monstruosidade de uma civilização, embalsamadas, as cabeças de Lampeão, Maria Bonita, Curisco e demais facinoras componentes do tristemente famoso grupo de bandoleiros chefiado pelo mais hábil e valente de quantos cangaceiros infestaram os bredos nordestinos. Essas cabeças, como todos sabem, foram decapitados pela polícia baiana, em nome de uma lei tremendamente injusta e parcial — principal responsável pelo cangaço cujos elementos são degolados para estarcimento do mundo e opróbrio do Brasil.

Outras praças de secundária importância, bem como largos diversos, encontram-se no bairro de Nazaré, na Graça, na Aldeia Velha etc..

Antes do Parque Dois de Julho, à direita de quem vai ao Farol da Barra, encontra-se o Palácio Residencial do Governo. É um grande prédio colonial, refor-

mado e adaptado aos atuais misteres, com um bosque aprazível e que também domina o decantado e sempre empolgante panorama da baía. Aquém desse palácio, tomando-se à esquerda e após o Forte de São Pedro, vai-se ao interessante e já referido bairro da Graça. Esse bairro se amplia por toda a parte sul da cidade, abrangendo, igualmente, Vila Velha, primeiro arraial construído pelos descobridores. Aí jazem, numa velha igreja, segundo informações que me foram dadas por um professor baiano, os ossos de Calabar, de Paraguaçu, de Caramuru e de tantas outras e legendárias figuras ligadas ao alvorecer do Brasil e às suas lutas.

Salvador conta três zonas distintas servidas pelos bondes da Circular — a Ligth da Bahia. Tais zonas, por sua vez, subdividem-se em outras e várias sub-zonas. Preliminarmente, agora que vou abordar o tema do transporte na Capital de que me ocupo, manda-me a sinceridade assinalar que, até aqui, entre muitos, um dos melhores serviços de carris-urbanos que conheço, a despeito de suas inúmeras falhas, é o de Salvador. Dispõe tal serviço de ótimos e modernos veículos, confortáveis e amplos, se bem que em pequena quantidade. A maioria desses carros, como não poderia deixar de ser em se tratando de truste internacional como a Light e suas ramificações; a maioria desses carros, como dizia, é constituída de tipos obsoletos, o mesmo acontecendo com todo o material, inclusive sua via permanente; tal aspecto se acentua especialmente na zona suburbana, que é a proletária.

Os carros, entretanto, que servem à zona elegante, são dos mais modernos, espaçosos, fechados; dispoendo de portas automáticas e cadeiras estufadas, e tendo nas extremidades espaço para se viajar em

pé, apoiado, entretanto, em pendentes apropriados. Os sinais de parada são dados através de botões elétricos e ao invés de sinetas possuem sirenes de aviso, tal qual seus congêneres de Pôrto Alegre.

A primeira e principal linha de carris e que é melhor servida de veículos, alonga-se através da Av. Sete de Setembro, desgalhando-se em vários sub-ramais a partir da Praça Castro Alves. A segunda, de secundária importância, leva aos bairros de Nazaré, Tororó e Barris. A terceira vai servir o Bairro da Graça, desgalhando-se para Rio Vermelho e Amarelinha, continuando o tronco até o Farol da Barra, formando circular com a primeira linha. A quarta linha, alonga-se através da tradicional Baixa do Sapateiro, de que me ocuparei oportunamente. Essa linha também se desgalha em outros ramais que vão ter aos bairros de Santo Antônio, Brotas, Retiro, Quintas, Calçada etc.. Finalmente, temos a quinta e última linha, a que parte da Cidade Baixa na direção de Itapagipe, de que já falei. Assim se completa, se não de maneira absolutamente satisfatória, pelo menos sofrivelmente, o sistema ferro-carril de Salvador.

Quanto a outros serviços de transporte urbano e suburbano, com exceção dos carros de praça, são quase inexistentes. Poucos e ruins na sua maioria, são os ônibus que aqui circulam. Em compensação há o serviço de elevadores e plano-inclinados, meio de transporte entre as duas cidades: a Baixa e a Alta. As bicicletas, muito comuns nas cidades do sul, são aqui menos empregadas, assim também como a sua irmã mais nova e maior, a motocicleta. Talvez influa para essa ausência, a acidentação topográfica. Não deverei esquecer, para ser bastante minucioso,

os trens da Leste que servem às zonas mais afastadas e que lhes ficam próximo.

Falarei agora dos bairros ligados à Cidade Alta. O de Santo Antônio, é a continuação da cidade na direção norte, tanto se distende êle sôbre o terreno que se alteia em promontório à margem da baía, embora de quando em vez seccionado por interstícios ou profundas grotas. Esse bairro, servido pelo plano inclinado e pelo elevador do Taboão, tem seu ponto de convergência na praça Barão de Triunfo, ao lado da qual, num velho forte colonial dominando a baía e à borda do precipício, encontra-se a Casa de Detenção. Mas a cidade continua daí para a frente, através de espigões e grotas, na direção de Calçada e adjacências.

Como tôdas as cidades grandes, Salvador possui seus bairros elegantes, médios e pobres, retratando a situação financeira de seus respectivos moradores. Também aqui existem as Favelas, os Salgueiros, os São Carlos e tantos outros morros ou elevações, miniaturas dos que, na Capital da República, se tornaram célebres pelo sofrimento de suas populações. Da mesma forma temos na Bahia as miniaturas de Copacabana, do Flamengo, Santa Tereza e demais bairros luxuosos do Rio de Janeiro, guardando-se, é claro, as devidas proporções.

Uma descrição completa de todos êsses recantos de Salvador não me é possível fazê-la nesta carta. Seria torná-la insuportavelmente extensa. Entretanto, porque já falei de alguns bairros elegantes e de outros mais modestos, citarei alguns dos mais pobres para o necessário equilíbrio narrativo. Os mais sacrificados dêstes últimos, ao que me pareceu, são o de Quintas, de Sete Portas, de Retiro e de Tanque, dentre muitos que compreendem a zona suburbana mais

pobre, menos cuidada, deficiente em tudo, desde a luz ao transporte. Aí mora o grosso do proletariado, bode expiatório de tôdas as insânias e explorações administrativas públicas e particulares.

Tanto quanto me foi possível saber e observar, há grande atraso industrial em Salvador. Disseram-me que tôda a sorte de entaves é anteposta a qualquer iniciativa no sentido da ampliação do parque industrial baiana, cujas condições atuais se encontram muito aquém das vastas possibilidades desta grande terra. Nesse setor, portanto, a Capital baiana é bem a extensão do que se vê na maioria dos Estados brasileiros cujo atraso reflete a inepcia e a degradação administrativa atrofiadoras do Brasil.

Sem que me mova qualquer intenção de desmerecimento à Bahia, cuja acolhida jamais poderei esquecer, mas desejando manter a honestidade que, sendo meu apanágio, sempre norteou meus modestos escritos, falarei agora dos meandros habitados do centro da cidade, sua falta de higiene e as condições dêsses locais onde se acumula uma população esquelética, suja e fisicamente triste, malgrado os foros de alacridade e boêmia dos baianos.

Tal aspecto, é claro, não constitui uma exclusividade desta Capital, de maneira alguma. Basta um relancear d'olhos pelos bairros da zona norte do Rio de Janeiro — zona da Saúde e suas adjacências, por exemplo, e ter-se-á confirmada a minha assertiva.

Para quem contempla do alto da cidade a magnificência panorâmica da Bahia; para os que se deslumbram com as riquezas paisagísticas que emolduram esta terra, a suntuosidade de seus monumentos históricos, suas praças e jardins — sem flôres... —, seu glorioso passado, suas tradições e suas relíquias, tudo,

enfim, de agradável que ela encerra, é um contraste chocante, uma contradição digna de registro, o âmagô desta Capital, constituído, aliás, pelas ruas Ruy Barbosa — muito aquém do nome imortal que ostenta —, Juliano Moreira, Rocha Pita, Rodrigues Silva, Av. Baltazar e tantas outras que afundam e se confundem no torvelinhar da rua J. Seabra para a qual tôdas convergem.

Aí está a velha Bahia e estão as bahianas velhas... Aí se encontram as cafuas, as vielas, os becos e porões infectos, as pensões sórdidas, os cortiços onde, numa promiscuidade chocante e dolorosa, tal como no Rio de Janeiro, vive uma população sacrificada. Velhos, moços e crianças misturam-se, num primitivismo de ciganos, com papagaios palreiros, gatos e cães esfaimados, galináceos e, às vezes, porcos, tudo oprimido e comprimido em biombos sombrios, casas de longos corredores enfumaçados e sem luz, porões úmidos e sem janelas, quando não águas-furtadas sem ventilação, tresandando a monturo, exalando desagradável odor de ambientes suspeitos.

De certa hora da noite em diante, recolhido o mundo familiar, solta-se o mundo depravado das meretrizes e das orgias. Então é de ver, espalhadas por essas ruas e labirintos, as desgraçadas filhas do povo que a concupiscência, a maldade dos ricos e um criminoso sistema econômico atiraram à lama da amargura.

Todavia êsse aspecto também é tradicional. Faz parte integrante da Bahia, de suas excentricidades e seus desregramentos boêmios. Para que desapareçam tais hábitos, muita água terá que correr, muita areia há de rolar na legendária ampulhêta. Enquanto isso, a nova civilização que surge, prepara-se para abrir caminho no pantanal dessa degradação que avil-

ta, não apenas a Bahia, mas o Brasil em todos os seus quadrantes.

Deixo de falar dos hábitos e costumes da Bahia. Seria demasiada estultícia abordar assunto por demais divulgado, inclusive por intelectuais de escol que o teem consagrado em livros. Mesmo porque difícil o teem tornaria sintetizar numa carta todo êsse material de lendas e tradições que é Natal, Noite de Reis, Dois de Julho, Cheganças, a Capoeira, Procissão dos Forageus, a Festa da Mãe D'água, a Romaria dos Jangadeiros, a Lavagem do Senhor do Bonfim, São Cosme e São Damião, Iemanjá e tantas outras tradições, e festas, e crendices, cultos, curiosidades que fizeram da Bahia a terra mais brasileira das brasileiras terras.

Passarei, portanto, a outros setores desta secular e famosa metrópole, começando pela Baixa do Sapateiro. Essa lendária e tradicional via pública da Capital baiana, cuja citação indefectível encontra-se em tudo que diga respeito ou referência à terra do candomblé, fóra outrora, estendida entre colinas, longo e estreito terreno charcoso, insalubre e sórdido, onde vivia uma população sofredora, numa promiscuidade simplesmente bárbara. Esta foi informação de um dos grandes e veteranos poetas da Bahia.

Aos poucos se foram aglomerando, entre outros artezãos, os sapateiros da metrópole, naquele vale sombrio. Tal era o número desses profissionais ali reunidos, que todos os que necessitavam de seus serviços teriam que procurá-los naquela baixa que se foi transformando, povoando-se, comercializando-se, a ponto de se tornar a mais movimentada zona urbana de Salvador e ocupar o primeiro lugar no tradicionalismo da Bahia. Se essa é, realmente, a origem da aludida via pública, não posso afirmar; transmito ape-

nas o que me foi revelado. Uma cousa, porém, é indiscutível: o grande valor comercial da Baixa do Sapateiro. Há ali um respeitável e variado comércio, várias casas de diversões, de que se destaca o velho Teatro Jandaia. Repartições públicas, colégios. Ligado a êle está o Mercado de Sete Portas, distendendo-se através dela, um dos ramais da Circular, de que já falei, o qual desce pela rua José oJaquim Seabra, continuação da Baixa do Sapateiro.

Concorre de maneira especial para o grande movimento dessa famosa via pública, a circunstância da mesma se encontrar ligada, diretamente, à Cidade Baixa, não apenas pelo elevador e o plano inclinado do Taboão, mas igualmente por uma ladeira importante, de fácil acesso, que permite o contacto franco e imediato com o cais marítimo e a rampa do Mercado Municipal, assim como também com outros setores comerciais de Salvador. O interessante e de certo modo admirável, é que a Baixa do Sapateiro encontra-se a pouca distância da Praça Municipal — o centro da cidade — entretanto, se não se descer até lá, sai-se da Bahia sem conhecer o célebre e decantado bairro, cuja importância comercial, guardando-se as devidas proporções e condições ambientes, está para a Capital baiana como a rua Marechal Floriano está para o Rio de Janeiro.

Porque abordei o assunto comercial aprofundá-lo-ei um pouco para falar sôbre o aspecto alimentar de Salvador, a meu ver uma cidade farta. Em abono desta minha assertiva aduzo as anteriores referências que fiz ao Mercado Modelo e às feiras espalhadas pela cidade, onde a fartura é, realmente, considerável; isto para não falar nas demais fontes distribuidoras de mercâncias alimentares tais como mercearias, armazéns, quitandas, ambulantes etc.. Além disso há os

açougues sempre abarrotados de carne e as bancas repletas de pescado e demais produtos do mar. A despeito disso, entretanto, caríssima é a viada na Bahia, e com a agravante de ser péssima a comida — especialmente nos hotéis. Sim, cozinha-se mal na terra do vatapá. Além de má, a alimentação é reduzida, o que constitue flagrante contradição à tradicional prodigalidade baiana e à decantada cozinha da Bahia.

Entretanto, isso não traduz inexistência da suculenta e apetitosa maneira de cozinhar dos baianos. Absolutamente! O que acontece a respeito é que os hotéis, pensões e restaurantes visam exclusivamente ao lucro, jamais a satisfação dos clientes. Antes de qualquer preocupação com a tradição da clássica e afamada culinária da "Boa Terra", está a voracidade do ganho e êsse exige que se mande às favas o tradicionalismo.

Para que se trave conhecimento com os quitutes que fizeram universal a fama da aludida culinária, mistér se faz procurar casas particulares ou modestas e raras casas de pasto a que mais adiante farei referência.

Correndo parelha com a péssima alimentação de que me venho de ocupar, o leite, nesta Capital, é simplesmente intolerável. Como ordinário não creio haver, em todo o Brasil, nenhum que o supere! Ao meu modo de ver a percentagem de leite existente na água impingida à população de Salvador, não chega a inteiros... É que a terra indômita e lendária de Cabrito e Pirajá — como tôdas as suas irmãs espalhadas por êsse Brasil imenso — sob o horror explorativo a que a necessidade a obriga, sofre os efeitos da avidez criminosa dos lucros fáceis, desgraçadamente viçando à sombra do mais condenável des-

caso administrativo. Mais uma vez me convenço de que os problemas que afligem o povo brasileiro, são nacionais. São os mesmos aqui, no sul, no centro e no norte do País. E se agravarão muito mais ainda à proporção que avançarmos no tempo, enquanto os destinos do Brasil não forem confiados aos legítimos representantes do povo; enquanto os trabalhadores, através de autênticos representantes seus, não estiverem no poder.

Tratando-se de artigos outros não alimentícios ou de vestimenta, os preços são igualmente proibitivos. Em nenhum dos Estados da Federação de todos os que tenho percorrido, encontrei preços tão elevados. Entretanto, por mais duvidoso que pareça, o povo de Salvador é igual aos seus irmãos de outras Capitais. Veste-se igualmente, alimenta-se na mesma proporção, apresenta as mesmas classes de ricos, remediados, pobres, paupérrimos e miseráveis. Ninguém me venha dizer que aqui, em Salvador, o povo sofre mais do que em Pôrto Alegre, em São Paulo, Belo Horizonte ou Rio de Janeiro, para falar somente nas grandes capitais. Tudo é igual, guardando-se, naturalmente, as devidas proporções demográficas, as relatividades ambientais e as características regionais. Isto demonstra, ao meu modo de ver, que não temos problemas de miséria, de fome, de analfabetismo, de insalubridade, desgraças, em resumo, simplesmente locais. Esses problemas, que fazem do Brasil um dos países mais atrasados do mundo, são nacionais, são brasileiros. Estão em toda parte, do Amazonas ao Chui, de Fernando de Noronha aos pantanais de Mato Grosso. São sofrimentos, são misérias e dores do povo brasileiro — desse povo gigante na sua resistência física jamais ultrapassada; vítima na sua dolorosa tradição de escravo que veio de um feudalismo

mo assassino para um capitalismo adventício e opressor, que à burguesia alimenta e entorpece, na sua dolorosa transição para a democracia que em breve surgirá malgrado a reação dos que fizeram desta Pátria imensa e rica, presa fácil dos ladrões imperialistas.

Volto desta minha insofreável digressão política à qual não pude fugir, como sempre acontece quando escrevo, pois não sei ficar alheio ao sofrimento do povo; retornando dessa digressão ao assunto que estou abordando, falarei dos vendedores, especialmente, das tradicionais baianas quitadeiras sem as quais a Bahia teria perdido muitíssimo das suas incomparáveis tradições.

A toda hora, em toda parte encontram-se vendedores os mais curiosos, apregoando, desde a flor artificial, ao enfeite ou adorno trabalhando em chifre, representando veleiros, pássaros etc., fabricados na Penitenciária de Salvador. Do gomo de cana de açúcar, descascado, do pirulito de mel ao côco verde de saborosa água. Da jóia ao tecido, da bugiganga às mercadorias de consumo franco. Frisando a referência que fiz aos gomos de cana, quero ressaltar a preferência do baiano por esse vegetal sacarino que é vendido em toda parte, constituindo artigo de franca procura no comércio de quitanda. Quase sempre é ele vendido, como disse, em gomos fracionados à guisa de palitos que, aos pequenos molhos, vão presos a um suporte desses usados para flores artificiais ou pirulitos.

Nas esquinas das ruas movimentadas, junto aos portais dos grandes edifícios, nas escadarias públicas, à entrada dos elevadores, dos plano-inclinados, nas feiras e nos mercados, aqui e além, estão as baianas, na sua maioria, pretas idosas (há brancas e mula-

tas, moças e bonitas como aquela linda cabôcla que ali está, perto da Estação de Calçada) vendendo abará, acaragé, mungunzá, sarapatel, o famoso vatapá, cocada queimada, efó, acaçá e tantos outros piteus da terra do carurú.

Essas criaturas — cujas imitações se espalham pelas cidades do sul, Rio e São Paulo, especialmente — representam, de maneira incontestada, um dos últimos esteios do tradicionalismo baiano, tanto conservam elas, altivas e convictas do papel que lhes cabe na vida popular de sua terra, os hábitos de suas antepassadas. Vestem saias de espetacular largura, quase sempre brancas, formando roda que lembra uma tarrafa semi-aberta, algumas das quais de tal sorte exageradas que bem se poderiam comparar a uma deturpada imitação dos vestidos à Maria Antonieta.

As blusas, em geral no estilo de bata e quase sempre da mesma fazenda, tem regular decote para que o pescoço da baiana, livre e desnudo, possa ostentar os colares de contas e os "balangandãs". Sobre os ombros, descendo até o chão, trazem as baianas finíssimas toalhas de linho branco com renda e franja. Seus braços andam invariavelmente nus e sempre ornados de pulseiras ou braceletes berrantes, uns de ouro, outros de fantasia. Também às orêlhas trazem as baianas desproporcionados e grandes brincos de ouro ou imitação que lhes empresta especial destaque.

Calçando chinelas — às vezes sandálias e tendo, não raro, flor ao cabelo, é de ver essas mercadoras, comportadas e quietas em seus respectivos pontos, mercadoria exposta nas bandejas, cestos ou tableiros com a indispensável tigelinha de condimentos onde não faltam a pimenta e o dendê, fogueiro encimado

por frigideira em que se preparam os petiscos, noite a dentro, no seu honrado mister, atendendo à clientela, nos momentos de folga, "batendo um papinho" com os velhos conhecidos.

Contemplando essas excelentes criaturas cheguei à convicção de que, na marcha acelerada e evolutiva dos tempos, se da Bahia tiver desaparecido a sua "Baiana", essa cidade poderá — como irá acontecer, transformar-se numa das grandes metrópoles da América senão do mundo. Jamais, entretanto, será a "Boa Terra", a querida e decantada Bahia de Todos os Santos, essa legendária terra da capoeira, do candômbê, da água de côco, de Iemanjá, das "Cheganças" e de tantas outras tradições e lendas. Porque a "Baiana" é a própria Bahia humanizada nesse curioso tipo de mulher.

Menos agradáveis à vista e ao olfato, isto para usar palavras menos severas, são as vendedoras de "miúdos" — víceras de animais domésticos, desde o fígado à mal cheirosa tripa, que deixa no ambiente um odor detestável e em tórno, com rafeiros famintos, mosqueiros zumbindo deletériamente.

Tais vendedoras, é claro, encontram-se, quase sempre, em locais menos transitados. Entretanto fazem parte integrante da curiosa vida baiana.

Outro aspecto horripilante nesta Capital — aliás, diga-se de passagem, não sendo privilégio seu pois outras cidades, como Niterói, no Estado do Rio, por exemplo, apresentam, se bem que não tanto chocante, aspecto idêntico — é oferecido pelos trabalhadores encarregados da distribuição da carne aos açougues. São homens descalços, vestindo mulambos, completamente ensangüentados dos pés à cabeça, cujos cabelos vivem empastados de sangue. Simplesmente dantesco é esse tipo de trabalhador, saltando dos car-

ros-transporte, e se misturando com a população, no seu cotidiano afã. Confesso ter sentido desagradável impressão ante a presença dêsse operário, obrigado pela ganância de seus crueis e inescrupulosos empregadores, a trabalhar de maneira tão brutal e chocante.

Prosseguindo neste modesto escôrço descritivo, falarei, ligeiramente, da Igreja do Senhor do Bom fim. Possivelmente nenhum intelectual ou mesmo, como eu, nenhum forasteiro dado às letras, aqui chegou e daqui partiu, sem visitar as igrejas desta terra e muito especialmente essa de que me vou ocupar, sôbre as mesmas escrevendo alguma cousa. Eu, entretanto, como já o disse antes, não visitei os templos da Bahia. Além dos motivos já explicados, aduzo mais o de que estes templos são, em tudo, iguais aos que conheço em várias cidades brasileiras, especialmente os de Ouro Preto, São João Del Rei, Congonhas do Campo, Sabará etc., no Estado de Minas, em que pese um ou outro detalhe mais ou menos nababesco, mais ou menos suntuoso nas suas prodigalidades de riqueza.

Entretanto, visitando Itapagipe — bairro de que também já falei, encontrando-a aberta, entrei na famosa igreja, para conhecer, pelo menos de passagem, seu museu de milagres. É, realmente, um fabuloso depósito de objetos variadíssimos que a fé católica ali tem recolhido em testemunho de agradecimento pelas graças recebidas por milhões de criaturas a quem o Senhor do Bonfim tem atendido nos seus angustiosos rogos.

Dentre essa multidão de coisas vêm-se navios, em miniatura, atirados sôbre escolhos e salvos pelo Santo. São pernas que se partiram, carros que rolaram no precipício, criaturas que tombaram no abismo,

chagas de mil formas, sofrimentos de todos os graus, amores reconciliados, fortunas recuperadas, salvamentos de tôda espécie, um jamais acabar de casos, problemas, dramas, tragédias e acidentes sanados ou resolvidos pelo venerado Senhor do Bonfim e que ali estão representados em artísticas miniaturas, como oferendas, no mais eloqüente e irrefutável testemunho do quanto pode a credulidade humana.

Ao acaso anotei, como documentação de minha visita à célebre e lendária igreja, três dêsses milagres. Eis as respectivas legendas: "Cícero de Oliveira Lima, curou-se de moléstia incurável e desconhecida, depois de 40 dias de cama". "Nympha T. da Silva, curou-se depois de operação feita no hospital Santa Izabel, graças ao Senhor do Bonfim". "D. Bibiana, a 26 de abril de 1927, na costa de Ilheus, foi assaltada por um desconhecido do qual recebeu onze facadas. Não morreu porque não o consentiu o Senhor do Bonfim, para quem apelara na hora do crime". E mais este milagre por ser recente: "Veríssimo José dos Santos, expedicionário da F. E. B. lutou contra os tedescos e voltou vivo e são, ainda por obra e graça do Senhor do Bonfim".

E assim se acumulam nas grandes salas da lendária igreja da "península", a coleção imensa dos milagres dêsse Cristo bom e piedoso, tanto mais complacente quanto mais explorado e vendido...

A referida igreja alcandora-se, destacadamente, no cimo da colina. Para chegar lá indo-se da rua principal, sobe-se longa e disfarçada rampa de cimento armado, à maneira de viaduto. Tudo em tórno dessa via de acesso, é cuidado, é limpeza, começando pelo gramado, a demonstrar que nada falta ao poderoso Santo e à sua santa residência. Infelizmente, e num contraste chocante, enquanto assim é com o

milagroso Cristo, sob a rampa a que me referi, a miséria se agasalha. Criaturas seminuas, envelhecidas, esqueléticas e tristes; crianças desnudas, sem pão e sem saúde, ali vivem porque a sociedade não as reconhece como seres humanos com direito a uma vida melhor; porque os governos as repudiam e desprezam na sua pobreza. E o Senhor do Bonfim, tão poderoso, tão generoso na distribuição de seus milagres e tão cheio de riquezas, não faz sequer o insignificante milagre de transformar aquelas vidas miseráveis em vidas menos sacrificadas, mais condizentes com a sua qualidade de vizinhos. Eis as contradições que os senhores defensores intransigentes da fé cristã e que se proclamam defensores do povo que exploram, não gostariam de explicar.

Entre as festas mais afamadas da Bahia destacam-se, conforme afirmativa de pessoas conhecedoras do assunto, a do Dois de Julho, da Lavagem do Senhor do Bonfim, do Espírito Santo, da Conceição da Praia e a da Mãe D'água. Contam-me baianos ilustres que essas festas são notáveis, às quais a população se entrega de corpo e alma, esquecendo por alguns dias os sofrimentos, as injustiças e as dificuldades que dia a dia mais se agravam.

Passarei, agora, ao setor cultural e literário da Bahia. E ao fazê-lo, quero, nesta desprezível e misérrima, render meu preito de agradecimento e gratidão aos poetas baianos com os quais travei relações e que, cercado-me de atenções e carinho, proporcionaram-me os melhores momentos de arte por mim gozados em todo o meu peregrinar pelas distâncias da Pátria. Prazeiroso me é confessar que jamais encontrei em qualquer outro Estado brasileiro, tanto amor, tanta veneração às coisas da inteligência; tanto ca-

rinho e tanta solidariedade com os intelectuais forasteiros como na terra invicta de Maria Quitéria e João das Botas.

Dois dias após minha chegada a Salvador encontrava-me cercado de um precioso grupo de poetas, velhos e moços, mestres e discípulos, cada qual mais gentil, mais simples e mais talentoso.

Se não bastassem os grandes vultos da atual cultura e literatura baianas, alguns dos quais tenho a satisfação de focalizar nestas páginas, eu lembraria, como índice desse elevado padrão de cultura, não apenas a Academia Baiana de Letras, não somente os centros e associações culturais desta Capital, mas igualmente a sua imprensa, sem favor uma das mais pujantes depois da carioca e da paulista.

Aqui encontrei, como aberração nos dias utilitaristas que vivemos, as rodas de poetas em tertúlias e palestras animadas, uns torturados da forma como Flavio de Paula, Braulio de Abreu, Fernando de Sales, para citar apenas esses, intransigentes quanto à beleza do verso, à elegância da rima, ao arroubo do pensamento; outros, tentando se libertar dos grilhões dessa mesma forma para dar expansão à imagem através do verso livre, revolucionário e arrojado, como Natur de Assis e tantos outros dessa nova escola.

A primazia, entretanto, nessas rodas, ainda pertence aos clássicos, principalmente os simbolistas, de que faz parte um João Muniz, sendo de justiça não esquecer, dentre outros, novos como Aluisio de Oliveira, Fernandes Maia e tantos outros moços de indiscutível valor poético.

Muito de propósito deixei os astros da mais alta grandeza na poesia e na crítica desta terra, para o

fim das minhas presentes alusões, porque são êles, na verdade, reverenciados por todos como reconhecidos mestres das letras da Bahia. Entre êsses vultos estão: Lafaiete Espinola, o crítico temido, epigramista terrível, cuja musa irreverente é digna de respeito... Carlos Chiacchio, baiano de alma e de coração, mineiro de nascimento, pois é êle das margens montanhosas dêsse magnífico São Francisco, que o mestre canta em versos de uma doçura encantadora. Chiacchio teve por berço natal a velha e tradicional Januária. Poeta de uma pujança rara, sentimentalista de estro comovente, grande e conceituado crítico, não menor amigo, alma pura como os céus nordestinos, o grande autor de "Infância" (versos), é o baluarte das letras e das artes na Bahia, onde êle fêz erguer uma poderosa fortaleza de que é o próprio e bravo comandante, resistindo aos embates das hordas selvagens do obscurantismo que avassala a intelectualidade brasileira. Essa fortaleza denomina-se "Ala das Letras e das Artes", e está situada nos altos do edificio da Associação dos Empregados do Comércio da Bahia.

E agora falarei de Arthur de Salles — um dos maiores poetas vivos do Brasil, segundo a opinião de muitas pessoas cultas com que falei. Na verdade Arthur de Salles é um grande poeta. E não sou eu quem o afirma, são os próprios membros da Academia Baiana de Letras e os grandes vultos da crítica literária brasileira que o proclamam, rendendo-lhe o culto de sua admiração.

Quiseram os bons fados que fôsse êsse renomado poeta o primeiro a ser por mim conhecido na amável Salvador. Ao ser-me apresentado por colegas meus, Arthur de Salles cumprimentou-me cordialmente,

sentando-se a meu lado, com aquela simplicidade que lhe é peculiar. Alguém apresentou-lhe meu poema "O Rio Doce". Estávamos, então no grande Bar Triunfo. Servindo-se de alguma coisa que lhe ofereci, o mestre folheou o livro arregalando os olhos, num modo todo seu, como a procurar algo que lhe agradasse naquelas modestas páginas. Acenou com a cabeça em sinal de aprovação, leu mais algumas estrofes e quedou-se. Em seguida, levantando-se, apresentou-me suas despedidas convidando-me a comparecer à roda do Café das Meninas, da qual fazem parte os poetas acima aludidos — com exceção de Chiacchio — e a que Arthur de Salles às vezes assistia.

Ao dia seguinte ofereci ao poeta meu poema e dele recebi, como expressiva dedicatória, "Sangue Mau", poema regional de uma beleza comovente e no qual êle se mostra profundo conhecedor da vida dos homens do mar e do recôncavo magnífico da Bahia de Todos os Santos.

Ao aproximar-se o dia de minha partida, o autor de "Subumbra", o burilador emérito de "Ocaso no Mar" e tantas outras joias inestimáveis da nossa poesia, quis dar-me o prazer de ler seus próprios versos a êle oferecidos pela Academia Baiana de Letras da qual é membro, enfeitados num magnífico livro encadernado em veludo verde, tendo na capa, sôbre lindo cartão de ouro, esta inscrição: "Arthur de Salles. Poesias. 1901-1915." Na parte interna ou sob-capa lia-se a oferta de seus colegas acadêmicos, através de bela página literária alusiva ao poeta, seguindo-se centenas de assinaturas, não apenas dos ofertantes, mas, também, de todos os que, merecendo o aprêço do poeta, leram o

precioso volume e nele deixaram seu autógrafo. Arthur de Salles deu-me a honra — a seu próprio convite — de consentir minha desvaliosa assinatura naquele primoroso escrínio.

Na ordem ascendente das respectivas idades, passarei à citação de versos dos poetas aos quais me venho de referir, excetuando-se aqueles dos quais não obtive originais: de Fernando de Salles, na opinião de muitos, a continuação do pai, o lindo alexandrino.

### “A CANOÃ”

Antes que a luz do sol beije as névoas imotas e da montanha doire a pétrea e bruta falda, deixa, a canoã, o cais, sob um céu de gaivotas, e, sonora, ao galerno, o alvo pano desfralda.

O ouro da manhã flui nas planícies remotas. E a canoã sulcando a líquida esmeralda, na distância se perde. E a praia, e os vãos, e as grotas, e o verde oceano, e tudo, o sol, febreiro, escalda.

Aí, consome, o canoieiro, ao sul e ao norte, o dia: che'o da imensa voz da esperança fugace e envolto no aranhol da incerteza sombria...

E à tarde, sob um céu de síncope estranhas, volta, serena, ao pôrto, antes que a noite abrace o céu, a terra, o mar, planícies e montanhas!

Não creio que algo exista de melhor e mais portentoso no gênero. Fernando de Salles é, inegavelmente, como muito bem o disse Lafaiete Spinola, uma continuação de Arthur de Salles, cuja modéstia, acrescento seu, também se retrata no filho.

Leiamos agora um outro e jovem poeta baiano, homem simples, modestíssimo, cuja cultura deve-a êle ao seu próprio esforço. Jamais cursando escolas superiores; lutador incansável, arrimo de famílias superiores; lutador de calceiro, como êle lia, a viver do honrado officio de calceiro, como êle próprio conta, enquanto faz traçar e retraçar o pano aos destros golpes de incessantes agulhadas, aprimora o verso ao buril da sua inteligência. Eis uma prova de seu valor:

### “SONO DO SOL”

Mar sereno e sem voz. Tarde a morrer tranqüila. Preguiçoso espriar de maretas em bando... Entra em síncope o sol, fecha a ardente pupila Que a terra iluminou, as searas fecundando.

Pouco a pouco se esfuma a recortada fila De montes. Vem, sutil, lenta, desabrochando A sombra. Crepusculosa. O silêncio vigila E o campo é quieto. E a mata é triste. E o vento é brando.

Coleantes, e a serpear, vão-se, a gemer, os rios. E, dos vales em flor, sobe o silvestre aroma. Tremeluzem, no azul, argênteos astros frios.

Escurece. Contrita é a paisagem dormente. E a noite — núbria escrava — ao luar que ao longe assoma, Vela o sono do sol que adormeceu no poente.

O autor destes versos é Braulio de Abreu. Sua poesia é a retratação fiel da sua personalidade. Simples, modesto e sóbrio nas suas atitudes, sincero nas suas manifestações, dir-se-ia autobiografar-se na musicalidade de seus versos impecáveis. Todavia, apreciamos mais êste poeta, no soneto

## "CASTRO ALVES"

("Ao confrade De Azevedo Rolim, com a simpatia do João Muniz. — 23-11-1946").

Quando medito o portentoso verso  
do velho Castro eternamente moço,  
vibra, de joelhos, mudo, ante o Colosso,  
meu ser, num renascido mundo imerso.

Corre meu pensamento, então, disperso  
da Pátria pelos âmbitos, eu ouço  
nas freências, no cáldo alvoroço,  
de sua Lira ecoando no universo,

fundos gemidos de homens torturados!  
E a liberdade enchendo de altos brados  
o coração da tirania absonso!

E as saudades de Eugênia errante e lesta!  
E os lirismos virentes da floresta!  
E o trágico estriador de Paulo Afonso!

João Muniz inspirou-se, para o presente soneto, numa palestra dos poetas, comigo reunidos no Belvedere, a respeito de Castro Alves, quando Arthur de Salles, emocionando-se às lágrimas, declamou versos do condoreiro imortal.

Dos simbolistas do "Café das Meninas", que me honraram com a sua dedicação, pela sua hospitalidade e gentileza, destaca-se Flavio de Paula — o professor Flavio de Paula.

Na verdade êsse homem de letras cumulou-me de gentilezas. Levou-me à sua residência, apresentan-

do-me à sua família. Fêz-se de meu cicerone inclusive apresentando-me ilustres senhoras do mundo docente baiano e não ficou apenas nessas gentilezas. Foi mais longe na sua dedicação: fêz-me conhecer uma das tradicionais cerimônias religiosas da Bahia, Refiro-me ao "Caruru de São Cosme-Damião". É uma tradição conservada, com muito carinho, pelas famílias baianas. Não tem dia nem mês certo para a realização dessa festa. Coube-me a ela assistir graças a Flavio de Paula.

O ambiente regorgitava. Crianças, às dezenas, faziam barulho tremendo. Não podiam ser censuradas nem ralhadas, que a tradição o impede. Nesse dia qualquer estranho pode chegar e servir-se do caruru. Quanto mais convivas e comensais, tanto melhor se agrada aos santos que "fazem questão fechada de ver sua festa concorrida", assim me explicaram. Eu, neófito daquela cerimônia e avêso como sou a qualquer balbúrdia, suportava a custo aquele pandemônio de crianças como que sôltas dos liames disciplinares, disfarçando meu louco desejo de me pôr ao silêncio. Antes de ser chamado à mesa fui conhecer os nichos e oratórios dos santos festejados e de seus colegas. Creio não exagerar dizendo que ali, naquele vão de escada, entre ornamentações, luzes e adereços, encontrava-se reunida tôda a corte celeste. Não sou entendido na matéria, mas vi tantas imagens, tantos registros, que sou forçado a acreditar não ter faltado àquele sacro escaninho nenhum dos pacientes representantes dos céus.

Os homenageados lá estavam, como sempre, um ao lado do outro, enfeitados e silenciosos, cada qual tendo aos pés seu prato de caruru. — É do ritual: ao fazer-se a festa do "Caruru de São Cosme-Damião", preliminarmente fazem-se pratinhos com

as iguais do bródio, colocando-se êsses praos aos pés dos festejados para que "se sirvam untade".

Certa vez perguntei a um amigo, célebre e abalimestre da magia negra, a razão de ser do "deso" e para que o faziam. Explicou-me o interdo que, ao "desencarnarem", os espíritos ignos e apegados à matéria, ficam num ambiente imo a nós, convictos de que ainda gozam dos tos e prerrogativas que lhes assistiam em vida. o tal, recebem, de bom grado, qualquer pree que se lhes ofereça, com especialidade aquilo que mais gostavam antes de morrer, tais como utos, bebidas, dinheiro, galinhas pretas com famarela etc., na certeza de que poderão usá-los aboreá-los. Em retribuição a tais presentes- invaelmente deixados nas encruzilhadas de ruas ou adas — estão sempre prontos a fazer o que se lhes e, para o bem ou para o mal. Não sei até que o existe verdade nisso, ou mesmo se há verdade tal explicação. O certo é que, ao assistir à festa a me refiro aqui, lembrei-me do que me dissera o go macumbeiro, pois encontro entre a sua explio e os rituais da cerimônia "cosme-damiã" muita idade, levando-me à dedução de que em tudo predera o mesmo princípio cuja origem se perde continente negro... Mas voltemos à festa.

Chegou, finalmente, a minha e a vez do Flavio. o-nos o prato de "carurú". Tratava-se de uma tura de quingombô e vários outros acepipes, desde ará à cana de açúcar, em roletes descascados. Na idade só não havia naquele prato o carurú próamente dito. A cana, aliás, me ia fazendo estragaa festa em face de meus ricos e postiços dentes. ue me encontrava de pé, tendo à sinistra o prato

e à destra o garfo. A situação era crítica. O ritual impunha-me servir de tudo que viesse à mesa. Meu prato já fôra servido completo. De modo algum poderia eu prescindir dos dentes e êsses não me poderiam, no caso, vir em auxílio sem arriscar a integridade de minha anatômica, em face daquele pedaço de cana. Vali-me uma vez mais do meu distinto cicerone e êle me veio em socorro trazendo-me uma faca. Estava ganha a partida. Descansando o prato fiz em pedaços o rolete sacarino e esmaguei-o à pressão de meus magníficos dentes... artificiais!

Corroborou o bródio excelente mungunzá e ótima "frigideira" que me deixaram saudades...

Pois é de Flavio de Paula, dêsse gentil e dedicado intelectual, o soneto que passo a transcrever, extraído de seu livro sob idêntico título que me foi pelo autor oferecido com expressivo autógrafo.

#### "ARCO-IRIS"

Céu nublado a existência. E eu, peregrino  
— Como nuvem pelo espaço errante —  
Palmilhara, no mundo, sem destino,  
Buscando um pouso a me acolher, distante...

Quatro lustros vaguei... E o sol divino  
De teu amor imenso, rutilante,  
Como um fanal erguido ao caminhante.  
Na curva do horizonte descortino.

Era o arco-ires, de amor de almos fulgores  
A conduzir-me à Terra Prometida!  
Era a aliança de Deus, em minha vida!

Eternos sejam de tua alma os brilhos!  
Bemditas sejam tuas Sete Dôres!  
Bemditos sejam nossos sete filhos!

Lafaiete Spinola é um outro e talentoso poeta integrante do grupo a que me venho referindo e de quem já falei linhas atrás. Abandonou êle a forma clássica do soneto — a confissão é sua — porque não conseguiu traduzir nos catorze versos da rigorosa forma, aquilo que seu pensamento cria, de maneira a satisfazer-lhe o próprio e acurado gosto. Porisso dedicou-se ao jornalismo, além da advocacia de que também é profissional, sem deixar, todavia, de manejar a sátira em trovas venenosas e belas que, celebrizando-o, lhe tem valido, como me disse, vários "entendimentos" com a reação policial.

Certa vez um amigo que partiria a ver a doce amada, pediu, insistentemente, ao poeta que lhe fizesse um epigrama para ser mostrado à querida eleita. Após muita relutância e em face da insistência, Lafaiete Espinola entrega esta quadra ao amigo:

É uma cousa de assombrar,  
Mas que faz a gente rir;  
O Denancy a velar  
E o seu talento a dormir!

Denancy Avelar era o nome do noivo solicitante. É de se acreditar que tal epigrama jamais tenha chegado às mãos da noiva para quem fôra pedido.

Um livreiro de Salvador, dono de duas livrarias, é ou era analfabeto, segundo a afirmativa do poeta. Talvez seja isso perfídia sua, pois seria o cúmulo do contraste. O certo é que êsse cidadão vivia a queixar-se de que Lafaiete Espinola epigramava a todos e, a despeito de ser seu camarada, nunca lhe fizera um edigrama, malgrado pedir-lh'o constantemente. O poeta esquivava-se, o livreiro insistia a tôda oportunidade. Um dia estourou a bomba. O solicitante recebeu esta sátira tremenda:

É mesmo um mundo repleto  
De contrastes e ironias:  
Conheço um analfabeto  
Que tem duas livrarias!

É assim, Lafaiete Espinola. Modesto, lhano, bom prosaeador e de uma simplicidade comovente. Mas temperamento mordaz, ferino, inclemente ao manejar da sátira, impiedoso e escarpelante quando empunha o azorrague da crítica.

Não é um assíduo freqüentador da roda dos poetas militantes. Entretanto ali se faz presente, de quando em vez, e sempre que isso acontece é para animá-la satisfazendo aos seus componentes com sua prosa fluente e agradável.

Apresentarei, agora, Carlos Chiacchio — Dr. Carlos Chiacchio. Não sei, sinceramente, expressar-me com relação a essa personalidade rara, a êsse vulto insigne de intelectual e de cidadão. Porque êle reúne, a um só tempo, na mesma individualidade, o artista completo, o crítico acatadíssimo, o amigo, o cavalheiro, a sabedoria e a simplicidade. Sua modestia é dessas que fazem dos sábios, santos, dos artistas, gênios. Chiacchio é um grande, um gigantesco poeta. Sua obra é vasta e seu nome ocupa destacadíssimo lugar no cenário das letras nacionais. Mas êle é, antes de tudo, o mestre, o guia, o incentivador dos novos aos quais não desilude nunca: é o baluarte inexpugnável da intelectualidade na Bahia.

Tive a felicidade de me aproximar de Carlos Chiacchio, de ouvi-lo várias vezes, de receber-lhe ensinamentos que jamais serão esquecidos. Dele me honra a companhia de dois excelentes livros. Um desses, "Infância", com dedicatória tão honrosa que

me levaria à vaidade, não na soubesse fruto da generosidade do mestre, de crer-me dela merecedor.

Como seu próprio título indica, "Infância" é a vida infantil do poeta, passada às margens de seu belo e grandioso São Francisco. Mas é um livro de tal sorte evocativo que todos nós, qualquer um de nós, brasileiros, que tenhamos passado a nossa infância no interior da Pátria, tem um pouco, ao menos, dessa vida nas páginas do livro em aprêço. Não me posso furtar à satisfação de transcrever — na impossibilidade de fazê-lo com todo o livro — um dos seus poemas; para confirmação do que proclamamos sobre a emotividade e o talento desse poeta imenso:

"TUPA"

Tupá era o cão de casa.  
Outros tive, mas nenhum  
Como tupá, côr de brasa...  
Um cão fora do comum.

Quando parti — de atalaia  
Como a dizer "até quando?" —  
Tupá, sózinho, na praia  
Ficou me olhando, me olhando...

Tentou ao longo do rio  
Seguir a pista ao navio.  
Mas, vencido da corrente,  
Quedou, guaiou, longamente.

Tupá não veio. Se escuto  
Dentro da noite de luto  
Voz de cão na voz do vento  
Cuido ouvir o seu lamento.

E meus olhos rasos água  
— Logo os seus uivos de água  
Não mais, de longe, se ouviram —  
Ainda o vêem como o viram:

— De longe, quando eu partia  
Para o além que me chamava:  
Tupá, na praia, rolava...  
Tupá, na praia, gemia...

Existirá alguém, por acaso, que tendo um coração humano a fremir no peito, possa lêr êstes versos com os olhos enxutos? Pois a poesia de Chiacchio, no livro a que me refiro, é êsse desenrolar de recordações, de evocativas lembranças de uma existência feliz jamais revivida. E o poeta vai, páginas em fora, contando e cantando, em versos de uma simplicidade adorável, a sua adolescência que é a adolescência de todos os que nasceram no seio vasto, no regaço amigo do incomparável interior brasileiro, tanto mais pródigo em naturalidade quanto menos cuidado pelos que dirigem os destinos da Pátria.

Entretanto, conhecemos o poeta simples, rememorativo. Vamos conhecer agora, no mesmo talento, o lírico por excelência, na profundidade enorme de seu estro, na alitiloquência de seu verso, sentindo-lhe o lirismo transcendental neste magnífico trecho de poema:

"ARTE"

A primavera és tu, rainha soberana  
Dominadora excelsa entre as demais rainhas.  
Porque em tôda a abstração das formas e das linhas  
Em pauta ou verso, em tela ou mármore, repetes

O imprevisto condão do milagre das artes.  
 És som, és côr, és luz, és perfume, à porfia  
 De tudo que é canção, esplendor, harmonia.  
 A primavera és tu, rainha que tu és:  
 Constelários na frente e a Mocidade aos pés.

Ah! Se me fosse possível transcrever aqui todo o poema do qual extrai este canto, como teria feito sentir a fascinação da lira desse grande poeta; desse belo talento olvidado na Bahia, como tantos outros, não apenas na terra dos Imortais, senão também, em todo o Brasil, pelo nefando crime de serem poetas acima das conveniências políticas e capitalistas; pelo defeito de serem talentosos e cultos sem participar das imoralidades que aviltam e degradam a Nação brasileira!

Finalmente, Arthur de Salles, o inconfundível expoente máximo do atual verso baiano. Dizem os seus íntimos que não é com facilidade que se lhe ouvem os versos por ele próprio declamados. Mas eu logrei a ventura de ouvi-lo, quer nas suas, quer em alheias produções poéticas. Ouvi-o, igualmente, em saudação ao obscuro viajante quando, num vata-pá íntimo, nos reunimos. Nesse dia as lágrimas se me afloraram aos cansados olhos. Também Arthur de Salles chorou. É que ali se enlaçavam e se confraternizavam duas almas afins que viam, não distante, o ocaso da vida e tinham, para trás, na curvelínea estrada da existência, desfeita a mocidade, desfeitas as ilusões da vida. Porisso, abraçados, sentíamos embargada a voz pelo trêmulo da emoção.

Foi no "Pau da Bandeira, número onze, na casa de D. Antonia, baiana descoberta por Francisco Aguiar, um poeta que não fazia versos: sentia-os e amava-os.

A sala era modesta. Debruçada sôbre a rampa que separa as duas cidades, abria janelas para a vastidão da Baía de Todos os Santos. A mesa era limpa e asseados os pratos e acessórios. Cheirosa e convidativa, a refeição. O peixe, louro à força do dendê, aguçava-nos o apetite já desperto pelo adeantado da hora e a indefectível cachacinha. Li modesta algaravia oferecendo o bródio aos poetas. Fernando de Salles, numa das cabeceiras da mesa, defrontando-se com o pai, sorria, ajudando a devorar aquela arraia excelente. A dona da casa olhava o poeta e recordava-se... Súbito, exclamou:

"Parece que lhe conheço. Sim, o senhor não é o professor lá de Santo Amaro?"

Os filhos do poeta — Fernando e Durval — entreolharam-se sorrindo maliciosamente. É que naquele inesperado encontro refletiam-se aventuras mortas...

Finalizava a refeição. Cada um dos poetas disse um soneto em regozijo ao momento. Por indicação de Flávio de Paula, Arthur de Salles falou em nome de seus colegas, aludindo àquele fraterno e modesto almôço intelectual e ao improvisado anfitrião forasteiro. E saímos todos — todos, menos o mestre que se viu abraçado pela baiana saudosa, a qual parecia querer impedir que se fôsse alguém que lhe fôra muito caro outrora...

A reunião terminou no Belvedere, quando Arthur de Salles, ante o silêncio reverente de todos nós, rendia um preito de saudade a Castro Alves, declamando a "Ode ao Dois de Julho", tendo as lágrimas a lhe rolar pela tisonada e envelhecida face. Jamais esquecerei êsse instante vivido na Bahia!

Eis um soneto de Arthur de Salles:

### O CASO NO MAR

O céu a valva azul le uma concha semelha  
De que a outra valva é o mar, ouriçado de escamas.  
No ponto de junção, o sol — molusco em chamas —  
Do bisso estende no ar a incendiada centêlha.

Listões de intenso anil, ráias da côr vermelha,  
Grandes manchas de opala, arabescos e lhamas,  
Da luz todos os tons, da côr tôdas as gamas  
Vlbram na valva azul a valva verde espelha.

Mas todo êsse fulgor esmaece e se apaga.  
Tímido o olhar do sol boia de vaga em vaga,  
Porque uma sombra investe a sua concha enorme

É a noite: como um polvo, insidiosa, se eleva,  
Desenrola seus mil tentáculos de treva...  
E o sol, vendo-a crescer, fecha valvas e dorme.

Se no verso alexandrino e através do soneto  
alguém lograsse maior beleza, produzisse mais rútilo  
diadema, pintasse mais perfeito o caso, êsse alguém  
não seria um homem, êsse alguém seria um deus!

Com estas palavras que não tocam, sequer, o sopê  
das culminâncias em que se alcandora o valor dêsse  
poeta baiano, encerro minhas alusões aos poetas  
da Bahia. Antes, entretanto, de encerrá-las, quero  
narrar um acontecimento às mesmas ligado; aconte-  
cimento êsse, inesperado, e que ficou constituindo  
um dos que mais fundo me tocaram a alma senti-  
mentalista.

Foi à noite de seis de novembro ora a findar-se. A procura de Carlos Chiacchio, subi as longas escadarias que conduzem à Ala das Letras e das Artes já aludida. Entrei sob a aclamação de boas vindas do mestre querido. Duas senhoras ali se encontravam, uma das quais se destacando pela sua elegância, sua imponência física, pelo seu trato pessoal.

— Não a conheces? interrogou-me Chiacchio, voltando-se para a elegante personalidade, afávelmente.

— Não tenho êsse prazer, respondi-lhe, curioso e embaraçado.

— Pois então deixa-me apresentar-te minha querida amiga Margarida Lopes de Almeida.

Senti-me como que enleiado e, ao mesmo tempo, possuído de sincera emoção ante aquela figura insigne que, gentil e sorridente, me estendia a enluvada mão, num gesto simples e fraterno.

Nesse instante, como que a um convencionado sinal, entraram no salão vários dos poetas acima apresentados. Com sua proverbial e cativante atenção, Carlos Chiacchio ia-os apresentando à celebrada declamadora patricia. Eles ali se encontravam porque souberam da presença do excelso nume e desejavam conhecê-lo.

Margarida Lopes de Almeida, cantando os minutos que lhe restavam — pois o "Serpa Pinto", em que viajara, zarparia dentro de pouco tempo — pediu aos poetas que lhe declamassem versos. Cada qual mais solícito a atendeu com emocionado júbilo. Por último a incomparável artista declamou para nós. Que extraordinário instante! Primeiro ouvimos "Boneca", poesia moderna, de autor português que a in-

térprete, com sua genialidade, transformou numa encantadora jóia poética. Em seguida, homenageando Arthur de Salles de quem é sincera amiga, fez-nos ouvir a "Música dos Bilros". A impressão que tive foi a de que um maravilhoso ourives, tomando a pérola rara, encrustou-a, com o mais delicado gosto, num engaste maravilhoso. E então, pérola e engaste, poesia e declamação, elevaram-se, aos meus ouvidos e aos meus olhos, como se do mais recôndito arcano da Beleza, ali me viesse fascinar uma preciosidade jamais imaginada!

A embaixadora da Cultura e da Arte brasileiras que regressava de uma missão cultural à Europa e saltara em Salvador para abraçar Chiacchio, partiu instantes depois.

Eis como se contam os momentos de literatura por mim vividos na Bahia. Acaso, entretanto, foi êsse, apenas, meu convívio na "Boa Terra"? Não, por certo. E nem poderia sê-lo numa terra em que a boêmia é tradicional. Avêssô a tôda espécie de excessos e orgias, não pude fugir a uma farra para a qual fui arrastado inesperadamente. Foi ao primeiro dia de minha chegada. Apresentado por um velho amigo a vários colegas seus, fui por êstes convidado — senão intimado — a ingressar, sob batismo, num clube boêmio de que fazem parte homens do comércio e funcionários públicos; clube cujo nome é por demais indecoroso.

Segui meus convidadores descendo estreita e sombria rua, entrando numa dessas casas a que aludi no início desta narrativa. Ali já se encontravam vários sócios, inclusive o presidente, obeso tipo de Momo em férias, homem de cento e muitos quilos, pornográfico e expansivo. A mesa estava posta e muitos copos transbordavam. O bródio era farto e

alegres os commensais. As libações eram constantes e repetidas. Felizmente, dada a minha sobriedade em relação a vícios, pude me livrar de sérrissima carraspana. Estreei e encerrei minhas atividades nesse setor menos condizente com meu temperamento, nunca mais tornando ao célebre "clube" onde uma baiana dengosa tanto mais requebrava as cadeiras quanto melhor lhe era a fêria proporcionada pela guapa e alegre clientela.

Um outro e comovente espetáculo por mim assistido na Bahia, foi o encerramento da campanha promovida pelo Partido Comunista, em prol das finanças da imprensa popular. A festa teve lugar no Teatro Jandáia, cujas acomodações ficaram literalmente cheias. Presidida pelo deputado federal Carlos Marighela, constituiu alguma cousa de comovente. Casais subiam ao tablado em que se encontrava a comissão arrecadadora e tiravam dos dedos, à vista do público em delírio, as alianças oferecendo-as a campanha. Políticos da região dos cacauais davam cheques para aumentar suas cotas. Relógios de pulso, canetas-tinteiro, anéis, cordões, brincos e medalhas de ouro, dinheiro, valores de tôda espécie eram levados à Comissão de Finanças, a fim de que a Bahia superasse a quantia de quinhentos mil cruzeiros — cota que lhe coube na memorável campanha. Um operário subiu ao palco e pediu ao presidente que lhe tirasse do pescoço um cordão de ouro e uma verônica, relíquia materna e com êles aumentasse a cota por que lutavam naquele instante decisivo. E ao encerrar-se a festa, entre vivas, música e aclamações ao Partido Comunista do Brasil, foi solenemente anunciado que, na verdade, a aludida cota estava superada em trinta mil cruzeiros. Muitos dos circunstâncias tinham os olhos rasos d'água em face da

grande e espontânea demonstração do povo baiano que positivava, com aquele gesto, sua compreensão política. Grande povo baiano!

... Parti certa manhã, por estrada de ferro, em direção do recôncavo. Ia visitar os campos petrolíferos da Bahia, aspiração de muito alimentada e que estava sendo satisfeita, graças ao convite de um excelente amigo, funcionário dos Correios.

Desde as portas norte da cidade — ali em Itapagipe, do lado do continente, comecei a travar conhecimento com os poços concluídos e valvulados, denunciando-se pelos seus cilíndricos depósitos de ferro esbatendo-se da vegetação enfezada. Em ordem de distância seguem-se Lobato, Aratú — onde o gaz natural, segundo me informaram, escapando-se do sub-solo, é queimado noite e dia qual se fôra um fogo eterno, sem qualquer aproveitamento útil —; as Ilhas de Itaparica, do Joani e dos Frades, ao sul, no meio da baía; Mata de São João, Camaçari, Candeias, continuando nesse mesmo rumo talvez por todo o recôncavo ou, quem sabe? tôda a região atlântica do nosso imenso território.

Por todos êsses lugares há poços prontos para funcionar, aguardando, apenas, a destilária que, segundo informações que me foram dadas, está para chegar da América do Norte.

Dentre todos êsses campos, porém, e por enquanto, o de Candeias é o mais importante. Três e meia horas de viagem ferroviária gastei-as de Salvador ao tradicional lugarejo. Antes de almoçar e mesmo de procurar meu cicerone — essa grande criatura que é Oscar Maia, encarregado da luz pública daquela vila — corri ao parapeito da Igreja de Nossa Senhora das Candeias, de onde se descortina o campo petrolífero e as respectivas tôrres metálicas as quais

começam a se levantar na falda do morro em que se alcaçadora a dita igreja.

Surpreendeu-me a topografia em que se encontram as explorações que ia conhecer. Julgava ir encontrar vasta planície e me defrontava com uma região acidentada, misto de morros, várzeas, baixas e vales, completamente irregular. Esbatendo-se-lhe do seio, altas e a prumo, as gigantescas tôrres, assinalam os poços em perfuração. Entre canaviais, pastagens mal cuidadas e macegas, os tanques-reservatórios, junto aos poços concluídos, põem sinais prateados pela terra.

Regressei para o almôço na pensãozinha humilde com o pomposo título de "Recreio-Oeste". Mal terminava a refeição e um caminhão chegava com o meu amigo Oscar à minha procura. Partimos para o campo das atividades petrolíferas onde conheceria um pouco das minúcias da importantíssima realização nacional em comêço. Uma perfuração aqui, outra ali, mais outra além, e os poços se sucediam, uns concluídos, outros em perfuração, oferecendo uma perspectiva de franco otimismo. Em breve sentia-me senhor do ambiente, conhecido daqueles valentes patriotas brasileiros, operários aos quais ia sendo apresentado. Todos trabalhavam. Uns manejavam perfuratrizes ou comandavam máquinas. Outros guiavam veículos no transporte de vários materiais. Aquela turma abria estradas, aquela outra, no alto das tôrres, arrostava perigos aumentando a tubulação das sondas. E todos, unidos e obstinados, construam, no anonimato de operários, a grandeza e a independência econômica do Brasil.

Primeiro visitei o poço 15. Dois mil e tantos metros chão abaixo percorreu a gigantesca sonda. Mas não encontrou óleo. Em compensação colossal

reserva de gaz fôra encontrada. Lá estavam os técnicos no trabalho de revestimento. Continuamos em direção dos famosos C-26 e C-28, dos quais a imprensa com tanto alarde se ocupara. No caminho passamos por outros poços concluídos cujas válvulas, devidamente fechadas, chiavam à passagem forçada do gaz borbulhando à pressão do óleo.

Nesse instante fui apresentado ao encarregado geral das estradas naquele setor petrolífero. Cavaleiro amável, ofereceu-nos o caminhão e levou-nos à conclusão da visita. Fomos ao velho engenho de açúcar que dominava o latifúndio em cujo seio dorme o petróleo. Ao regressarmos, o distinto senhor que nos acompanhara, parou em frente ao C-26, após convidar-me para examiná-lo, tirou uma amostra do precioso combustível e ma ofereceu como lembrança, para mim preciosa, daquela inesquecível visita. Subi ao poço. Dentro do imenso reservatório de ferro, forçando as válvulas a uma pressão de mais de oitocentas libras, o óleo jorrava de maneira impressionante. Esse poço, sem o auxílio de bombas, tem capacidade para produzir dois mil barris de nafta por dia!

Continuando o passeio, fui conhecer o funcionamento de uma das sondas perfuratrizes que, a oitocentos metros de profundidade já, continuava a caminhada pelo seio da terra em busca da "lama" preciosa. A perfuratriz compõe-se de um maquinismo complexo e possante, impulsionado por uma multidão de correntes, alavancas, válvulas, pistões, cilindros, um conjunto mecânico, em suma, dos mais complicados, acionado, em tôdas as suas atividades, pelo vapor de locomóveis especiais, cujo cobustível exclusivo é o petróleo de Candeias. Ao barulho vulcânico dessa maquinária em movimento, a sonda gira,

fura e perfura, rasga e penetra o coração da terra, levando à frente a "testemunha" que irá dizer da existência ou não do óleo procurado naqueles desconhecidos recônditos.

É uma engenhosa peça de aço, a "testemunha". Disposta em castanha mecânica, é colocada no fochinho da sonda para triturar a ganga subterrânea cujo pó, à pressão da sonda, penetra-lhe num canal centro-longitudinal, saindo na parte superior desse mesmo canal, feito pequenas rodelas comprimidas. Essas rodinhas são colhidas pela lavagem automática do orifício aberto pela sonda. Tal lavagem é feita com determinada substância líquida, espessa, que retornando à superfície traz as ditas rodinhas para confirmar ou negar a presença, do petróleo, conforme a natureza das camadas geológicas de que provêm.

A lavagem a que acima aludi, feita de uma substância líquida, espessa, como disse, descendo pelo orifício da perfuratriz, amolece e lubrifica o solo, facilitando o trabalho à sonda e retornando ao ponto de partida, por processo técnico, à guisa de lavagem estomacal e trazendo o resultado do trabalho da "testemunha", como ficou dito acima. Auspicioso será esse resultado se as rodinhas forem de "folhedo", índice não muito positivo — mas de certo modo animador — da existência do que se procura. A seguir deverá surgir o arenito, impregnado de gaz e recendendo a petróleo. Se tal se der está confirmada a existência do lençol petrolífero.

Quanto mais grossa for a camada deste minério a ser atravessada pela sonda, tanto maior será o lençol de petróleo sob êle existente. Estas foram as informações que me deram técnicos ali trabalhando. Não sei se corresponde à verdade científica.

Verificada a presença do Arenito, a sonda deverá prosseguir até encontrar o petróleo que surgirá à superfície tão logo tocado. Será mais um poço aberto, outros tantos milhares de barris do ambicionado líquido, em perspectiva, a aguardar a usina de refinação.

Aproximadamente cinqüenta poços se encontram prontos ou em vias disso, em Candeias, assim me disseram. Outros seriam imediatamente atacados.

Em certo lugar mostraram-me o "canhão". Trata-se de uma peça interessante, longa e ligeiramente cônica, cheia de protuberâncias a lembrar pendúculo ou cacho de bananas a que se tiram os frutos. Esse instrumento serve para explodir, automaticamente, no fundo do poço e arrebentar, com seus projetis, a estrutura de cimento que se acumula no orifício da perfuração, ao se proceder o revestimento do mesmo. Isto acontece sempre que a sonda necessite prosseguir a perfuração. Assim me explicou um operário.

Pude observar, com satisfação, que todo o serviço do petróleo em Candeias está confiado a técnicos nacionais, predominando os de São Paulo. São homens práticos e competentes. Alguns norte-americanos que ainda trabalham nesse campo, estão junto aos engenheiros brasileiros, nas respectivas secções.

Soube, também, naquele campo petrolífero, da luta surda travada entre os próprios norte-americanos que vieram "descobrir" o petróleo da Bahia. Um grupo deles, negava a existência da riqueza. Outro, ao contrário, insistia afirmando a presença do precioso combustível. O impasse persistia ameaçando o prosseguimento dos trabalhos. Um operário levantou a voz contra os negativistas prometendo ir à imprensa contar a manobra sabotadora. Diante disso

houve um movimento nas esferas administrativas e a verdade venceu. Os indesejáveis foram afastados. Os amigos do Brasil continuaram o trabalho vitorioso.

Tratando-se de informações colhidas no decorrer de palestras em que não havia preocupações documentárias, deixo de endossar o que venho de dizer e que fica, apenas, como detalhe de minha visita às instalações petrolíferas de Candeias. Entretanto, dizendo-se respeito a imperialistas e especialmente estando, no caso, envolvido o petróleo, nada há que admirar, pois fatos mil vezes mais sérios e mais graves; crimes muitas vezes mais revoltantes teem sido praticados pelos abutres do imperialismo, em todo o mundo. No Brasil, que falem, entre os mártires de nosso petróleo, êsses dois insignes patriotas: Oscar Cordeiro e Monteiro Lobato

...Chegou a tarde. O sol desapareceu lá nos confins oeste dos bredos sertanejos. Ao chegarmos à vila, grupos de romeiros marchavam em torno da Igreja de Nossa Senhora das Candeias, seguindo algumas mulheres em cantoria. Era a romaria dos pobres e beatos filhos do sertão, vindos das longínquas regiões adustas onde reina a miséria e a sêda desespera. Aquelas cantadeiras são profissionais que se alugam para a fanática cerimônia, após a qual, os que vieram pagar promessa, fazem-se cobrir de gorros ou bonés de côres berrantes, enfeitados de fitas e de flores artificiais. O uso daqueles adornos ridículos prova que a promessa foi cumprida. São adquiridos com outras bugigangas nas inúmeras baicas existentes na vila, cujo comércio gira em torno da exploração dos crédulos sertanejos.

A cerimônia seguiram-se as danças nas "casas dos romeiros" cujo número aumenta e se avoluma

à proporção que se aproximam os festejos de dezembro.

E enquanto aquela gente saracoteava ao som das violas e das sanfonas, lá na planura o acampamento petrolífero tremeluzia na pontuação luminosa que a luz elétrica punha nas tôrres metálicas, nos poços de petróleo e nas casas espalhadas pelo acampamento.

Tanta riqueza no coração daquela terra abandonada e em cima dela quanta miséria, quanta ignorância do povo sertanejo, cuja mentalidade ali se retratava naqueles romeiros narcotizados por um sistema religioso involuído, arcaico, à sombra do qual prevaricam e oprimem os exploradores. Contraste impressionante!

Salvador, novembro de 1946.

P.S.

Infelizmente, ao vir à luz este livro, três dos poemas nele focalizados, não mais existem. A morte, na sua inflexibilidade niveladora, fez silenciar a privilegiada lira de Carlos Chiacchio, Fernando e Arthur de Salles, à memória dos quais, com a minha saudade, dedico as páginas que a eles dizem respeito.

De A. R.

1955

## SALVADOR-ILHEUS-SALVADOR

No banco vinte e dois (sobre as rodas!), da "marionete" que me levaria a Ilheus, tomei lugar, às doze horas do dia doze, para uma viagem de seiscientos quilômetros através dos sertões baianos, partindo da Cidade Baixa.

O colossal "bezouro mecânico" rodou, a princípio lerdamente, na direção norte da Capital baiana. Acelerando a marcha resvalou, célere, deixando para trás os bairros suburbanos. "Quebrou" à esquerda. Tomou a região alta onde outrora se dera Pirajá. Chispou planalto em fora numa corrida bonita, proporcionando-me aos olhos uma paisagem triste, pontilhada de palmeiras nativas de variada espécie, a se esbaterem de um solo maninho, coberto de hirsutos carrascais, totalmente despido de cultura ou pecuária.

De quando em vez topávamos grupos de criaturas montadas desageitadamente. Eram velhos e crianças, homens e mulheres, maltrapilhos, uns, outros, melhor vestidos, todos demonstrando cansaço, estropiamento. Tratava-se de retirantes tangidos pelas secas no sertão, rumando para o litoral em busca de socorro.

Enquanto aquela gente caminhava para o mar, já bem próximo, os da "marionete" embrenhávamos, ao contrário, na direção de oeste. Uma hora depois da partida, paramos num decadente lugarejo sem qualquer expressão. Saltando, os passageiros se em-

barafustaram num pardieiro velho onde se servia péssimo café e excelente pão de trigo, mil vezes superior ao infamérrimo "pão-misto" da Capital.

Por não sei quê, dois indivíduos discutiram trocando, impróprios e insultos. Teriam ido a vias de fato não fôra a providencial e sempre oportuna turma do "deixa-disso" a qual, intervindo na contenda, fêz acalmar os ânimos.

Recomeçamos a caminhada. O veículo desenvolvia excelente velocidade. O ambiente topográfico continuava o mesmo, não se modificando, também, o cenário. Nenhum sinal de progresso, de vida, animava aquelas brenhas esquecidas. Súbito — oásis num deserto de verdes capoeiras — surgiram canaviais extensos, bem cuidados e viçosos. Era uma usina de açúcar, idêntica, em tudo, às suas congêneres de outros Estados. Porisso mesmo, além de canaviais, nenhuma lavoura havia, nenhum sinal de abundância e bem-estar campesino. Ao contrário: contrastando com o aspecto das lavouras canavieiras, ranchos de palha, aqui e acolá, testemunhavam a miséria dos pobres colonos ali escravizados.

Não muito distante daquele empório açucareiro passamos por São Gonçalo e na ordem de distância atravessamos as cidadezinhas de Conceição da Feira e Cachoeiras — São Felix, ambas mais populosas e servidas por via férrea, sendo as duas últimas também servidas por navegação fluvial, à margem que se encontram do Rio Paraguçú, principal afluente da Baía de Todos os Santos.

São Felix é a tradicional cidade do tabaco, tendo sua principal fonte de renda na indústria de charutos e correlativos. A cultura do fumo realmente foi a única por mim vista naquela região e se espalha, planalto em fora, por longas distâncias, em peque-

nas roças, lembrando a paisagem adusta uma colcha de retalhos. Outra lavoura não vi além de moitas de mandiva, sem qualquer significação agrícola, o mesmo acontecendo com os decantados coqueiros cuja cultura é inexpressiva, senão inexistente nessa região.

Sempre avançando para a frente, parando muito rapidamente numa ou noutra povoação, atravessamos, já bem tarde, a Vila de Cruz das Almas, depois de alcançar a zona alta, deixando o vale fluvial através de curvilínea ascensão.

Era noite quando chegamos a Santo Antônio de Jesus, ponto terminal da primeira etapa. Não me foi possível dormir. Num quarto contíguo um terrível "troglodita" roncava monstruosamente, à maneira de serrote, urrando de quando em quando, mais pavoroso que o indefectível leão da Metro...

As quatro horas do dia seguinte, pagas as despesas e ingerida a infamérrima zurrapa alunchada de café, retomei meu lugar no torturante assento vinte e dois, para recomeçar a marcha. Chovia um pouco, refrescando a temperatura. Por tudo a mesma desolação, a mesma falta de culturas, o mesmo abandono por todos os lados, a despeito da melhor qualidade do solo; melhora que se acentuava à proporção que avançávamos para o sul. Através de rampas disfarçadas, começamos a descer uma serra elevada ao sopé da qual surgiu extensa e virente mata virgem idêntica, em tudo, às florestas que ainda restam nos Estados do sul, a começar do Espírito Santo. Apareceram indícios de prosperidade agrícola que não passaram de miragem, apenas. Nessa altura um sertanejo fêz parar o ônibus com desmensurados e repetidos acenos. Queria uma passagem, pois seu cavalo cansara. Que lhe fizessem camaradagem no

preço visto lhe ser pouco o dinheiro que trazia. Atendido, veio sentar-se num dos últimos lugares. Tão logo o fez, começou a mostrar sua loquacidade simples de nordestino. E falava por todos, rindo-se consigo mesmo. Deu vida ao monótono ambiente do veículo onde todos ansiávamos pela conclusão da viagem. A cada "tombo" do carro (aqui não dizem tranco, solavanco ou bacada como dizem os fluminenses, mineiros e capichabas) o recém-embarcado gritava gostosamente: — "êta cavalinho da peste! Esse marvado sarta pior que o meu, o marvado!" E nesse diapasão jocoso e sem malícia fez conosco o resto da viagem.

Surgiram os primeiros cacauais. Daí para a frente nada mais se avistaria além de matas e sob elas as grandes culturas da preciosa e conhecida "teobroma". Essas culturas são feitas, invariavelmente, sob a proteção de outras árvores, para que o cacauero não sofra os rigores do sol, tal qual se faz também no Espírito Santo, conforme já expliquei em outro local deste livro. Nenhuma outra lavoura se faz além da cacauera, malgrado a fertilidade do solo, a acessibilidade da topografia que o serve, as características em geral de toda aquela riquíssima região sul-baiana; características que parecem convidar à policultura. Se tal região fosse dividida em pequenas propriedades e essas confiadas a autênticos lavradores, a camponeses legítimos, que produção ofereceria! Mas tudo aquilo pertence aos latifundiários do cacau. São feudos poderosos que só o futuro poderá desfazer quando, através de uma verdadeira reforma agrária, as terras forem entregues aos camponeses. Avançando sempre para o sul em busca do término da jornada, passamos por Gandú, Dois Irmãos — onde almoçamos — Itapujá,

antiga Pirani, povoações, essas em desenvolvimento franco e progressivo.

Eram precisamente dezesseis horas quando tomei lugar na Pensão Internacional. Encontrava-me em Itabuna, importante centro comercial do sul da Bahia. Para trás haviam ficado seiscentos quilômetros percorridos.

Itabuna encontra-se à margem do Rio Cachoeiras, regular corrente fluvial que as estiagens transformam num modesto ribeirão entrecortado de cascatas e pedrouços. É o centro controlador senão por excelência, intermediário de todo o movimento cacauero da região. Aos sábados superpovoa-se. Seu movimento nesses dias é realmente notável. São os dias de feira, em que todos fazem negócio. Há um fervilhar animador. Um como que renascimento de grandes e festivos dias. E esse movimento vai noite a dentro num chegar e sair de veículos, de tropas, carros, cavaleiros, cargueiros e pedéstre, até às primeiras horas da madrugada. Domingo amanhece calmo. O marasmo recomeça nesse dia para só desaparecer ao fim da semana e tornar, num círculo vicioso, após os sábados.

Caríssima é a vida na "capital do cacau". Sendo paradoxalmente nula a sua produção, excetuando-se o produto da aludida malvácea, tudo o mais é importado visto que os latifundiários, os fazendeiros monopolizadores da terra, em detrimento dos milhares de brasileiros da região, só cuidam do cacau, só permitem a cultura do cacau. Porisso mesmo a pobreza impera, a miséria campeia também em Itabuna. A falta de dinheiro é notável, o comércio, em geral, é deficitário, nunca descontando seus títulos, conforme informações bancárias que obtive. Ao contrário disso, os comerciantes pagam juros pelos títu-

los cujos vencimentos são invariavelmente prorrogados por vários meses, isto em que pese, é claro, as exceções, raras mas existentes.

A despeito disso, trezentos e tantos caminhões se movimentam entre Itabuna, suas zonas rurais e o pôrto de Ilheus. Para o serviço de passageiros e pequena carga, há, também, a Companhia de Viação Sul-Baiano, que tem, através de suas "marionetes", o monopólio do referido transporte nessa parte do Estado, além da Estrada de Ferro Ilheus-Conquista, em franca decadência.

Deixando Itabuna com seus jardinzinhos e sua paisagem bucólica, num calmo domingo, desci a Ilheus, a tradicional e famosa Ilheus, onde deveria passar uns oito dias. Entretanto, pela manhã do dia seguinte à minha chegada, partiria para Salvador, o "Mascote", miniatura de transatlântico, de que falarei mais adiante. Navio da Navegação Baiana, não haveria tão cedo. Outro qualquer transporte marítimo seria hipotético. Comercialmente, para meu ramo, nenhuma perspectiva me apresentava aquela velha cidade. Resolvi, em face de tais circunstâncias, partir naquele naviozinho. Eis porque não me foi possível colher mais amplos detalhes sobre Ilheus.

Pude, todavia, conhecer sua encantadora praia que, ao lado da Avenida João Pessoa, se alonga, imensa, para o norte — verdadeira Copacabana ao natural. Junto a ela, fitando ao longe esse mar cujas portas, outrora, a Colombo mandava-as fechar, Castro Alves, ampla a frente e levantada aos ventos, contempla e sonha, medita e queda-se no pedestal em que o povo de Ilheus ergueu-lhe o busto.

Do outro lado da cidade, em sentido oposto a essa praia, fica o Pontal — parte de terra firme que entra pelo mar, à guisa de cabo, terminando no

Morro Pernambuco. Nesse Pontal, entre vastos coqueirais, encontra-se o campo de aviação; é um bairro aprazível, onde se toma excelente água de côco e se gozam as delícias do banho, pois, também, ali são convidativas as praias. Para se alcançar esse local, que fica do lado oposto da baía de Ilheus, serve-se de embarcações a motor, a vela ou remo. Pelo lado da cidade, defrontando-se com o Pontal, ergue-se o Morro de Santo Antônio, que veda a entrada da aludida baía, à vista da cidade. Contorna aquele morro a Avenida Dois de Julho em cuja extremidade assinalada por um farol marítimo, sôbre um grande pedregulho, ergue-se um Cristo — talvez irmão dêsse do Corcovado, no Rio de Janeiro, igualmente de braços abertos para o mar, na atitude piedosa de quem viu morrer aos pés centenas de naufragos sem poder salvá-los.

E se assim fôsse, razão profunda assistiria ao Cristo de granito, pois foi uma tragédia brutal aquela do naufrágio, na calada da noite, de um navio da Baiana, em que pereceram quase todos os passageiros!

Entre outras coisas dignas de nota, conta Ilheus com a imponente Igreja de Nossa Senhora da Vitória, erguida no cimo da montanha que fica à retaguarda da cidade. No seu impecável estilo gótico esse templo, além de suntuoso é, realmente, um belo monumento de arte.

Como Itabuna, Ilheus tem sua vida social e econômica inteiramente ligada ao cacau. Dêsse produto depende a cidade, pois nenhuma outra fonte de renda importante existe no município. O cacau dá preço, Ilheus se agita e se movimenta; cai de preço a "teobroma", a decadência floresce. É uma cidade que vive em função do cacau. Tem um comércio regular, sempre sujeito a crises pelo motivo acima. Respeitã-

vel é o núcleo operário da aludida cidade, constituído, em sua absoluta maioria, de portuários. O pôrto está sempre cheio de embarcações de todos os tipos, tomando carga para ser entregue, fora da barra, aos navios, pois o acesso de grandes barcos, por falta de dragagem, é vedado à baía de Ilheus.

Topográficamente essa cidade é uma das mais feias que conheço. Espremida entre o mar e os morros, tendo pela frente, como disse, o Morro de Santo Antônio, não apresenta a mínima beleza panorâmica — além da paisagem marinha que oferecem a Avenida João Pessoa, um pouco afastada do centro, e os morros, se se faz o sacrifício de ascendê-los.

Poucos e pequenos são os jardins na cidade em alusão. Há um cinema e alguns cafés onde se reúnem, democraticamente e sem a mínima distinção, representantes de todas as classes sociais. Notei muita lhanza no povo ilheuense. Nas rápidas horas que lhe vivi ao convívio, senti o quanto é hospitaleiro aquele povo. Aliás, nada há que estranhar nisso, pois tudo é Bahia.

...As oito e meia horas, transposta a perigosa barra de Ilheus, o prático desceu ao seu bote, regressando e o Mascote aproou, firme, para o norte, enfrentando os escarcúes em fúria. Eram poucos os passageiros: eu, um senhor mecânico, um cavalheiro outro que não logrei saber quem era e uma baiana dengosa a quem, em Salvador, esperava o amado, conforme dizia sem ser interrogada...

Pequena era, igualmente, a tripulação e o comandante, atencioso e palrador.

O barco lembrava um batel à tempestade, tanto jogava. Entretanto, o mar era sereno. Ao longe, à esquerda, aparentemente reta, a linha branca das

praías intermináveis se alongava ornamentada de coqueirais, cujos exemplares mais altos pareciam hirsutos e aguerridos pagés, atentos, olhando a vastidão marinha e guardecendo seus sagrados domínios. A retaguarda, confundindo-se com as ondas, a mancha alvadia da cidade há pouco deixada mal se divisava.

As horas passavam, monótonas. Enjoados, dormitavam meus companheiros de viagem, exceto a baianinha que recebia atenções do comandante. Ansioso por ver algum dos feros habitantes do oceano, atento eu contemplava o medonho torvelinhar das ondas. Baldada tentativa, sequer uma sardinha humilde se me deparava.

Finalmente, às treze horas vieram saber se queríamos almoçar. Desci, imediatamente, ao salão de refeições, que a fome era chegada. As catorze horas houve modificação na rota, entrando o barco na baía de Camamu. Ali, numa ilha do mesmo nome, encontra-se instalada certa companhia americana — a proprietária do Mascote. Essa organização estrangeira montou, naquele local, uma usina para a fabricação de "baroid", espécie de cimento raro, especial para o revestimento de poços petrolíferos e fabrico de tintas, cuja matéria prima, a baritina, existe em abundância daquela ilha.

Quatro horas, seguramente, ficamos em Camamu, aguardando um carregamento do aludido produto. As dezesseis e meia horas desatracamos. O barco manobrou e novamente aproou para o oceano largo. A viração caíra forte e o mar, lá fora, mostrava-se impressionante. Ao chegarmos àquelas alturas não pude conter o riso ante a inédita sensação que me oferecia o pequeno Mascote galgando as convulsivas ondas. Tinha eu a impressão de montar um potro

bravo em corcovos incessantes, ora empinando-se como se quisesse cair de costas para, em seguida, abater-se para a frente, sôbre o solo e de novo se levantar, ora adernando-se à direita e à esquerda, mostrando a barriga em coleios vertiginosos. Vagalhões imensos levantavam-se-lhe à frente, quebravam-se-lhe na afiada quilha e banhavam, bipartidos, o exíguo convés da proa. Mas o intrépido naviozinho, como impávido golfinho, não recuava nunca, embora saltando mais à proporção que avançava.

A noite se levantou do mar, que se confundiu na treva, rebentando em florões fosforescentes. O ocaso, como todos os horizontes, era um só estendal de bulções ameaçadores. Ao invés do "molusco em chamas" de Arthur de Salles, o sol lembrava um fantasma encapuzado e frio, oculto nas sombras do ocidente.

Tornei ao tombadilho após o jantar. A noite se adensara mais. Lá fora, à direita, distante algumas milhas, na mesma direção que seguíamos, surgiram luzes sôbre o mar. Era outro navio. Mais possante, certamente, mais veloz, dentro de uma hora passou por nós e desapareceu à frente. As horas correram enquanto o vento soprava forte. Eu continuava na contemplação das ondas negras e convulsas, retraçadas, de quando em vez, pelo vôo ligeiro de aligeros peixes voadores que, ao reflexo da luz sôbre as águas, levantavam-se, assustados, quais gigantes gafanhotos de prata.

No horizonte do norte um vasto clarão subiu das ondas, varreu as amplidões marinhas e se perdeu no céu para de novo clarear. Era o Farol da Barra, em Salvador. Mais alguns minutos e as luzes da Capital baiana tremeluziram em colar estendido pelas praias. E o Farol, vigilante sempre, parecia dizer-nos com seus jatos de luz clara e possante: chegai-vos, nave-

gantes. Em seguida, mostrando-nos sua chama rubra, avisava-nos: cuidado, escolhos vos espreitam!

Passamos ao largo, à esquerda, baía a dentro. As vinte e três horas, aportamos. Estava concluído meu circuito através das terras e costas do sul baiano e eu retornava ao seio dessa cativante Salvador do qual ninguém se afasta sem levar saudades e recordações.

## DE SALVADOR A RECIFE

Queridos filhos:

Pelo meu telegrama último, suponho que devem saber da minha partida da capital baiana. Efetivamente, a primeiro deste mês, num trem misto da Leste Brasileiro embarquei com destino a Aracajú. Foi uma viagem estafante, de intenso calor e muita poeira, com superlotação permanente e solavancos de contrapêso...

Todo o dia passei-o atravessando as áridas terras do leste baiano pobre, sem vida e sem atrativos de qualquer natureza, onde o atraso é absoluto e apavorante a miséria. De quando em vez plantações de coqueiros malhavam a savana triste onde palmeiras silvestres completam a vegetação irregular, enfezada e compacta. Esparsamente algum laranja menos cuidado desmonotonizava, por instantes, o ambiente inóspito que logo se refazia para tornar-se mais agreste.

Estações pobres, com meia dúzia de casas modestas em torno — meio às quais, invariavelmente, erguia-se morada confortável, com pomar e flores, certamente residência do latifundiário da região — assinalavam pela terra em fora vestígios de vida humana naquele carrasqueiro estéril. Não muito raro, pelos caminhos que margeavam a linha férrea, nas plataformas das estações, abrigados em ruínas ou em lúgubres palhoças, viam-se grupos de retirantes mostrando aos que passavam sua tragédia medonha, sua

miséria clamante, causadas pela séca terrível que o sertão aniquilava.

Esse era, na sua quase totalidade, o aspecto desagradável que me apresentava aquela triste região da Bahia, cujo centro principal é Alagoinhas, que alcancei finalmente, após um estirão de viagem.

Trata-se, realmente, de uma cidade relativamente importante. Quer por sua população, quer pelo seu comércio, bem como pela sua indústria, Alagoinhas é a maior das cidades baianas por mim visitadas, depois da Capital.

Ali o trenzinho se deteve por muitos minutos enquanto nós, os passageiros, éramos passados e repassados em revista por aquela domingueira população esquecida e isolada naquelas bredos, àvida, sempre, de novidades, sequiosa de notícias dos maiores centros.

Finalmente, prosseguimos a marcha. A viagem, porém, de aí por diante, foi-se desenrolando com menos monotonia, não apenas pelo melhor aspecto da paisagem, mas também porque me veio ocupar o assento próximo uma passageira embarcada em Alagoinhas, cuja palestra era bastante agradável. A princípio cerimoniosa, tornou-se aos poucos palradora e em breve eramos bons camaradas. Fazendo-se de preciso e gentil cicerone, essa amável criatura me foi pondo ao par daqueles lugares que ela bem os conhecia.

Depois de passarmos por várias e inexpressivas estaçõesinhas, tocamos Entre Rios, o mais aprazível povoado daquela região. Aí pude ver alguma lavoura, índice de melhores terras. Várias e bem cuidadas fazendas onde se viam rebanhos bovinos bem tratados, apresentando lindos exemplares de zebu.

A tarde veio chegando mansa e meiga, trazendo consigo o vento fresco do mar não muito longe; vento sempre agradável em dias de calor como aquele.

A poeira, abundante e desagradável, fazia-me dos cabelos moita hirsuta de cerdas acamadas. Antes que a noite se fizesse definitiva, vi-me privado da amável companhia, que saltou na estação de Salgada.

Desceram, finalmente, as sombras no sertão. Pálida e medrosa, uma luzinha em crescente, espiava a terra lá das alturas. O trem que resvalava coleante e lerdo, estacou de súbito. Um vagão lhe saltara dos trilhos. Tal acontecimento, comum nas ferrovias nacionais, iria nos roubar alguns largos minutos para desolação de meu estômago que reclamava, muito justamente, a refeição vespertina. Felizmente não se delongou a reposição à normalidade. E a viagem prosseguiu permitindo-nos chegar, às vinte horas, a Barracão — hoje Rio Real —. Na Pensão Vitória, a bondosa D. Rachel — digna homônima da hebréia pela qual “Sete anos de pastor Jacob servia”, para não esquecer o luso genial —; D. Rachel ofereceu-nos, ainda àquela hora adiantada, sofrível e farta refeição.

Tendo conseguido, com um pouco de agilidade e outro de sorte, um quarto com uma cama só, logrei dormir regularmente, para acordar às três e meia horas do dia seguinte. Após um cafézinho agradável, cada qual, novamente, aboletou-se nos mesmos carros e no mesmo combóio da véspera, e partimos.

Não muito caminháramos e já entrávamos em território sergipano. A diferença era notável, pois o Estado de Sergipe, a despeito de pequeno é bastante trabalhado por seus habitantes. Vi lavouras de cereais, de mandiva e batatas, assim como vestígios de colheita de milho, cujos caules denunciavam a fecundidade da terra. Muitas fruteiras, densos coqueirais

cultivados e alguns rebanhos davam melhor aparência à perspectiva que se me distendia aos olhos. As fazendas bem cuidadas apresentavam campos de pastagens limpos, embora não escondendo a miséria do elemento servil — o camponês explorado, mal vivido, mal alimentado e pior vestido — a vegetar em palhoças tristes, dessas que se espalham pelo território nacional, de um a outro extremo do país, através de toda a sua zona rural.

O sol já se fizera nado e a marcha prosseguia. Travei conhecimento com um moço sergipano, bancário, agradável e palreiro como bom nordestino, cuja palestra, interessante por fugir à proverbial inutilidade da nossa gente, muito me prendeu, mormente quando abordamos o tema político-social — problema da máxima importância para nossa Pátria e para nosso povo — que ele discutia com entusiasmo.

Na alternativa de savanas é lavouras, pastagens e coqueirais, a paisagem se desdobrava ora sobre topografia semiplana, ora sobre zona montanhosa e adusta. Após umas seis horas de viagem, surgiram vestígios de mar próximo. Realmente, alguns quilômetros à frente vários barcos testemunhavam a presença de um recôncavo marítimo. Estávamos chegando a São Cristovão, ex-capital de Sergipe — segundo a informação do moço bancário — e um dos principais centros fabris desse Estado, cujo núcleo proletário é bastante significativo.

As treze horas e alguns minutos, depois de atravessar uma região idêntica ao sertão norte mineiro na zona do cristal de rocha, entramos a descer na direção do litoral. Não tardaram a surgir as restingas pontilhadas de lindos coqueiros e frondosos cajueiros. Mais afastado dali, à minha direita, elevavam-se os altos cômodos de areia branca e muito lim-



Vista panorâmica de Aracajú, Sergipe, vendo-se a Av. Ivo do Prado



Tradicional e encantadora praia da Boa Viagem. Recife. Pernambuco

pa, distendendo-se para o norte, a ocultarem o mar que rugia estrepitosamente.

Adensaram-se os cajueiros; os coqueirais se fizeram mais amplos na quantidade. Dentre êles os mocambos iam surgindo para logo ceder lugar aos bairros proletários melhor edificados, os quais, por sua vez, cediam campo às residências burguezas mais ricas e melhor cuidadas.

Chegamos, finalmente. A custo desvencilhei-me daquele acúmulo de povo na estação, desembarquei minhas malas e tomei um carro que me levou ao Hotel Avenida, onde me esperava uma surpresa: D. Rosa, a proprietária do hotel, recebeu-me embaraçada. Efetivamente meu telegrama pedindo reserva de quarto chegara a tempo mas... ela estava casando uma filha e o estabelecimento se encontrava superlotado.

Naquela desagradável contingência um colega cedeu-me seu quarto até que me alojasse definitivamente.

Tendo a própria alma empoeirada; com fome, com sono e cansadíssimo, corri ao banheiro. Não havia água, a bomba enguiçara! Socorreu-me a Judite — bom pedaço de sergipana amável — trazendo-me duas latas do precioso elemento. Com muita dificuldade, pois não estava acostumado àquele gênero de banhos, joguei um pouco d'água sôbre a carcaça valendo-me de pequena cuieté. Ao fim de algum trabalho e um pouco de ginástica forçada, libertei-me de uns cinqüenta por cento da sujeira. Os outros cinqüenta por cento ficaram a cargo do enxugador...

Dali corri ao bar mais próximo a fim de me lavar interiormente. As catorze horas, com um almoço oportuníssimo, dava eu por concluída aquela etapa ferroviária.

Aracajú, panorâmicamente, é muito agradável. Localizada numa vasta planície litorânea, começa junto à baía que lhe dá acesso ao mar próximo, e se espalha para oeste e para o sul, em ruas extensas e retas, em esquadro, até às pequenas elevações junto aos cômodos de areia. Servida por um comércio regular, possui um excelente e farto mercado público. Vários estabelecimentos bancários e fabris concorrem para a vida econômica de certo modo desafogada da Capital sergipana.

Das avenidas de Aracajú destaca-se a Ivo do Prado, pela sua aprazível condição de alongar-se junto à baía. A Praça Fausto Cardoso e o Parque Teófilo Dantas, são os mais lindos logradouros da citada Capital, cujo tamanho e cuja população nem sequer se podem comparar a qualquer das grandes cidades do sul do país.

Do outro lado da baía, vem-se vastos e densos coqueirais e nas adjacências estão as salinas, em grande número.

O povo sergipano é acessível e comunicativo. Em pouco tempo de convívio o forasteiro relaciona-se com os conterrâneos do imortal Tobias Barreto.

O transporte marítimo de Aracajú é praticamente nulo. Seu pórtio não dá acesso a navios de maior calado por falta de dragagem. Assim sendo, quando se quer tomar um navio maior, tem-se que ir a Salvador.

Da aludida Capital sergipana partem e a ela chegam, diariamente, num movimento notável, dezenas de "sopas" — ônibus — que estabelecem comunicação com os sertões baianos, alagoanos e pernambucanos, além interior de Sergipe.

Não me permitindo o tempo permanecer mais dias em Aracajú, dali parti diretamente, por via aérea,

para Recife, onde cheguei após uma hora e quarenta e cinco minutos de voo, numa viagem rápida, porém, monótona, como toda viagem desse tipo. Sobretudo esta me foi desagradável, principalmente porque não me permitiu, como era meu desejo, assistir, mesmo rapidamente, à triunfal entrada do São Francisco do Atlântico.

Concluída estava a minha viagem de Salvador à Capital pernambucana — a encantadora “Veneza Brasileira”, da qual falarei oportunamente.

## DA “MAURICEIA”

Meu prezado

Ligiero:

Saúde, paz e prosperidade acompanhadas de muito banho, muita banha e tudo o mais indispensável para que um mortal possa, sofrivelmente, viver nessa decantada São Sebastião do Rio de Janeiro, onde tudo falta, inclusive moral e vergonha aos que, acastelados nos postos do comando administrativo, a cada instante mais transigem contra o povo carioca e a favor dos exploradores de todos os naipes. Eis o que te desejo e aos teus, ao acusar-te, um tanto tardiamente, a magnífica e inesperada missiva não dada.

Eu disse inesperada porque, em verdade, acreditava, sinceramente, na tua manifestação, porém, jamais assim, pronta, imediata, o que me veio provar a atenção que te merece o velho amigo, dos velhos tempos da velha paz bucólica do interior fluminense.

Vê, amigo, como de tão velho só me ocorre ao bestunto este pavoroso adjetivo: velho! Mas te quero agradecer a carta em referência, no que diz respeito à tua apreciação sobre meu poema. Agradecimento não se deve dar por um pedaço de alma que de um amigo nos vem, através das distâncias, no desconhecido, fraterno como um beijo de irmã. E foi isso o que me sugeriram as tuas palavras.

Todavia, palestremos, não antes que te diga, numa ligeira digressão, que essa tua carta, por ins-

tantes, me fêz passar por insano. Explico-me: tua linda missiva me foi entregue pelo carteiro, à saída do hotel. Tomando, a seguir, o bonde repleto, não me contive, fui lendo a tua mensagem, que era um pouco de ti mesmo comigo naquele veículo da Capital baiana. Entre saudoso e satisfeito bebia pelos olhos as tuas palavras, silenciosamente, é claro. Mas isso aconteceu apenas até aquele trecho sobre Copacabana, cujas ondas lavam todos os pecados inclusive as "coisas tôdas que começam pela segunda letra do alfabeto". Não podendo conter o riso ante aquela pilhéria maledicente, explodi numa inoportuna e escandalosa gargalhada. Bem podes imaginar um tal escândalo, principalmente em local como aquele em que me encontrava. Olhava, aos montes, sobre mim caíram, interrogativos, irônicos, escandalizados, provocadores e até piedosos.

Não tive outro recurso ante o alarme imprevisivelmente provocado, senão explicar aos que de mim mais próximos se encontravam, lendo-lhes o trecho provocador da cena, provando-lhes, assim, que me achava em plena integridade mental. O resultado daquela explicação foi a propagação do riso em gargalhadas que se reproduziram através de outras bocas, quase se generalizando. Houve uma espécie de contaminação automática de riso que atingiu até aos sidos distantes, os quais riam também, embora ignorando a razão daquela coletiva euforia.

E foi assim, querido Ligeiro, que, em Salvador, há quinze dias, li a tua encantadora missiva. Deixei, porém, a respectiva resposta para t'a enviar daqui de Recife.

Deveria falar-te da Bahia, pois de lá venho. Se o fizesse, entretanto, estaria repetindo coisas já ditas em outra missiva que participará, como esta,

do meu futuro "Pelos Caminhos do Brasil", retrospecto de meu peregrinar pelas terras pátrias, que espero ainda submeter à tua valiosa apreciação.

Eis porque te vou falar de Recife, esta grande capital do norte brasileiro. Vê bem que digo norte e não nordeste como fôra lícito dizer, porque para mim Recife é a metrópole máxima do Brasil setentrional.

Isto porque não se trata apenas de beleza panorâmica, de apazibilidade topográfica, de encantos paisagísticos a que os mares nordestinos, em harmonia com os céus, a terra e os rios da pátria de Pedro Ivo, emprestam todo o encantamento, tôda a sua magnificência, e que o sol dos trópicos cobre pelas manhãs prematuras e ametísticos ocasos ornamentais de lhamas. Não apenas porisso mas igual e principalmente por se tratar de uma cidade viva, pujante, respeitável no arrôjo de suas realizações retratadas na arrogância de seus edifícios modernos, nas suas velhas e modernas pontes, nas grandes praças e jardins que lhe ornamentam o seio, nas lindas praias com seus aprazíveis balneários, nos empórios comércio-industriais que lhe alicerçam a pujança econômica, nos estabelecimentos educacionais que servem de base à tradicional cultura de seu povo, nos empreendimentos civis e militares, na importância indiscutível de seu movimento marítimo, transatlântico e de cabotagem, na expressão de suas vastas rês de comunicações e até, como não poderia ser de outra forma, por se tratar de uma cidade brasileira, na paradoxal miséria do seu proletariado, retratada, não apenas no mocambo chafurdado no pântano, mas igualmente nas favelas trepidas nos morros adjacentes, tudo isso fazendo ressaltar dentre as suas congêneres, a formosa Capital do indomável "Leão do Norte"!

Como sabes, Recife é a cidade que nasceu entre as dobras colossais de ciclópica serpente: o Capebe-ribe. Esse rio, para chegar ao oceano através da planura, vai como lerda gibóia, coleando por quilô-metros. Esses coleios se alongam e se sucedem, formando uma seqüência de centenas de metros de largura, entre os quais cresceu o casario em bairros distintos que se precisavam ligar, comunicar inevitavelmente. Como realizar essa comunicação, porém, se o corpo do colossal ofídio ali estava embargando os passos à cidade, transformado numa caudal inconstante, ora buscando o mar, ora fugindo dele: vezes atrofada, humilde, outras pletórica, arfante e ameaçadora conforme o desejo das marés? Através de barcos? Não, certamente. Seriam três, cinco, dez, incontáveis e sucessivas travessias, e tal movimento, por certo, levaria ao congestionamento do tráfego. Só um recurso prático havia: as pontes. E essas foram estendidas. Primeiro a Boa Vista, depois a Mauricio de Nassau, e logo a Seis de Março e assim por diante uma após outra foram surgindo, inclusive a metálica giratória que serve a todos os trânsitos desde o pedestre até ao ferroviário. E a ligação ficou absolutamente resolvida entre todos os populosos bairros, começando pelo do Recife até o último, recuado lá para as distâncias ocidentais da planura por onde a cidade avança e cresce, conquista alagadiços e se amplia cercada por vasta muralha de colinas em semi-círculo.

Mas eu não posso e nem devo tentar descrever Recife. Além de ser tarefa superior às minhas minguadas possibilidades literárias, não posso esquecer que tu, meu dedicado amigo, gostas de ler coisas que não te irrite os nervos, não te cansem a vista nem te entristeçam o espirito.

Todavia, não me perdoaria a mim mesmo se silenciasse sobre coisas magníficas da "Mauriceia". Dentre elas, por exemplo, encontra-se Boa Viagem, uma das mais encantadoras praias desta Capital, onde o mar apresenta variadas gamas, inclusive a côr de esmeralda com largas manchas azuis. As ondas nessa praia, ao contrário das demais, não se quebram na areia e sim numa extensa e natural defesa de recife submersa; defesa que se alonga indefinidamente, de maneira a proteger aos banhistas da violência das vagas. Uma avenida asfaltada distende-se por quilômetros entre o mar e os coqueirais cheios de frutos, que povoam toda aquela orla marítima, emprestando a Boa Viagem um encantamento todo especial.

E seria justo, falando-te de praias, esquecer Olinda — a magnífica Olinda das praias dos Milagres, Carmo e São Francisco — de onde as jangadas, resvalando mar a dentro, à mão segura de intrépidos jagadeiros, vão-se para longinquas paragens marinhas de onde regressam, quanta vez, após dias de labuta?

Farol de Olinda! Ele está bem junto às praias, é natural, portanto, que destas áquele me transporte nestas insulsas alusões. Alcandorado no cimo da colina, esbelto no seu porte medieval, noite após noite, séculos em fora, ei-lo varrendo os escarcéus com seus feixes de luz, rumo apontando aos navegantes. Soberbo é o Farol de Olinda! Entretanto, não apenas dêe se compõe a histórica e pequenina cidade ex-capital de Pernambuco. Ali está o seu tradicional seminário católico, tristonho e silencioso, amoldando sempre, aos caprichos, preceitos e rituais do catolicismo, gerações e gerações de criaturas. Ao pé do seminário, a Catedral da Sé, cujas paredes, ene-

grecidas pelo fumo do tempo, guardam tesouros de tradições e lendas nas riquezas inestimáveis de seus paramentos e imagens. Em torno desses sacros monumentos, o velho casario, encardido e solarengo, a dormir como um relicário da História. Mas Olinda não resistirá por muito tempo mais à investida iconoclasta do progresso. A moderna arquitetura começa a investir-lhe os domínios derrotando as antigas construções. É a marcha da vida!

Meu querido amigo, perdoa a minha prolixidade, mas eu estou falando de Recife. Insulto seria ou desconsideração patente ao "pais do frêvo", meu silêncio em relação ao seu magnífico Parque Treze de Maio, tão grande quanto atraente em seu conjunto recreativo. Ao suntuoso Parque Dois Irmãos com todos os seus atrativos, da ictiologia — de que se destacam soberbos pirarucus — à zoologia propriamente dita, que nos mostra exuberantes e bem cuidados tigres brasileiros, bandos de palmípedes silvestres, pernaltas, columbinos etc.; da flora ali representada por frondosas matas, ao urbanismo presente nos jardins, nas encantadoras aléias e nas pérgolas ensombradas a se refletirem no vasto espelho de um lago bem cuidado.

E a Praça do Derbi, na sua bucólica beleza, com suas ilhotas em miniatura, seus lagos artificiais povoados de belas Vitória-Régias ostentando a flor lendária a boiar entre as bandejas verdes das imensas folhas da ninfeácea rara?

E a Praça das Mangueiras cuja arborização compacta é constituída exclusivamente das preciosas terebintáceas?

Entretanto, não me é possível ficar somente na referência a essas coisas bonitas de Recife. Seria, se o fizesse, lesar a verdade descritiva, porque

outras e importantes coisas participam deste grande conjunto citadino. Dentre elas, o Quartel da Polícia Pernambucana, a Escola de Medicina, a Maternidade de Recife, a Escola de Aprendizes Artífices, a Escola Industrial Masculina, a histórica Faculdade de Direito e tantos, outros estabelecimentos, cuja importância arquitetônica é parte integrante da famosa Capital.

Na planura vamos encontrar, bem recuados do centro comercial, com toda a sua aglomeração populosa, os bairros Espinheiros, Encruzilhada, Casa Amarela e tantos outros, destacando-se estes, principalmente, por suas feiras interessantes e animadas. Avançando-se mais para oeste encontra-se a tradicional Apipucos, um dos maiores empórios fabris de Recife, onde labuta um proletariado respeitável, não, apenas, por seu número, mas, especialmente, pelo seu grau de consciência de classe. Por isso mesmo essa grande fábrica já proporciona algum bem-estar aos seus operários tal como hospital moderno, com várias clínicas e outros melhoramentos.

Ainda nessa região suburbana pitoresca e vasta, como autêntica favela carioca, se eleva o Morro do Arraial, apinhado de residências proletárias, meio as quais, num contraste achincalhante, se destaca uma estilizada e elegante igreja.

Mas já deixarei os subúrbios, que é tempo de tornar ao centro metropolitano. Nesse regresso vou contemplando, não apenas a mutação do casario, que passa de moradas modestas, para as elegantes construções, à proporção que do centro me aproximo. Quando assim não é, são as chácaras — as colossais chácaras avoengas, ocupando áreas imensas de ótimo terreno utilíssimo à coletividade, se transformado em pequenos lotes, vendidos a preços acessíveis. Todas

essas propriedades se encontram, invariavelmente, tomadas por vastos arvoredos de que participam principalmente mangueiras. E os lerdos e obsoletos bondes — única nota dissonante no dinamismo de Recife, vão me mostrando êsses aspectos da capital em aprêço, que eu contemplo emocionado e saudoso.

... Anoiteceu e o comércio tem cerradas as suas portas. Tôda a atividade comercial desapareceu como por encanto. Um silêncio de abandono erra através das ruas solitárias em que se erguem altos edifícios aparentemente despovoados. A proporção que se caminha para os lados do mar, êsse silêncio vai desaparecendo, vai cedendo lugar a um bulício diferente e suspeito que vem de cima, do alto dêsses gigantes de cimento armado. É o meretrício, verdadeiro contraste nesta famosa Capital. São os bordéis que se encontram justamente no centro comercial, principalmente em tórno do Mercado Público, da zona bancária, instalado nos edifícios e sobrados da velha Recife.

É de ver as míseras criaturas, lá do alto, aos grupos, nas sacadas, em mostruário aos que passam cá em baixo, convidando todos a uma ascensão aos seus domínios...

O imenso cais repousa a alguns metros à frente. Junto a êle, vários navios descansam, silenciosos, enquanto o mar, lá fora, além do forte quebra-mar, rebenta em florações de espumas na eterna investida contra a amurada externa do Capeberibe que, fluindo, vagarosamente, na preia-mar em declínio, se povoa de várias embarcações ancoradas.

Se contemplássemos êsse mesmo cenário, pela manhã ou pela tarde, veríamos êsses barcos, ao chegar ou partir, velejando mar em fora ao sópro rijo dos marinhos ventos.

A entrada da barra, mais para nordeste, já agora inofensivo, ergue-se o velho forte que as vagas no seu eterno arremeter vão aos poucos destruindo. Não é mais que um símbolo e um testemunho das lutas coloniais, que ali dormem o sono do ostracismo. Dêsse forte, para os lados de Olinda, prossegue a muralha imensa que visa tomar ao oceano vasta zona territorial por êle dominada.

Resultante da última guerra, ficou em Recife a sua grande Base Naval. Trata-se de importante realização no gênero, ajudada a construir pelos norte-americanos quando aqui estiveram causando tantos dissabores ao povo e praticando tantos atentados à nossa soberania.

Meu tolerante amigo, falei-te um pouco de Recife, entretanto, nada cheguei a dizer-te da grande terra de Joaquim Nabuco. Todavia, é tempo de atender ao ponto final que, advertindo-me contra esta estafante prolixidade, aqui está na iminência de cair da tecla... Terminarei já, portanto. Não o farei, entretanto, sem ligeira alusão ao povo pernambucano; ligeira alusão porque impossível me é ao mesmo dedicar um livro!

Encontrei no povo pernambucano sensível afinidade com o povo gaúcho, guardando-se, naturalmente, as características respectivas e regionais. Esta, como aquela, é uma gente alegre, afável, expansiva e acolhedora. A fraternidade, o acolhimento, a hospitalidade são apanágios dos nortistas e nordestinos brasileiros, bem o sabemos, assim também como dos sul-riograndenses.

Mas o povo das duas regiões aludidas, principalmente o porto-alegrense e o recifense, tem uma característica própria e destacada de tratar o forasteiro, de receber os irmãos de outros Estados.



## SOB OS CÉUS DO TOCANTINS

Pedro, amigo:

Não sei se foi o destino ou mera coincidência que me forçou à confirmação da tua assertiva ao te referires — de maneira para mim desvanecedora, aliás — ao meu “O Rio Doce”.

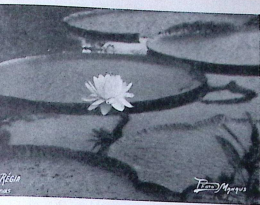
Disseste naquele interessante trabalho crítico que eu ando agora “trepado num avião a percorrer o Brasil”. Efetivamente, à última vez que nos encontramos — por sinal à hora primeira do corrente ano — dizia-te, no Rio, do meu embarque, àquele próximo dia dois, com destino a Porto Alegre. Então eu ignorava o que havias dito a meu respeito. Li a tua crítica voando para a capital do Pampas. Minha curta permanência ali, privou-me do grato dever de responder-te. Alguns dias após, e aqui estou, num extremo geográfico absolutamente oposto, escrevendo-te da capital paraense — esta pitoresca Belém, cujo regaço se me oferta, dadivoso e cáldo, diferente e acolhedor.

Por cenário tenho, ao datilografar-te esta carta, através da janela do Central Hotel, o Amazonas. Sim, porque embora se me distenda à vista a soberba Guajarará, o domínio é do Rio-Mar que as águas impulsiona ao seu arbítrio. Ao longe a sub-selva, intensamente verde, estende sua vasta franja esmeraldina pelas silenciosas e alongadas margens. Ontem, portanto, no “País do Sul”, hoje nas plagas tropicais do norte, eis a realidade.

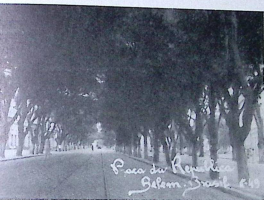
Um poeta mineiro disse, certa vez, que eu sou “o cavaleiro andante da poesia”. Tu disseste que eu “vivo trepado num avião percorrendo o Brasil”. O poeta e o filósofo, (deixa-me silenciar quanto ao poeta que, igualmente, vive em ti) distantes e desconhecidos, identificam-se no julgamento a meu respeito, não, apenas, numa sensível afinidade mental, mas, igualmente, numa gentileza que me envaidece e comove.

E se já contaste aos teus leitores a vida que levo nesta minha nova etapa de lutas, natural é que, confirmando os teus dizeres, a eles conte um pouco destas minhas corridas aéreas sob os imensos céus do Brasil. Mais uma vez me valerei, portanto, se te é do agrado, do teu querido “O Arauto”, como veículo dessa minha narrativa. Antes, entretanto, deixa-me agradecer-te pela tua crítica ao meu poema. Entre as inúmeras virtudes que preponderam sobre os teus defeitos, tens a de ser sincero, ser franco. Eis porque aceito a tua apreciação e não me escudo na falsa modéstia, alegando generosidade tua, porque não me assiste esse direito quando se trata de um Pedro, de um Ligiero, de um Laranjeira e de tantos outros que me honram com a sua dedicada amizade. Por esta razão recebo a tua crítica como um grito espontâneo e leal de quem gostou de “O Rio Doce” e, com a autoridade a que faz jus, ofereceu, de público, sua valiosa opinião. Muito obrigado. E agora... “Sob os céus do Tocantins”:

...Eram precisamente cinco horas. O “AVRO” da Aerovias monabrou, pondo-se em posição de largar, tendo à sua direita, dormitante ainda, a Escola Naval. A seguir, roncou forte e resvalou pela faixa alvadia do “Santos Dumont”. Saltou por cima



olo da pujança e da beleza virgem da Amazônia, a  
a Régia, é bem um traço do encanto de Manaus — a  
"Cidade Branca do Rio Negro"



ém do Pará. Notável arborização de mangueiras.  
Praça da República

da Governador, inclinando-se para a esquerda. Não ia para o norte nem se voltava para o sul. Seu rumo era o do este. Através da Serra do Mar pude reconhecer a região sôbre a qual voávamos, até Valença, mais ou menos. Depois tudo se me tornou estranho e desconhecido, coisa, aliás, muito natural aos que se encontram a muitíssimos metros de altura. O voo era firme e os minutos passavam rapidamente. Eu sentia que penetrava cada vez mais o interior do Brasil, a direção, porém, que me ficava em frente me era desconhecida. A tripulação nada me podia informar, é claro. Muito menos os passageiros, cada qual abismado em seu mutismo. O aero-moço, sempre gentil com todos, tinha suas principais atenções prêsas a uma paraense bonita — espécie de encarnação do riso naquele ambiente carrancudo... Em tal emergência, eu me contentava em olhar a terra, lá em baixo, despovoando-se de píncaros para se distender, imensurável, na direção de tôdas as latitudes, como se tudo, por um passe de mágica, fôra transformado numa plaura imensa. O frio se fazia insuportável naquelas alturas e o recurso eram os cobertores de lã postos à nossa disposição e aos quais recorreramos todos nós os passageiros.

Eis que aparece a ordem de afivelar cintos. Iríamos descer. Na verdade um inclinar de azas confirmou essa suposição. Meio à vastidão de campinas verdes, como rebanho adormecido, uma cidade se espalhava. O "Cetáceo alado" fêz a curva do estilo, baixou em meia espiral, modificou a marcha e pousou, elegantemente, no campo coberto de grama. Pararam os motores e a clássica escadinha foi encostada à porta do avião. Saltamos, dirigindo-nos à estação aérea que ostentava no frontal o belo nome de Uberaba.

Sete e meia horas marcava o relógio dêsse aeroporto. Há cento e cinqüenta minutos, portanto, havíamos deixado o oceano largo na guanabarina plaga e ali estávamos, em pleno coração da terra brasileira onde "Turbante", o célebre touro zebú de milhões de cruzeiros — tal como um ditador fascista — fazia ecoar seu berro de príncipe e déspota absoluto da bovina e privilegiada raça, que levou à derrocada e nasceu os pecuaristas dêsses rincões longínquos e esquecidos.

Não foi longa a demora na Capital do Triângulo Mineiro. Ai se incorporaram aos companheiros de viagem, um padre macilento, de olhos tristes, magro e claudicante, uma freira gorda, quarentona, ambos de côr acaboclada, e uma senhorinha loura oxigenada, feia, espiando a gente através de antipáticos e arrogantes óculos escuros. Esta ficaria logo adiante. Os religiosos prosseguiriam até Pôrto Nacional.

Outra vez nos ares. Agora rumávamos para o norte. As nove e trinta e cinco minutos, segunda aterrissagem. Outra cidade espalhava-se no planalto imenso, mais belo, mais verde, mais exuberante. Era Goiânia, a simétrica metrópole de Goiaz, cuja topografia é das mais lindas que conheço. Proseguimos às dez horas e vinte minutos, para descer novamente, um quarto de hora após, em Anápolis, grande cidade goiana, onde deveríamos almoçar se o cozinheiro da respectiva pensão não se tivesse resolvido procurar melhores proventos alhures, deixando-nos com fome. Por caprichos da sorte ali permanecemos uma hora e muitos minutos, tendo por refeição apenas um cafézinho com biscoitos. Finalmente partimos. A freira começou a sentir-se mal. O padrezinho rezava mais à proporção que a palidez lhe aumentava. O aero-moço tornára-se mais íntimo da

paraense. Outros passageiros dormitavam e dentre eles um mal encarado sertanejo que, acompanhando a freira nos esgares, parecia levar um caranguejo no estômago... Eu, contentava-me com a leitura, enquanto o "AVRO" rasgava, aos flocos isolados, os estratos suspensos na amplitude. Surgiram prenúncios de mau tempo. Nuvens densas e pesadas ergueram-se, côm de chumbo, ao nariz do avião que, enfrentando-as galhardamente, caía a todo instante em vácuos sobressaltantes. A cada oscilação da aeronave a freira erguia-se, olhos esbugalhados como se pretendesse fugir e... metia a carantonha no saco dos enjoados. O padrezinho rezava mais, (pobre e saráfica criatura!) desfiando seu rosário negro que, em círculo, lhe passava nas mãos esqueléticas, enquanto o antipático sertanejo, emborcado lá para um canto, buscava na sonolência alívio ao seu terrível sofrimento...

Deixáramos Anápolis às onze horas e quarenta minutos. Suspendendo a leitura, volvi meus olhos para a vastidão da terra que se distendia, imensurável, para todas as direções, contemplando, lá das nuvens, aquela magnificência topográfica, ubérrima e abandonada, despovoada e selvagem que é esse vasto interior centro-brasileiro. E nessa contemplação meu pensamento voltava-se para a situação do nosso povo sofrendo privações e falta de alimento em toda a parte, enquanto a terra ali estava, virgem e prodigiosa, a ofertar sua feracidade rara, como no Brasil inteiro, para livrar da fome os brasileiros todos. Bastaria que os nossos governos quebrassem as algemas aos interesses imperialistas e latifundiários que nos escravizavam, e distribuissem essas terras com os verdadeiros camponeses, dando-lhes transporte, ensino técnico, saúde e toda a sorte de amparo

inclusive a máquina e a proteção contra os intermediários açambarcadores.

De novo o nosso pássaro de alumínio entrou a enfrentar mau tempo. Vácuos outra vez se fizeram sentir seguidos de estremecimentos da aeronave. Agora o padre e a freira pareciam disputar o mal-estar. O primeiro tornára-se seráfico. A segunda tomara a suspeita côm de certo credo político. Tal estado das imaculadas criaturas impressionava-me deveras, tanto mais que, já agora, eram eles os únicos que sofriam sendo, igualmente, os únicos que rezavam.

Se não me falhavam rudimentares conhecimentos potamo-geográficos bebidos em mapas comerciais, sob meus pés, a mil e muitos metros abaixo de mim, àquela altura, corria o rio Urubu, entre a vastíssima Chapada dos Veadeiros, onde as pequenas lagoas, às dezenas, chagavam aqueles ermos férteis e palúdicos.

Olhos fitos na vastidão do magnífico planalto, meu pensamento se voltava para a gloriosa Coluna Invicta quando, à luz de uma convicção inabalável, tendo a comandá-la o genial Cavaleiro da Esperança, traçara aqueles rincões na luta incessante pela Pátria e pelo povo brasileiros.

A proporção que avançávamos outras correntes fluviais iam surgindo de ambos os lados, todas se congregando e convergindo para a grande artéria que surgiria além. Seriam os rios das Almas, Tocantinzinho, Paranã-Palma e tantos outros, todos caminhando na mesma direção para a qual avançávamos lá das alturas. Por fim surgiu o magestoso Tocantins, cujo traçado o avião começou a seguir como se tentando cercá-lo alhures. Ao longe, recuada no horizonte de oeste, distendia-se vasta e esbelta cordilheira



lusco-fusco. Também lá em baixo, imobilizada, a selva se fazia apavorante. Os horizontes de norte se nos mostravam sombrios e ameaçadores. Gigantescos castelos de nuvens, em bulções negros, se erguiam à proa do avião que, enfrentando-os, caía em vácuos sucessivos e acentuados, dando-nos a impressão de estarmos sobre um mar tempestuoso. A visibilidade fêz-se quase nula, permitindo-me apenas ver a selva em tôdas as direções, monstruosamente negra, traçada pelo gigantesco rio.

Entre céu de tempestade e selva ameaçadora, a nossa intrépida "ave metálica" voava firme. Relâmpagos riscavam os infinitos no fundo dos quais deixavam fugaces arabescos de ouro. Era a tormenta medonha! A ordem de "afivelar cintos" voltou a brilhar em côr vermelha sobre a porta da cabine de comando. O "AVRO" estremeceu, mergulhava no espaço, ergui-se de pronto e avançava intrépido, já agora iluminado.

Nem uma luz brilhava no seio vasto e negro daquele mar de selvas, misterioso e infundável, denunciando existência humana. E eu, mergulhado em minhas cismas, pensava na hipótese de nos precipitarmos naquele abismo. Olhos voltados para o relógio, via-lhes os ponteiros tomados de paralisia. Já agora os minutos me pareciam infundáveis...

O rio colossal era uma vasta mancha indefinida, ao longe. Subiu daquela selva medonha uma noite pavorosa. Vieram as dezenove horas. A um sinal do aero-moço compreendi que iríamos baixar. A minha direita avistei, ao longe, em floração incerta, um punhado de luzes semi-mortas, Belem à vista, eis a informação que me chegava aos ouvidos. Mais alguns minutos, e o valente "Douglas" riscava a pista iluminada de Val-de-Câns.

Era finda a colossal jornada. Onze horas aproximadamente de vôo quase em linha reta, trouxe-me da Capital da República ao extremo norte da Pátria, a esta Amazônia fabulosa de que espero contar alguma cousa.

Mais uma corrida de automóvel sobre ruas molhadas e tristes, e me encontrava repousando da fatigante viagem.

## ATRAVÉS DO RIO-MAR

Meu caro  
Enéas:

Não duvido de que, a estas horas distantes, de vinte e seis de novembro de mil novecentos e quarenta e seis, já não mais te lembres deste teu pequeno amigo a quem tua lira, espontânea e sensível, tanga á inspiração de iluminada musa, teceu, em versos delicados e sinceros, um poema harmonioso, coroandolhe, de maneira diferente, o modesto filho espiritual nascido, como bem o disseste entre os soluços de uma dor incruenta e as farpas apunhalantes de saudade imorredoura. E não duvido ainda de que, nesse possível alheamento, penses que me tenha feito indiferente à tua dádiva — das mais ricas e mais emotivas de quantas, pelo mesmo motivo, outros e sinceros amigos me teem oferecido.

E estarias, por ventura, cometendo falta se se confirma esta minha presunção? Absolutamente, por certo. Atravessamos uma fase madrastra quanto à vida nacional, especialmente no que tange ás nossas coisas literárias. E de tal sorte é essa fase predominante, que tudo é permitido admitir-se a respeito de descaso pelas letras. Todavia, no que me toca, tal realidade não se verifica. E espero que jamais se venha verificar. Silencie, é verdade, por longos meses, ante os teus expressivos versos, por injunção exclusiva das minhas atividades profissionais que me veem, há precisamente dôze meses, empurrando pelas terras do Brasil, desde as águas do

Uruguai, às caudalosas e borrentas vagas deste Rio-Mar, sobre cujo dorso dou início a esta carta.

E desejarias tu, meu delicado poeta, melhor e mais propício ambiente para responder alusões a trabalho sobre um rio? Bendigamos, pois, nós ambos, esta feliz coincidência que me permite uma satisfação duplamente real: agradecer-te “Ave Poeta”, o teu belo poema, e falar-te um pouquinho do muitíssimo que te desejaria dizer sobre este “Real rei dos rios do universo”, para não esquecer Quintino Cunha, poeta cearense e mais um dos ufanistas que teem escrito a respeito da Amazônia.

É, portanto, valendo-me desta coincidência que te passo a narrar minha jornada através do grande rio; jornada cujo início se verificou, há três dias, em Belém do Pará. Começo esta carta precisamente a oito de março deste 1947.

### O NAVIO

Transporta-me o “Rio-Mar”. É um velho “gaio-la” ex-propriedade da SNAAPP (Serviço de Navegação e Administração Amazonas Pôrto Pará) que o encostára como “ferro velho”, pois sua reforma, orçada em mais de dois milhões de cruzeiros, não seria compensadora.

Por meios escusos de negociatas imorais em que se empenhou a advocacia administrativa, foi o aludido navio adquirido por determinada firma de Belém. Sofreu ligeiros reparos nas máquinas, uma pintura a “la diable” e ei-lo armado como navio de classe, entregue ao trânsito, não passando, na verdade, de cargueiro imundo, verdadeiro foco de insalubridade. Sem qualquer fiscalização da Saúde Pública, entregue à voracidade de quem só visa a lucros; não ofere-

cendo o mais rudimentar princípio de conforto; possuindo um serviço de cozinha e mesa dos mais infames, este navio, em qualquer outra parte do mundo civilizado talvez só pudesse transportar animais e cargas, isto havendo muita condescendência. . .

Estamos, entretanto, ainda e infelizmente, num Brasil semi-colonial, de inéptos ou corruptos administradores, e sobre tudo na Amazônia! Eis porque o "Rio-Mar", desafiando as mais comezinhas normas de higiene, aqui vai repleto, superlotado de criaturas humanas e de alguns irracionais quadrúpedes, além da carga tremenda que leva, inclusive inflamáveis! Este o navio em que me transporto.

### A VIAGEM

Estávamos a dois de março. Pelas oito horas, entre a azáfama, a balbúrdia dos que iam partir e dos últimos aprestos da tripulação; aos adeuses e acenos dos que ficavam, bem como à emoção natural em todas as partidas, o navio afastou-se, vagarosamente. O dia era claro. Ao longe, na outra margem da Guajará, distendia-se a muralha verde da sub-selva amazônica, densa e brutal, que nos guarneceria, por dezenas de léguas, aparentemente ininterrupta, a jornada através deste veio d'água "brutalmente enorme."

Ao fim do cais, para os lados sul da cidade, Ver-O-Pêso regorgitava no afã domingueiro de seu mercado, mais acentuando-se esse movimento junto às águas, na zona do pescado. Barcos de regatas, batelões, montarias, esbeltos veleiros, pontões e alvarengas, um sem-número de embarcações de todos os tipos, em suma, povoava o líquido estendal esvoaçado de inquietas e pipilantes gaivotas que desciam em

vãos rasantes, buscando na esteira do navio, detritos a boiar. . .

Firmou-se a marcha. Para longe iam ficando a "Cidade-Bosque", seus arrabaldes e ancoradouros, Val-de-Cães — a importante base aérea — e suas adyacências, enquanto se nivelavam confundindo-se na linha horizontal, as mais altas tôrres da Capital paense.

Pinheiro — hoje Icoraci —, Forte da Barra e outras localidades próximas da aludida cidade, foram igualmente ficando à nossa retaguarda. A proporção que avançávamos, alargava-se a vastidão das águas pontilhadas de ilhas, essas incontáveis porções de terra isoladas na sua maioria, inabitáveis quase todas e que fazem parte integrante do fabuloso "Inferno Verde".

O sol causticava, aumentando o calor prenunciante de mau tempo para a tarde, denunciado nas muralhas negras de nuvens que se adensavam horizontes em fora. Após uma hora e alguns minutos de marcha, no imensurável campo de águas que formam a colossal baía de Guajará, marco perdido na planura líquida, um mastro avistei, brotado das ondas, como se de propósito, para assinalar um trágico acontecimento. Tratava-se, na verdade — infomaram-me — do remanescente de um navio ali encalhado de propósito para fazer jus a compensador seguro. Tal fato ocorreu há muitos anos. Tudo que restara do barco perdido já desaparecera, com exceção do velho casco submerso e daquele mastro de metal que a êle prêso, permanecia, como um protesto simbólico contra o miserando crime e, ao mesmo tempo, como aviso de perigosos baixios naquele local do rio.

Sempre entre ilhas a jornada prolongou-se dia em fora sem qualquer incidente ou atrativo, monó-

tona e desconfortável. A essa altura eu já houvera travado conhecimento com a nefanda refeição de bordo. As dezoito horas o barco encostou em Casa Branca, para receber vasto carregamento de aguardente ali fabricada. Desceu a primeira noite sobre nós e às vinte e uma horas, cada qual o mais rapidamente possível, cuidou de sua rede, enquanto os que tinham camarotes a eles se recolhiam. Em breves instantes o salão de refeições — o único, aliás — era um verdadeiro emaranhado daqueles leitos aéreos tão comuns no nordeste e no norte brasileiros, pejados de corpos adormecidos. Começava eu a reviver essa tortura por que passara, há mais de três anos, quando subira o rio São Francisco: a dormida. O "Rio-Mar" prosseguia sua marcha firme rasgando o barrento seio das águas.

As seis horas do dia seguinte tocávamos em Breves, miserável localidade do baixo-Amazonas. Novo carregamento de lenha aí foi feito. Tomar lenha representa horas paradas em lugares inóspitos. Dois bovinos foram aí recolhidos a bordo para alimentação dos que viajavam, indo participar, enquanto vivos, do pandemônio da segunda classe ou porões do navio onde se comprimiam todos os tipos de carga inclusive animais e criaturas.

As nove horas daquele mesmo dia, em sentido contrário, passou o "Euclides de Cunha", que rumava para Belém. Soaram apitos de cumprimentos num e noutro barco. Quarenta e cinco minutos após, terminada a descarga de gêneros e a tomada de lenha, levantaram-se ferros. Agora navegávamos em pleno Estreito de Breves, brutalmente longo e fastidioso. Nenhuma novidade em meio àquela monotonia agreste e enervante, assinalada, apenas, por moradas de caboclos — êsses heróicos e valentes cabó-

cls da Amazónia que vivem em ranchos de curuá, suspensos à guisa de girais para que as águas os deixem em paz pelo menos à hora do sono. A êsses caboclos dedicarei um capítulo especial nesta carta.

Tocamos em Santa Mônica, rapidamente, a fim de deixar nesse local um dos maiorais do Banco da Borracha que aí tem grande depósito do produto inclusive máquinas para o respectivo beneficiamento.

As duas horas, novo carregamento de lenha. E o dia se engolfou na treva de outra noite pavorosa, pois o luar ainda não se fizera apresentar em face do mau tempo. Novamente à rede, num sono mal dormido, principalmente em virtude das mesas de jôgo que se instalavam, noite em fora, sob nós, não raro presidiadas pelo próprio comandante do navio, um velho senil e concupiscente que vivia a dizer pilhérias às moças e senhoras que lhe davam cofiança.

A uma hora do dia quatro despertei com longos e sucessivos apitos. Num salto fiz-me à amurada a ver de que se tratava. Era o "Rio-Mar", encostado a um pôrto de lenha, chamando os caboclos para o trabalho brutal e desumano do carregamento de lenha. Aí travei conhecimento com a fibra dêsses amazonenses extraordinários que o Brasil desconhece. Eram admiráveis tais gigantes, amarelos pela malária e pela verminose, surgindo do seio da noite, não se sabia de que direção, em suas frágeis montarias, para trabalhar na carga de lenha ao navio, àquela hora primeira da madrugada, ganhando dez centavos por caminhada de dez achas de lenha, miserável quantia que, por cúmulo, não era paga em dinheiro mas em gêneros ordinários e caríssimos, no famigerado barracão.

Uma das curiosidades regionais do famoso Estreito de Breves, foi, para mim, o "receber a onda". Eu

vinha notando, desde que entramos no imenso canal, sempre que o navio passava em frente às habitações marginais, que as crianças ou mesmo adultos, em suas minúsculas montarias, remavam até à nossa proximidade, e ali ficavam esperando a passagem do barco em que viajávamos, regressando após, ao pôrto, onde amarravam de novo as canoinhas.

Nada recebiam dos passageiros, o navio não se detinha para atendê-los, que vinham, então, fazer aqueles intrépidos remadores? A minha curiosidade satisfez o prático de bordo, informando-me que vinham "receber a onda". E explicou-me que a passagem dos navios, dada a estreiteza do canal, provoca marolas fortes que se transformam em ondas violentas, as quais se vão quebrar nas margens. Se as montarias ali estiverem atracadas serão atiradas à terra quebrando-se ou, partindo as amarras, perder-se-ão no rio. Para evitar êsse desastre remam para o meio do caudal, recebendo as ondas próximo aos navios, sem maior perigo. Quando os barcos se fazem distantes, regressam, calmamente, ao pôrto. Com essa informação mais uma achega me vinha sôbre hábitos e costumes desta fantástica região.

Às seis horas, outro carregamento de lenha — o "Rio Mar" é um monstro, Moloch insaciável para o qual não há alimento que baste... —. Às treze horas cruzamos com o "Amapá" e o "Mario Alves", da nossa marinha de guerra e pertencentes à frota do Amazonas. Correria do imediato do nosso navio para colocar a bandeira nacional no mastro de ré, em cumprimento à lei. Já agora navegávamos no rio Pracaxi (o Amazonas se divide em vários rios ou longos trechos a que dão nome de rios) sempre guarnecidos pela hirsuta sub-selva de que, empolgante e fantásticamente nos fala o Snr. Gastão

Cruls, alagadiça e densa, impenetrável e apavorante, de cujo emaranhado se esbatem, esguios e longos, o precioso assaí e o robusto e esbelto buriti de gigantescos cachos marron.

Então já me fôra possível conhecer a famosa cigana, êsse lindo irmão do jacu, ave ribeirinha, de vôo curto e plumagem marron, cuja defesa contra os inimigos traz ela no odor insuportável desprendido do próprio corpo. Porque todos lhe abominam o fétido indescritível, sua abundância é notável em tôda a região amazônica. Além dessa ave, um que outro pernalta conhecido e comum, ou gaviões vagabundos, encontrados em todo o Brasil, nada mais me fôra permitido ver, até ali, da famosa ave-fauna do Rio-Mar. E se assim era com as aves, muito mais acentuadamente acontecia com animais outros e de gêneros diferentes, habitantes da Hiléia imensa. É que essa vasta povoação da portentosa fauna não se mostra em sua plenitude aos que, como eu, perlustam apenas as águas do caudal incomparável, sem lhe penetrar os selvagens e longínquos recônditos.

As dezesseis horas passamos em frente a Gurupá, decadente punhado de residências modestas, remanescentes de uma cidade histórica, ligada, intimamente, às lutas da conquista amazônica, hoje quasi totalmente desaparecida. Tal localidade que eu avistava com indiferença, de passagem, seria, ao meu regresso, ponto de parada, como se verá mais adiante.

As vinte horas, todo iluminado, na margem oposta, descia um navio inglês, segundo afirmativa dos práticos do "Rio-Mar", cujos olhos de lince penetram as distâncias aos olhos de nós outros, inacessíveis, reconhecendo até as côres de uma bandeira. O avistar-se um navio — que em outra qualquer parte do nosso vasto litoral é acontecimento bana-

líssimo — no grande rio brasileiro é sempre motivo de alegria, pois indiscutivelmente um barco é um traço de união entre esta região bravia e os centros civilizados do Brasil e do mundo.

Estávamos, já agora, navegando em pleno e caudaloso Amazônas. Houvéramos deixado os estreitos. E eu podia exclamar, perplexo e horrorizado, com os meus próprios botões: que monstruosidade de águas!

Realmente, poeta, como definir-se o maior rio do mundo? Que adjetivação tocando, mesmo, ao superlativo absoluto, pode expressar a grandiosidade fantasmagórica deste agreste cenário? Quem, jamais, lograria definir, de maneira correta e satisfatória, esta colossal grandeza de água e selva onde vive um mundo escravo; onde há milhares de brasileiros abandonados, morrendo à fome e às endemias, explorados e brutalizados por senhores feudais, crueis e gananciosos? Como narrar-se com precisão o que se passa nesse dédalo imensurável de planuras inundadas, cujo caminho exclusivo é o leito vasto das águas e o veículo único é a navegação?

Dia cinco, a mesma monotonia; o mesmo ambiente interno e externo neste simulacro apenas de navio apinhado de criaturas as mais heterogêneas na côr, na educação, nas atitudes, nas crenças e convicções. Não mais falarei em carregamento de lenha. Seria repetir a mesma coisa vezes incontáveis. Mas assinalarei uma particularidade paisagística interessante:

Tôdas as vezes que se tem à frente uma das magníficas e alongadas retas de dezenas de quilômetros, alguma coisa aparece na fimbria do horizonte contra o qual investimos, à guisa de pés de cebola ou palmeiras microscópicas, esparsas, esbatendo-se do

campo das águas. A proporção que, lentamente, avançamos, êsses vegetais vão tomando corpo, aglomerando-se, multiplicando-se, adensando-se e se fazendo elevados para se nos apresentarem, quando chegamos ao ponto em que antes os avistáramos, em mata fechada — a indefectível sub-selva, monótona e apavorante. Tão depressa fica para trás êsse acidente e nova reta defrontamos, idêntico espetáculo se repete ao longo do rio.

A noite deste dia seis pude avistar-me com o luar do Amazônas, na verdade muito menos belo que o luar dos nossos sertões, dos nossos mares e rios que o luar do São Francisco. Nem do sul, especialmente o luar do São Francisco. Nem porisso, entretanto, é desinteressante. Em sua quase plenitude o astro da noite, suspenso nos céus, dava por vista um papagaio de prata, oviforme, cujo cordel se prendesse ao navio que o arrastava rio acima. E então a esteira efervescente que em pós os hélices deixavam, transformava-se numa imaginária estrada como se pavimentada com seixos luminosos. Em tórno, o silêncio — êsse silêncio hostil e brutal das regiões selvagens aqui aludidas — que, inspirando, apavora!

Nada de anormal assinalou, além do luar, aquele dia. Entretanto, às quinze horas, muito longe ainda, surgia, à margem direita, um aglomerado de casas. Era a cidade de Santarém. Agora uma curiosidade despertava-me a atenção: a separação das águas, bem ao centro. De um lado, águas escuras mostrando tonalidade verde na sub-superfície; do outro, as conhecidas águas côr de barro. Tal fenómeno iria eu rever às proximidades da confluência do Negro e o Solimões. Ali eram o Tapajós e o Amazônas que se tendo encontrado léguas acima, vinham até àquela altura lutando desesperadamente

por manter, cada um, sua característica própria. Venceu, por fim, o mais forte e as duas águas se confundiram no mesmo lençol fluvial rolando para o oceano. Sofrendo o efeito dessa luta, vegetais, troncos e detritos que, em abundância, descem o Amazonas, repelidos pelo bravo Tapajós, ficam de bubuia a formar uma linha singular, espécie de limite verde quase simétrico, de muitos quilômetros rio-abaixo, facilmente notado à distância.

A tarde já bastante se acentuara e muito navegáramos. Nessa hora, sob chuva miuda, qual se fôra a defesa aérea do grande afluente, milhares de andorinhas minúsculas, de um azul quase negro, álgas, voavam e revoavam junto ao navio como se nos dessem as boas vindas. Esses pequeninos voadores nunca se afastavam da zona limítrofe ou linha verde acima descrita. Será isso uma lei natural que as orienta ou tratar-se-á de simples coincidência? Não me pude, infelizmente, esclarecer a respeito.

Inprovisado cicerone encarregou-se, espontânea e atenciosamente de me indicar e descrever as principais construções e os mais destacados estabelecimentos da cidade a que iríamos chegar. Assim me era possível conhecer, ainda de bordo e antes de tocar o pôrto, o Ginásio D. Amano, o Grupo Escolar muito bonito e azeitadamente erguido na parte mais alta da cidade; o Colégio Santa Clara, o Teatro Municipal, o edifício dos Correios e Telégrafos e demais estabelecimentos importantes de Santarém.

As dezesseis horas e vinte minutos, precisamente, eram arriados os ferros. Então me foi dado testemunhar mais um interessante fenômeno do Tapajós: o limo. Trata-se de uma substância, creio que vegetal, semelhante a um pó absolutamente verde e

em tal quantidade que, descendo à sub-superfície, empresta ao rio uma cor esmeraldina magnífica.

Mais de cinqüenta passageiros e copiosa carga ficariam em Santarém. Dentre aqueles, alguns que me foram excelentes companheiros de viagem. Eram o Adelar, o Barroso e o Abílio, todos três funcionários dos Correios e Telégrafos, em Belém do Pará, cujos nomes quero registrar aqui como testemunho de que não os esqueci. Acompanhei-os à terra. Eu, infelizmente, já trazia séria intoxicação alimentar, resultado da infamíssima alimentação de bordo. Graças, entretanto, à sadia refeição naquele e no dia seguinte, feita em hotéis da cidade e a alguns medicamentos ali conseguidos, experimentei melhoras que me permitiram fazer uma ligeira visita à aludida cidade que, embora pequena, além de histórica é a mais importante do vale amazônico, excetuadas as capitais. Dentre os estabelecimentos comércio-industriais de Santarém, destacam-se grandes casas tipo bazar, estaleiros fluviais onde se constroem ótimos e possantes barcos, usina termo-elétrica provedora de luz à cidade, um grande pço hartziano de mais de dezesseis metros de profundidade, obedecendo à moderna técnica, para melhorar o abastecimento d'água àquela população. É a única cidade ribeirinha, das que conheço no Brasil, que se não utiliza, para aquele fim, do caudal que a banha.

Santarém possui uma indústria artezã regional que a tem feito conhecida além fronteiras. Constitui-se tal indústria, de cuités pintados ou bordados em lindos desenhos; bolsas, adôrnos e grandes chapéus praieiros, vários objetos, inclusive sapatos, feitos da raiz do patichuli — espécie de gramínea semelhante

ao capim-limão, cujas raízes, longas e delgadas, lembram o sândalo, tanto são perfumosas.

Como raridade encontra-se na Catedral de São Raimundo, padroeiro da cidade em alusão, um Cristo de bronze, musculoso e histórico. Essa imagem é uma oferta de Carlos Frederico Phelepe de Martius — o grande naturalista Martius, da Academia de Ciências de Munich — e é resultado de um acidente no qual teve êle periclitante a vida. Em 1817-1820, o renomado homem de ciência, a mando de Maximiliano, rei da Baviera, visitou a Amazônia em viagem científica. Em 1818, frente a Santarém, naufragou, salvando-se — segundo suas convicções religiosas — por um milagre do Santo para quem apelara numa promessa. Vinte e oito anos depois, em 1846, cumpria êle o prometido, entregando à referida Catedral, o grande Cristo metálico. Foram estas, em síntese, as informações que pude anotar em relação à monumental escultura sacra.

De Santarém vai-se a Belterra e Fordilândia, cidades construídas pela Fundação Ford e hoje, ao que estou informado, pertencentes ao Brasil. A falta de tempo não me permitiu conhecer êsse núcleo agrícola especializado na cultura da árvore da borracha. Grandes áreas de terra são ocupadas nessa cultura que conta com mais de cinco milhões de seringueiras, muitas das quais já em franca produção. Informaram-me que Belterra é uma interessante e moderna cidade, contando com vários e recentes melhoramentos, inclusive hospital, escolas, telefone, luz, grande serraria etc.. Há ali um regular campo de pouso do qual se servem os aviões das linhas nacionais e internacionais que ligam a Capital Federal com a Amazônica e países do norte.

Todo o dia seguinte passei-o em Santarém, prosseguindo viagem pela madrugada do dia oito, sob tremenda tempestade que, transformando as águas do grande rio em mar encapelado, muito dificultou a saída do navio, que quase é atirado à amurada do cais.

Todo o dia oito passamo-lo sem novidades, nada se me oferecendo de interessante às anotações. Quanto à paisagem e o ambiente, tornavam-se cada vez mais monótonos. As margens um tanto mais altas em alguns lugares, mostravam freqüentes sinais de densidade demográfica; sinais êsses apresentados em roças de milho, mandiva, juta etc.. Ao anoitecer tocamos em Óbidos. A histórica cidade-fortaleza e porta de acesso ao Alto-Amazonas, alcançadora-se destacadamente, oferecendo magnífica paisagem. Infelizmente era noite e não havendo luz suficiente na cidade, não a pude visitar, conservando-me a bordo durante as horas que ali esteve o navio. Aí ganhei, oferecido por um distinto senhor que embarcara, um bonito bastão de guaraná genuíno, feito pelas velhas índias maués.

Em Óbidos começou a superlotar-se outra vez o barco em que eu viajava, o qual chegaria em Manaus de tal sorte repleto que difícil seria locomover-se dentro dele.

Foram recebidos além de muitos passageiros, carneiros, porcos, papagaios e demais bichos, tornando a segunda classe um verdadeiro pandemônio.

Pouco antes de tocarmos em Óbidos o navio tomou várias rétes numa fazenda ribeirinha. Aí conheci o campeão amazonense e a maneira de trabalhar dêsse intrépido coboclo. Êle é de uma coragem que toca as ráias da selvageria. Laça bem e ao mesmo estilo do seu colega fluminense, especialmente o cam-

pista. No caso específico do abastecimento a navios em trânsito, o campeiro do Amazonas é de um arrôjo notável. Após laçar a rê, atira-a às águas amarrando-a a uma frágil montaria — espécie de caique remada por dois adestrados companheiros que a conduzem a bordo. Incontinentemente o guindaste do navio, tomando-o pelos chifres, guinda o animal para o respectivo depósito. O processo é, relativamente, fácil.

Nessa fazenda ficou-me mais um excelente companheiro de viagem, o Sr. Guimarães, também funcionário dos Correios de Belém do Pará, como seus colegas que ficaram em Santarém.

Ao dia dez tocamos em Santa Maria da Vila Amazonas. Especial comentário requer essa novel e já decadente povoação amazônica. Isto porque, segundo as informações em que me baseio, nela se retrata mais uma das criminosas negociatas do pernicioso período getuliano em que a imoralidade administrativa, o assalto à coisa pública e a dilapidação dos bens do povo tanto floresceram — como continuam a florescer, desgraçadamente.

Segundo aquelas informações — aliás a mim fornecidas por um advogado e funcionário do Serviço de Águas de Manaus — Vila Amazonas fôra uma colônia japonesa. Seus membros ali chegaram para desenvolver, entre outras, a cultura da juta. Ali os filhos do Sol Nascente, com a tenacidade e a paciência peculiares a essa raça, empregaram grandes capitais, instalaram luz elétrica, água encanada, usinas para beneficiamento de cereais, serraria, escola, hospital, moderna e confortável edificação colonial etc... Arrotearam a terra explorando culturas várias, inclusive arroz. Estabeleceram campos

de criação e prosperavam enquanto lutavam por aclimar a juta, seu principal objetivo.

Depois de muito esforço triunfaram obtendo excelentes resultados. Distribuíram sementes e ensinaram aos brasileiros da região a cultivar o importante e fibroso vegetal, cujas plantações hoje se espalham pelas margens do rio oferecendo rendosa produção. Do trabalho dos japoneses de Vila Amazonas — são ainda as informações que o dizem — se beneficiavam os mercados vizinhos, que recebiam fatura da técnica dos amarelos.

Veio a guerra e o Brasil declarou estado de beligerância com o Japão. Houve o confisco de Vila Amazonas, com a expulsão de seus construtores. Passando às mãos do governo brasileiro, desgraçadamente estabeleceu-se, imediatamente, ali, a rapinagem e o vandalismo. Tudo o que dizia respeito à maquinária foi vendido e destruído, o mesmo acontecendo com os demais valores removíveis. Vila Amazonas se transformou, rapidamente, naquilo que lá está: um vasio aglomerado de casas modernas. Entraram em campo os aproveitadores particulares — que aos do governo nada mais restava a carregar! — E a linda Santa Maria da Vila Amazonas que, se aproveitada pelo governo segundo à técnica e os modernos métodos, ter-se-ia transformado numa grande e útil escola agrícola da região, com todo o seu território e restantes benfeitorias, caiu nas mãos de latifundiária firma de Manaus, a qual continua a obra nefanda e destruidora, transformando, gradativamente, aquele outrora belo patrimônio num vasto latifúndio, cuja produção, hoje, consiste na extração de derivados da flora, especialmente madeiras e essência do óleo do pau-rosa — outro importante vegetal originário da Amazônia, ao qual espera a



e com êle avançando os povos na sua luta por melhores dias, contra a opressão das forças retrógradas que resistem, desesperadamente, tentando barrar o progresso.

Paramos em Remanso de Aleluia, interessante baía natural, em miniatura, que serve de pôrto a uma grande fazenda. Aí ficamos várias horas enquanto o navio tomava lenha. Veio a tarde e com ela, aos milhares, papagaios e araras revoavam em busca do pouso na orla da mata, numa algazarra comum a êsses interessantes psitacédeos. Alguns passageiros exercitaram-se na pesca logrando vasta pescaria de bagres de várias qualidades e tamanhos. Eu tentei cocorrer ao prélio mas fracasei por me faltar bom petrecho.

Prossequimos à noite. Pela manhã seguinte saltamos à "bôca" de um igarapé, para novo reabastecimento de combustível. Tentei penetrar um pouco na mata a fim de conhecê-la pelo menos um pouquinho. Impossível. Em tôrno ao barracão de palha daquele pôrto de lenha, não havia um trilho sequer de penetração na tremenda sub-selva. A explicação me veio logo: ali estava, nada mais nem menos do que um dos postos — dos milhares que se espalham por tôda a Amazônia — de exploração dos desgraçados habitantes da região. Seus proprietários se aproveitam sempre das entradas dos igarapés maiores, dos furos ou afluentes que ligam ao grande rio as regiões mais altas e mais habitadas. Aí fazem uma praça de lenha com o indefectível alcapão — armazém ou barracão. Todo o produto cólhido naquelas cercanias pelos respectivos habitantes, vão ter, forçosamente, às mãos daqueles atravessadores que o pagam a preço vil em troca de gêneros ordinários e caríssimos, especialmente café, açúcar, sal e a indis-

pensável aguardente. Nenhum outro objetivo prende a tais recantos os exploradores através de seus postos — quase sempre elementos do próprio meio e que se presta para instrumento de exploração contra os da sua desprotegida e subestimada classe.

Quando chegam navios ou regatões (comerciantes ambulantes que, em barco, percorrem a Amazônia, cuja atividade é histórica e faz parte integrante da vida do Rio-Mar), a mercadoria regional é vendida com grandes lucros. Sendo sua função, como disse, exclusivamente explorar os habitantes locais, os encarregados dos barracões não se preocupam com a mata em tôrno de seus ranchos. Nem sequer uma pimenta fazem para penetração da sub-selva, pois sua exclusiva estrada é o rio.

Nesse barracão testemunhei, para mim, algo de importante: — um quadro, a lápis e a tinta de escrever, em tamanho grande, representando o cruzador "Chicago", da armada norte-americana. Esse trabalho quase perfeito, é da autoria de um garoto amazense, o menino Roberto Costa, filho de um homem pobre que, o não podendo manter numa das longínquas escolas, retem-no para os serviços brutos de que lhe veem os miseráveis proventos. Disseram-me ali que o pequenino artista é de uma habilidade rara no retratar pessoas e cousas, as quais lhe surgem do lápis absolutamente perfeitas. E assim, concluo eu, mais uma grande revelação de artista se vai juntar aos milhares de outras revelações que, pelo Brasil interior — e mesmo nos centros populosos — perdem-se graças ao criminoso indiferentismo dos governos pela infância brasileira.

À noite tocamos em Itaquiatiara, derradeiro pôrto para o término da viagem. A essa altura contratava-me às voltas com o impaludismo cujo pri-

meiro acesso febril me martirizava. Nesse porto nossa famigerada "arca" recebeu verdadeira multidão de criaturas, tornando-a estúpida e superlotada. A balbúrdia era simplesmente tremenda àquela hora adiantada da noite. Malas, sacos, caixotes, embrulhos, mil bugigangas invadiam, com seus donos, a infame embarcação. Com essa carga misturavam-se porcos, carneiros, papagaios e outros animais, trazendo a todos nós incrível mal-estar. Nem um só dos vãos e escaninhos do velho pardieiro flutuante ficou livre de redes onde se estiravam homens, mulheres, crianças, sob um alarido insuportável, misto de choros infantis, conversas de adultos e murmurações de jogadores. Isto na chamada primeira classe. E na segunda classe? Que primitivismo, meu poeta! Até "buchinho grosso", como diria um gaúcho de verdade, ali tivera início e só não terminou com sangue por que houve intervenção de terceiros. Certo D. Juan caipira entendera de conquistar a "china" de um parceiro de viagem, um velhote nordestino de boa fibra. Este reagiu à altura, e não entraram em cena a "lambedeira" e a acha de lenha graças à turma providencial do "deixa-disso", que agiu em tempo. Com aquela nova carga de outros tantos passageiros, mais trastes e xerimbabos, é de se avaliar a confusão. Que pandemônio de rédes, cordas, lenha, mercadorias, maquinismos e cabos, gados e aves, mil outros objetos ainda, tudo isso ao calor tremendo das infernais caldeiras. E assim o "Rio-Mar" avançou noite a dentro em busca do término da estafante jornada. À madrugada de treze, afinal, à vista se nos fez o farol de Manaus. As sete horas desse mesmo dia pisava eu, pela vez primeira, as ruas da capital do Amazonas. Estava concluída a maior viagem fluvial até

agora por mim empreendida. Deixava o tétrico navio e me instalava em coisa relativamente pior: uma posilha a que chamam falsamente de "Grande Hotel".

Aí permaneci oito dias sob o rigor da febre que me não abandonou até a hora em que concluo esta carta. Como trofeu do meu sofrimento no famigerado hotel a que me venho de referir (não aludo à parte de restaurante que, a cargo do Sr. Vieira, cidadão boníssimo e humano, com seu digno auxiliar o Sr. Pedro, proporcionou-me a melhor das atenções); como trofeu, dizia, do meu sofrimento no citado hotel, como trofeu, digo, do meu sofrimento no mercado daquele cidade. Com êle, e tendo conseguido meia lata de água quente, graças à humana interferência do Sr. Oliveira, um digno colega de viagem, pude fazer a única ablução durante a minha enfermidade na graciosa Manaus. E com que falta de jeito, meu amigo, logrei usar esse banho higiênico e providencial! Só a força da necessidade me fez, doente, atirar-me aquela deliciosa ração d'água. E assim dei por concluída aquela jornada. Restava-me o regresso, que seria pelos ares.

## O RIO

O Amazonas é, parafraseando o grande Euclides da Cunha, antes de tudo, um monstro insaciável, àvido sempre de amplitudes e larguezas; um egoísta inimitável e brutalmente indisciplinado! Vi-o perlustrando-lhe o seio vasto e turbilhonante, e contemplei-o das alturas. Daí melhor se lhe pode sentir a ambição tremenda. O gigantesco rio divide-se, fraciona-se, multiplica-se por milhares de tentáculos que podem ser furos ligando lagos e alagados, igarapés estendidos na selva impenetrável, paranás, menores rios ou estreitos de profundezas insondáveis;

como podem ser recôncavos, braços, canais, baías ou enseadas; mas tudo parte integrante dele mesmo, tudo constituindo o fabuloso e medonho caudal. Na vastidão verde da fenomenal bacia vêem-se, meio à selva, porções de águas negras, oleosas como petróleo; vêem-se lagos de águas côr de barro, vermelhas como se tintas de sangue. Aqui um canal imenso, ali um gigantesco braço, além um grande rio. A selva lembra tremenda molhe verde abrangendo centenas de milhares de quilômetros quadrados. Mas é uma suposição apenas de que ali esteja solo firme. Absolutamente! O rio penetra todos os flancos daquele vasto território, invade-lhe os mais íntimos recônditos. Se prestarmos atenção e olharmos com cuidado, quando o avião baixa um pouco, veremos entre as árvores frondosas daquela vegetação compacta e exuberante, água por tôda parte, numa irrigação natural e fantástica, através daqueles mil tentáculos fluviais. Então apossa-se do observador uma espécie de desespero, de revolta contra aquela insistência de águas por todos os lados, todos os quadrantes da planura oceânica. Para tôdas as direções que os olhos se dirijam vêem caudais barrentos, horripilantes, paradoxalmente belos, marchando para o mar. Tudo aquilo é o Amazonas. Entra-se no famoso Estreito de Breves. Léguas e léguas são, através dele, percorridas entre vegetação hostil, enquanto outros estreitos, na mesma ou em direções diversas, riscam de vermelho a paisagem monótona e enervante, oferecendo-nos a mais estranha e mais extravagante de tôdas as perspectivas! Quando se chega ao fim desses estreitos, eis o Amazonas, vasto, brutal, caudaloso e bravo. Não há uma paisagem agradável de planuras enxutas dessas que nos oferecem outros grandes e médios rios brasileiros como,

por exemplo, o Paraíba, o Rio Doce, o Guaíba, o Absetiete, o São Francisco, para citar apenas esses. Absolutamente. Tudo nessa vasta região de águas é enlutado. O homem vive, como os animais domésticos e silvestres, com os pés eternamente dentro d'água. Para o gado, fazem-se marombas — vastos girais de madeira onde, nas grandes cheias, possa ele salvar-se do afogamento certo, quando não morre por falta de alimentação no caso de prolongamento da enchente.

O amazense tem a montaria, viatura indispensável sem a qual nada poderia contra os elementos naturais, parte integrante da sua própria vida. Remando esse barquinho ligeiro, aguarda ele o despertar da Pátria para desempenhar o gigantesco papel que lhe está reservado no futuro. Os animais da Amazônia teem, a cada instante, um fantasma a lhes rondar a vida. Esse fantasma é o grande rio, é o Amazonas ao rebramir das cheias.

Cantem poetas mentirosos, descrevam escritores ufanistas, pintem fantasiosos mestres do pincel as belezas do Amazonas e da sua planura incomparável. Eu direi dessa região bravia, indomável, e de seu rio fabuloso, que dela nada mais significativo se poderia dizer, nenhum título mais expressivo se lhe poderia dar que o acertado nome de "Inferno Verde"!

## A FAUNA E A FLORA

Tudo o que os Gastão Cruis, os Araujo Lima, os Raymundo de Moraes e tantos outros renomados mestres do ufanismo, teem dito sôbre a Amazônia, a meu ver, ultrapassa a realidade dos fatos para atingir os domínios do exagêro ou do inverosímil quando não se apresenta sob o prisma sensacional das aventuras "tarzanescas".

Lendo tais e tão vigorosos escritores, tomamos contacto com um verdadeiro mundo de fadas e duendes, de maravilhas e surpresas, onde tudo é visto através das lentes do miraculoso. Então as vitórias-régias com sua flor magnífica, os murures-da-chachoeira em floração sedutora, as bromeliáceas e as orquídiáceas desgalhadas em flor por frondes e ramados, as árvores florículas cobrindo de policrômicos e aromáticos mantos a coma vasta da floresta imensa, e outras tantas suntuosidades silvestres, tranformam num Éden jamais igualado, os sete milhões de quilômetros quadrados que constituem os domínios do Rio Mar.

E com que fantasia nos falam êsses doutôres da pena sôbre as trêfegas jaçanãs, as ariscas aves aquáticas de tão variada espécie, os róseos colhereiros, os galináceos de mil qualidades, o imponente gavião real, o famoso e formoso galo-da-serra, com suas danças originalíssimas numa rara vocação à coreografia, executando passos complicados enquanto, à roda, os da família, em bando, cantam e gargalham num misto harmonioso de algazarra; os trepadores

em seus incontáveis tipos e espécies, os colibris em miríade esvoaçante, as aves canoras de espécies variadíssimas, das quais se destaca como príncipe da voz, o lendário e lírico Uirapuru, que embevece e deslumbra fazendo, com seu canto fascinante, silenciosa, ao ouvi-lo, a ornis fabulosa!

E das feras? E dos pequenos e grandes roedores? E dos marsupiais? E dos répteis e anfíbios indescritíveis? E dos ofídios? E dos quadrumanos? E de todo êsse mundo vivo e bravo que habita a famosa Hiléia? Com que força de prodigalidade nos falam êsses senhores literatos do encantamento da Amazônia, que foge, absolutamente, à vista e aos ouvidos de nós outros, os que deslizamos, simplesmente sôbre o rio, sem nada vermos nem testemunharmos além de água, céu e as muralhas verdes da sub-selva impenetrável!

Todavia, os ilustres escritores, nababos da fantasia, continuam nos falando, agora da ictio-fauna. E através dêles continuamos a contemplar os bôtos pretos e vermelhos a cabriolar águas em fora. — Êstes foram, aliás, os únicos representantes da ictiologia que vi, com abundância, em tôda a parte do Amazonas por mim percorrido. Além dêles, de quando em vez, um bagre gigante erguendo-se em saltos colossais sôbre as águas, ou grandes pirarucus escalados, nos barracões que avistei, também apareciam —. O peixe-boi, excêntrico e famoso por seus hábitos e costumes; o saboroso camurim (nosso robalo dos mares e dos rios do sul do país); o arisco pacu, o tambaqui, de grande procura nos mercados, as alígeras matrinhãs, o terrível candiru — minúsculo peixinho que à primeira oportunidade penetra nos "pertuitos naturais" das criaturas (para usar expressão do próprio Gastão Cruis) produzindo se-

ríssimos distúrbios fisiológicos; — a famosa enguia, êsse curioso peixe-elétrico — o poraquê — de tantas lendas, a “estremecer com suas descargas elétricas os assaizeiros ribeirinhos, para lhes comer os frutos”...; o célebre tratolho, que enxerga dentro e fora d’água com a mesma eficiência, e tantos milhares de peixes, cada qual mais interessante no seu tipo ou espécie, do imenso rio, tudo visto através das tintas coloridas dos aludidos e ilustres escritores?

E os flamingos? E os guarás? E os jacumins — o célebre “juiz de paz” de que já nos falava Nilo Peçanha nas suas íntimas tertúlias? E o “unicórnio — a decantada inhuma, ou anhuma, para usar seu verdadeiro nome — que sendo comum nas regiões palúdicas de outros Estados tem seu habitat na Amazônia? E tôda essa variada espécie de pernaltas, cujos tipos não se podem descrever — aves que, por suas características alimentares, estão ligadas à ictiologia?

Entretanto, os consumados literatos continuam pródigos nas tintas da narrativa. E ei-los falando-nos novamente da flora amazonense, para destacar entre as palmeiras o jupati, o miriti (“arbor de la vida” dos bolivianos), espécie preciosíssima que está para o nosso aborígene como para o pele-vermelha americano, a rena; árvore que oferece o vinho, o mel, açúcar, a fécula, o sagu e o côco, além da fibra, da fôlha para cobertura de malocas e do caule próprio à fabricação de ligeiras igaras; palmeira essa prodigiosa, que ainda depois de tombada, ao entrar em decomposição, serve de campo às larvas de certo e gigantesco besouro, nas quais, cozidas ou assadas representam apíparo manjar para os ameríndios da região; a muru-muru, a paxiuba, a uricuri, a mumbaca, o assai — famoso pela bebida que proporciona

através da casca de seus pequenos frutos; — a bacaba, essa excelente pupunheira cujos frutos, saborosos, constituem alimento essencial para o homem da Amazônia, e tantas outras espécies dessa imensa e variada família vegetal. Todavia, não só palmeiras; também as madeiras preciosas não escapam às atiladas penas dos ufanos escritores, que nos dão conta do pau-mulato e da “saboarana” (preciosos pelos desenhos naturais que oferecem após o polimento, razão da preferência que teem na fabricação de móveis de luxo), do pequiá-marfim finíssimo na sua textura, da andirobeira, da mirindiba, do precioso pau-rosa, cujo óleo, constituindo fonte econômica da Amazônia, é um dos melhores fixadores de perfume; e de tantas, tantas outras qualidades raras e preciosas de madeiras, impossíveis de serem mencionadas nesta carta. Das madeiras passando às sementes, ei-os nos dando ciência da cumaru aromática e medicinal, da baunilha preciosa por suas várias qualidades, da importantíssima castanha-do-Pará, em cuja exportação se firma uma das fontes de renda desta região, e de inúmeras outras sementes de valor indiscutível. As raízes, igualmente, merecem a atenção dêsses mestres da palavra escrita e dentre elas, para não mais me alongar no assunto, destaco a marapuama, cujo princípio ativo constitui afamado afrodisíaco, do que resulta a grande exportação da mesma.

Mas a selva lembra ofídios, feras e répteis ferozes. Logo, não poderiam ficar esquecidos a sucuri — êsse terrível “bicho-do-fundo”, cuja maioral é a Cobra Grande da mitologia amazônica; — os felinos de que se destacam onças colossais, pintadas, negras e vermelhas; os jacarés, saúrios de que esta região possui quantidade simplesmente apavorante, desta

cando-se os terríveis crocodilos. E não prosseguirei falando a respeito desse setor zoológico. Seria abusar da paciência de quem me lê.

Os pariantãs representam outra originalidade da Amazônia e não podiam, porriso mesmo, escapar aos ufanistas que nò-los dão como ilhas fluviais e viageiras, de grande proporção, causando assombro na sua marcha silenciosa, cobertas de matas, a deslizar águas a baixo. Prossequindo no seu entusiasmo, os mestres da narrativa beletrística nos falam da lenda do guaraná, essa preciosa planta amazonenese. Vamos saber então que a utilíssima "paulínia sorbilis" nasceu dos olhos claros de um santo curumim sacrificado pelo gênio do mal. E logo a fantasia prossegue para nos mostrar das tribus ameríndias da região fabulosa, os gigantes Corriquiãs, de quatro metros de altura, amedrontando a selva, na mais espetacular antítese com os Guaiazis, pigmeus inofensivos a nos lembrar os liliputianos de Gulliver. Seguem-nos, no fantástico desfile, os monstruosos Matuius, com seus grandes pés voltados para trás, a despistar os inimigos. E logo são apresentados os valentes Turumãs, a se deixarem morder pelas gigantes cas e vorazes tocandiras — formigas que representam um dos inúmeros e tremendos perigos da pavorosa selva, — fazendo passar por sacrificios idênticos seus preciosos cães de caça para que uns e outros tenham aumentada a virilidade. Esse processo, às vezes, é substituído com iguais resultados, por clisteres da prodigiosa herva pariaca. Mas a arte e os sortilégios desses selvagens, no mister da caça, são ainda mais complexos. Assim, pois, para apanhar o veado, os Turumãs enfiam nas próprias narinas longas embiras as quais saindo-lhes pela bôca eliminam-lhe o fartum pressentido pelo cervo a longa distância,

Se assim não fazem, untam o corpo com a resina do mará, cujo cheiro atrai o veado. Quando este se aproxima, o caçador, que já se faz disfarçar com folhagens verdes, certamente o flecha.

Para proteger seus preciosos cães contra as feras, os arditos aborígenes em pauta, tingem-nos com uma infusão de planta cujo cheiro assemelha-se ao das cobras venenosas, dos queixadas e dos crocodilos, sempre respeitados pelas onças, dos quais, por tal processo, livram seus preciosíssimos auxiliares.

Deixemos — e já é tempo de o fazer — êsses fantásticos selvícolas e acompanhemos os excelentes narradores, falando-nos de outras maravilhas amazônicas. Do sapo cunaurú, por exemplo, cujos ninhos, por êle impermeabilizado, são agradavelmente perfumados e representam, para os caboclos da região, amuleto precioso contra todos os males. Há também o "geniatsoma nigro", besouro do rio Uaupés, grande alimento dos índios Tucanos que dele fazem reservas de provisões para dias incertos. E temos, igualmente admiráveis, célebres vagalumes, cuja quantidade, em certos lugares, tomam forma de verdadeiras nebulosas. Êsses coleóteros com tal intensidade brilham que, certa vez e em recuados tempos, fizeram o famoso pirata Gavendisch desviar a rota do seu barco ao bordejar pelas águas amazônicas... Convém falar ainda e mais detalhadamente da formiga tocandira, para continuar seguindo os incansáveis escritores. Esse terrível inseto, cujas picadas, certa vez, fizeram tombar um padre missionário, é de tal sorte voraz e em tamanha quantidade atacam, que nos velórios dos seringais ou regiões onde mais abundam, tomam-se tôdas as precauções com os defuntos, visto que, num ataque inesperado, as tocandiras podem devorá-los rapidamente. O

mesmo pode acontecer com as criancinhas nos berços ou nas tarimbas se não protegidas. Pois são essas formigas que servem de prova aos jovens selvícolas para se tornarem aptos ao casamento e às lutas naturais da tribu. Para isso tem eles que enfiar o braço numa espécie de canudo cheio de tocandiras e receber das mesmas as venenosas mordidas e ferroadas, sem fazer o mínimo sinal de sofrimento. Só assim terão saído vitoriosos e prontos para se casar.

Concluirei estas citações sôbre as coisas fantásticas da Amazônia fabulosa, falando das cotias de rabo, habitantes exclusivas da margem esquerda do Rio-Mar. Roedores êsses, realmente, esquesitos, sabendo-se que as cotias não possuem o apêndice caudal.

Tudo isso meu poeta, e muitíssimo mais do que isso, mesmo envolto nas gases policrômicas da fantasia com que os literatos dela tem cuidado, é a Amazônia. Certamente há muito de verdade nessas preciosas narrativas, cujas provas ali se encontram no Museu Goeldi e no Parque Rodrigues Alves, em Belém do Pará, onde milhões de exemplares vegetais e outros tantos zoológicos, confirmam, em grande parte, o que tem sido narrado. Jamais, entretanto, como disse anteriormente, tais grandiosidades podem ser contempladas pelos que, como eu, perlustram o vasto Amazonas, em viagens normais, a bordo de navios comerciais que nunca se afastam do grande leito. Não creias nunca, amigo meu, que em se "fazendo" a Amazônia, algo se possa ver de importante quanto às coisas a que venho de me referir Nada disso. Os próprios e tão comuns jacarés jamais são vistos como no alto Rio Doce e no São Francisco. O mesmo se dá com a sucuri, que só se deixa surpreender à noite, nos igarapés e margens de rios,

pela luz de fachos, archotes ou lanternas dos caçadores ou pescadores. As tartarugas, da mesma forma, ninguém as vê. Sômente os que lhes andam à caça e se embrenham por longínquos e soturnos recantos de praias afastadas, ou os habitantes ribeirinhos, podem avistar êsses preciosos quelônios. Nós outros, se quisermos ver exemplares do singular anfíbio, teremos que ir aos mercados da Amazônia, onde constitem eles excelente mercadoria.

A própria caça nesta fabulosa região é praticada de maneira diferente. Caça-se quase sempre à noite. O caçador toma a prôa de montaria hàbilmente pilotada por seguro remador, e se embrenha igarapé a dentro, bem próximo das margens. Silêncio absoluto. A luz do barco varrendo a escuridão avança lentamente. Súbito surgem dois olhos esbugalhados, como dois minúsculos faróis. Rápido e certo faz-se o tiro. E uma paca, um veado, uma capivara ou mesmo uma onça tomba, estrebuchando. A caça prossegue noite em fora não raro com ótimos resultados. Também há o processo da tocaia, usado no terreno mais alto, menos alagadiço. Consiste êle no seguinte: o caçador embrenha-se na mata ainda com a luz do dia. Escolhe o lugar em que os animais costumam encontrar alimento. Ali arma um girau ou estende a rede em que se empoleira mais à vontade. Lanterna preparada, arma ao jeito, queda-se. Com a sombra da noite os bichos vão buscando alimento. Uma bulha, uma jato de luz varrendo o chão e um tiro certo não raro dão como resultado uma boa caçada.

Não ouvi qualquer referência à caçada "de pio" e "de cachorro". Nem porisso estou autorizado a confirmá-la ou desmenti-la. A caça aos patos bravos

e marrecas oferecem aspectos interessantes na zona amazônica de Belém do Pará, a dar-se crédito às narrativas que me foram feitas. Para os patos predomina o sistema de "chama" ou negaça, usado, aliás, em várias regiões do Brasil. Consiste esse sistema na utilização de uma pata doméstica, muito mansa e toda preta, a qual, presa a um pedaço de madeira flutuante, é posta no alagadiço onde mariscam os patos bravos, cuja quantidade é notável em determinadas regiões. O caçador oculta-se em "choça" ou esconderijo adrede preparado e fica à espreita. Ao ver a "chama" se movendo nágua, os patos que passam voando alto descem incontinentemente, pousando-lhe às proximidades. São imediatamente atirados!

Não devo esquecer as alusões que ouvi às tradicionais caçadas de marrecas na Ilha de Marajó. Para tais caçadas são amestrados velhos bois que vivem pastando por lagoas e banhados, mantendo, porisso mesmo, cotidiano convívio com os ariscos palmípedes. No dia aprezado lá vai o caçador, águas a dentro, "cosido" à ilharga do paciente bovino, seguindo-lhe, ritimadamente, os passos lerdos e propositadamente incertos, até ao alcance de tiro, quase sempre de velhas espingardas de pederneira transformadas em chumbeiras arrasadoras. E é grande o estrago nos bandos que recebem aquele impacto à queima-roupa!

Infelizmente a mentira é a "amiga-da-onça" dos caçadores aos quais sempre acompanha... Daí a história de famosos bois marrequeiros de Marajó. Um deles — contaram-me — chegou a tal perfeição de amestramento que, ao se aproximar dos bandos de marrecas, voltava a cabeça para o caçador, piscava-lhe um olho e exclamava baixinho: — "atira, pichote!"

Há uma outra modalidade de caça aos patos e às marrecas em Marajó; trata-se da cabaça. Soltam ao sabor dos ventos, pelas lagoas, algumas grandes cabaças. Estas por ali bubuiam dias e dias. A princípio são recebidas com desconfiança pelas aves que lhes fogem à aproximação. Todavia, os dias de vão passando e vem o hábito. Acostumam-se com as cuias e com elas se confundem. É chegada a ocasião da caçada. Preparam-se outras cabaças pondo-se nelas abertura para os olhos, a bôca e o nariz. Abrem-se-lhes a parte inferior para que possam ser vestidas na cabeça. Assim fantasiado de cabaça o caçador entra nágua, munido de um saco, imerge-se até o pescoço e lá vai deslizando sem fazer marola, como se fôsse a própria cuiá boiando, até chegar junto aos patos ou às marrecas. Aí então, à medida do possível, vai apanhando de um em um, pelos pés, puxando-os para o fundo e metendo-os no saco até enchê-lo.

Não sei até que ponto há veracidade nisso. O certo é que essa história me foi narrada como autêntica.

E aqui se conclue, meu querido correspondente, minhas enfadonhas alusões à fauna e à flora amazônicas. Nada ou quase nada, relativamente, vi ao natural, de tudo quanto foi dito acima. As citações que faço, como viste, são de ordem teórica. O que há de prático nessas páginas, foi colhido no Jardim Zoológico, e Museu Goeldi, e no extraordinário Parque Rodrigues Alves, já aludidos. Na viagem que venho de realizar, como disse, só me foi, em verdade, permitido ver água, céu e água amuralhada pela trementa sub-selva impenetrável.

## O HOMEM

Eis o importantíssimo problema que nenhum escritor ufanista jamais teve o desassombro de abordar com a objetividade a que êle faz jus. Comodistas, temendo incorrer no desagrado das forças reacionárias que exploram, escravizando, o povo brasileiro, êsses ilustres plumitivos da burguesia, ao tomarem da pena para falar sôbre a Amazônia teem apenas um objetivo: agradar à classe a que pertencem ou a que servem — a classe dos potentados. Porisso mesmo fogem sempre ao maior problema da Amazônia: — o homem! Isto porque ferir, mesmo de leve, essa palpitante questão é tocar numa chaga horrível e secular, cujos vermes insaciáveis são os senhores feudais, donos da região em que imperam, da mesma sorte que senhores o são e crudelísimos, dos pobres habitantes da vasta e tremenda bacia amazônica.

Mas eu te contarei, amigo, alguma coisa dêsses heróicos habitantes. Quero mesmo que o presente capítulo seja um protesto meu, sincero e patriótico, contra a deplorável, a criminosa e brutal exploração do homem da Amazônia — êsse caboclo intrépido cuja bravura jamais será ultrapassada!

De início direi, sem receio de contestação, que o homem amazoneze é o mais bravo, o mais resistente, o mais intrépido homem do mundo. O dia em que o Brasil despertar e varrer de seu dorso os monstruosos carrapatos do capitalismo colonizador que o sugam e empobrecem; quando os nossos governos —

expressão lídima e absoluta da vontade do povo — varrerem da nossa Pátria o imperialismo americano e puderem voltar as suas vistas de patriotas para o povo brasileiro — especialmente para as populações rurais e dentre elas os habitantes da Amazônia-educando-os, curando-os, ensinando-lhes como enfrentar de maneira produtiva a região hostil; amparando-os por todos os modos e lhes proporcionando assistência sob todos os aspectos. Quando, em resumo, à frente dos destinos do Brasil e sob um regime eminentemente democrático, estiverem homens decididos e honsetos, capazes de eliminar o latifúndio e os latifundiários, a Amazônia, com o caboclo amazonense recuperado à vanguarda, será, indiscutivelmente, não apenas a sentinela norte-avançada da Pátria, senão também um fabuloso celeiro do país e do mundo. Esta a minha convicção inabalável!

Vi, como alhures deixei escrito, o caboclo amazonense em ranchos de palha coberto e tapado do mesmo material, suspenso em girus, tendo por baixo a água e por cima a selva. Dali parte êle — e muitas vezes a mulher, cujos filhos ficam no rancho — e, com a miserável zurrapa da manhã, nem sempre adocada por falta de açúcar, sem qualquer outro acompanhamento; dali parte êle, igarapés a dentro, para o corte da seringueira raramente de sua propriedade. Trabalha até que o dia descambe, e à tarde, ei-lo a remar novamente para o rancho, a fim de comer — porque o caboclo não almoça nem janta, come! —. E de que se alimenta êle? — Quando a sorte o ajuda, um pedaço de pirarucu, ou charque magro, “farinha d’água”, pupunhas cozidas, às vezes arroz e feijão nem sempre conseguido no inclemente barracão. Quando isso lhe falta, qualquer coisa serve para mastigar, enganando a fome. Se não extrai a borracha (o látex),

tira lenha e outras miudezas que a selva dá, sejam óleos, frutos ou sementes, os quais sempre encontram algum valor de troca. E a noite vem encontrá-lo remando para o já famigerado barracão, na maioria das vezes com a mulher ou com outros companheiros de sofrimento e tortura. Ali presta contas ao senhor píedoso. Recebe a paga miserável em gêneros píedosos, toma uns tragos de má aguardente e retorna, noite alta, remando sempre, alheio ao mundo e à vida, alegre, para a morada triste, onde se entrega ao sono quando não tiritada de frio no acesso terrível das maleitas. Ao dia seguinte recomeça a luta na sucessão fatal dos sofrimentos que mais se agravam quanto mais caminha o tempo. Em breve a morte o liberta, mas lhe fica a prole numerosa que se transformará, ainda na adolescência, em outros tantos mártires. Jamais se revolta êsse herói anônimo de uma batalha fantástica e desconhecida do mundo civilizado. Se no paroxismo do sofrimento, como o irracional, faz um gesto de reação, ai dele! Êsse gesto é abafado com ameaças, quando não a vias de fato, tendo como epílogo o assassinio.

Entretanto, êsse cabôclo é magnífico na luta pela libertação, quando incentivado. A Cabanagem — essa página gloriosa das lutas do povo brasileiro — é uma prova inelutável da bravura do homem amazense.

Haverá, por certo, quem me conteste, argumentando que muitos cabôclos enriquecem, tornando-se seringalista. Isto não é verdade. Os que enriquecem, na sua absoluta maioria, são forasteiros, quase sempre nordestinos, especialmente o cearense que, mais atilado, mais conhecedor das artimanhas dos exploradores regionais, deles se livra com sagacidade e tino, logrando vencer e capitalizar-se. Tais exem-

plos, entretanto, são raros senão esporádicos, não resistindo à evidência das verdades aqui enunciadas.

E a escola? E a educação técnica seguida do amparo financeiro? E as medidas legais capazes de pôrem côbro aos latifundiários exploradores do homem amazense? Nada existe a respeito! O que a mentirosa imprensa a serviço dos dominadores e os intelectuais supra-mencionados proclamam sobre o aproveitamento da Amazônia, suas riquezas e suas abastanças, não passa de fantasia, de comentários superficiais, vãos, ou demagógicos, para armar ao efeito, sem qualquer vislumbre de sinceridade, especialmente com relação ao caboclo da Amazônia, cuja defesa não fazem porque lhes não convém desagradar os senhores do capital monopolista...

Também vi o caboclo trabalhar, como já narrei, alta madrugada, ao rigor das intempéries, nas tomadas de lenha pelo navio que nos conduzia. Vi-o remar com sua perícia inata e sua calma fatalística. Vi os filhos do caboclo, os curumins, meninos e meninas, maioresinhos, maltrapilhos, pálidos pelo impaludismo e pela verminose, igualmente remando as frageis montarias, rio em fora, destemerosos como os pais. Vi os filhos do caboclo, os menores, todos nus, barbigudos, verdes e esquilidos, à margem das águas, ao léu, como se largados aos ditames da natureza — e outra coisa não se dava! —. Vi a mulher, a companheira do caboclo, carapinha desgrenhada e hirsuta, suja e sem trato, vestes sem a côr do primitivo pano, rasgadas e nauseabundas, preenhe quase sempre — notável é o poder de proliferação dessas nossas irmãs amazonenses! — igualmente remando, também transportando lenha ou produtos outros extraídos da selva. Eu vi, portanto, o caboclo amazonense. Eu conheci êsse patricio imenso na sua bravu-

ra. Palestrei com êle. Compreendi-lhe o drama doloroso que êle vive sem compreendê-lo. Eis porque posso dizer desse brasileiro enorme na sua tragédia íntima, na sua desgraça, escravizado por uma casta assassina de feudais exploradores que se sucedem através dos tempos, infames, impiedosos, a sugá-lo como polvos insaciáveis; eis porque posso dizer: esse brasileiro gigante é inigualável! Êle vive pior que os nossos selviculas, pois estes, embora precariamente, estão protegidos pelo governo livres nas suas tabas, caçando, pescando ou fazendo suas roças onde lhes aprovenha, sem dar satisfação a ninguém. Enquanto o caboclo amazonense, é o eterno escravizado.

Estive em Gurupá, localidade amazônica de que já me ocupei. Ali passei uma noite, conforme vai adiante explicado. Nessa localidade conheci um médico de grande valor. Trata-se do Dr. Luiz Rey, natural de São Paulo. No Estado bandeiramente deixara os pais e um ambiente confortável para ocupar no Amazonas um posto no Serviço Especial de Saúde. Com esse médico palestrei mais de duas horas. Como razão à sua atitude aparentemente injustificável e até tresloucada — deixar o conforto da terra natal por aqueles bredos apavorantes — apresentou-me êle este grande motivo: cumprir o dever sagrado de servir à Pátria, ao povo e, especialmente, à classe de que veio, a gloriosa classe operária, que operários são seus pais.

— “Se me deixasse ficar em São Paulo, no conforto da cidade, estaria traindo aos meus próprios pais, às minhas convicções, ao meu povo e ao proletariado. Precisava dar minha arte, minha ciência e o meu amor àqueles cujo abandono e cuja miséria é um permanente clamor contra um governo in-

diferente e cruel. E nenhuma oportunidade lá encontrando para o mistér a que me votei, busquei-a na Amazônia, onde assumi este posto. Faço um curso prático de saúde pública o mais diferente. E cuido de dezesseis mil criaturas, quantas são as que pertencem a esta jurisdição”. Com estas palavras o Dr. Luiz Rey começou a narrar-me suas lutas e aflições para conseguir que o povo aprenda a ajudar curar-se, a precaver-se contra os males da região, inclusive seguindo-lhe as prescrições. Mais difícil ainda é enfrentar a usura criminosa dos famigerados senhores feudais dos barracões — coisa que êle, médico, precisa fazer com habilidade e inteligência, para não incorrer no desagrado de tão bárbaros senhores.

Mensalmente, durante quinze dias, uma lancha lhe é fornecida para inspecionar e tratar dos habitantes, igarapés acima, ou afluentes do grande rio. Muita vez, para facilitar o serviço, consegue a reunião dos necessitados nos barracões maiores. Pois não raro o proprietário de tais barracões proíbe essas reuniões, apresentando como especial motivo, dar o médico, gratuitamente, os remédios, quando êle, explorador, tem remédios em seu “negócio” para vender, ficando, assim, prejudicado pela concorrência oficial! Outras vezes a alegação negativa se baseia no prejuizo de tempo, pois o caboclo, para atender ao médico, perde um dia de serviço. Quando as recusas ou embaraços não se verificam por esses motivos, há que vencer a resistência de um senhor feudal que não se dá com o vizinho da outra margem onde se encontra o médico, e porisso não permite que seus trabalhadores (escravos, seria o termo), pisem terras do adversário. E o abnegado médico vai, meses em fora, cumprindo sua grandiosa missão contra todos os

obstáculos, contra tôdas as incompreensões e vilanias.

Contou-me, ainda, o ilustre moço, a história horripilante de certo milionário seringueiro, senhor absoluto de vários rios e populações, o qual nunca pagou em dinheiro a um trabalhador, mas lhe roubando tudo no voraz barracão. Quando qualquer desses desgraçados escravos reclamava seu saldo, era imediatamente convidado a ir ao escritório do patrão, recebê-lo de contado. Tal escritório era, muito de propósito, fora do povoado. O infeliz recebia seu dinheiro mas não tornava ao rancho. Tombava sem vida, alguns metros adiante, às balas assassinas de sicários e o dinheiro, intacto, voltava aos cofres do monstro feudal. Esse monstro dominou por longos anos a política do Estado. Fazia prefeitos, demitia autoridades, era, em suma, senhor absoluto. Hoje, seus remanescentes, embora menos sanguinários, continuam na mesma exploração. O Dr. Luiz Rey não me quis revelar o nome dessa malta criminoso. É natural e justificável a sua discreção...

Em seu hospital, em Gurupá, mantém esse abnegado clínico um serviço de visitação masculina e feminina, por enfermeiros de ambos os sexos. Mantém, igualmente, um curso prático de maternidade, dando, ainda, aulas práticas de saúde e higiene a quem as queira receber. Eis como trabalha um paulista filho da classe operária.

Certo dia, contou-me esse herói desconhecido, chegou a Gurupá uma montaria trazendo pobre mulher que ardia numa febre tremenda. De que se trata? Indagou. — Há quinze dias a doente caíra com febre. Deram-lhe "chá de mato". Não melhorou. Puseram-na na montaria e, depois de viajar

quatro dias e quatro noites, ali estava ela para que o doutor a examinasse.

Tratava-se de uma pneumonia dupla em adiantada marcha. Pois a resistência física da mulher ajudou ao médico no ataque ao mal até vencê-lo! É assim o caboclo da Amazônia. Forte, intemerrato, resistente, herói de uma batalha secular e terrível, esquecido de tudo e de todos. Porque o caso do Dr. Luiz Rey é um caso isolado. Outros postos existem pela vasta região. Seus médicos, porém, ao que se diz, lá só comparecem para assinar papeis e fazer jus, com isso, aos vencimentos. E regressam às cidades melhores, onde vivem descansadamente.

### O REGRESSO

A febre não me deixava. A reação produzida por um associado de injeções, me fôra simplesmente desconcertante. Passando mal, com dificuldade cumpria minha missão na Capital amazonense. Um colega que comigo subira a Manaus, jazia numa rede, em casa conhecida, bastante doente. Receiando morrer tão longe dos meus, resolvi regressar. Consegui, disfarçando meu estado de saúde, passagem num dos hidro-aviões da Panair, por sinal aparelhos já obsoletos e pequenos.

As oito horas erguemos vôo. A paisagem, logo, se me descortinou mil vezes diferente. E eu pude contemplar a vastidão amazônica nascendo nos pináculos da Paracaima e se perdendo nos domínios sem fim da colossal bacia. Embora febris, meus olhos extasiados assistiam ao desfilar do cenário bravo, escandalosamente soberbo!

Descemos em Óbidos e já voltávamos aos ceus. A's dez e meia horas, nova descida. Desta vez para o almôço em Santarém. Doente, conservei-me a

bordo. Novamente no espaço. Às catorze horas aproximadamente, depois do reabastecimento da aeronave em Gurupá, onde descêramos vários minutos antes, chegávamos à entrada norte do Estreito de Breves. O avião inclinou-se em curva e tomou a direção de regresso. O comandante apareceu avisando aos passageiros da impossibilidade de atravessarmos, àquela hora, o famoso estreito. E explicou: precisamente naquela região, os vapores que sobem da planura líquida, transformam-se em nuvens à guisa de colunas gigantescas que vão da terra ao infinito. Tais colunas têm um grande poder de atração, ao ponto de pôr em perigo os aviões — especialmente aparelhos de pequeno porte como aquele. — Iríamos descer no rio e aguardar melhora atmosférica. E de fato descemos e ficamos flutuando por mais de uma hora. A segunda tentativa foi empreendida sem melhor resultado. Novo regresso ao ponto de partida. Nova espera sobre as águas. Pela terceira vez, galgamos altura, chegamos sobre o famoso estreito e regressamos. A tarde já chegara e com ela a noite. O avião não mais se fez aos ares. Foi resolvido pelo comando, flutuarmos rio acima em busca de Gurupá, onde pernoitaríamos. E assim foi. Por mais de uma hora roncaram os motores do hidro transformado em barco. Pensei não mais safar-me daquela enrascada. Finalmente uma luz denunciou-nos o porto procurado. As vinte e uma horas jantávamos na casa do agente da Panair em Gurupá. Por felicidade passára-me a febre. Depois de uma longa e proveitosa palestra com o médico de quem me ocupei no capítulo precedente, dormi um belo sono numa rede ampla.

As oito horas do dia seguinte, novamente abastecida a aeronave, fizemo-nos de vôo rumo ao cabu-

loso Estreito de Breves. Ainda desta feita o avião não pôde atravessar. Mais uma vez regressamos e no rio pousamos por uma hora e muitos minutos. Outra tentativa. Eram dez horas da manhã. Ao chegarmos no lugar perigoso o avião entrou a subir. E subi muito, até ultrapassar os famosos castelos de vapor, as tremendas colunas transformadas em nuvens. Alguns vácuos fortes e o perigo foi transposto. Houve um respirar de alívio em todos os passageiros. Finalmente às treze horas descíamos na Capital paraense de onde eu havia partido quase um mês antes.

• • •

E aqui finalizo, poeta insigne. Talvez, não apenas pela proximidade, mas igualmente pelo conteúdo, esta carta te seja desagradável. Nela não há poesia. Disse verdades. Mas que queres? Transformei, modificando, a minha literatura, fazendo-a voltar-se para a realidade dos dias que correm. E verdades nem sempre agradam. Prefiro assim, desde que a honra me assista de formar ao lado dos intelectuais, cuja pena se encontra inteiramente a serviço do povo e da Pátria. Um favor ainda te peço, poeta amigo: quando ouvires achincalhe ao caboclo do Amazonas, repele esse ultraje. Porque esse brasileiro merece, isto sim, a veneração, não apenas do povo brasileiro, mas igualmente a admiração de todos os povos que lutam pela liberdade, tal a sua bravura, tal o seu martírio!

Um abraço amazônico enviado de Belém do Pará aos vinte e cinco dias de março de 1947.

## MANAUS-BELÉM DO PARÁ

Caríssimo  
Roberto:

Tendo visitado a capital do Amazonas, natural é que lhe fale — como de outras cidades o venho fazendo — um pouco sobre ela. Ali estive oito dias e todos êles passei ao rigor da febre palustre de que me vi atacado no grande rio; febre que só me abandonou nesta cidade após o meu regresso. A despeito do mal, entretanto, não me deixei acamar e assim, de bonde ou mesmo a pé, visitei alguns trechos da metrópole amazonense.

Manaus se caracteriza, especialmente, por sua claridade. Sua atmosfera, lembrando Macaé nos seus claros dias de verão sem nuvens, é tão nítida, tão clara, que aos forasteiros olhos a ela não acostumados, é vedado avistar um ponto qualquer à distância, sem que lhes sejam comprimidas as pálpebras em proteção às retinas ofendidas pela diafaneidade da luz.

Juntando-se a essa circunstância, para evidenciá-la mais, há o fato de ser a Capital de que me ocupo quase tôda branca na sua construção. Porisso mesmo, se me fôsse solicitada uma frase a respeito dessa particularidade de Manaus, eu diria que ela é a cidade branca do Rio Negro.

Sua topografia é excelente. Eleva-se em rampas disfarçadas, a cavaleiro do rio, cujas águas se espalham frente ao casario, num vasto estendal de quilômetros de largura. Através dessas rampas,

duma alternativa de acíves e planuras, espalha-se a cidade, tendo sua retaguarda, não mui distante, a perder-se — como se num contraste inesperado e raro — nas macegas e capeirões que a semi-circulam comprimindo-a contra as margens fluviais.

Informaram-me de que há em Manaus belos logradouros, recantos aprazíveis e pitorescos, onde a população se refugia a distrair-se em dias de descanso. Não me foi possível conhecer tais recantos. Nos passeios de bonde que realizei, conheci bela ponte metálica sobre um dos igarapés que traçam aquela Capital; ponte que dá acesso a um dos seus melhores bairros. Fora êsse bairro e excetuando-se o centro da cidade com suas construções melhores, seus edifícios mais elegantes e seu monumental teatro, a aludida Capital equipara-se a qualquer das nossas maiores cidades do interior, com as instalações e estabelecimentos requeridos por uma capital de Estado.

Destaca-se da graciosa cidade ribeirinha do Rio Negro e de seu grande receptor o Solimões, o monumental Teatro Amazonas, indiscutivelmente um dos mais importantes não apenas do Brasil senão também da América. Igual destaque merecem o monumento à Abertura dos Portos, a Praça São Sebastião e o Colégio Agrário Paredão, que se eleva, imponente, das margens do Rio-Mar. Outras e bonitas praças existem, naquela cidade, onde bandas de música fazem retretas semanalmente.

O comércio de Manaus é fortíssimo, pois domina de maneira absoluta a vasta bacia amazônica, estendendo-se a várias fronteiras internacionais.

A indústria, entretanto, é bastante reduzida, constando de serrarias, fábricas de móveis, pregos, calçados, malas, beneficiamento de borraca, etc.. A economia amazonense firma-se, especialmente, na ex-

tração dos látexes e na exploração de vários produtos naturais da região, assim como, também, no intercâmbio comercial com a vasta e longínqua bacia hidrográfica do Rio-Mar; intercâmbio que se processa através de desenvolvido serviço fluvial que se estende até às fronteiras dos países vizinhos. Essa economia começa a atravessar uma fase crítica, de apreensões e temores em face da retração do mercado norte-americano, no momento, consumidor único dos produtos amazonenses, graças à nossa má política econômica, que não se desenvolve no sentido de buscar outros mercados especialmente na Europa e na Ásia. Tal retração está levando o comércio de Manaus a quase total inatividade, fato que lhe vale a um estado de alarme, infelizmente.

Nada me é possível dizer da vida cultural e literária de Manaus. Sua imprensa é pequena e quase incipiente, contando, apenas, com dois ou três jornais de modesto porte. Politicamente é a mesma coisa do Brasil inteiro. Partidos políticos sem qualquer base popular, vivendo e politicando em função dos interesses de seus componentes e nada mais. O Partido Comunista, em Manaus, sofrendo tôda a sorte de opressão embora, sobrevive e luta. Não conseguiu, pelas suas delibidades, sequer eleger um deputado à Constituinte Estadual. A despeito disso, trabalha e cresce para as suas grandes realizações do futuro.

Uma das mais notáveis características de Manaus é a lhanza e a cordialidade do amazonense. Os forasteiros são ali recebidos de maneira a mais afetiva. Sente-se que os manauenses gostam dos brasileiros de outros Estados que ali aportam. O mundo feminino, especialmente, é de uma amabilidade invulgar. E que lindas são as filhas de Manaus! Bonitas e atraentes no seu sorriso franco, no seu olhar objetivo, sem falsos

subtufúgios ou derrickos fúteis e levianos. Trago de Manaus, em poucos dias que ali passei, uma grata recordação de seu povo. E agora.

### BELÉM DO PARA

Berço de lutas constantes e renhidas em que o heroísmo traçou as páginas mais brilhantes de seus fastos, a cidade fundada por Francisco Caldeira de Castelo Branco, bem se poderia dizer que nasceu ao fogo dos combates, cresceu ao fragor das batalhas e alcançou o apogeu ao retinir dos sabres e ao troar dos canhões. Chegou a ser a mais importante das capitais do norte brasileiro. Guerreira e imperialista a seu modo, foi até à conquista de vizinhos territórios quando, sózinha, apenas com o auxílio de um comandante inglês — cap. Jayme Lucas Yeu — invadiu e dominou a Guiana Francêsa.

Belém do Pará foi, também, a Capital do luxo, do progresso, da arte e do talento, como o foi, igualmente, da cultura e da política, tanto o atestam e confirmam eminentes filhos desta terra incompreendida; vultos destacados em todos os aspectos e setores de sua atividade. Se nenhum feito existisse para consagrar a Capital paraense, bastaria a Cabanagem e à frente dela um Angelim e um Vinagre; para elevá-la ao mesmo nível de suas co-irmãs brasileiras que esqueceram com o sangue de seus filhos as grandes páginas de luta pelo progresso e pela libertação nacional. Mas a prosperidade passou e com ela o fausto, o desperdício e a loucura. Atestando-lhe êsse passado distante e glorioso, lá estão as ruínas das praças e jardins onde outrora havia lagos, canais e outros detalhes ornamentais, hoje completamente esboroados; êstes, secos e fendidos em seus fundos de cimento,



Dentre êles destaco a Catedral da Sé com suas riquezas e seus famosos painéis de De Angeli; o Museu Goeldi, o lindo Parque Rodrigues Alves, a Condor — antiga estação hidro-aérea da companhia que lhe deu o nome; — Icoraci, bairro afastado e interessante etc., dos quais adiante me ocuparei.

Como tôdas as cidades grandes, Belém do Pará exalta o culto de seu povo aos grandes feitos e aos grandes vultos do seu passado. Falarei dêsses feitos e dêsses vultos: na praça Visconde do Rio Branco, por exemplo, encontra-se a estátua de José da Gama Malcher. Próximo ao cais do pôrto está o monumento comemorativo do primeiro congresso dos pescadores do Pará, construído em 1925, ostentando numa das faces esta legenda: “Pela independência e integridade da Pátria: Pirajá, 2-7-1823; Maranhão, 28-7-1823 e Pará, 15-8-1823. Noutra face êstes versos:

“Na paz e na guerra  
— Quando os nautas,  
Salvando náufragos,  
Abastecendo as cidades,  
Defendendo a nação,  
Semeavam de luz a luz dos mares,  
Em feitos nunca feitos, singulares.

Não me foi possível compreender a razão nem a significação desta estância poética. Talvez se trate de trecho de um poema heróico. Finalmente na última face do aludido monumento encontram-se estas frases rememorativas dos gloriosos feitos dos jangadeiros cearenses do passado, na luta pela libertação dos escravos, quando Francisco José do Nascimento, chefiando um grupo de companheiros negou-se a concorrer para o embarque e desembarque de escravos, na terra de Iracema:

“Libertando os cativos. Jangadeiro F. J. Nascimento, Dragão do mar. Ceará, 25-3-1884. O C A José Bonifacio, 1919.”

Na praça Pedro II — a mais bela de Belém, — eleva-se o seu maior monumento, com esta legenda em dedicatória:

“O Pará a seu filho Hilário Mariano Antunes Gurjão, nascido em Belém, em Fevereiro de 1822 e falecido em 17-1-1869, ferido na batalha de Itororó, guerra do Paraguai, quando proferiu a legendária frase: “vejam como morre um general brasileiro!”

Numa das faces dêsse monumento, leem-se ainda êstes versos heróicos, de poeta não identificado:

“Êstes morreram pela Pátria amada,  
Curtindo a fome, a sêde e ardentes sois;  
Marcam seus ossos do triunfo a estrada.  
Seu prêmio? — A glória. Os nomes seus? Heróis!

Mantendo os brios nacionais esperam  
Da livre Monarquia heróica fama:  
Honra aos que assim seu berço enobreceram.  
Glória ao país que filhos tais proclama.”

Outro importante monumento é o Quinze de Novembro, incimado pela estátua da liberdade e situado na larga e decadente praça da República, onde se encontra a artística fonte Três de Outubro, hoje sêca como as suas congêneres na cidade. É de notar, principalmente aí, a arborização, tôda em mangueiras, as quais, ostentando belo orquidiário em floração, constituem magnifico bosque que ensombra um grande trecho da Av. 15 de Agôsto.

Há ainda, a assinalar, o monumento aos gênios da aviação, Augusto Severo, Bartholomeu de Gusmão,

Julio Cesar e Santos Dumont. Esse monumento, que é encimado por uma águia armada em jaspe, encontra-se ao fim da Av. Marechal Hermes, próximo ao Aeropôrto; artéria em cujo início na Avenida 15 de Agosto, ergue-se, em bronze, um escoteiro alerta.

Bustos inúmeros encontram-se, também, no parque Rodrigues Alves e no Museu Goeldi, assim como outros monumentos e placas comemorativas, cuja citação me dispense fazer por desnecessária.

Das praças públicas, algumas já citadas nesta carta, merece, igualmente, menção especial, a Saldanha Marinho — Batista Campos, onde, embora secos, há lagos e canais que teriam sido encantadores. Aí se encontram lindas estatuetas de porcelana, quiosques orientais e uma torre medieval, em miniatura, conjunto esse de grande efeito ornamental mesmo em ruínas como se encontra.

Ver-O-Pêso é um dos grandes e movimentados setores comerciais de Belém. Aí se encontra o grande pôrto ou ancoradouro fluvial dos veleiros que ligam a Capital paraense a todos os recantos do grande Estado. Como a rampa do mercado, em Salvador, Bahia, esse pôrto oferece um aspecto interessantíssimo à cidade de que ora me ocupo, principalmente pelas dezenas de veleiros que nele se vêem atracados.

O Mercado Municipal de Belém, não é dos melhores, nem dos mais fartos. Contudo, apresenta, sempre, grande movimento. Suas instalações, entretanto, especialmente as sanitárias, deixam tudo a desejar.

Uma particularidade curiosa existe quanto às ruas desta Capital; — tôdas elas, sem exceção, quando transversais às que, em sentido longitudinal,

partem do centro da cidade, são travessas, não se lhes levando em conta a extensão ou a importância comercial.

Quero aproveitar o ensejo para desfazer inverdades ou lendas sobre esta decantada cidade do sertião brasileiro. Aí, no sul, ouvimos dizer que o clima aqui é de tal sorte quente que o povo de Belém é obrigado à sesta, fechando-se o comércio ao meio dia para se abrir às quinze horas, espaço de tempo em que a população se entrega a obrigatório repouso em face do insuportável calor; que ninguém anda de palitô nesta terra; que em tôdas as ruas há bandeirinhas vermelhas assinalando os pontos de venda do assai e de congêneres regionais.

Nada disso corresponde à verdade. Há, realmente, fechamento do comércio das onze e meia às treze e meia horas, para o almoço, tal como acontece em quase tôdas as grandes cidades brasileiras.

Ninguém anda sem palitô por causa do calor. Efetivamente, a temperatura aqui é elevadíssima e a gente sua demasiadamente. Mas o calor não é privilégio de Belém do Pará, pois no Brasil inteiro, pelo verão há calor e muito forte, inclusive nos Estados do sul, em São Paulo e em Minas Gerais, onde, nessa época, a temperatura se torna simplesmente "senegalesca". Quanto às bandeirinhas, na verdade as vi, mas isso lá para subúrbios afastados, numa ou noutra casa modesta, muito raras. Realmente o assai é bebida tradicional do paraense, principalmente no interior do Estado. Mas não constitui a bebida principal, de maneira alguma. Como em todos os centros populosos nacionais, aqui se tomam as mais variadas bebidas.

O transporte urbano desta Capital, no que diz respeito a ônibus, não é dos piores. Entre os carros

obsoletos, como em tôda parte, há veículos modernos, novos e confortáveis. Como curiosidade no gênero, devo destacar o "dirigível pérola", um ônibus absolutamente semelhante a um zepelim, inclusive na sua côr prateada. A carroceria dêsse carro foi totalmente construída aqui. Há um único exemplar em circulação e é digno de ser apresentado em qualquer centro adiantado onde, certamente, faria sucesso.

Com exceção da linha de Pinheiros — hoje Icoará — município cuja sede fica, mais ou menos, a uma hora de viagem, creio que é nulo o tráfico rodoviário rural. Os veículos dessa linha partem do "boulevard" Castilhos França, onde há um abrigo inédito, pois nele a fila (cobrinha, como diz o paraense) é obrigatória em virtude de um dispositivo gradeado, à guisa de corredor em ziguezague, de maneira a forçar os passageiros a entrar na fila, queiram ou não. Com tal dispositivo nula seria qualquer tentativa de "fura-filas."

Até fins do mês passado havia o serviço de bondes da Pará Elétrica. De decadência em decadência êsse serviço acaba de chegar à completa paralisação, atirando ao desemprego centenas de trabalhadores, que estão sofrendo as mais sérias agruras, pois o governo, a quem cabia ampará-los, nenhuma providência tomou. Com êsses trabalhadores sofre todo o povo suburbano o qual, já não tendo luz, vê-se, agora, privado de seu transporte barato. Como em tôda parte dêste Brasil imenso e malbaratado, o povo é sempre o bode expiatório de todos os desmandos. Se protesta, aí está a reação policial para fazê-lo calar-se. Quando a polícia é julgada insuficiente, recorre-se às forças armadas, que entram logo em prontidão, para sufocar os legítimos anseios dos que lutam por mais um pouco de pão, um bocadinho mais de luz ou de

conforto, como está acontecendo atualmente. Eis a realidade em Belém do Pará nestes incertos dias de 1947!

Há nesta Capital excelentes hotéis, destacando-se, dentre êles, o Grande Hotel — hoje pertencendo aos norte-americanos, — o Garés — especializado na hospedagem de turistas, — o Avenida, igualmente bom e o Central, em que me hospedo, inegavelmente uma boa casa.

A vida social em Belém do Pará, é animada. Há vários clubes recreativos, sociedades de arte, de esportes e culturais. O convívio social é bom. Notei, entretanto, que o mundo feminino, muito diferente do amazonense, é retraído e até presunçoso. Talvez seja um erro de observação ou consequência do meu incorrigível retraimento, a presunção das paraenses. O certo é que aqui me encontro ha longos meses e só palestrei com a senhora pianista do hotel, a espôsa de um comerciante e a minha despachante alfandegária, senhora, aliás, de grandes méritos.

No que diz respeito à religião, predomina aqui, como em todo o país, a religião católica, exercendo os padres grande autoridade em todos os setores da vida pública paraense. Em segundo plano e bastante difundida está a doutrina espírita que conta com grande Centro em que se pratica assistência de vários tipos a todos os que sofrem e ali procuram alívio aos males seus.

A instrução no Pará é bastante desenvolvida, principalmente em Belém, onde se contam inúmeros ginásios, faculdades, escolas de belas artes, de filosofia, profissionais e normas; Instituto de Música e demais estabelecimentos congêneres. Porisso mesmo bastante evoluída e culta é a mocidade paraense — refiro-me, é claro, à mocidade da média e da alta

burguesia, pois aos filhos do proletariado e da plebe, como no Brasil inteiro, é impossibilitado o acesso aos cursos superiores, tais os preços e as dificuldades que os mesmos oferecem.

Não se pode exaltar a exuberância física do povo paraense. Quem o fizer estará incorrendo em erro. Isto porque a subnutrição é uma realidade também nesse povo. — Ainda aqui não me refiro aos privilegiados e àqueles cujo padrão de vida é um pouco melhor, os quais constituem, como em toda parte, resumida minoria. — Cooperando com a subnutrição, o impaludismo e a verminose são fatores de grande preponderância no enfraquecimento físico do povo paraense.

Aqui, como em Manaus e em outras cidades pará-amazonenses que visitei, foi-me dado observar menor número de mendigos e pedintes. Informaram-me que isso se deve ao serviço de repressão à mendicância; serviço a que as autoridades prestam auxílio, intervindo para evitar que o público seja abordado por esses infelizes, consequência mesma do sistema econômico sob o qual vivemos.

A diminuição de esmolantes acima assinalada não quer dizer que seja pequeno o número de pedintes aqui; não expressa um menor estado de pobreza nesta terra. Absolutamente não. Apenas em relação a outras cidades brasileiras é que se torna menor esse número. Desgraçadamente a mendicância é parte integrante na vida de nosso país. E há de ser assim enquanto vivermos sob o guante escravizador do imperialismo e o nosso sistema econômico não sofrer a radical transformação de que tanto carece.

A política em Belém do Pará é a politicalha que todos conhecemos pelo Brasil em fora. Aglomeração de interesses pessoais sob grupo de letras iniciais,

indicando partidos políticos e o choque desses interesses aparentemente contrários mas, na verdade, como num cartel monstruoso e vil, ligados entre si, quando se trata de escravizar ainda mais o povo, de expoliá-lo em seus direitos, de sufocar os derradeiros haustos da nossa débil democracia! Tudo isso se resume em baratismo e anti-baratismo ou seja: partidários do Sr. Magalhães Barata e adversários do mesmo. A margem desse charco de interesses pessoais, o Partido Comunista do Brasil, como em todo o território nacional, lutando ao lado do povo, contra toda sorte de opressões e infâmias, pelo progresso e pela grandeza desta Pátria inigualável.

Como a instrução, relativamente desenvolvido é o movimento esportivo na terra da Cabanagem. Entre os esportes destacam-se futebol, natação, remo, tenis e basquete. A venatória ou caça não me parece muito praticada aqui. Pelo menos não entrei em contacto com praticantes desse esporte ou arte. O mesmo julgo acontecer com o hipismo e as famigeradas brigas de galo e de canário.

Há passeios interessantes e tradicionais nesta Capital. Dentre eles o da ilha balneária de Mosqueiro, onde, segundo informações que obtive, há praias de banho e outras distrações. Para ali afluem, especialmente aos domingos e feriados, grande parte dos habitantes de Belém. Não me foi possível conhecer tal recanto paraense.

Quanto à literatura, a despeito dos altos foros culturais desta terra, quase nada posso dizer no que diz respeito a Belém do Pará. Nenhum contacto logrei com o mundo literário daqui. Além do poeta Bruno de Menezes, a quem fui apresentado numa loja maçônica — e que me ficou de visitar

jamais o tendo feito —, nenhum outro intelectual paraense conheci. Tenho a impressão de que aqui como nos demais Estados brasileiros, os intelectuais vivem isolados em suas "tórres de marfim", tornando-se inacessíveis ao convívio do povo.

"Folha do Norte", "Folha Vespertina", "Estado do Pará", "O Liberal", "Vanguarda" e "Província do Pará — êstes da cadeia chatobritânica —, são os jornais desta Capital. A imprensa comunista surgiu por uns dias e desapareceu à falta de maquinária, que está sendo esperada.

Por êsse número de jornais bem se pode aquilatar do nível cultural do povo. Não me consta que existam revistas literárias em Belém. Seu número de livrarias é pequeno.

Jornais cariocas constituem novidade rara em Belém. O mesmo se dando com a imprensa de outros Estados.

Uma das coisas levadas muito a sério aqui é a Maçonaria. Tive ocasião de visitar uma loja do rito simbólico e fiquei de-veras bem impressionado.

Havia-me esquecido da tradicional Estrada de Ferro Bragança, assim como da importante base aérea de Val-de-Cãs. A primeira parece-me em franca decadência, tal o aspecto de suas instalações. Entretanto, não lhe conheci material rodante, nem sequer as locomotivas. Sei, apenas que ela se distende para os lados do Maranhão, indo até à velha cidade de Bragança, lá para as divisas daquele Estado.

Quanto à base aérea de que falei, é das melhores do país. É ali o aeropôrto para toda a aviação que toca em Belém do Pará, com exceção dos hidroaviões.

Passarei a me ocupar, agora, do Parque Rodrigues Alves e do Museu-Zoo-Florestal Emilio Goeldi. O primeiro é, inegavelmente, um dos mais belos do país. Situado a vários quilômetros do centro da cidade, lá para os lados do bairro Floresta, é dos pontos mais visitados desta Capital. Seu estado de conservação é bom. A par dos encantos naturais que oferece, dispõe êsse magnífico parque, de vários brinquedos para a criançada, lugares próprios para piquiniques, inúmeros viveiros de aves e pássaros de variada espécie de que se destaca linda coleção de araras, lagos piscosos e muitas outras atrações.

Vi entre os picitacídeos um papagaio fenomenal. Essa ave, da espécie juruaçu, é grialhão e palreiro como poucos, entretanto não dispõe da parte superior do bico que lhe foi amputada bem próximo aos olhos. Nem porisso, todavia, o interessante papagaio é menos engraçado e tagarela.

Na realidade, o Parque Rodrigues Alves é alguma coisa de soberbo. Seu ambiente natural, suas coleções florícolas e ornamentais, seu conjunto florestal e as árvores que o compõem, dão-nos a impressão nítida do contacto com a selva tropical na sua absoluta autenticidade. Através das aléias que o penetram em tôdas as direções, o visitante caminha sentindo a sensação de que se encontra em plena mata virgem. Para isso não faltam o canto dos pássaros, o grito assustado do lépido catinguelê, o guincho anasalado da cotia arisca, o bater de asa da juriti da mata, o zinir medroso dos grilos na folhagem sêca e a queda, quase imperceptível, das folhas, cujo bulício irmana-se ao rumorejar das franças e ao atritar dos galhos, aos quais as cigarras juntam seu canto nostálgico, às vezes evocativo. E a mata em miniatura é aquele aglomerado imenso

de troncos e lianas, encantador e convidativo, em que o silêncio é a castália da mais pura inspiração.

Impossível me é citar os nomes das madeiras que integram a frondosa mata do Parque Rodrigues Alves, assim como das orquídeas e demais espécies florícolas que ali se encontram com parte integrante da sua beleza inenarrável. Deixemo-lo, porisso mesmo, com tôda a sua aprezabilidade e passemos ao Museu Zoo-Florestal Emilio Goeldi.

Esse é outro recanto interessante em sua notável variedade de aspectos. Plenamente representados ali os três reinos da natureza, bem difficil seria falar do importante museu sem abusar da prolixidade. Mesmo porque, não apenas a Amazônia ali se encontra representada, mas outras e várias regiões do país, incluindo-se nesse relicário histórico, minérios, fósseis, coisas e artes dos nossos ameríndios, seus costumes, atividades e fetiches.

Antes de penetrar nesse palácio de curiosidades, façamos uma ligeira visita às secções zoo-florestais. Conheçamos-lhe e anotemos-lhe, a título de documentário, alguns nomes de vegetais e de animais. Ali estão espalhadas pelo parque as palmeiras jarina, geniporana, paxiuba, assai (Euterpe Olerácea — o palmito doce, do sul), babaçu, bacaba, facabinha, pataúá, — grandemente oleaginosa —, murmurú, stucumá, pirima, marajá, vin-de-cá, pupunha (que bem se poderia denominar "árvore-dispensa", tanto participam seus frutos da alimentação dos paraoras; trata-se de uma palmeira elegante no seu caule erecto, que frutifica em cachos grandes, alguns mesmo gigantescos, de frutos, quando maduros, amarelo-vivos, de sabor agradáveis; êsses frutos, depois de cozidos representam um belo alimento, não apenas

pelo sabor, senão, também, pelo seu poder nutritivo, sendo usado, além de complemento de outras alimentações, como pão ao café, ou com leite, mel etc.; na safra da pupunha constitui ela mercadoria de grande aceitação nos mercados da Amazônia.) Não seria possível prosseguir na citação de palmeiras sem prejudicar espaço e tempo tão necessários a outras espécies vegetais. Prossigamos, pois, conhecendo árvore lenheiras: eis o pau-mulato, imponente, lembrando o aracá silvestre; a açucena (não a bulbosa florícola, é claro); o amapazeiro, a ataléa-goldiana, soberba com sua fronde ampla e espessa; a castanha-de-macaco, de frutos tão bonitos quão inúteis; a massaranduba, cujo leite é uma das matérias primas de maior cotação nos mercados amazônicos e com o qual os americanos fazem a goma de mascar ou "chicletes"; a imponente e preciosa castanheira — castanha do Pará —, a não menos esbelta e dadivosa seringueira — a "hevea brasiliensis" credora do maior renome da Amazônia —; o mururé — grandemente medicinal, cuja casca também constitue mercadoria exportável — e tantas outras espécies, e milhares de espécies vegetais preciosas, cuja citação fôra um atentado às normas da síntese, e que no magestoso parque frondejam, florindo-o e ensombrando-o na mais harmoniosa confraternização vegetal...

As onças não estão distantes. Ei-las nas espécies vermelha (canguçu), preta e pintada, cada qual mais arrogante e ávida de presa viva. Essas feras estão muito magras e feias. Os jacarés encontram-se a poucos metros dos felinos, indiferentes aos olhares do público, sempre de olhos cerrados no seu aparente e traçoero sono. Os ofídios, um pouco mais longe, apresentam-se, como em tôda parte em que se en-

contrem apressoados em maior número, enrolados aos montes horripilantes, confundindo-se sucuris, gibóias, jararacas, cipós, caninanas, que sei eu? fazendo-nos arrepiar de nojo e pavor. Os quadrumanos, na sua variadíssima família, fazem-se representar por alguns espécimes mais conhecidos, destacando-se entre êles o famoso macaco-barrigudo, indolente e quase sempre pendurado pelo rabo. Os rapineiros merecem especial destaque por se fazerem presentes no seu tipo másculo que é o soberbo e voraz gavião-real — a nossa águia brasileira. Ao lado dêste vê-se o curioso urubu-rei, singular na sua roupagem branca, seu pescoço de peru e a sua cabeça pelada onde brilham dois olhos vivos e azues.

Dos grandes animais destacam-se, em regular manada, antas e capivaras, tôdas muito gordas, e lindos veados. Dos emplumados citarei o pavãozinho-do-Pará, lindo e arisco, e o primoroso galo-da-serra; dos columbinos, várias pombas inclusive a torcaz ou "aza-branca" tão decantada. Os galináceos são representados por várias espécies de jacus, assim como mutuns de vários tipos. Dos palmípedes citarei o pato-bravo, irrequieto e voador. E não continuarei citando outros representantes da ornis famosa, que outras coisas também fazem jus à citação. Não me foi possível visitar a piscicultura do Museu, cujo acesso fôra vedado. Todavia pude conhecer o poraquê — êsse famoso peixe-elétrico de tão extravagante e pitoresca lenda. — Deixemos o mundo zoológico e seu complemento, a flora, para entrar no mundo dos inanimados, dos inertes em seus grandes e variados gêneros: o Museu Goeldi. Eis-lhe o amplo e silencioso átrio. Penetremos, com todo o respeito e admiração, êsse fabuloso repositório de raridades. Sôbre o painel da porta principal, vê-se

uma enorme cabeça de búfalo de Marajó, cujos chifres descomunais tomam quase tôda a largura da parede. Logo a seguir, no corredor que leva às salas — exposição, igualmente ao alto, está uma canoa ou ubá, feita da casca do jutaí, perfeitamente utilizável. À esquerda o salão de minérios cuja coleção é modesta embora guardando um sem-número de representantes do grande reino dos metais. O salão dos embalsamados desdobra-se em várias salas e representa uma variedade notável. Ai, julgo, encontra-se representando o reino animal, pelo menos em tudo o que diz respeito à nossa fauna, inclusive fósseis de monstros prehistóricos, assim como ossos de colossais baleias. Do mais ínfimo inseto ao maior dos nossos paquidermes; do mimoso colibri ao poderoso gavião-real; da pequenina coral ao sucuriú pavoroso, ali estão embalsamados para que os homens deles tomem conhecimento na morte visto que, em vida, muito poucos são aqueles que os podem conhecer a todos.

No salão à direita encontra-se a cerâmica indígena, especialmente a marajoara, de tão conhecidas tradições. Através dela vêem-se pratos, maracás, vasos de variados tipos, enfeites auriculares, grandes potes com desenhos e arabescos extravagantes, urnas funerárias, um "bric-a-brac", em suma, dessas coisas e utensílios de barro, todos relativamente artísticos, dos primitivos donos do Brasil. Juntem-se-lhes a variedade incontável de instrumentos de pedra, destacadamente machados de tipos os mais curiosos, caprichosamente polidos, e teremos pequena mostra de como trabalhava o homem primitivo da Terra de Santa Cruz. Continuemos, entretanto, a caminhada e penetremos o reino dos aborígenes

própriamente dito. Esse é realmente um dos mais importantes setores do famoso museu. Vejamos a taba dos Masakarís. Da sua coleção de utensílios e brinquedos anotei: lanças para capivara, flechas de vários tipos, inclusive para caçar pássaros, com quatro pontas; o "brinquedo-de-cão", instrumento esquisito, cujo emprêgo ignoro; material para o fabrico de flechas, bodoques e bolotas de barro para os mesmos, tubo de taquaraçu para marcar o compasso das danças etc.. Notam-se em tôdas as tribus, instrumentos idênticos a êste, o que comprova a importância da coreografia para o selvagem, cujas festas e cerimônias não se realizam sem o concurso da dança. No arraial dos Javés, outros e inúmeros pude conhecer. Dentre êles enfeites para as danças do aruanã, remos e demais objetos todos relacionados com tais cerimônias religiosas. De outro lado estão os Urubus, do grupo tupi. Entre suas excêntricas veem-se colares, diademas, brincos de pena, tambores, paus para produzir fogo, e muitos outros objetos. Os Tukumãs são mais acurados em seus petrechos, apresentando entre outras coisas e utilidades, urupemas bem feitas, rodos de pá de peixe-boi, colheres e bastões de cabos bordados em alto relêvo, batedor de mingau, bancos também de madeira cheios de enfeites em arabescos ou desenhos etc., provando o pendor artístico dessa gente forte. Os Aparais ainda são mais caprichosos. Apresentam êles em ótima cerâmica, vários utensílios, inclusive panelas; casa de madeira idêntica ao rancho de palha do nosso homem rural, cestos para guardar pimenta, tipitis em finíssimo trançado, para espremer a massa da mandioca, capacetes para danças, fusos, cestos de fiandeira, desenhos em figura de pacus para a "cerimônia das formigas", etc.. Os índios Se-

rentes, igualmente muito aperfeiçoados nas suas coizas e utensílios tais como esteiras, businas de imbaúba, lanças, cuias em que as noivas apresentam comida aos noivos no dia do casamento, toros de pati, servindo de ralos de mandioca, instrumentos musicais de cabaça e tamoca: êsses ameríndios, como disse, bastante evoluídos, são para mim os que melhor coleção apresentam no Museu Goeldi.

Os Caiapós destacam-se pela perfeição com que trabalham suas utilidades e enfeites tais como lanças, colares de madrepérolas, ditos de vários dentes, cintos de algodão com casco de anta, enfeites auriculares, cacetes sulcados e roliços e mais uma infinidade de objetos caseiros. Os Tuhunas — lingua isolada do alto Solimões — apresentam tabocas e tambores para as festas de iniciação feminina; enfeites de casco de tartaruga, máscaras fingindo lontra e fingindo milho — a planta no seu todo —, aljavas com setas envenenadas, carauatanas, armas de caça e várias outras coisas. Destacadamente registro o trocano, telefone dos índios Culinos, do rio Mararary, afluente do Juruá. Trata-se de um instrumento verdadeiramente curioso, construído num grosso toro de madeira, ôco, a que êles, habilidosamente, acrescentam uma fenda longitudinal que, partindo de uma vai a outra extremidade da peça. No início e no término dessa fenda, abrem entalhes simétricos em três ângulos, um dos quais se prolonga na dita abertura longitudinal. Tal instrumento é tangido por formidáveis bastões à guisa de mãos-de-pilão. Ao repetir das cadenciadas batidas o trocano emite sons característicos, que se perdem na floresta imensa e são ouvidos a muitos quilômetros distantes, ou pelos da própria tribu, ou pelas tribus vizinhas que o compreendem e interpretam conforme as pancadas.

Os índios Canelas, orientais do Maranhão, são peritos trançadores em fibra de buriti. Dessa arte servem-se eles para fabricar esteiras, máscaras, bolsas, tipitis, abanos, faixas para a corrida de detora (esporte que praticam), peitorais, rodas auriculares (estas de madeira) e outros curiosos objetos. Os Cobeira, do grupo dos Tucanos, são menos diligentes, senão mais rudes. Mesmo assim apresentam curiosas máscaras para dança, figuras de peixes e pouca coisa mais.

Não concluirei antes de aludir a um fenômeno de ordem científica para mim importantíssimo. Trata-se da mumificação de cabeças de selvícolas adultos, e seu respectivo e espantoso atrofiamento que as reduz, com tôdas as características naturais, inclusive os cabelos intactos. É um processo dos Givaros, selvagens do longínquo alto-Amazonas, já no Peru. Esses aborígenes transformam a cabeça de seus inimigos em múmias de dez centímetros de largura por dez ditos de altura, conservando, como disse, tôdas as características da vítima, inclusive a cabeleira em tôda a sua naturalidade, consistência e côr. Hoje, conforme informações colhidas na imprensa paraense, esses ameríndios fazem de tal e científico processo macabro, rendosa indústria, comerciando ditas cabeças por preços elevadíssimos em face da procura das mesmas pelos colecionadores ávidos por elas. Há quem afirme já ser do conhecimento dos civilizados o processo dessa mumificação, cujo principal agente, segundo tal versão, é o fogo, através de um ferro em brasa. Ponho, entretanto, as minhas dúvidas a respeito, visto que o ferro incandescente fere e destrói o objeto por êle tocado, logo, a cabeça atingida ficaria, no mínimo, chagada e prejudicada nos seus traços fisionômicos, especialmente nos cabelos. Isto,

entretanto, é coisa para cogitações científicas, seara que me não pertence.

Este capítulo deveria encerrar esta monótona e cansativa carta. Mas não na teria eu completa se me fizesse silenciar sobre duas lendas ou realiações históricas da Amazônia: o muiraquitã e o uirapuru. O primeiro, talismã sagrado, segundo a lenda, que as Amazonas virgens, depois de prepará-lo como um barro extraído de profundo e misterioso lago onde reside o grande espírito, ofertavam aos amados nos dias da bacanal. A meu ver, tal raridade nada tem de barro.

Julgo tratar-se de amuleto preparado em quartzo em formação, sem qualquer beleza, apenas talhado e polido por artistas aborígenes e destinado às suas crendices e rituais. Aliás a lenda nos apresenta o muiraquitã como sendo uma pedra verde lindíssima. Nada disso é verdade, a julgar pelos que a ventura me foi dada de contemplar e que se encontram, por sua raridade, a "sete-chaves" nos cofres do Museu Goeldi. Tais pedras são feias e amorfas, de um amarelo baço e esmaecido, com levíssima tonalidade esverdeada. São opacas, escamosas, sem qualquer beleza e representam sapos e outros pequenos animais. Seu valor, sua preciosidade e sua fama se firmam, exclusivamente, na lenda que as cerca e na sua raridade.

Quanto ao uirapuru — o pássaro cuja lenda não-lo apresenta como o mais perfeito e divinal dos alados cantores —, merece êle especial comentário. Dizem que quando canta tôda a ornis silencia e dêle se acerca deslumbrada. A selva inteira se cala, o próprio vento detem-se como que estático entre os capiteis da ramaria imensa. Além dessa misteriosa

qualidade artística, do minúsculo e divinal canoro, seu corpo, depois de embalsamado por índios especialistas, constitui um dos mais preciosos condões para as filhas de Eva que, de posse do mesmo, atraem e dominam seus amantes ao ponto de fazê-los escravos e submissos... E essa superstição não é fantasiosa, é preciso que se diga. Tanto assim é que, no Rio de Janeiro, ao saber da minha próxima viagem ao Amazonas, uma senhora solicitou-me, com verdadeiro empenho, que lhe conseguisse um uirapuru embalsamado. Então eu ignorava a razão daquele empenho.

O uirapuru — ao qual Gastão Cruis dedica em sua magnífica "Hileia" um belo capítulo, e o saudoso Humberto de Campos decanta num dos seus mais ricos sonetos —; o uirapuru não existe, segundo a douta opinião do atual diretor do Museu Goeldi a quem falei e de quem recebi atenções que muito me desvaneceram. Diz esse naturalista que, há longo tempo, chegam àquele Museu, exemplares embalsamados ou mesmo vivos, de pássaros que trazem o aureolado nome de uirapurú. Submetidos, porém, a confrontos e provas científicas, negativo é o resultado, ficando positivado que tais exemplares não passam de avesitas comuns sem qualquer semelhança com o pássaro misterioso. Concluí de tal revelação que há um fundo de verdade afirmativa contradizendo o alto e conspicuo funcionário. Senão, vejamos o que nos diz a lógica: o uirapurú não existe, é lenda, pois a ciência vem reputando falsos todos os exemplares apresentados. Muito bem. Mas se essa ciência pode negar a autenticidade de tais exemplares, certamente é porque possui conhecimentos que autorizam essa negativa. Ora, se há tais conhecimentos é porque o uirapurú existe, pois não é possível argumentos negativos sobre uma coisa de que se

possue possibilidades de comprovação. Isto me parece claro.

Mas não contestemos autoridades em qualquer assunto, quando no mesmo somos leigos. Continuemos acreditando na existência do uirapurú e respeitando a opinião do diretor do Museu Goeldi até que a luz se faça, definitivamente, sobre tão discutido caso.

## DE BELÉM A FORTALEZA

Filhos queridos:

O mês em curso iniciára-se monótono e chuvoso, no prolongamento interminável dos longos dias que tanto me fizeram definhar na capital do Pará.

A proporção que se aproximava o transbordar da taça do meu constrangimento, mais me aumentava a ansiedade, o desejo de partir no rumo que me levaria a vocês, aí nesse sul menos insípido. Todavia os negócios que me prendiam ali dir-se-ia atados por liames invisíveis e tenazes a torná-los insolucionáveis. E o tempo continuava se arrastando lerda e fastidiosamente. Cheio de tédio, abatido fisicamente pelo impaludismo da Amazônia, esforçava-me quanto possível por me ver livre do pavoroso clima paraense.

Finalmente, chegou o dia dez, quando vi, às últimas horas de sua primeira parte, definitivamente concluídos meus trabalhos. Graças á boa vontade de funcionários do Loide Brasileiro, consegui passagem. Iria iniciar meu ansiado, mas ainda demorado regresso.

Dezenove horas do dia onze. Noite triste e nublada prenunciava tempestade. O cais, na semi-escuridão, estava repleto de criaturas que foram ao "bota-fora". Iluminado, o "Comandante Ripper" manobrou, afastando-se para avançar, rasgando as feias águas da Guajará. No salão de música um violino, em doloridos acordes, contava uma história de amor ao piano, que o escutava, em modulações nervosas,

bàrbaramente insultadas pelas interjeições da bateria que completava o conjunto musical... Reduzido era o número de ouvintes. A maioria dos passageiros procurava, no tombadilho, devassar as trevas para ver, ao longe, a cidade que ficara mergulhada na escuridão, denunciada, apenas, pelos rubro-ofuscados pontos da sua péssima iluminação.

Mergulhado em minhas costumeiras cismas, ouvia música ou me deliciava com as narrativas de Couto de Magalhães, através de seu interessante livro "Viagem ao Araguaia". Passaram as horas. A despeito do calor sufocante, dormi bem. Alta madrugada acordei, sentindo que o silêncio era absoluto. O próprio trepidar das máquinas de bordo não se fazia ouvir. Verifiquei que o navio estava parado. Aguardava êle a dissipação do nevoeiro sob o qual se ocultava o perigoso labirinto de estreitos e escolhos da região de Salinas, onde nos encontrávamos. Prosseguimos ao romper d'Alva. Mais acessível, menos triste e enfarruscado não se nos mostrava o dia. Chuva constante, ventos irregulares e úmidos, horizontes tremendamente negros, era o que se nos deparava em todo o vasto e tenebroso estuário amazônico. O barco jogava bastante. Vários passageiros, enjoados, jaziam tombados... As horas passavam da mesma forma inatrasentes e monótonas. A velha unidade do Loide — heroína invencível dos negros dias da guerra, perseguida que fôra, várias vezes e jamais alcançada pelos corsários do Eixo — caminhava bem. A segunda noite, como a primeira, chegou e passou sem qualquer anormalidade. A manhã de treze encontrou-nos singrando a baía de São Marcos. As nove horas passamos frente às ruínas do histórico forte que tantas vezes rugira em defesa de São Luiz. Estávamos na capital do Maranhão.



São Luiz do Maranhão. Av. Beira Mar



O famoso cajueiro de Humberto de Campos. Paraíba, Piauí. Essa árvore privilegiada e bela é, hoje, patrimônio nacional



Carnaubal no Ceará. A carnaúba constitui uma das principais fontes de renda desse e do Estado do Piauí



Vista do magnífico parque Solon de Lucena, vendo-se o lago natural que o serve. João Pessoa. Paraíba do Norte

Do navio à lancha, desta ao cais e dali ao pomposo Hotel Central, foi trabalho rápido. Não havia tomado quarto e já um colega me levava a uma vista d'olhos pela cidade.

Ao dia seguinte, depois de procurar outro pouso, visto que o luxuoso Hotel Central é dos que se prestam, às maravilhas, para regime de emagrecer, comecei a faina.

A propalada "Atenas Brasileira" é, efetivamente, agradável. Seu ambiente, seu clima, sua topografia como a paisagem que a envolve; seus serviços urbanos desde os bondes à luz; suas ruas bem acalçadas, seu comércio animado, a relativa fartura em seus mercados e feiras; a mocidade e a infância maranhense no afã estudantil através de inúmeros estabelecimentos de ensino; as fábricas e as igrejas, o conjunto citadino de São Luiz, em suma, deixou-me agradável impressão.

Instalado no centro comercial, num ótimo segundo andar que me oferecera o aludido colega cicerone, ali residente; gozando o acolhedor tratamento familiar que mui raras vezes ao viajante se depara; alimentando-me bem e dormindo melhor numa rede excelente, logo comecei a recobrar o péso perdido em Belém do Pará, readquirindo, ao fim de oito dias, quatro quilos para minha velha carcaça!

Trabalhei proveitosamente na terra dos intelectuais. Visitei casas de diversões, subúrbios e bairros, jardins e logradouros. Conheci jornais da terra assim como lugares históricos. Em resumo, tanto quanto me foi possível, conheci São Luiz do Maranhão. Por absurdo que pareça não vi uma só roda literária. E mais do que isso, não ouvi uma só alusão à literatura, nem ao menos uma referência a um Gonçalves Dias, um Humberto de Campos, um Catulo e

tantos outros vultos das nossas letras que por berço tiveram o Maranhão. A êsse respeito creio que posso me valer do trocadilho, pois a terra de Coelho Neto, hoje, parece-me "apenas brasileira"...

Em compensação, também no Maranhão o futebol é coisa muitíssimo séria. Tal como se dá no Brasil inteiro, a arte do "imortal Leônidas" é dos problemas mais discutidos...

Para compensar meu desapontamento quanto à vida literária em São Luiz, permitiu-me o acaso travar conhecimento com os brasileiros da tribo dos Gaviões. Isto não deixou de reavivar em mim a lembrança dos versos imortais de "I Juca Pirama". Esses legítimos donos da terra brasileira, cujos antepassados inspiraram a musa flamejante e pura de Gonçalves Dias, impressionaram-se, sobretudo, por sua inteligência, seu desembaraço e por seus físicos esbeltos e musculosos, assim como pela maneira afável e vivaz com que nos responderam às indiscretas interrogações.

Representantes de uma tribo com mais de mil membros, conforme me informaram, haviam viajado quinze dias a pé para alcançar a estação ferroviária. Ali se encontravam, na Capital, cuidando de interesses de seus irmãos e deles próprios e esperavam que "papai" — assim chamam êles ao governador do Estado — não apenas lhes fornecesse as armas de que precisavam para "combater aves e animais que lhes dizia a lamouras", mas, também, lhes proporcionasse meios para o regresso à tribo.

Depois de me atenderem, explicando várias coisas referentes à sua gente, seus costumes, produção etc., não nos deixaram sair sem lhes deixar alguns cruzeiros "de que precisavam"...

Cidade velha, São Luiz, como Ouro Preto, Mariana, Sabará e tantas outras cidades-reminiscências, é um relicário de história, lembrando-nos, a cada passo, urbana e suburbanamente, acontecimentos importantes que marcaram o início da nossa civilização, da nossa nacionalidade.

Nem porisso, entretanto, é a tradicional sentinela do setentrião, infensa ao progresso e suas inovações, assim como não tresanda ao bolor das coisas estacionárias. Suas modernas praças, os novos edifícios que surgem, os estabelecimentos comerciais, obedecendo à técnica moderna, as fábricas que aparecem, a nova edificação, que surge, ornamentando-lhe os bairros em contraste com o velho e colonial casario, denotam que São Luiz, embora vagarosamente, caminha e progride. Ressente-se, é natural, da falta de mais vida, mais trabalho e mais esforço, principalmente industrial — doença, aliás, que afeta e depaupera quase todo o organismo nacional, dada a preocupação de maus governos a serviço do imperialismo, no sentido de atrofiar a indústria do país. — Nem porisso, todavia, deve-se considerar São Luiz do Maranhão como cidade retrógrada ou decadente como Belém do Pará, Terezinha, Florianópolis etc., as quais nefastos governos teem reduzido as simples aglomerados populosos.

De palestras com cidadãos maranhenses deduzi que o Estado do Maranhão padece da falta de povoamento, de estradas de penetração e, principalmente, de incentivo à lavoura e à pecuária, para não falar na indústria fabril — o ponto mais fraco do norte e do nordeste brasileiros. — O solo do Maranhão, especialmente no sul do Estado — como todo o solo nordestino fecundado pelas grandes soalheiras — é de rara fertilidade. Em ligeiras excursões que fiz

a alguns arrabaldes da cidade de que me ocupo, foi-me permitido testemunhar o que afirmo, através de ótimas chácaras onde a vegetação, especialmente a frutícula, é luxuriante e desenvolvida. Dada a sua excelente posição geográfica, o importante Estado, no sentido econômico, há de ser ainda uma poderosa unidade da federação.

Como o nortista e o nordestino em geral, o maranhense é um brasileiro amável e palestrador, demonstrando, sempre, agilidade mental e alacridade espiritual. De fácil acessibilidade às relações de amizade, com poucos dias de convívio torna-se um belo camarada. Não me fôra a necessidade de seguir a outras regiões, teria muita satisfação de permanecer por mais tempo em São Luiz, onde nada encontrei que me aborrecesse. Entretanto, o viajante não pertence a si próprio. Seu destino é marchar, sua missão é idêntica à das borboletas: adejar sôbre todas as flores, colher-lhes o néctar e não se deter jamais. Apenas, diferindo das falenas, ao invés do mel muita vez o fel se depara a êsse anônimo construtor da fortuna alheia; amargor que êle sorve, resolutamente, longe dos entes queridos, da mulher amada, do que lhe é mais caro na vida, em suma, para gáudio daqueles que se locupletam com seu ingente esforço quase sempre mal remunerado. E assim, ao dia vinte e dois, terminados meus afazeres em São Luiz do Maranhão, no Tirirical, campo de pouso daquela cidade, novamente no bojo de um "Douglas" rolava pela molhada pista de cimento e ascendia aos céus rumando para o sul.

Uma hora, seguramente, voando sôbre as planuras maranhenses, misto de restingas, savanas, alagadiços e vastos areiais retraçados de rios e canais, deixou-me desagradável impressão, pois me perceu

que em tôda aquela imensidade territorial impera o abandono e a pobreza absolutos. Muito mais não avançava e lá no fundo surgiu, vasto e ziguezagueante, um novo lençol de águas avermelhadas, correndo para o mar. Era o "velho monge", êsse belo Parnaíba dos versos de Da Costa e Silva.

Num modesto campo de pouso descia, logo após, o avião e eu me dirigia para a cidade. Parnaíba, que ao aludido rio deve o nome, é das mais importantes cidades do norte e a maior do Piauí. Não chega, é bem verdade, à importância de uma qualquer cidade de segunda categoria do sul do país, mas nem porisso deixa de ser boa praça, com regular comércio, reunindo um aprazível conjunto cidadão. Vítima de administrações negligentes, como soe acontecer a quase todos os nossos centros populosos — para não falar mais uma vez nas zonas rurais — Parnaíba não tem luz, não tem água nem esgôto, a despeito de se encontrar à margem de um grande rio!

Seu respeitável valor comercial comprova-se não apenas pelos grandes estabelecimentos, senão, também, por se encontrarem ali representadas as nossas maiores organizações de transportes marítimos e aéreos, mesmo não sendo a aludida cidade um pórtio de mar próprio dito, visto encontrar-se um pouco distante o oceano.

Notei fartura na cidade. Seu mercado é abundante, especialmente em carnes e pescados. A despeito disso a miséria também ali é contrastadora. De Manaus para o sul, até ali, foi a cidade em que vi maior número de mendigos, principalmente crianças cegas ou fisicamente deformadas. Compungente é o espetáculo dessas centenas de criaturas, por tôda parte, estendendo a mão à caridade pública.

Do ponto de vista social Parnaíba se sobressai entre a maioria das cidades brasileiras. Seu povo denota gôsto pelas coisas sociais e é de grande lhanza no trato. Estive apenas dois dias em Parnaíba. Mesmo assim, graças à gentileza de um comerciante ali estabelecido, tive oportunidade de sentir a cordialidade daquele povo bom. Ainda em companhia do aludido comerciante, visitei o Club 24 de Janeiro, uma das belas realizações sociais do norte, onde as famílias parnaibanas acorrem para dançar, palestrar, divertir-se, finalmente. Êsse clube é um verdadeiro centro de intercâmbio social. O forasteiro é ali muito bem recebido e cercado das melhores atenções.

O principal fator da economia piauiense é a cera de carnaúba, cuja exportação através de Parnaíba é notável. Atualmente, por retraimento do principal mercado consumidor, os Estados Unidos da América do Norte, está havendo alarmante queda de preços dessa mercadoria. Verdadeiro pânico assalta o comércio exportador, que retrai as compras da cera. Êsse retraimento se reflete no comércio varejista, provocando absoluta paralização de negócios e ameaçando séria derrocada econômica para a região. Infelizmente, o Brasil não pode recorrer a outros mercados. País economicamente semi-colonial, não temos independência para mandar o que produzimos aonde quer que se nos ofereça mercado franco e promissor. Temos que nos sujeitar ao dólar, aos trustes norte-americanos que nos impõem seus preços, graças à subserviência criminosa dos nossos homens, que nos últimos anos teem empolgado as reedes do governo. Assim sendo, desde que os atravessadores norte-americanos se desinteressem (o que êles fazem sempre que os seus interesses exigem), nossos produtos caem de preço e a crise se manifesta. No Piauí e estados

vizinhos, é a cera de carnaúba. No Maranhão, o babaçú, na Amazônia, a borracha e demais derivados extrativos, e assim por diante. Todas as matérias primas que se elevaram de preço, artificialmente, por injunção do dólar, estão baixando vertiginosamente com a retração proporcional do mercado norte-americano. Não podendo ir a outros mercados importantes — a União Soviética inclusive, com suas vastíssimas possibilidades para a colocação de todos os nossos produtos em condições as mais favoráveis, inclusive sob trocas na base de nossa moeda, com trigo, petróleo etc. — vamos-nos sujeitando a essa miserável e deprimente conjuntura, até que o povo brasileiro, compreendendo a sua triste realidade, imponha novos rumos à máquina administrativa nacional, pondo-lhe à direção brasileiros realmente capazes de orientá-la no sentido do progresso e do bem-estar dos que trabalham.

Duas particularidades ligadas à vida de Parnaíba, mereceram minha especial atenção: as barcaças e o cajueiro de Humberto de Campos. As primeiras, armadas com várias ubás ou canoas paralelamente unidas, têm uma tolda alta ou cobertura de sapê, à guisa das nossas casas-de-palha das zonas rurais. O piso é de madeira lascada, especialmente buriti ou juçara, bastante unida, de maneira a permitir, sem o risco da umidade, o transporte de passageiros e mercadorias. Tais barcaças, ancoradas à margem do rio, em sentido longitudinal, à distância dão por vista um correr de casas flutuantes. Esse é o principal meio de transporte do Piauí.

Quanto ao cajueiro do poeta e escritor insigne, lá se encontra ele, hoje patrimônio nacional. É, realmente, uma árvore linda com sua fronde imensa tomando toda a área fronteira à antiga residência do

poeta. Adulto e muito bem cuidado o famoso cajueiro impressiona pela sua exuberância. Está protegido por uma tapagem que impede seja ele maltratado pelos que lhe ignoram o valor histórico.

Depois de conseguir dele algumas fotografias para meu album, lá deixei-o, silencioso, talvez a receber na brisa que o embala, os afagos de quem, planhando-o às margens do lendário Parnaíba, fê-lo crescer para a imortalidade!...

Vinte e cinco de maio. Outra vez sob os céus do norte, dentro de uma aeronave da Cruzeiro do Sul, rumando para Fortaleza. Uma hora e trinta minutos gastos entre as duas cidades, voando sobre carasqueiro adusto. Lá do alto se me distendia aos olhos a planura vasta que a estiagem flagela no suplício das sêcas. Estendida à margem dos "verdes mares bravios", a Capital cearense surgiu. A tarde era magnífica é o cenário lembrava-me policrômica paisagem, dessas que, emocionando, deslumbram!

## FORTALEZA

Entre a Serra de Baturité e o mar, na planura vasta, aninha-se Fortaleza. Inegavelmente é uma cidade bonita quanto à sua topografia. E seria magnífica se houvesse da parte dos que a teem administração, um pouco de gosto urbanístico. Do ponto de vista coletivo a capital do Ceará equipara-se às suas irmãs Recife, Salvador, Belém do Pará e demais metrópoles brasileiras. Demograficamente creio que ocupa o sétimo lugar nas vinte e uma das nossas capitais. Seu comércio é bastante desenvolvido. A indústria, em relação ao tamanho da cidade e densidade de população, é resumida e incipiente. Uma ou duas fábricas de tecidos, uma fábrica de brinquedos em desenvolvimento, algumas usinas extrativas e mais nada. A indústria artezã é notável. Destaca-se entre ela a de rendas e correlativos. Tal indústria constitui boa parte da vida econômica da aludida Capital. Dela vivem muitas criaturas, na maioria exploradas pelos intermediários. Há igualmente fábrica de artigos em tartaruga, muito interessantes, aliás.

Culturalmente Fortaleza é um grande centro, contando com vários estabelecimento de ensino, inclusive academias. No setor intelectual a terra de Paula Ney nada fica a dever às suas irmãs do norte, do sul e do centro do país. Infelizmente não logrei travar conhecimento com o mundo literário cearense. Apenas conheci três poetas conterrâneos de Quintino Cunha, mesmo assim através de rápida apresentação num café. Dêsses, mantive contacto com Silveira

Filho — graças a atenção do Snr. Lauro Vieira da Costa, que mo apresentou e a quem devo a felicidade de trazer comigo "Sonetos Cearenses", livro em que se encontram versos de quase todos os poetas do Estado de Antônio Thomaz.

Tive ocasião de assistir ao "congresso dos cantadores", promovido pelo poeta pernambucano Rogaciano Leite. Foi uma festa muito interessante, em que a agilidade mental do nordestino, mais uma vez, mostrou do quanto é capaz nos domínios do improviso. Infelizmente não pude trazer para estas páginas um nome sequer dos congressistas cantadores, assim como nenhuma das suas improvisadas cantigas. Tentei atingir tal objetivo por intermédio do próprio organizador do certame, mas êsse não deu a devida importância ao meu pedido, malgrado sua promessa de atender-me. O "congresso de cantadores" teve lugar no teatro José de Alencar, tradicional casa de espetáculos de Fortaleza, cujo patrono lá se encontra imortalizado através de seu retrato e das suas obras das quais os nomes, destacadamente, se acham gravados em "plaquetes" que enfeitam a abóboda e os frontais interiores do histórico teatro tipicamente colonial.

Inúmeros são os jornais de Fortaleza, inclusive "O Democrata", do Partido Comunista. As vésperas de minha partida assisti a um comício dos estudantes do Ceará que, em praça pública, se reuniram para protestar contra as tendências fascistas do governo Dutra. Foi um espetáculo magnífico de civismo. O entusiasmo da jovem oratória, fez vibrar a multidão, provando dessa forma que a pátria de Iracema, com sua vigilante mocidade à frente, está de pé na defesa da democracia. Um professor dos próprios estudantes, usando a palavra, tentou, com a desmoraliza-

díssima arma do ante-comunismo, introduzir uma cunha reacionária entre o povo e a mocidade entusiasta. A massa recebeu êsse discurso com tal e tão significativo silêncio que êle foi imediatamente encerrado.

Graças à sua excelente topografia, a cidade de Fortaleza tem suas ruas absolutamente planas, longas e em esquadro. Seu conjunto agrada sobremaneira e o clima desta capital é dos melhores do Brasil. Isto porque uma ventilação perene ameniza o calor mantendo uma temperatura inalterável e sadia, tornando-se mais fresca à noite, o que permite um sono agradabilíssimo.

Aberrante é a posição de Fortaleza em face ao mar. Isto porque ao invés de dar a frente para o oceano, tendo entre o casario e as praias uma larga e bem cuidada avenida, dá um de seus flancos, justamente o que mais se assemelha a retaguarda ou fundos. Dessarte, para que se veja a vastidão marinha e se contemple as praias de Fortaleza, tem-se que descer a estas, uma vez que o panorama atlântico só pode ser contemplado — e de maneira incompleta — do Passeio Público. Nenhuma outra cidade brasileira melhor possibilidade oferece, pela sua localização e topografia, para gozar de magnífica paisagem sobre o mar. Entretanto, os que edificaram Fortaleza e os que a tem administrado até hoje, numa prova de mau gosto, o mais condenável, assim não o entenderam. E a cidade continua oferecendo os fundos para a azulecida amplidão marinha em cujas praias se quebram, ora mansos e lascivos, ora terríveis e ameaçadores, os “verdes mares bravios” de Alencar!

Das praças e jardins de Fortaleza, destacam-se, como mais importantes, a meu ver, a “Cidade das

Crianças”, a Praça do Ferreira e o Passeio Público. A primeira, moderna, é realmente encantadora com seus lagos, aléias e árvores frondosas. A segunda, por ser a mais central e o ponto convergente da cidade, e o último, além do seu lindo arborizado e sua vista para o mar, por ser histórico. Nela encontra-se a timbaúba, árvore em cujo galho teria sido enforcado um dos revolucionários republicanos, foi a informação que me deu um cicerone eventual. Infelizmente não só me faltou comprovação do fato histórico, mas igualmente escapou-me o nome dêsse patriota. Há ainda a destacar-se nessa praça um restaurante ao ar livre, onde é servida ótima peixada. Também ali se ergue o famoso baobá, árvore exótica na sua grossura descomunal e aspecto físico.

Junto ao passeio público encontra-se a velha fortaleza, em ruínas, à qual se deve o nome da Capital cearense. À sua frente, no fundo da rampa que se para a praia do planalto citadino, situa-se a usina termo-elétrica, não apenas ocupando vasta área de terreno, mas entrvando um dos principais pontos da cidade em apreço, tirando-lhe toda a beleza. Aumentando a falta de estética urbanística, ao lado esquerdo da citada usina, há uma fábrica de “cola-da-baía” da qual exala um cheiro nauseabundo e insuportável. À frente dêsses dois trambolhos colossais, estende-se a praia Formosa, ponto de banho. A seu lado, no sentido do sul, está a decantada praia de Iracema que o mar destruiu. Hoje, essa que foi das mais belas praias do nordeste, não passa de um montão de pedras estendido à guisa de quebra-mar contra o furor das ondas que destruíram as principais residências do lindo bairro. Entre uma e outra, das duas praias citadas, está a ponte de embarque onde se tomam lanchas para bordo de navios anco-

rados ao largo. Para o sul, até Mucuripe, os coqueirais se elevam, farfalhantes, contrastando o verde de suas altas frondes com o alvo e côncavo retângulo das velas conduzindo mar a dentro, pelas manhãs serenas, as intrépidas jangadas, ou trazendo-as, rijas e enfunadas, ao sôpro das vespertinas brisas. Indisputavelmente as jangadas representam o mais soberbo quadro dos revoltos mares do Ceará.

Fortaleza é a capital marítima sem cais. Os navios que a buscam, ficam ao largo. Em botes ou lanchas são transportados os passageiros de bordo ou para bordo, com riscos sérios e sustos constantes. As cargas são transportadas em alvarengas e outras embarcações. Veem à ponte de embarque a ali ficam expostas às intempéries e ao roubo que, sobremaneira prepondera nesse pôrto. Aliás essa modalidade de crime é endêmica e alarmante em nossa cabotagem, para vergonha do Brasil, lucro dos ladrões e desmoralização dos que administram as nossas frotas comerciais, com sérios prejuízos dos exportadores e consignatários. E se o furto é assim tão ostensivo — como de fato o é, em todos os portos brasileiros — no Ceará, em Fortaleza mais propriamente dito, toca às raías do assalto!

Atualmente constroe-se o cais de Mucuripe, a uns trezentos quilômetros da cidade. Lá poderão atracar quaisquer navios cujas cargas, bem como os passageiros, estarão livres, aquelas dos ladrões, estes dos perigos que atualmente os ameaça no embarque e desembarque, conforme ficou dito. Espera-se, com a conclusão do aludido cais, que os roubos diminuam. Oxalá tal aconteça.

Durante minha estada de quinze dias em Fortaleza, mantive contacto com o povo cearense que é, como todo o nordestino, amável e comunicativo. O

cearense da capital é um tanto bairrista e acredita que sua terra é a melhor das terras brasileiras. Esse bairrismo não é, entretanto, generalizado. Hábitos há, nesse povo, de certo modo aberrantes e até contrários à higiene. Sem que me anime qualquer intenção de ridicularizar o grande povo irmão, mas desejando, apenas, registrar o que me foi dado observar, citarei alguns fatos em corroboração do que disse há pouco. Um colega meu, mineiro, hoje residente em Fortaleza, contou-me coisas hilariantes a respeito deste assunto e relativas aos contemplados de Leonar-do Mota. Mais tarde se confirmavam muitas dessas coisas. No hotel onde me hospedei, por exemplo, a cama que me deram é dessas de que não invejariam as camas de terceira classe dos famigerados e sórdidos hotéis das vizinhanças da Central do Brasil, no Rio de Janeiro. As mesas — principalmente nas pensões e restaurantes, não mais guardam a côr da fazenda das respectivas toalhas, tantas lhes são as nódoas e manchas das bebidas e das iguarias que se lhes derramam. Invariavelmente não se oferecem colheres para servir a refeição, de maneira que cada um dos comensais tira dos pratos coletivos para seu próprio prato a comida com seu talher, o mesmo acontecendo com o açucareiro. Dizia-me aquele colega que o lenço do cearense é o dedo. Achei isso absurdo. Entretanto pude testemunhar tal afirmativa por várias vezes, inclusive num cavalheiro de trato e preparo, hoje deputado. Esse snr. palestrava animadamente comigo quando, súbito, levou ao nariz dois dedões e zás! assoou para o assoalho e depois, natural e calmamente, limpou os dedos na roupa e continuou a palestra. Estava com a razão meu colega!

Como o assai em Belém do Pará, em Fortaleza a bebida regional é o “pega-pinto”, planta medicinal

e muito conhecida. Da raiz desse vegetal faz-se um refrigerante de grande aceitação. Realmente é uma bebida gostosa e útil.

Há vários cinemas em Fortaleza e todos pertencentes ao "trustmam" Severiano Ribeiro, ao que me informaram. Trata-se, entretanto, de estabelecimentos arcaicos. Apenas o "Diogo" é bem instalado e obedece à técnica moderna, inclusive ar refrigerado.

Quanto à vida noturna, conforme pude saber, consta ela de cabarés, clubes etc... As praias da Capital cearense não são muito frequentadas pelo mundo feminino. Várias vezes fui ao banho de mar e pude observar que a percentagem de Evas ali presentes nunca chegava a dez em relação aos homens. Não sei a que atribuir essa abstinência às abluções marinhas por parte das irmãs de Iracema. Talvez preponderar nesse afastamento a severidade das leis clericais, intransigentes a respeito.

Como não tenho esquecido nunca, em minhas páginas, o elemento feminino, passarei a dizer do que me foi dado observar quanto à mulher cearense.

A rigor a verdadeira beleza, a meu ver, não atinge a cinco por cento. Mas as criaturas bonitas e atraentes, em Fortaleza, creio atingir a quarenta por cento da população feminina. Notei faltar às minhas patricias em alusão, a homogeneidade física absoluta. Sua plástica nem sempre é completa, é harmoniosa. Quando se harmonizam feição, cabelos, olhos, seios, cintura e ancas, falta a beleza das pernas as quais, na cearense, são quase sempre finas e não possuem aquela elegância de contorno indispensável a um perfeito conjunto de beleza. Isto quanto à exterioridade física. Em relação à beleza espiritual ou intelectual a percentagem se eleva de muito nessas encantadoras criaturas.

Palestrei com algumas senhorinhas que me foram apresentadas. Nenhuma delas deixou transparecer cultura ou mesmo acuidade mental. Estou convencido de que, nesse sentido, o sul, o centro, o norte e o nordeste do Brasil, estão perfeitamente nivelados, isto em que pese as honrosas e belas exceções. Disso, entretanto, não lhes cabe a culpa. O responsável exclusivo por esse atrofiamiento intelectual das nossas jovens, como de toda a juventude brasileira, é o sistema político sob o qual vivemos, em cuja sombra daninha cresce o analfabetismo que avassala o país, tornando cada vez mais fúteis as nossas graciosas patricias.

Bastante agitada é a vida urbana de Fortaleza. Suas ruas e avenidas, suas praças e jardins estão sempre regorgitantes. O tráfico, hoje reduzido ao serviço de ônibus e de carros de praça, por ter cessado o de bondes, é bastante movimentado. Os ônibus deixam muito a desejar pela sua quantidade e qualidade. Em compensação, os carros de praça são excelentes, seus preços acessíveis e os motoristas expeditos e delicados.

Dos melhores do nordeste é o mercado municipal de Fortaleza, quer no tamanho, quer na fartura e na variedade de mercadorias. Ali se encontram todas as coisas fabricadas e produzidas no Estado, desde a indústria à agro-pecuária. Menção especial, porém, merece a indústria artesã e dela as rendas, os bordados, as redes e demais acessórios caseiros. Servido exclusivamente por mulheres o comércio dessas especialidades é grandemente movimentado, atraindo àquela praça de negócios todo o forasteiro que visita Fortaleza. Também merece destaque os artigos de tartaruga ali vendidos, desde a cigareira ao anel, do adorno feminino ao utensílio doméstico.



Natal. Rio Grande do Norte. Trecho da cidade



Panorama de Maceió. Alagoas

Na parte externa do mercado encontram-se os galpões numerados, nos quais se vendem cerâmica, matérias primas regionais, plantas medicinais, utensílios e ferramentas usados, e muitas outras coisas. Na parte meroação constante. Ali se vendem os "contrabandados"... São bijoterias, facas, punhais, cordões de fazenda e outras coisas, tudo vendido por indivíduos que se dizem clandestinos para melhor influir os compradores.

Uma das inúmeras curiosidades na Capital cearense é a venda de coisas aparentemente inúteis. Vende-se e compra-se tudo, aqui. Pregos velhos, parafusos velhos, dobradiças, fechaduras, latas, ferraduras, mil coisas velhas em suma, ali estão expostas, aos montinhos. E acham compradores! O cearense é comerciante por índole. Porisso mesmo ei-lo por tôdas as imediações do mercado, com seus taboleiros, malas, caixotes etc., fazendo seu comércio.

Como no Brasil em geral, em Fortaleza bebe-se muito. A aguardente é das principais bebidas, e por sinal excelente a que se fabrica no Ceará.

Invariavelmente com o aperitivo vem o "tira-gosto". Este pode ser um cajá, um pedaço de laranja, um biscoito como um minúsculo peixinho frito, aliás o melhor de todos os "tira-gosto".

A nota dissonante e triste nesta cidade agradabilíssima, é a mendicância. Não creio que haja no Brasil — e pouquíssimas me faltam conhecer — outra capital onde maior seja o número de pedintes. Contam-se por centenas os mendigos. Em tôda a parte a que se vá ou em que se esteja; nos cafés, nos bares, nos restaurantes como nas ruas e praças, lá estão os pedintes, uns velhos e defeituosos, cegos e anormais;

outros, e dentre eles grande número de mulheres fortes e até bonitas, como aquela cabocla de seios fartos e face lisa que faz seu ponto próximo à praça do Ferreira, na rua major Facundo. Na maioria dos casos femininos é empregada a infância como instrumento psicológico. E então é de ver mães rodeadas de vários filhos, maltrapilhos ou nus, implorando à caridade. As criancinhas, que se vão criando nesse ambiente, quando já espertas e treinadas, abordam os transeuntes a pedir com artes e trejeitos de verdadeiros profissionais. Em geral os pedintes de Fortaleza exercem seu mister cantando. Em face do grande número dêles a cantoria, às vêzes, se alonga rua em fora de maneira simplesmente alarmante.

Aqui não se diz "Deus favoreça" quando não se dá a êsmola pedida, como no Rio de Janeiro, por exemplo. A expressão é, "perdoa". Certamente ridicularizando essa evasiva, um cego que faz ponto também à rua major Facundo e canta o dia inteiro, trovando sempre, de quando em vez faz, com sua voz desafinada, ouvir esta quadra magnífica:

Valei-me Nossa Senhora  
— A Virgem da Conceição!  
Se "perdão" fosse futuro  
Lá em casa eu tinha um milhão!

Preste-se bastante atenção a êstes versos e veja-se a poesia e a musicalidade da poética sertaneja.

Não fôra o espetáculo entristecedor da pobreza que lhe enche as ruas, a Capital cearense, a meu ver, seria uma cidade risonha e das mais encantado-

ras do Brasil. Infelizmente assim não é, dada a triste feição moral que apresenta com tanta miséria. Desgraçadamente a miséria é uma característica da vida nacional, especialmente no nordeste. E os maus brasileiros que governam este país imenso, indiferentes à sorte do nosso povo, nada fazem para minorar-lhe os padecimentos. Dolorosa realidade!

## UM POUCO DOS SERTÕES NORDESTINOS

A quinze de junho, cumpridos meus deveres naquela capital, deixei Fortaleza, por via férrea, rumando para o Crato, no alto sertão cearense. A Rede de Viação Cearense não é das piores no país. Seus trens são relativamente rápidos e os horários melhor cumpridos. Superlotado, o combóio partiu às cinco horas da manhã. Nada de importante chamou-me a atenção além da fertilidade do solo das adjacências da capital, patenteada nas roças de milho e arroz que se espalhavam pelos vales e encostas à proporção que nos aproximávamos da serra do Baturité.

No alto dessa serra, na estação que lhe tem o nome, pude ver a variedade de frutas ali colhidas, inclusive pinhas (fruta de conde) excelentes e de grande tamanho, uva preta, pêssegos etc.. Abrirei parêntese para registrar aqui um incidente por demais desagradável comigo havido e que causa hilaridade, não deixando de ser para mim decepcionante. Narremos o ocorrido: apreciador dos mais gulosos da aludida pinha (conhecida por "ata", no Ceará), adquiri em Baturité uma cêsta cheia dessas magníficas frutas. Saboreei algumas e as restantes deixei-as para mais tarde, colocando a cêsta na prateleira do carro. A minha frente ia um casal cuja senhora usava uma blusa branca, muito limpa. O trem resfolegava sertão a dentro e eu, atento à paisagem e aos aspectos, não apercebia dos trancos e balanços do carro. Ao encurvar-se mais acentua-

damente o combóio, inesperadamente a cêsta de pinhas salta e as frutas, tôdas maduras, esborracham-se precisamente sôbre as costas da senhora passageira, borrando-lhe as vestes, inclusive a blusa. Estupefato, atônito, bestificado mesmo, eu não sabia se recolhia as frutas que se salvaram, se pedia desculpas á senhora, se lhe limpava a roupa com o lenço, se me desfazia em excusas para com o marido da aludida senhora, em suma, era uma cena patética e ao mesmo tempo ridícula naquele combóio em disparada, sertão em fora.

Delicado, o casal, vindo-me naquele estado de preocupação, esforçava-se por me tranqüilizar, mas eu me sentia tanto mais culpado e embaraçado quanto mais os dois passageiros me procuravam acalmar ante a expectativa dos demais passageiros. Finalmente conseguimos limpar, quanto possível, as vestes da passageira, e a calma voltou-me para o resto da viagem.

O sertão nordestino, como o mineiro da região norte de Minas, é todo êle coberto de vegetação raiquítica. A diferença é que no segundo, predomina o "cerrado", espécie de capoeirão constituído de arborização característica, troncos retorcidos e lenho rijo, preponderando uma árvore muito semelhante ao cajueiro, enquanto no primeiro é a caatinga que mais se acentua no alto sertão, destacando-se do conjunto vegetal a favela, árvore sem fôlhas, de galhos hirtos como galhada de veado, branca e portadora de espinhos agudos e venenosos. Agora, que as chuvas do inverno se fizeram presentes, a vegetação lembra um vasto estendal de verdura, quase uniforme, pontilhado de serras que se elevam desnudas. Nas partes mais baixas, nos vales e planaltos mais úmidos, as roças de arroz, de cana, mandiva e outras

culturas, bem como os milharais, atestam o trabalho e a fibra do camponês cearense. Não vi por todo o sertão uma só pastagem bem cuidada, como não vi um rebanho sequer, de qualquer espécie de gado. Apenas uma ou outra rês aqui e além. É que o gado desta região vive no mato, na caatinga. Daí a razão da roupa de couro para os vaqueiros que protegem sua montada com peitoral resistente, de sola grossa.

Inegavelmente a fertilidade do solo cearense é notável. Muita razão teem os filhos destes bredos para amá-lo fervorosamente. Não foram as sêcas prolongadas e calamitosas, poucas seriam no Brasil as terras iguais às cearenses, em fertilidade.

A despeito disso, absoluto é o abandono do sertão imenso, por parte dos governos. Não há estradas de penetração ou convergentes, não há escolas, não há qualquer auxílio ao sertanejo. E a gente vai passando revista, à proporção que o combóio avança, a êsse mundo de terras abandonadas que tão úteis poderiam ser ao Brasil, se não vivêssemos sob um regime decadente de exploração e atraso.

Da meia centena, mais ou menos, de estações que se encontram no ramal do Crato, poucas são as que se destacam pelo seu valor demográfico e comercial. Dentre elas estão Baturité. Quixeramobim — entre a Serra Azul cujas montanhas de granito, absolutamente desnudas, apresentando formatos os mais extravagantes, emprestam à região magnífico cenário. Dessas montanhas, aliás, faz parte a "galinha choca", um pico muito alto que, visto de longe, dá por vista uma galinha ao chôco — e Senador Pompeu, ponto de pernoite a duzentos e noventa quilômetros de Fortaleza. Nessa localidade há um único e infamérrimo hotel em que se abrigam os empoeirados e abatidos viajantes. Em cada quarto encon-

tram-se quatro e mais redes, ou "camas". Não tendo outro recurso aí me hospedei. Ao jantar nos foi oferecido como prato principal, tatú com feijão. Felizmente é êsse um piteu para mim, velho caçador e que o não via há muito tempo. Os companheiros recusaram o minguaudo prato e isso me foi providencial, confesso sem reбуços...

De Senador Pompeu para a frente, Acopiara, Iguatu, Cedro e Joazeiro, são as estações mais importantes. As demais, perdidas na caatinga imensa, nenhuma significação apresentam.

Joazeiro, a lendária cidade do padre Cícero Romão Baptista, a mais populosa do sertão cearense, lembra uma vasta e permanente feira instalada numa cidade sertaneja. Sua topografia, semi-plana, se estende em semi-círculo ao sopé de um dos ramos da Chapada do Araripe. As ruas se alongam, quase sempre retas, algumas com acentuados declives. Creio encontrar-se em Joazeiro o maior centro de indústria arteza do país. Ali se fabricam mil bijotérias, incluindo-se jóias várias, artefatos de couro, rebenques, facas, punhais e até relógios. Tudo isso domêsticamente, num artesanato autêntico. O comércio é bastante forte e considerável. Portador de uma tradição que ultrapassa fronteiras, Joazeiro nada tem, a despeito disso, de apazibilidade. É uma cidade sertaneja batida de sol, onde a poeira, avassalando tudo, apavora o forasteiro a ela desacostumado. Ali viveu, como é sabido, o taumaturgo Cícero Romão Baptista — o Padre Cícero ou simplesmente "meu padrim" para o sertanejo nordestino — sacerdote católico que, enfrentando as iras do próprio Clero, impôs respeito aos mais temíveis cangaceiros, tornando-se querido e até venerado por todos os sertanejos.

Sua casa, modesta como deve ser a casa de um ministro religioso, é conservada com carinho e respeito. Sua estátua lá está, em praça pública, relembrando no bronze a fibra daquele indomável filho do sertão adusto e seu nome, veneradíssimo ainda, é um símbolo e um talismã para o crédulo sertanejo.

Em Joazeiro quem cometer a levandante de fazer uma referência indiscreta ao célebre prelado, está sujeito, não apenas à antipatia, ao desgosto de toda a cidade, mas igualmente a sério risco de vida!

Crato, finalmente! Ali terminaria minha jornada em direção à Chapada do Oraripe. A cidade do Crato nada tem de importante, muito embora se trate do maior centro comércio-agrário do sertão cearense na zona do Cariri. Situada num vasto planalto que se distende à falda ubérrima da Serra do Araripe, desfruta de situação privilegiada, especialmente porque tem a traçá-la, fornecendo-lhe água com certa abundância, um dos afluentes do Jaguaribe.

A aludida Serra do Araripe, que não se encontra distante da cidade em aprêço, ergue-se-lhe ao sul, vestida de matas, delimitando o Estado de Pernambuco e oferecendo uma paisagem simplesmente pinturesca. Crato é o celeiro do Ceará. Sua principal cultura é a da cana de açúcar, toda ela empregada no fabrico de açúcar batido, rapadura e aguardente.

Seu transporte por excelência, pois lhe faltam estradas, é o "gegue", isto é o jumento. O transporte motorizado, com exceção da locomotiva (estrada-de-ferro), se restringe, apenas, às pouquíssimas estradas existentes.

O povo cratense é o mesmo povo de todo o nordeste. Bom, acolhedor e delicado — desde que se lhe não pise os calos... — trata o forasteiro com a melhor das atenções. Os problemas mais cruciantes

desta como de todo o Estado — ou tôda a região — é a falta d'água e a falta de escolas. São duas calamidades que se equivalem. No Crato — na cidade propriamente dita — ainda correm vertentes, como disse, originárias da Serra do Araripe, fornecendo água excelente à população urbana. A população dos arrabaldes, porém, está obrigada aos poços artesanais ou cacimbas, profundísimos, junto aos quais se aglomeram dezenas de criaturas, transportando dali, em latas, o precioso elemento. É o drama cotidiano do nordeste.

Notei pouca mendicância naquela cidade. Isso talvez seja o resultado da facilidade de trabalho para todos os habitantes da região. A despeito da produtividade agrícola de sua zona rural, o mercado do Crato é muito pobre. Não sei se êsse fato se deve ao escoamento dos produtos para Fortaleza ou à concorrência de feira permanente, onde se vende muito gênero alimentício. Dois são os cinemas locais, ambos modestos. Um só hotel — O Crato Hotel — cujo tratamento é bom. Sem que me mova qualquer intenção de achincalhe ou desrespeito ao elemento feminino do Crato, afirmo que ainda não visitei outro centro populoso no país em que menos belas sejam as gentis representantes de Eva.

Dois são os jardins dessa cidade. Um deles, o que se encontra próximo à estação ferroviária, é muito aprazível, principalmente pelas palmeiras que o circundam, emprestando-lhe excelente aspecto.

Julgo ser a longevidade uma das mais sensíveis características do cratense. A esta conclusão levou-me a quantidade de encarquilhadas velhinhas que participam daquela população, cada qual mais firme, mais desembaraçada nas maneiras e no caminhar. Talvez seja isso resultado do clima, que é

um dos melhores do Brasil. E é o que me foi possível anotar desta longínqua região cearense. Findo se encontrava meu trabalho ali e a partida não me fez esperar...

### CRATO-CAMPINA GRANDE

As cinco horas do dia vinte e um de junho o ônibus de Fortaleza resvalava pelas ruas do Crato, rumando para leste. Entre os seus passageiros encontrava-se o autor dêstes relatos: Quase uma hora depois passamos por Joazeiro, que se preparava para sua feira semanal. Vendedores se acumulavam nas calçadas e os caminhões, e as tropas, e os carreiros iam chegando acompanhados de camponeses com suas especialidades e seus produtos agrícolas.

Um ar agradável enchia-me os pulmões a lembrar-me as frias manhãs do sul. Quase repleto o veículo galgou, rapidamente, os contrafortes e começou a subida da ramificação norte da grande Chapada do Araripe. As seis e meia horas, no alto da serra, tomávamos café em vila São Pedro. Recomeçada a marcha, teve início a nossa primeira refeição de poeira aos trancos do veículo caatinga em fóra. Nessa viagem foi-me permitido observar os tapumes ou cercas usados no sertão nordestino. Trata-se de autênticas trincheiras feitas de pedra ou ramos de árvores, tão bem feitas, tão simétricas e unidas que o mais pequeno animal terá dificuldade em atravessar tais obstáculos. Porisso mesmo diz de tais cercas a verve do nordestino: "é tão fechada que nem pensamento encebado passa!" Tais tapagens muita vez estendem-se por quilômetros pela caatinga.

As oito e quarenta e cinco terminava meu primeiro trajeto. Saltei em Lavras Mangabeira, onde

me fiz de sardinha em lata, ajudando a superlotar uma espécie de viatura que não era ônibus, nem jardineira, nem carroça e nem caminhão. Era a famosa "sopa", cujo proprietário — um "cabra-da-peste" —, gordo e quase preto, entendia que os passageiros podiam servir de banco uns aos outros. A tal gaiola jamais se lotava. Quantos apareciam na estrada eram introduzidos naquele sapo mecanizado. Espremido, viajei umas quatro horas mais ou menos, rumando para o sul, ainda em território cearense. As treze e meia horas cheguei a Cajazeiras, primeira cidade paraibana. Entrava eu, assim, no Estado da Paraíba. Incontinentemente um "chapeado" (carregador) tomou-me as malas e colocou-as num caminhão que partiria dentro de poucos minutos para Campina Grande. Os caminhões nessa região são dotados de cabines amplas, de maneira a poderem tomar até quatro passageiros, fora os que possam viajar sobre a carga, na carroceria. Dada essa facilidade, há sempre transporte — especialmente no belo Estado de Pedro Américo.

Partimos após o almoço, eu e um comerciante de minérios, distinto companheiro de viagem, ao lado do motorista e proprietário do veículo. Depois de uma viagem simplesmente torturante, aquela que há pouco terminara, iniciava eu, ali, por todos os títulos, uma das viagens mais agradáveis, mais encantadoras e cômodas de quantas tenho empreendido, através do Brasil, por via terrestre.

O Estado da Paraíba, a meu ver, em beleza natural e em progresso, guardando-se as devidas proporções mesológicas, climáticas e geográficas, é uma perfeita miniatura do Paraná. A começar por Cajazeiras, próspera e atraente cidade limítrofe, a diferença entre o Ceará e a Paraíba é notável.

Tempo firme, não excessivamente quente, e estradas ótimas, permitia ao carro marcha desenvolvida. Então era de ver a caatinga vasta se dobrando na sua cor verde-sêco, densa e hostil, por quebradas em fora, num perder de vista. Destacando-se do seio imenso desse estendal maninho, as favelas, o chiquechique, o marmeleiro e tantos outros vegetais nocivos e próprios daquela região adusta, erguiam-se por toda parte. Em todos os vales ou lugares mais úmidos e mais frescos, viam-se lavouras, especialmente de milho, atestando a operosidade do camponês paraibano.

De quando em vez uma fazenda ou sítio malhava de branco as quebradas verdes. Souza, foi a primeira cidade, depois de Cajazeiras, que atravessamos. Igualmente interessante, demonstrava progresso e gosto de seus habitantes. Não nos demoramos ali senão o tempo necessário à tomada de mais dois passageiros. O carro do Sr. Moisés, um possante "Chevrolet" 44, bem cuidado e bem calçado, engulia estradas com a mesma facilidade com que um administrador venal, desses que infelicitam o Brasil, engole verbas orçamentárias. Uma diferença sensível, apenas era notável entre os dois, aliás favorável ao primeiro: é que o caminhão, "engolindo" estradas, devolvia-as em seguida, avançando sempre para o bem geral de todos, e o mau administrador, nada devolvendo à coisa pública que lhe é confiada, dilapida-lhe a riqueza, prejudicando sempre o povo, bode expiatório de todos os momentos!

Mas o "Chevrolet" do "bíblico" Moisés, indiferente às minhas elucubrações político-filosóficas, continuava engulindo estradas, deixando para trás quantos concorrentes o precediam. De quando em vez o amável motorista contava-nos "causos" certa-

nejos em que apareciam exemplos de castigos celestiais por desrespeito à religião e aos padres, crimes célebres de cangaceiros temíveis, aventuras de Lampeão, lutas de caboclos com onças pintadas, lagoas misteriosas, serras mal-assombradas, aparições de caporas em caçadas e tantas outras histórias interessantíssimas para quem admira a imaginação e a credence sertanejas.

E as horas passavam. E o sertão continuava se desenrolando, verde, imenso, traçado pela rodovia em cujas margens o marmeleiro, pressentindo a seca ainda distante, entrava a definhar amarelecendo. A direita e à esquerda, ao longe, azulecidas, alteávam-se as desnudas serras, esbatendo-se da caatinga silenciosa. Aqui e além os açudes pontilhando de líquidos espelhos os bredos adormecidos. E o céu, magnificamente azul-profundo, arqueava-se sobre nós e sobre a terra nordestina na sua impassibilidade milenar!

O carro se deteve no alto de elevação disfarçada, numa vilazita graciosa e linda. Era Marisópolis junto à qual se encontra um dos grandes açudes da Paraíba. Tomamos café nesse lugar, onde adquiri, como relíquia, um porta-jóias de angico, fabricação local, de uma fábrica de torneados de madeira, especializada em acessórios domésticos, utensílios diversos, adornos etc..

Dessa localidade descortina-se paisagem soberba; paisagem que não ficaria a dever àquelas que oferecem os plainos goitacazes na terra fluminense, com suas várzeas retraçadas de lavouras, pastagens e fazendas cercadas de coqueiros farfalhantes.

Cortando o seio verde dessa linda região a estrada se distendia, retilínea e ampla. Por ela em fora, na sua marcha acelerada, o "gigante" resvala-

va, mandando aos ares uma cortina de poeira compacta e vacilante

Aparecida veio-nos após Marisópolis. Aí nos detivemos um pouco, enquanto refrescavam-se os peneus do caminho. Partimos quando a tarde se fazia mais acentuada. Novamente o colossal veículo retomou a velocidade habitual e a estrada continuou a sumir-se-lhe sob as rodas à proporção que se alongava sempre. Todo o sertão parecia amolentado. Uma espécie de ansiedade indefinida dir-se-ia pairar sobre ele, enquanto as brisas agitavam-lhe as toijas das árvores mais altas.

O sol descera, definitivamente, o desfiladeiro do ocaso. O ocidente, em chamas, punha na quietude sertaneja tonalidade de ouro velho. Entre a luz que desaparecia e a treva que, em progressão, se adensava, as serras, formando um semi-círculo imenso, alcandoravam-se ao fundo, encimadas por nuvens negras. Todo o sertão se transformara, como que por encanto, numa soberba tela jamais por mim contemplada. No alto a lua-nova aparecia contrastando com o azul-turquesa da abóboda celeste. Era o crepúsculo, "a ave-Maria" do sertão nordestino das lendas, do cangaço, do sofrimento e da bravura inquebrantável do ousado sertanejo!

Em breve o céu se transformava num rendilhado de estrêlas e a caatinga, e o sertão, num vasto imenso, pálido iluminado, que os faróis do carro varriam em cada curva, abrindo passagem ao nosso vertiginoso avanço.

As dezenove horas passamos em Pombal, como as demais cidades paraibanas, pitoresca e atraente. Não nos detivemos aí. Prosseguimos em busca do ponto em que deveríamos atender aos nossos estômagos famintos. Uma hora depois, aproximadamen-

te, era-nos servido ótimo jantar em Condado, outra cidadezinha encantadora. Aí há um grande e magnífico açude, cuja beleza não me foi possível contemplar. Apenas atravessei-lhe a colossal barragem, que é um dos trechos da rodovia.

Passava de vinte e duas horas quando entramos na cidade de Patos, lindamente iluminada. A carência de tempo — pois ali também não nos detivemos — só me permitiu conhecer a praça principal da aludida cidade, mostrando ao centro elegante coreto, seu jardim muito bem cuidado, lindas trepadeiras e uma cuidada arborização.

As vinte e tres horas, em “Café dos Ventos”, numa rede modestíssima, entregava-me ao sono, infelizmente perturbado pelo arrulhar de um casal que, num dos quartos contíguos, trocava carícias, indiferente aos supliciados vizinhos de outros quartos...

Partimos, ao frio impenitente que nos trazia um vento importuno, às quatro horas da manhã. Através das seras, ao nascente, a estrêla matutina brilhava intensivamente, como se tentando ofuscar o sol já se anunciando no dealbar distante.

Depois de várias e ligeiras paradas em vilarejos marginais à estrada, começamos a ascensão da Borborema. Para trás ficara a zona adusta do sertão, onde os rios e riachos, já desprovidos de água, eram apenas sulcos profundos, rasgando o seio da martirizada terra, pontilhados de resumidos poços em que se continham vestígios dos caudais que ali rolaram nos auspiciosos dias invernosos.

Denunciando êsses canais vasios, como um gesto contraditório da natureza, erguiam-se, frondosas, luxuriantes e altaneiras, as oiticicas, oleaginosas, cuja resistência não teme o rigor da mais calamitosa seca!

Outra e diferente se me apresentava, já agora, em grande parte, a vegetação. Dentre ela uma linda variedade de cardos, extravagantes e soberbos em seus exóticos formatos. O umbuseiro que eu não vira até então por toda a jornada até ali percorrida, aparecia-me com sua hospitaleira e farta ramada, cuja sombra é um lenitivo ao caminheiro a quem, muita vez, alimenta com seu fruto e dessedenta com a água de suas raízes dadivosas.

Nos ares, aos bandos e em milhares, as “avoantes” ou “ribação”, o colombino sertanejo das famosas migrações. Além dêsses nomes os nordestinos dão ainda a essas aves o de “aza-branca”. Ao se aproximar a calamidade da seca elas emigram buscando regiões mais pródigas. Nas suas jornadas migratórias, aos milhares, pousam onde encontram água. Ali fazem a postura ao relento, na terra pura. É a ocasião da matança. Homens e animais aproveitam-se, não apenas para colher e devorar os ovos das alígeras aves, mas, especialmente para matá-las, uma vez que se tornam presa fácil em virtude da quantidade e do cansaço que lhes embarga o voo. Tal é a mortandade que os sertanejos fazem dessas aves, que delas chegam a fazer comércio, vendendo-as salgadas e aos quilos, nas feiras, como tive ocasião de testemunhar!

Eram dêsses os columbinos que ali eu avistava, aos milhares, esvoaçando à proporção que subíamos a serra. E a ascensão prosseguia. Mais bela se tornava a paisagem quanto mais nos elevávamos. Rebanhos de ótimo gado vacuum aparecia, bem como pastagens verdes denunciando a amenidade do clima.

Chegamos às oito horas e minutos a “Viração”, ponto culminante da subida. Aí se encontra o “Estrêla-Hotel”, um excelente estabelecimento. Servi-

mo-nos de café acompanhado de muitos alimentos, inclusive ótimo queijo, muito boa manteiga etc.. Quer pelo clima, quer pelo ambiente campesino, ou ainda pelas instalações, o "Estrêla Hotel" é dêsses estabelecimentos que convidam ao repouso naqueles Alpes norte-paraibanos.

Continuamos viagem para nos deter em Joazeirinho. Aí foi-me permitido conhecer alguma coisa de inédito e interessantíssimo: a "Casa Espiga", de um excêntrico e filósofo comerciante. Esse inteligente nordestino, que há longos anos é ali estabelecido, foi vítima, em dezembro último, de ladrões, que lhe assaltaram o estabelecimento, roubando-o e incendiando-o. A despeito de seu grande prejuízo, reconstruiu a casa e, novamente, estabeleceu-se com o mesmo ramo comercial: bazar.

Lá está, à entrada da loja, uma espiga de milho pendurada. É o emblema da casa... Pendente do fôrro, sôbre o balcão, uma tripa de porco, sêca, recheiada com outras vísceras do mesmo animal. Quando lhe pedem trôco em miudo, êle aponta para aquela tripa e, calmo, responde ao solicitante: — só tem aquele...

No seu mostruário encontram-se bainha para foice, suspensório para cobra, "esquife para defunto morto", freio para gato e outras excêntricas. Tais coisas teem sua razão de ser para êsse comerciante original porque, não raro, no comércio do interior do país, aparecem gaiatos procurando tais objetos inexistentes, a fim de causar embaraço aos comerciantes. Para decepcionar tais e tão indesejáveis clientes o Snr. Manuel Vital — êste o nome do inteligente dono da "Casa Espiga" — mandou fabricar especialmente aquela mercadoria "sui-gênerê". Mas não se resume apenas nessas coisas o hu-

morismo do aludido homem do comércio. Nas suas notas comerciais e papeis timbrados, como bom nordestino, êle também se vale do verso para as suas propagandas. Vejamos estas interessantes sextilhas de sua lavra:

Aqui em nosso bazar  
— Preste-me tôda atenção! —  
Costumo vender fiado  
Se acaso for a ladrão.  
Política não se discute.  
Nem qualquer religião.

Até mesmo em nossa casa  
O trôco é facilitado.  
Jamais uso endossar título  
Nem também vender fiado;  
Se não empresto dinheiro  
Também não tomo emprestado.

Despedi-me do Snr. Vital que, muito atencioso, me ofereceu seus préstimos e sua casa, num rasgo de absoluto cavalheirismo. E eu saí pensando se aquele oferecimento não seria mais uma blague do irônico e filósofo comerciante de Juazeirinho.

Numa vila seguinte, cujo nome escapou-me aos apontamentos, recebemos mais um companheiro de viagem. Tratava-se de um religioso alemão, se não me engano da ordem dos franciscanos. Completou-se com êsse novo passageiro, a lotação da cabine, e de maneira a mais contraditória quanto a pontos de vista. Isto porque ali junto à direção daquele veículo estradeiro, estavam reunidos, depois da chegada do germano, buscando o mesmo objetivo que era alcançar Campina Grande, precisamente um

padre, três maçons e um comunista! A despeito da contradição existente quanto a seitas e convicções entre o primeiro e os demais, tudo correu normalmente, visto que apenas o padre e o motorista descobriram-se no que lhes dizia respeito ao modo de pensar...

O Snr. Moisés, como bom paraibano, desmanchou-se, de aí por diante, em atenções com o novo passageiro, pois um padre é pessoa santificada para o filho da caatinga. O clérigo, muito palrador, contava seus sucessos pregatórios pelas paróquias sertanejas, enquanto o nosso motorista narrava "causos" e mais "causos" relativos à religião católica, aos santos e aos padres. Aproveitando-se da oportunidade e da beatice do seu principal e atento ouvinte, o padre não se cansava de exaltar as virtudes de sua religião e das imunidades clericais. Em meio à palestra dos aludidos circunstantes, o segundo, ultrapassando os limites da boa disciplina religiosa, avançou em reconhecer que "alguns padres, às vezes..." ao que o sacerdote concluiu com a agilidade mental indispensável ao bom representante do papa: "sim, é bem verdade, entretanto, já lá diz o nosso adágio, fazei o que eu digo e não o que eu faço. Porque o padre pode pecar, mas um bom católico, não!"

E tudo correu na melhor das harmonias visto que o religioso não descobriu em seus forçados ouvintes e companheiros de viagem, os "inimigos" a que tanto persegue sua poderosa seita.

Às dez horas e alguns minutos, galgando a última elevação naquele trecho de estrada a chegar a Campina Grande, uma paisagem soberba se me descortinou: ao longe, em círculo, a Borborema se alteiava. Abaixo de nós as várzeas se distendiam, à direita,

verdes e cobertas de lavouras. A esquerda, num dos planaltos que se alongam ao norte da aludida serra, a cidade que buscávamos. Por todos os lados, em tôdas as direções, lavouras bem cuidadas e promissoras. Como é rico o solo da maior cidade sertaneja!

Chegamos às onze horas. A garôa constante nessa parte do Estado, caía intensamente. Estava concluído o grande trajeto rodoviário através do sertão nordestino.

## CAMPINA GRANDE-JOÃO PESSOA

Situada, como ficou dito anteriormente, numa ramificação norte do planalto da Borborema, Campina Grande não apenas ocupa a parte alta dessa ramificação. No seu rápido e notável crescimento, a jovem e maior cidade norte-paraibana estendeu-se em declive na direção da planície luxuriante que ao sul se espalha, dominando o vasto sopé da serra que se ergue nos lados de Pernambuco.

Seu comércio é poderoso e moderna a sua edificação. Centro essencialmente agrícola, predomina da maneira quase absoluta na sua economia a cultura do algodão, de plantas têxteis e de cereais. Além dessa base econômica, Campina Grande constitui verdadeiro entreposto não apenas do sertão paraibano, senão também do riograndense do norte, do cearense e até do pernambucano. O número de veículos, especialmente de caminhões, que chegam àquela cidade e dali partem diariamente, é simplesmente assombroso, atingindo, nas safras, a algumas centenas, segundo informações que me foram dadas. A cidade cresce a cada instante. Nota-se-lhe o desenvolvimento em toda parte. A par desse desenvolvimento, rasgam-se avenidas e ruas modernas, edificam-se prédios valiosos, constroem-se, sucessivamente, sempre e sem cessar.

Da mesma forma que Marília, a gigantesca cidade do sul paulista, Campina Grande é uma cidade considerável que surge, como que num passo de mágica,

no interior paraibano, a demonstrar a operosidade e a iniciativa dos filhos da Paraíba.

Em mil novecentos e trinta e seis modesto vilarejo, tornou-se, dentro de onze anos apenas, um centro civilizado que nada fica a dever às melhores cidades do interior brasileiro, guardando-se as devidas proporções. O povo de Campina Grande preocupa-se em seguir a evolução dos grandes centros, tudo fazendo para modernizar sua cidade. A falta de industrialização, indiscutivelmente, prejudica um pouco o objetivo daquele povo. Entretanto a indústria fabril começa a penetrar em Campina Grande, onde já se contam algumas pequenas fábricas e oficinas de várias especialidades.

Há quem afirme que o comércio dessa importante cidade atravessa, atualmente, séria crise, e que a ameaça de uma derrocada financeira paira sobre aquela praça. Deve-se tal estado de cousas, segundo aquelas versões, às aventuras comerciais muito comuns no Brasil. Firms alienígenas — e são elas em grande número — com o advento das grandes altas de preços, da valorização em face da procura resultante das restrições pela guerra, quando os magnatas norte-americanos abriram seu mercado às nossas matérias primas, compraram demasiadamente, fizeram grandes estoques, valendo-se do crédito, ultrapassando, assim, sua capacidade financeira. Na mesma proporção venderam para o interior, não apenas da Paraíba senão e especialmente de estados vizinhos. Enquanto a cêra de carnaúba, os minérios, o algodão, a fibra, o os óleos e demais produtos regionais contavam com o mercado norte-americano ávido sempre de estoque ou reservas, tudo corria a mil maravilhas. Mas a guerra terminou. O norte-americano, monopolista impiedoso, sabendo que o

Brasil a êle se encontrava subjugado economicamente, sem poder, porisso mesmo, contar com outros e grandes mercados consumidores; o norte-americano retraiu-se. Os preços das nossas matérias primas entraram em declínio e a situação financeira do nosso comércio — na sua parte aventureira —, entrou em aperturas. O comércio de Campina Grande não podia fugir à regra. Com milhões de cruzeiros por receber e com estoques de produtos regionais a preços elevados sem escoação; tendo a aumentar-lhe a séria contingência o retraimento bancário — os bancos só emprestam e descontam na maré-montante dos negócios —; em tal emergência o comércio de Campina Grande treme e periclita. Esta foi a opinião que ouvi de alguém que me parecia entendido em negócios e que se dizia conhecedor da situação comercial da aludida praça. Sem lucro transmito-lhe a informação apenas a título de documentário.

São João exerce especial influência sobre a população campinagrandense. Porisso mesmo, na véspera do dia dêsse grande mártir da fé a cidade se transformou num verdadeiro campo de batalha em miniatura. Tantos eram os tiros e de tal sorte violentos que, a uma criatura desavisada, não seria difícil acreditar que ali se travava uma das mais encarniçadas lutas de guerra. Enquanto isso, os enfarruscados céus de Campina Grande se respingavam de balões que sé perdiam na imensidade sertaneja.

Assim eu vi Campina Grande que eu prometera a mim mesmo visitar um dia, especialmente para conhecer-lhe um grande filho: o belo poeta Mauro Luna. Cumpri minha promessa, mas infelizmente, o iluminado cantor de "Os-Três-paus-darco" já não mais se encontrava no rol dos vivos. Falecera sem que o prazer me assistisse de abraçá-lo, eu que, conhe-

cendo-o, à distância, através de seus magníficos versos, viajara tantos quilômetros para conhecê-lo pessoalmente. Caprichos da fatalidade!

### JOÃO PESSÔA

Já de malas prontas e com a passagem no bolso, aguardava as quinze horas, quando me bateram à porta do quarto. Era um funcionário da LAB (Linhas Aéreas Brasileiras) que me vinha devolver o valor da passagem e comunicar que o campo de pouso de Campina Grande fôra interdito em face do seu mau estado de conservação e que, porisso mesmo, estavam suspensos, temporariamente, os vôos para aquela cidade.

Meu destino era Natal. Mas aquele inesperado acontecimento mudou-me o itinerário, obrigando-me a seguir diretamente para João Pessoa. Partimos precisamente às treze horas. Uma garça agradável de quando em vez borrifava as vidraças do elegante "Ford" que nos transportava. Sempre atravessando região fertilíssima e cultivada, caminhamos seguramente duas horas até a planície arenosa da orla marítima, onde as retas da estrada são admiráveis. A viagem sob todos os aspectos foi excelente e às quinze horas mais alguns minutos encontrava-me na capital da heróica Paraíba.

João Pessoa ultrapassou-me a expectativa. Alguns habitantes de Campina Grande me haviam dito ser esta uma cidade menor que aquela. A despeito de se tratar de uma das menores capitais do Brasil, aquela afirmativa não corresponde à verdade. A importância da Capital paraibana, tem sua particular significação, a começar pelo seu conjunto cittadino. Tratando-se da capital de um Estado que,

além de notáveis personalidades nas letras e nas artes, deu ao país um presidente da República e um ministro que até hoje continua a serviço do regime, João Pessoa muito deixa a desejar quanto ao progresso. Seus principais defeitos são aqueles de quase todas as suas congêneres do norte e do nordeste: falta de luz, de água, de transportes, de administração (mal que assola o Brasil inteiro) e, conseqüentemente, de progresso.

Há na Capital paraibana, ruas e praças excelentes, edifícios notáveis como o dos Correios e Telégrafos, do Instituto de Educação etc.. Uma das mais lindas praias brasileiras encontra-se em João Pessoa: a praia de Tambaú, a três quilômetros do centro da cidade, servida por rodovia e linha de bondes. Em se tratando de praia nordestina nada seria de se lhe admirar, pois o nosso setentrão excele na beleza de suas praias. Entretanto, Tambaú, além da beleza praieira própria dita, possui o privilegiado bucolismo que a envolve através dos magníficos e farfalhantes coqueirais, que lhe ensombream as curvas e os mansos rebanhos vacuns que lhe emprestam aspecto campesino.

Particularidade digna de nota na Capital em referência são as reservas de matas exuberantes que a cercam, pelos lados do mar, ao norte, ao sul e a leste. Tais matas estendem-se por longas distâncias e lembram a Capital paraense.

Agradável é, igualmente, o aspecto urbano da principal cidade paraibana, servida por bondes não dos piores. Apenas tal serviço, por falta de carros, é demorado. Bem calçadas são as ruas principais, e bonitas as praças. O movimento de veículos é relativamente bom. Vários os cinemas, dois dos quais de primeira classe. Um bom comércio serve

à citada capital, que possui recantos muito interessantes, através dos quais se pode sentir a sua evolução desde o seu aparecimento à margem dos mangues que lhe ficam muito perto. Dos parques e das praças, que lhe ficam muito perto. Dos parques e das praças, que lhe ficam muito perto. Dos parques e das praças, que lhe ficam muito perto. Os principais são: a praça João Pessoa, onde se ergue o busto do ilustre paraibano. A praça Vidal de Negreiros, ponto de concentração dos veículos urbanos, o magnífico parque Solon de Lucena, dos mais aprazíveis que conheci no nordeste. Este parque tem ao centro pequena lagoa natural, urbanisticamente aproveitada, a lembrar um campo de esporte ao centro, de planura verde levemente convexa. Em torno, de bosques rarefeitos e junto às águas, do lado sul, um excelente bar. Como nota ou detalhe animado, excelentes de palmípedes e pernaltas, sempre em evoluções, singram a placidez lacustre ou sobre ela esvoaçam. Para essa lagoa encantadora convergem várias aléias que rasgam a grama verde como raios brancos de um sol singularmente negro...

A alguns passos dessa porção de águas, mais para o norte, encontra-se o parque Arruda Câmara, onde se esbate uma vegetação exuberante de que se destacam madeiros seculares. A área desse parque é respeitável. Nele se agasalha a famosa fonte Tambaú, construída em 1889. As águas dessa fonte são cristalinas e saborosas. Uma pequena coleção zoológica serve de diversão aos visitantes. É o remanescente de bom jardim zoológico outrora existente nesse parque, segundo informações ali colhidas.

Do ponto de vista social não há como negar ao paraibano uma lhanza rara. É um povo alegre e cavalheiresco. Privei com pessoas de camadas sociais diferentes e de todas recebi gentilezas e atenções. Não me é lícito expender opinião sobre a literatura e

a arte em geral na metrópole em apreço, visto não me ter sido possível conhecer nenhum intelectual naquela terra, a despeito dos foros seus de berço da cultura e da inteligência.

De vários e pequenos jornais constitue-se a imprensa de João Pessoa. Suas livrarias são quase inexistentes em face do reduzido número e do tamanho das mesmas, fato que em nada abona a disposição ledora dos conterrâneos de Pedro Américo.

Eis em ligeiras palavras o que me foi possível ver e sentir de João Pessoa. Infelizmente, com relação à mendicância, melhor não é o aspecto dessa Capital. E não apenas através desse prisma se mostra a pobreza e a miséria ali, senão também nos míseros mocambos, nas casinholas esburacadas, nas míseras choças, onde uma população sofredora, como em tôdas as capitais brasileiras, amarga a desdita de pertencer à classe proletária, às massas trabalhadoras, num regime econômico de exploração, de injustiças e favoritismos.

A feira de João Pessoa é uma das mais notáveis do nordeste. Sua fatura, demonstra a capacidade produtiva dos camponeses paraibanos. Ocupando vastíssima área compreendendo várias ruas, merece uma visita especial a feira daquela Capital. Por ela me introduzi, assistindo ao movimento, perquerindo, observando vendedores e compradores no afã dos negócios. Chamou-me a atenção um leilão de bucéfalos.

Precisamente no instante em que cheguei, apreava-se por vinte cruzeiros pobre e esquelética azêmola, cujos ossos só se mantinham em forma graças ao corrugado couro que os sustinha a custo... Em tôrno os licitantes pouco dispostos à aquisição. Por mais que se esforçasse o leiloeiro, maiores lances não

apareciam. A disputa prosseguia quando me afastei. Nesse instante ouvi, finalmente, um arrojado lance: "vinte cruzeiros e dez centavos!" Que grande oferta para quem dera a vida a um trabalho que ainda não se findara!...

Nessa feira tive ocasião de ver, aos montes e expostos à venda, "ribeirão" salgada. Trata-se das pombas ou columbinos de que falei páginas atrás, cuja quantidade apanhada proporciona venda nas feiras nordestinas como ali eu estava testemunhando.

Uma outra curiosidade me foi trazida ao conhecimento e relativa à Capital paraibana: a existência, na angra que dela se encontra perto, de bivalves perolíferos. Alguém me afirmou que tem colhido belíssimas pérolas ali, se bem que de tamanho pequeno. Não sei se é isso verdade. Tentei conhecer tais gemas, não o consegui, razão por que não posso avaliar a informação...

E vamos para

## NATAL

Garôa impertinente descia sôbre o litoral paraibano, soprada por vento leste mais úmido que frio. Deveríamos embarcar às oito horas, entretanto o "Catalina" da Aviação Geral não dava notícias de seu paradeiro. Uma hora e minutos se haviam esgotado depois de nossa chegada a "Jacaré", — o que valeria dizer ao pôrto do suplício, tal a quantidade de piuns, o famigerado mosquito-pólvora, que não nos dava folga, atacando-nos por todos os lados, deixando-nos com a epiderme em fogo — e nenhum ruído característico de aproximação do "pato metálico".

Por fim amainou o vento. Cessou a chuva precisamente quando o soturno ronronar de motores nos

chegou aos ouvidos antes que os olhos vislumbrassem no horizonte do sul o ponto escuro da aeronave em aproximação. Muíntos após uma canoa nos levava a todos para bordo do recém-chegado barco aéreo. Pequena foi a demora. Apenas o necessário para a carga e descarga, embarque e desembarque. E um deslizar vertiginoso sobre as águas negras da pequena baía, seguido de um impulso mais forte à guisa de salto, elevava-me às alturas dentro daquele avião-misto, superlotado de criaturas cada qual menos confortavelmente assentada.

Mal deixáramos, à direita, o pôrto de Cabedelo com seu cais distendendo-se para o norte, e já voávamos sobre o litoral norte-riograndense. Quarenta minutos após tínhamos sob nós a famosa base aérea de Parnamirim. Natal repousava, silenciosa, no seu modorrento e domingueiro meio-dia.

Por mera coincidência geográfica a Capital potiguar, de uma hora para outra tornou-se um dos mais importantes e focalizados pontos estratégicos do universo. Trampolim para um salto à África ou vice-versa, por ela passaram não apenas milhares de aviões, dezenas de milhares de combatentes, material bélico o mais variado e na máxima quantidade possível, belonaves as mais famosas; não apenas esse desfile fantástico e belicoso aqui se verificou ininterruptamente, mas igualmente passaram por Natal homens célebres, artistas geniais, políticos renomados, cabos de guerra consagrados, sábios de fama universal, uma multidão, em suma, de celebridades passou por esta terra no desempenho de suas múltiplas e diferentes funções. Num contraste singular, a capital que, no Brasil, viveu três dias de regime democrático-popular quando da arrancada revolucionária

de 35, também teve em suas águas a presença do inimigo nazi-fascista através de seus traçoeiros submarinos que a vigiavam surgindo, de quando em vez, à superfície do mar, em horas inesperadas, como a vigiar o movimento ofensivo que se processava na grande base aérea brasileira.

E por que foi Natal a escolhida para tão importante papel na guerra tremenda de que, felizmente, vem de se livrar o mundo?

Porque os técnicos militares, os estrategistas de fama e os grandes cientistas da guerra descobriram que Natal, além de oferecer o ponto mais estreito entre a África e a América do Sul, possui um clima propício a bases aéreas de tal porte, e um ambiente inigualável para manobras e operações a qualquer hora. E seria, acaso, apenas por esses motivos? Não haveria, igualmente, outros e secretos motivos de ordem imperialista que levaram os nossos "boníssimos irmãos norte-americanos" a escolher o litoral potiguar onde há minérios raros?...

Assim surgiu Parnamirim onde os norte-americanos, segundo afirmações de entendidos, empregaram o melhor de sua técnica militar no gênero. A excelência das instalações dessa famosa base são de tal sorte aprimoradas; o clima, o ambiente e o encanto natural que a servem de tal maneira agradam e prendem, que os soldados ianques muito relutam a abandoná-la conforme o que haviam combinado com o nosso governo sempre cordato em lhes fazer a vontade. Se o povo brasileiro não se ergue em protestos orientados pelos comunistas, cremos que até hoje estaria trapejando aos ventos norte-paraibanos a arrogante bandeira das quarenta e oito estrelas.



férrea, hotéis, em suma, a velha Natal. Na segunda ou parte alta, as modernas edificações, as ruas e avenidas largas e modernas, jardins e praças, casas de diversões de que se destacam dois ótimos cinemas — o Rex e o São Luiz. Mas a cidade, como disse, também avança para leste, para os lados do mar. Esse avanço fá-la contornar, em semi-círculo alcançado, rumo à barra, a região baixa, de sorte a lhe dar mui pitoresco aspecto, porque essa posição não apenas permite ver o panorama oceânico, mas, igualmente, o panorama sertanejo que se alonga, em direções várias, para o sul, para oeste e também para o norte.

Três são os bairros principais e distintos em que se divide Natal, não se contando os bairros secundários como o Campos Pinto, além da Ribeira, a fazer junção, no extremo norte da cidade, com as duas partes antes anunciadas, e Lagoa Seca, no extremo sul da mesma, lá nos limites rurais; bairros êsses essencialmente proletários. Dos principais, Alecrim é o bairro mais importante, não só em relação à densidade demográfica, mas igualmente pelo seu comércio próprio, inclusive um bom mercado. Indiscutivelmente essa é uma das partes mais importantes da Capital potiguar. O segundo bairro em importância é o de Petrópolis, a leste, sobre o mar, onde se encontra mais uma avenida Getúlio Vargas, o maior patrono de avenidas do mundo... Esse é o bairro mais chique e mais estratégico, pois domina tôda a vastidão atlântica, desde a entrada da barra ao norte, às praias de Areia Preta e Ponta Negra ao sul. Aí os Estados Unidos da América viram por bem instalar sua residência consular, num magnífico e grande edifício ainda em construção.

O terceiro bairro é o do Tirol, encantador pelo seu bucolismo; bairro que se alonga para o sul, na direção de Parnamirim, escondido do mar por suas dunas imensas que se transformaram em montanhas de areia cobertas de restinga mais parecendo matas. Esse bairro é ainda novo e seria um grande e populoso recanto não fôra o colapso econômico a que antes aludi.

Natal é servida por ônibus e bondes. Ambos os serviços, regulares. Sua iluminação não é das piores e o abastecimento de água, assim como o serviço sanitário, pode-se contar entre os melhores do nordeste.

Do ponto de vista social, nenhuma diferença sensível existe entre êstes e os demais brasileiros do nordeste. Acessibilidade, delicadeza e fraterno acolhimento eis o que encontra o forasteiro neste povo pa-lestrador e democrata.

Assim como aconteceu com João Pessoa, nada posso dizer de Natal relativamente aos seus meios culturais. Certamente valioso é o seu mundo literário. Infelizmente não lhe pude sequer pisar os ricos umbrais, tal como me vem acontecendo em todo o Brasil — com exceção da Bahia e de Fortaleza.

Depois de visitar todos êsses recantos, valendo-me dos transportes coletivos, empreendi, como de meu hábito, longa marcha a pé através das "favelas" e dos mocambos, a fim de conhecer a parte mais triste da cidade — aquela que, aqui como no Brasil inteiro, é sempre esquecida pelos ufanistas que jamais teem olhos para ver o sofrimento do povo. — Na divisa de Petrópolis com o Tirol, justamente onde se encontra o cemitério de aviões americanos (trata-se de uma vastíssima área de terras muito bem cercada, onde foram recolhidos os destroços de todos os aviões perdidos por estas bandas. Tal depósito

encontra-se totalmente tomado por essa colossal sucata, demonstrando a segurança e o bom acabamento de tais aparelhos...) tomei o rumo do mar a uns quinhentos metros. Não me demorei muito para chegar à zona pobre, de residências tristes, palhoças miseráveis, cafuas mal cheirosas, onde vive uma população depauperada e doente, igual a tôdas as populações constituídas pelo proletariado, pelos trabalhadores explorados nesse Brasil em fora, isto para não falar nos camponeses, cuja vida não é melhor. Logo adiante meus olhos se perderam na vastidão marinha, onde duas velas brancas, lá bem próximo à junção do céu com o mar, enfunadas, davam-me por vista um farrapo de nuvem impellido pelas brisas, rente às águas... Era um contraste chocante aos olhos de um sentimentalista incorrigível, que via antepor-se à magnificência atlântica a miséria daquela gente abandonada, que habita a faldia íngreme do planalto em cujo sopé as ondas quebram contra a defesa rochosa das praias de Natal. Caminhei descendo os cômoros até alcançar Areia Preta. Dessa praia rumei para o norte passando pela Praia do Meio e alcançando Circular — a Copacabana potiguar — em construção. Ali já existe uma linda avenida asfaltada servida por largo passeio pontilhado de bancos de concreto. As construções residenciais estão muito atrasadas ainda, no local em aprêço. Apenas um ou dois prédios e muitos lotes murados, certamente aguardando valorisação ou melhores condições financeiras.

Prossegui na minha silenciosa e solitária excursão. Ao fim da citada avenida caminhei à esquerda atravessando longo areial que o vento removia, soprando sem cessar, de maneira a provocar uma chuva de areia quase imponderável, mas continuada. Não

muito distante dali, alcancei o bairro Campos Pinto. Desci a respectiva ladeira e penetrei na Ribeira, fechando dessarte o círculo que iniciara uma hora antes. Estava concluída minha pedestre excursão através da penúltima Capital brasileira das que me faltava conhecer no litoral.

Grande, imenso, extraordinário, incomparável é o nosso Brasil, amigos meus distantes, mas... quanto falta para que ele se coloque na vanguarda com os países cujo progresso, no que diz respeito ao bem-estar e à tranqüilidade do povo, tão distante se encontra de nós os brasileiros!

Natal-Rio Grande do Norte julho de 1947

## MACEIÓ

As seis horas incompletas encontrava-me no famoso Imbura, o aeropôrto de Recife, capital a que retornara a fim de negócios. O avião da LAB deveria partir às sete horas. Um após outro chegavam e partiam pássaros de alumínio. O nosso, entretanto, não aparecia. Finalmente meia hora após o horário estabelecido, ei-lo aterrissando. Encostou para a descarga, mas a hora da partida nós os passageiros não sabíamos. As oito e meia horas os passageiros, inquietos, se interrogavam pela razão daquele atraso. Só o pessoal da companhia estava mudo. Lá fora estacionava o avião com a tripulação a postos. No balcão de despachos não havia quem nos atendesse. Já bastante tarde nos veio a desagradável notícia: a viagem não se iria fazer. O avião recebera ordem de regressar a Natal! Essa informação entretanto nos veio imprecisa, no ar como nós já deveríamos estar... Na verdade o que se estava passando todos ignorávamos.

Finalmente o alto-falante do aeropôrto convidou os passageiros da LAB a chegarem ao balcão. Um jovem, muito embaraçado, de voz claudicante e medrosa, informava-nos que o comandante recebera ordens para tornar a Natal mas que se recusava a cumpri-las em vista dos passageiros que tinha para o Rio. Um protesto uníssono partiu de nós todos, os passageiros, em apóio à atitude do comandante. E o impasse continuou. As nove e minutos, veio a ordem de tomarmos lugar, para seguir viagem. Di-

rigimo-nos para bordo. Antes de embarcar éramos convidados a regressar ao abrigo. Dependíamos, já agora, do Departamento da Aeronáutica Civil — o DAC — que estaria organizando novo mapa de vôo. Novos protestos e novas ameaças nossas de denunciar tudo aquilo a quem de direito. Veio a segunda ordem de embarcar. Felizmente dessa vez embarcamos mesmo. O magnífico albatroz metálico rolou pista em fora, decolou na direção do mar, evoluiu sobre a encantadora praia da Boa Viagem, traçou um círculo inclinando sobre a asa esquerda e rumou para o sul. Só então nos veio a explicação exata de todo aquele vai-não-vai que nos prejudicava em duas horas. O motivo de tanta contrariedade — pasmem todos! — era futebol. Sim, senhores, era futebol! Um “time” — se não me engano, do Flamengo — ia jogar em Natal e havia espectadores de Recife desejosos de assistir ao jogo, porisso queriam fretar o avião mesmo com prejuízo dos passageiros que tinham coisas mais sérias a tratar. E como o futebol no Brasil é a coisa das mais importantes depois do jôgo do bicho, estivemos a pique de maiores contrariedades e prejuízos, não tivéssemos tomado atitude enérgica. Felizmente aos nossos protestos juntou-se a reação honesta do pessoal da companhia, com o comandante à frente, e a vitória, desta feita, foi contrária ao jôgo da bola...

Desci no aeropôrto de Maceió, às dez horas e alguns minutos, e às onze horas instalava-me num dos hotéis da terra dos marechais.

A pequenina cidade dos coqueiros surpreendeu-me, não apenas pela sua beleza panorâmica, senão também por seu conjunto urbano, de que se destaca um excelente comércio. Todavia, não se trata de uma grande cidade. Ao contrário, Maceió está no

rol das menores capitais brasileiras. Seus foros, entretanto, de cidade produtiva e o renome de seus homens de comércio, fazem-se confirmados logo ao primeiro exame.

A topografia desta Capital, suas praias, seus coqueirais, suas lagoas e sua paisagem, não podem receber concorrência entre as suas co-irmãs do sertenião. Das lagoas que a circundam, destaca-se a Bebedouro, a alguns metros da zona urbana, que lhe oferece um outro, diferente e também aprazível aspecto. Suas praças, principalmente a Pedro I, são muito bonitas. A av. Duque de Caxias, em frente à qual se distende a principal e mais bela praia de Maceió, com seu quebra-mar em semi-círculo, mar a dentro, formando, internamente, uma enseada magnífica; a av. Duque de Caxias, é uma artéria respeitável e digna de ser admirada.

E o farol de Maceió! Alcandorado, no centro e na parte alta da cidade, a piscar eternamente, não apenas mostrando a terra aos navegantes, mas igualmente descortinando a mais bela paisagem da Capital a que serve, esse farol é digno do pincel de um António Parreiras.

Rápida foi minha estada nesta cidade. Nem por isso, entretanto, deixei de lhe visitar os bairros mais importantes, e também, como o fiz em toda parte, conhecer-lhe a população proletária. Esta é a mesma de todo o Brasil, guardando-se, apenas, as particularidades naturais a cada capital, o que equivale dizer população humilhada e sofredora. Visitei a Assembléia Estadual, onde assisti a uma batalha parlamentar entre a bancada comunista, vigilante e coesa em favor do povo, e as demais bancadas intransigentes na defesa de seus interesses partidários ou pessoais.

Os serviços públicos de carris urbanos e de iluminação, em Maceió, equivalem aos demais de outras grandes cidades nordestinas. Dentre os ramais que servem a cidade, percorri os do Farol e da Ponta da Terra. O primeiro na zona alta, de onde se descortina. E nam, como disse, as belas paisagens de Maceió. E o segundo na zona baixa, atravessando todo o alto comércio e servindo a região praieira do célebre Gogó da Ema, até um largo onde se aglomeram centenas de verdes e esbeltos coqueiros. Outros recantos há de verdes e esbeltos coqueiros. Outros, porém, de menor aprazibilidade. Contudo fui conhecê-los, principalmente os que servem à zona da lagoa supra referida.

Uma das indústrias interessantes de Maceió é a de adornos e objetos domésticos, em tartaruga. No que diz respeito a diversões, em Maceió há apenas alguns cinemas, nenhum deles de primeira classe, pelo menos os que visitei. Nada mais de importante me foi possível ver nesta Capital, inclusive no setor cultural de que não posso dizer coisa alguma por não tê-lo conhecido.

Um pequeno e cotidiano fato testemunhei que, a despeito de ser banalíssimo em face do que estou acostumado a ver, muito me compungiu, embora há seis meses venha eu mantendo contacto direto com a miséria e o sofrimento do povo nordestino, depois de conhecer e testemunhar idênticas condições dos brasileiros pobres do centro e do sul do país. Foi no hotel em que me encontro. Preparava-me para sair, após o jantar, quando um garoto de uns doze anos, esquelético, franzino, de olhar vivo e inteligência aguçada, pediu-me um auxílio para sua mãe doente. Procurando sondar até a que ponto estava ele falando a verdade, perguntei-lhe onde morava a doente. Não me indicou prontamente o bairro apenas, pron-

tificou-se a ir comigo até lá. Dei-lhe alguma coisa e lhe perguntei se estava na escola.

— Não, senhor, foi a resposta. E prosseguiu o inteligente garoto: não tenho quem me interne num colégio, nem quem me ajude, o senhor quer arranjar um colégio para mim?

Custou-me conter as lágrimas ante aquela solicitação sincera e pungente. Lembrei-me de meus sete filhos distantes e na orfandade materna. A despeito de tôdas as minhas vicissitudes, tenho-lhes dado a instrução que jamais recebi na infância. Que tristeza me avassalou por não me ser possível atender ao fervoroso apêlo daquele alagoanozinho tão inteligente e tão infeliz!

Voltei ao quarto e escrevi uma carta a um senhor a quem há pouco havia conhecido. Conte-lhe o ocorrido e apresentei-lhe o garoto pedindo-lhe, se possível e com o auxílio da bancada comunista de Alagoas, que tudo fizesse para que o garoto conseguisse uma escola. Será atendida à minha solicitação? Partirei amanhã e talvez jamais regresse à terra do gostoso sururú. Oxalá meu apêlo encontre ressonância no coração daquele senhor que, a despeito de estrangeiro, é um dos que sabem compreender a dor do povo, especialmente dêste povo brasileiro, tão digno, tão bravo, tão patriota e tão menosprezado!

E aqui se findam minhas cartas. Nesta Capital alagoana encerra-se meu peregrinar pelas capitais do Brasil do qual, felizmente, com poucas exceções, conheço todos os quadrantes.

## ÍNDICE

### 1.a PARTE

|   |     |
|---|-----|
| Lagôa Santa .....                                 | 11  |
| Belo Horizonte .....                              | 18  |
| Planalto Oeste Mineiro .....                      | 24  |
| Das Planícies do Açúcar às Montanhas do Ferro ... | 28  |
| São João do Matipó .....                          | 34  |
| O Vale do Rio Doce .....                          | 38  |
| A Serra de São Geraldo .....                      | 46  |
| São João Del Rei .....                            | 50  |
| "Cidade Monumento" .....                          | 56  |
| Do País do Ferro .....                            | 62  |
| De Vitória a São Mateus .....                     | 73  |
| Paisagem Campista .....                           | 84  |
| Através do São Francisco .....                    | 88  |
| A César .....                                     | 103 |
| A Minha Espôsa .....                              | 107 |
| Teófilo Otoni .....                               | 112 |
| De Angra dos Reis a Friburgo .....                | 119 |
| Cem Léguas de Sertão .....                        | 139 |

### 2.a PARTE

|   |     |
|---|-----|
| Do País do Sul .....                        | 155 |
| A Fronteira .....                           | 156 |
| Pôrto-Alegre — Curitiba (via férrea) .....  | 192 |
| Pôrto-Alegre — Curitiba (por rodovia) ..... | 201 |
| Curitiba-Ponta Grossa-Paranaguá .....       | 225 |

|  |     |
|--|-----|
| Bahia .....                            | 249 |
| Salvador — Ilheus-Salvador .....       | 306 |
| De Salvador a Recife .....             | 317 |
| Da "Mauriceia" .....                   | 324 |
| Sob os Céus do Tocantins .....         | 335 |
| Através do Rio-Mar .....               | 345 |
| A viagem .....                         | 347 |
| O Rio .....                            | 366 |
| A Fauna e a Flora .....                | 369 |
| O Homem .....                          | 379 |
| Manaus-Belém do Pará .....             | 389 |
| Belém do Pará .....                    | 392 |
| De Belém a Fortaleza .....             | 415 |
| Fortaleza .....                        | 425 |
| Um Pouco dos Sertões Nordestinos ..... | 436 |
| Crato-Campina Grande .....             | 442 |
| Campina Grande-João Pessoa .....       | 453 |
| João Pessoa .....                      | 456 |
| Natal .....                            | 460 |
| Maceió .....                           | 469 |